acta Científica

NÚMERO VI

ISSN 1984-0918

ACTA CIENTÍFICA

Vol. 06 - Número VI

Faculdade Patos de Minas
Patos de Minas - MG
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Acta científica - Vol. 6 (2014) - Patos de Minas:
Associação Educacional de Patos de Minas, 2010
il.

Trimestral

ISSN 1984-0918

1. Ciências sociais - Periódicos 2. Educação - Periódicos. 3. Meio ambiente - Periódicos. 4. Saúde - Periódicos 5. Linguagem - Periódicos 6. Comunicação – Periódicos 7. Engenharia – Periódicos
I. Associação Educacional de Patos de Minas.

CDU: 30

Faculdade Patos de Minas

Direção Geral
Paulo César de Sousa

Direção de Clínicas
Paulo César Segundo de Sousa

Direção Jurídica
Cláudio Giansanti

Coordenação Acadêmica
Estanislau Gonçalves Jovtei

Coordenação de Mídias, Tecnologias, Marketing e Comunicação
Eduardo César de Sousa

Coordenação de Projetos
Sandro Pereira de Carvalho

Coordenação de Recursos Humanos
Regina Oliveira Dias

Coordenadores Cursos de Graduação:
Administração – Prof. Dr. Gustavo Gastadelli
Biologia – Prof. Ms. Fredston Gonçalves Coimbra
Biomedicina – Prof. Ms. Tassiano dos Reis Cardoso
Ciências Contábeis – Prof. Ms. Davy Oliveira Campos
Educação Física / Licenciatura - Profa. Ms. Rosana Mendes Maciel
Educação Física / Bacharelado - Profa. Ms. Rosana Mendes Maciel
Enfermagem – Profa. Ms. Elizaine Aparecida Guimaraes Bicalho
Engenharia Civil – Prof. Ms. César Amorim
Engenhaira Elétrica – Prof. Ms. Guilherme Thiago de Sousa
Engenharia de Produção - Prof. Ms. Fabrício Silva Ribeiro
Farmácia – Profa. Ms. Margareth Costa e Peixoto Pitorra
Fisioterapia – Prof. Ms. Raphael Martins
Gastronomia – Profa. Ms. Sarah Nasser de Faria Carvalho Coelho
Matemática – Profa. Ms. Eremita Marques Nogueira Barbosa
Medicina Veterinária – Profa. Dra. Sandra Regina Afonso Cardoso
Nutrição – Prof. Ms. Fredston Gonçalves Coimbra
Odontologia – Prof. Ms. Fernando Nascimento
Pedagogia – Profa. Ms. Fabiana Ferreira dos Santos
Psicologia – Prof. Ms. Gilmar Antoniassi Júnior
Química - Prof. Estanislau Gonçalves Jovtei

EDITOR RESPONSÁVEL:
Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo

CONSELHO EDITORIAL:
Prof. Ms. Estanislau Gonçalves Jovtei (FPM/FCC/FCJP)
Prof. Dr. João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior (UFV/CRP)
Prof. Dr. Hidelberto de Sousa Ribeiro (UFMT/CUA)
Prof. Dr. Hugo Christiano de Melo Soares (FPM)
Prof.ª Ms. Luciana de Araújo Mendes Silva (FPM/FCC)
Prof. Dr. Luis Antonio Bitante Fernandes (UFMT/CUA)
Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo (UFU/FACED)
Prof.ª Dr.ª Marly Augusta Lopes de Magalhães (UFMT/CUA)
Prof. Dr. Robson Luiz de França (UFU/FACED)
Prof.ª Dr.ª Sandra Regina Afonso Cardoso (FPM)
Prof.ª Dr.ª Sílvia Mara de Melo (UFGD)

PARECERISTAS:
Prof. Dr. João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior (UFV/CRP)
Prof. Dr. Hidelberto de Sousa Ribeiro (UFMT/CUA)
Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo (UFU/FACED)
Prof. Dr. Luis Antonio Bitante Fernandes (UFMT/CUA)
Prof.ª Dr.ª Sílvia Mara de Melo (UFGD)

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica:
Gráfica Cortes

Capa:
Elielda Soares dos Santos

Revisão Final:
Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo

REVISTA ACTA CIENTÍFICA
Volume VI

A Revista Acta Científica apresenta ao público acadêmico mais uma edição que certamente trará importantes contribuições para a pesquisa científica. Uma revista acadêmica que chega ao sexto número expõe claramente a permanência, constância e perenidade de um projeto que surgiu para fazer diferença, com relatos, artigos, resenhas e contribuições respaldadas em dossiês minuciosamente pensados por editores com ampla experiência acadêmica e científica.

Sabedores da necessidade de investigações que rompem a nostalgia da clausura de um laboratório, a Revista Acta Científica, como a instituição que a mantém, simboliza para nós o dinamismo, a vivacidade e a inovação que sempre nortearam nossos propósitos educacionais. Por isso, apresentamos aos leitores artigos amplamente estabelecidos na relação triádica teoria – prática – transformação. Os textos aqui presentes analisam objetos que naturalmente pertencem ao ambiente social e por isso propõem intervenções extremamente relevantes.

O desenvolvimento da ciência, sobretudo a ciência em toda a diversidade que a constitui, sempre há de resultar na expansão da capacidade imaginativa, na ruptura das barreiras que impedem a superação diante dos desafios e principalmente, na construção de novas possibilidades e novos olhares para o mundo.

Esperamos que a Revista Acta Científica cumpra o propósito a que veio neste volume VI.

A todos (as), uma leitura que nos leve a construir novas possibilidades.

Paulo César de Souza
Diretor Geral da FPM

CARTA DOS EDITORES

A ciência jamais poderá perder a natureza genuína da surpresa. A semente que leva o pesquisador a se debruçar em estudos e pesquisas é a surpresa da descoberta. O trabalho exaustivo é recompensado quando os resultados aparecem e são divulgados. Esta existe para incentivar pesquisadores, professores, alunos da pós-graduação e também da graduação a buscarem o conhecimento. Afinal, é o conhecimento que move todos os que com a ciência se envolvem.

Nossa expectativa com a seleção dos artigos que apresentamos neste volume está amparada em textos como os que selecionamos para comporem os dossiês. No **Dossiê Engenharia e Tecnologia**, Gidrão e Santos apresentam conceitos de qualidade e sua evolução com o foco nas obras da construção civil.

No **Dossiê Educação**, Antoniassi Jr. e Gonçalves trazem um texto que analisa os prováveis motivos das dificuldades na disciplina Matemática encontradas pelos alunos que ingressam no ensino superior. Em outro artigo, Bomfim; Moraes Filho e Pereira nos oferecem um artigo sobre o desenvolvimento de um jogo eletrônico educacional destinado aos alunos inscritos no Curso de Guardiões Ambientais, o jogo desenvolvido cria um ambiente favorável à Educação Ambiental, com desdobramentos em outros aspectos do ensino-aprendizagem. Em outro texto, Silva e Silva registram informações de uma pesquisa que analisa os processos de ensinar e aprender a partir de práticas interdisciplinares educomunicativas no ensino superior e sua contribuição na formação dos sujeitos atores do processo. Em outro estudo, Machado e Machado apresentam resultados de uma pesquisa que analisou as potencialidades do vídeo como suporte para registro dos processos de apropriação e construção de conhecimentos interdisciplinares.

No **Dossiê Saúde**, a pesquisadora Costa Luciano apresenta uma revisão bibliográfica de artigos em bases de dados sobre o diagnóstico do câncer e alterações moleculares. Em outro artigo, Santos; Santos e Costa Luciano analisam a produção científica relacionada à gestão de qualidade da assistência do enfermeiro durante o transporte de vítimas no atendimento pré-hospitalar.

No **Dossiê Língua e Linguagem**, Melo examina textos midiáticos publicados em março e abril de 2013, sob a luz da análise do discurso de tendência francesa, principalmente o que diz respeito às formações discursivas e às condições de produção.

Abre o **Dossiê Comunicação** o texto de Venâncio que discute o habitus jornalístico enquanto uma capacidade de compartilhamento, domínio e reconhecimento da linguagem do Jornalismo e de sua deontologia. Em outra contribuição, Pitanga e Santos registram um texto que discute o papel do marketing político, das pesquisas de opinião e o uso dos meios de comunicação nos processos políticos eleitorais. Num outro artigo, Silva e Araújo apresentam uma análise do discurso religioso com corpus do discurso neopentecostal. Vicente e Araújo apresentam as condições epistemológicas do pensamento de Paul Feyerabend e o conceito de dialogismo bakhtiniano com foco no desenvolvimento de um produto comunicacional. Encerra este dossiê o texto do pesquisador Araújo que desenvolve uma análise do discurso comunicacional no marketing e na publicidade.

No **Dossiê Pesquisas Iniciais**, vários pesquisadores que ainda caminham pelas salas de aula de cursos de graduação apresentam artigos sobre eixos temáticos vinculados a várias áreas. O espaço é aberto para graduandos de instituições diversas apresentarem papers à comunidade científica.

No **Dossiê Relatos de Pesquisa**, a Profa. Dra. Maria Teresa Menezes Freitas, diretora do Centro de Educação a Distância – CEaD/UFU registra trechos de uma palestra proferida em um congresso internacional na área de Educação a Distância. A palestra intitulada **Formação de Professores de Matemática: cuidados essenciais nas relações de aprendizagem em contexto EaD** traz um relato exemplar de pesquisa em Educação a Distância e fecha o Volume VI da Revista Acta Científica.

Nossos agradecimentos especiais às contribuições dos autores e pesquisadores.

O editor e co-editores da Revista Acta Científica, Volume VI, desejam uma excelente leitura!

SUMÁRIO

DOSSIÊ ENGENHARIA E TECNOLOGIA
QUALIDADE E CONSTRUÇÃO CIVIL.....11
Salmen Saleme Gidrão / Antônio Carlos dos Santos

DOSSIÊ EDUCAÇÃO
DIFICULDADES EM MATEMÁTICA AO INGRESSAR NO ENSINO SUPERIOR NOS CURSOS DA ÁREA DE EXATAS 29
Elivelton Henrique Gonçalves / Gilmar Antoniassi Júnior

DESENVOLVIMENTO DE NOVAS TECNOLOGIAS MIDIÁTICAS E LUDICIDADE: UMA PROPOSTA PARA EXPANDIR O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL LOBO GUARÁ.....43
Paulo Roberto Ferreira Bomfim / Aroldo Vieira de Moraes Filho / Karla de Castro Pereira

O PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER NA PERSPECTIVA EDUCOMUNICATIVA.....59
Diva Souza Silva / Christiane Pitanga Serafim da Silva

MÍDIAS E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: NOVAS PERSPECTIVAS UTILIZANDO O VÍDEO.....69
Edma Aparecida Machado / Felipe de Melo Fernandes Machado

DOSSIÊ SAÚDE
DIAGNÓSTICO DE CÂNCER: ALTERAÇÕES MOLECULARES.....75
Cristiana da Costa Luciano

GESTÃO DE QUALIDADE NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR: REVISÃO INTEGRATIVA.....87
Amanda Rafael Santos / Carina Silva Santos / Cristiana da Costa Luciano

DOSSIÊ LÍNGUA E LINGUAGEM
RELIGIÃO E POLÍTICA: DUAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS POLÊMICAS.....103
Sílvia Mara de Melo

DOSSIÊ COMUNICAÇÃO
JORNALISMO E O LABORATÓRIO DIDÁTICO: NOTAS ANALÍTICAS ACERCA DO ENSINO DO *HABITUS* JORNALÍSTICO.....119
Rafael Duarte Oliveira Venancio

AS PESQUISAS DE OPINIÃO E A ESTRATÉGIA DISCURSIVA DO MARKETING POLÍTICO-ELEITORAL NA REELEIÇÃO DO PT NO LESTE MINEIRO.....131
Christiane Pitanga / Adriana Cristina Omena Santos

FORMAÇÕES DISCURSIVAS E RELIGIÃO: UMA ABORDAGEM SOBRE A IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS.....147
André Luiz de Castro Silva / Marcelo Marques Araújo

A EPISTEMOLOGIA ANARQUISTA DE FEYERABEND E A NOVA COMUNICAÇÃO: DIÁLOGOS NA CONSTRUÇÃO DE UM APLICATIVO.....161
Cláudia Aparecida da Costa Vicente / Marcelo Marques Araújo

DIÁLOGOS ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E COMUNICAÇÃO: ANÁLISE DE OBJETOS PUBLICITÁRIOS EM TRÊS TEMPOS.....179
Marcelo Marques Araújo

DOSSIÊ PESQUISAS INICIAIS
REVISTA SORRIA: A COMUNICAÇÃO ALÉM DO ÂMBITO INSTITUCIONAL.....191
Marcelo Antônio L. França / Michael Kealton B. Fernandes / Rafael Leonel S. Borges

SENSACIONALISTA: UM JORNAL ISENTO DE VERDADE, CARREGADO DE HUMOR E COMPROMETIDO COM A AUDIÊNCIA.....199
Nayara de Sousa Ferreira

O DISCURSO EMPREENDEDOR NAS CHARGES DO BLOG GERAÇÃO DE VALOR.....205
Carolina Oliveira / Geane Amaral / Monalisa Silva / Marcelo Marques Araújo

ANÁLISE DO ABORTO EM ARTIGOS DE OPINIÃO DOS SITES DA REVISTA CARTA CAPITAL E DO JORNAL ESTADÃO.....211
Érika Abreu / Gabriela Junqueira Zanca / Maria Clara Vieira

MUTILAÇÃO VAGINAL: UMA ANÁLISE NOS VEÍCULOS VEJA E FOLHA DE S. PAULO....219
Bruna P. Tarcitano / Caroline De C. Bufelli / Kennedy R. Da Costa / Marcelo M. Araújo

ELEIÇÕES 2014: VISÕES OPOSTAS SOBRE A REELEIÇÃO DE DILMA 227
Mariana de Almeida Valderramos / Marcelo Marques Araújo

ANÁLISE DO DISCURSO DAS CAPAS DAS REVISTAS VEJA, CARTA CAPITAL, ÉPOCA E ISTOÉ NO ESCÂNDALO DO MENSALÃO.....237
Bianca Judice de Leles / Luisa Caleffi Pereira / Renato Soares Pinheiro

DOSSIÊ RELATOS DE PESQUISA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: CUIDADOS ESSENCIAIS NAS RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM EM CONTEXTO EaD.....243
Maria Teresa Menezes Freitas

QUALIDADE E CONSTRUÇÃO CIVIL

Salmen Saleme Gidrão[01]

Antônio Carlos dos Santos[02]

RESUMO - As orientações dos processos produtivos para obtenção de qualidade na indústria da construção civil e em suas obras representam uma importante ação na busca da durabilidade das construções e de minimização de seus estados patológicos. Entretanto, os ganhos de sua aplicação não se restringem apenas a estas dimensões de abordagem. Neste trabalho, onde são apresentados os conceitos de qualidade e sua evolução com o foco nas obras da construção civil, estas idéias são demonstradas. São trabalhados os aspectos pertinentes ao tratamento de qualidade em sua indústria e também em suas obras, ressaltando-se a importância de seus resultados para as questões que envolvem o retrabalho, a sustentabilidade e meio ambiente, sendo sua maior contribuição a agregação de conceitos e idéias para o desenvolvimento deste importante setor da economia.

Palavra-Chave: Construção Civil;Qualidade; Meio Ambiente.

ABSTRACT - Qualityand Civil Construction - The orientations of the productive processes for achieving quality in the construction industry and their works represent an important action in pursuit of the durability of construction and minimization of pathological states. However, the gains in its application are not restricted only to these dimensions approach. In this work, where are presented the concepts of quality and its evolution with a focus on works of construction, these ideas are demonstrated. Worked are relevant to quality treatment in their industry and in their works aspects, emphasizing the importance of their findings to issues involving rework, sustainability and environment, and its largest contribution aggregation of concepts and ideas for the development of this important sector of the economy.

Keywords: Concrete - Construction; Quality; Environment, Sustainability

---

[01] Possui graduação em Engenharia Civil (1983) e em Licenciatura em Física (2001) pela Fundação Educacional de Barretos, e Licenciatura em Matematica pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Bebedouro (1994) Atualmente é aluno do Programa de Pós Graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal de Uberlândia e professor da Fundação Educacional de Barretos. Tem curso de especialização em Processamento de Dados Aplicado a Educação e atua profissionalmente na área de engenharia e ensino de ciências exatas. Email: salmen.saleme@gmail.com.

[02] Possui graduação em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia de Piracicaba (1995), Mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Estadual de Campinas (1998) e Doutorado em Engenharia Civil pela Universidade de São Paulo (2003). Atualmente é professor Associado I na Faculdade de Engenharia Civil (FECIV) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Engenharia Civil, participando do colegiado deste último. Exerce atualmente a função de Diretor de Infraestrutura da Universidade Federal de Uberlândia sendo responsável pela gerencia dos projetos, orçamentos, licitação e execução dos novos campi da Universidade, bem como, das edificações nos campi já existentes. Tem experiência na área de Engenharia Civil, com ênfase em Mecânica das Estruturas, atuando principalmente nos seguintes temas: concreto, projeto arquitetônico, tecnologia da construção, reforço estrutural, experimental e mecânica do fraturamento. Email: acds@feciv.ufu.br

Introdução

Os estados patológicos de uma obra de engenharia têm fortes ligações com a qualidade dos materiais nela empregados e com as técnicas utilizadas em sua aplicação. Por sua vez, os processos de fabricação de seus materiais, a eficiência das ações de sua escolha e também a qualificação da mão de obra envolvida, exercem um papel considerável na durabilidade de seus produtos. Assim, se uma obra desta natureza não incorpora de forma eficiente os preceitos de qualidade, produzindo de forma insatisfatória os seus produtos, e não utilizando os controles de sua produção, então sua vida útil poderá estar comprometida.

Pelo Portal Qualidade Brasil do Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat, PBPQ-H, estes conceitos podem ser justificados, sendo o controle tecnológico de seus materiais e as razões do aperfeiçoamentoali destacados:

> *A sua meta é organizar o setor da construção civil em torno de duas questões principais: a melhoria da qualidade do habitat e a modernização produtiva. A busca por esses objetivos envolve um conjunto de ações, entre as quais se destacam: avaliação da conformidade de empresas de serviços e obras, melhoria da qualidade de materiais, formação e requalificação de mão-de-obra, normalização técnica, capacitação de laboratórios, avaliação de tecnologias inovadoras, informação ao consumidor e promoção da comunicação entre os setores envolvidos.*

Neste artigo estes elementos são avaliados através da discussão dos conceitos de qualidade com foco na construção civil, isto porque, de forma principal, no âmbito de seu extenso campo de aplicação, apresentem ainda, características extremamente embrionárias.

1. Elementos da Qualidade

A função produção de qualquer sistema produtivo deve ser entendida como um conjunto de atividades que levam a transformação de um bem tangível em outro com maior utilidade (LAUGENI; MARTINS, 2005).Sua origem remonta os primórdios da História da Civilização no período em que ferramentas e utensílios eram produzidos para atender as necessidades básicas de sobrevivência e defesa. Nesta época, a fabricação de produtos mantinha uma estreita e limitada relação de dependência com o ato de consumo. Cada grupo ou indivíduo consumia aquilo que produzia; e só produzia, quando possível, aquilo que necessitava, pois, a matéria prima e habilidade manual para o desenvolvimento de um produto eram fatores limitantes de sua produção e por consequência de seu consumo.

Quando estes grupos ou indivíduos, representados por aqueles mais habilidosos e capacitados na arte de fabricar, passaram a produzir uma maior quantidade de produtos com o principal objetivo de atender as necessidades de terceiros, surgiu então um intenso processo de desenvolvimento das atividades produtivas no qual a figura central era o artesão. A partir de então tiveram origem formas de produção bastante organizadas e cuja evolução propiciaram a criação das associações de artesãos de forma regulamentada através das corporações de ofício. Ainda assim, era restrito o universo de trabalho dos artesãos, pois, de forma relativa, este só atendia uma quantidade limitada de pessoas interessadas em seus produtos. Com o crescimento do número de encomendas e da responsabilidade quanto ao cumprimento de prazos de entrega houve a necessidade da expansão e aprimoramento do processo produtivo cujo declínio só ocorreu efetivamente com o advento da Revolução Industrial, onde foram alterados substancialmente os conceitos da produção artesanal.

Na Revolução Industrial a força humana no mundo do trabalho foi substituída pela força da máquina e os produtos passaram a ser fabricados de uma nova forma. A padronização destes produtos e seus processos de fabricação passaram a ser exigidos e a habilitação da mão de obra e seu treinamento passaram a ser tratadas com uma metodologia até então não verificada. Estratégias produtivas passaram a fazer parte do cotidiano das fábricas e com elas novos conceitos para a produção foram velozmente inseridos em um mundo extremamente dinâmico se comparado com seus antecessores. A força das pressões sociais, a velocidade com que as mudanças tecnológicas se processavam além da disputa pela eficiência era fato neste momento histórico e estimulavam de forma crescente a modificação dos cenários produtivos conhecidos até então.

Com o modelo de produção em massa, idealizado por Henry Ford (1910), uma nova carga de inovação foi aplicada a ação das cadeias produtivas. Na condição de ferramenta de racionalização, estes conceitos como as linhas de montagem, os postos de trabalho ou ainda os fluxogramas de processo permitiram a obtenção de resultados mais uniformes para a produtividade e também para a qualidade, cuja avaliação principal era técnica de controle estatístico.

Em relação à ideia de qualidade Laugeni e Martins (2005) destacam ainda que ao longo desse processo de modernização cresceu a importância da figura do consumidor, principalmente devido à configuração mercadológica e estratégica implantada pelas indústrias japonesas no período pós-guerra com objetivos de exportação de seus produtos.

Segundo Contador *et al.* (1988), após a Segunda Grande Guerra Mundial, nações e empresas foram obrigadas a conquistar mercados e criar uma maior quantidade de empregos. Surgiram então importantes contribuições para a

qualidade por meio de trabalhos teóricos de um grupo de técnicos cujos nomes e ações pioneiras são por eles destacados:

- Deming, o mais conhecido destes nomes, popularizou o controle de qualidade no Japão no início dos anos 50 desenvolvendo um sistema para o controle estatístico de qualidade.
- Os trabalhos de Joseph Juran cobriam os mecanismos gerenciais de planejar, organizar e controlar.
- Armand Feigenbaum estudou um sistema para desenvolver, manter e aprimorar a qualidade contemplando principalmente a inibição da propagação das falhas o qual denominou Controle de Qualidade Total.
- Philip Crosby estabeleceu um programa de prevenção para a qualidade conhecido como "zero-defeitos" cuja conceituação e metodologia valorizavam a "prevenção" em relação à "detecção e correção" das falhas da linha de produção.
- Com os trabalhos de Kaoru Ishikawapassou a ser possível identificar as raízes dos problemas de qualidade.

Segundo Gomes (2004) o professor Willian Edwards Deming (1900-1993), um estudioso da eficiência dos processos produtivos nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, foi recrutado em 1947 pelo Supremo Comando das Forças Aliadas para apoiar o desenvolvimento de um recenseamento conduzido por especialistas em estatística para avaliar a qualidade da produção de bens manufaturados no Japão visando a exportação de seus produtos. Da fusão entre os resultados deste trabalho, de suas conversas com os gestores de empresas, e também de sua experiência pessoal na análise das técnicas de qualidade, Deming estabeleceu a ideia que para a qualidade é imprescindível o empenho continuado da gestão de topo. Sem uma estrutura adequada, que não possibilite a transformação da própria organização, de nada servem os esforços dos trabalhadores em busca pela qualidade. A propósito, Gomes (2004) aborda a qualidade como uma orientação primária as necessidades do cliente cuja abordagem mais profunda é possível a partir do estudo das ideias de David Garvin, um renomado estudioso cuja contribuição filosófica é considerada substancial no estudo da evolução do conceito de qualidade relativamente às contribuições filosóficas anteriores.

2. O Conceito Filosófico de Qualidade

No dizer de Iniesta (1996), a função de qualidade de uma empresa está integrada a um conjunto de responsabilidades destinadas a assegurar que os produtos por ela oferecidos sejam apresentados com níveis ótimos de qualidade correspondentes à expectativa dos consumidores.

Por seu dizer, a qualidade de um produto tem origem na etapa de projeto através das especificações que estabelecem regras para criação, utilização e sua manutenção e que de forma bem definida, deve atender as necessidades do usuário. Sendo insuficientes, ou não refletindo seus anseios poucas serão as chances do produto atingir um nível de excelência. Neste sentido, um projetista deve ser o intérprete das necessidades e dos gostos do cliente devendo conhecer todas as limitações do processo produtivo para assim estabelecer um conjunto de especificações que evite posições controversas em relação à questão de qualidade. Quanto à empresa, destaca, ser necessária uma política de qualidade que inclua os objetivos de cada uma de suas áreas de atividade e alguns programas de atuação para alcançar seus objetivos. Sua estrutura deve estar preparada e ter um orçamento suficiente para levar a frente os seus programas.

Deming (1990) relativiza a definição de qualidade com a posição de seu avaliador destacando que com frequência esta ação é comprometida pela posição ocupada por seu julgador. Na cadeia do processo produtivo, operários e administradores têm visões diferentes sobre o assunto. Enquanto o operário é impelido à avaliação pelo sentimento de orgulho daquilo que produziu o administrador avalia a qualidade relacionando-a com especificações e quantidade. Por sua vez, o consumidor busca mensurar qualidade através da conversão de suas necessidades futuras e valores a elas imposta.

Considerando a definição da qualidade em função de sua dependência em relação ao referencial pelo qual é avaliada, Queiroz (1995) apresenta cinco possíveis abordagens para utilizar a qualidade como poderosa arma estratégica.

- A primeira denominada Definição Transcendental e pela qual a qualidade é tida como algo universalmente conhecido e que se reconhece unicamente pelo uso e experiência anterior;
- A segunda, a Definição Baseada no Produto, que atribui à qualidade a condição de uma variável mensurável a partir de seus componentes constituintes e onde as variações na qualidade são vistas como diferenças nas quantidades de algum ingrediente ou atributo possuído pelos produtos;
- A terceira, a Definição Baseada no Usuário que condiciona o consumidor como referencial necessário para a abordagem da qualidade atribuindo às suas preferências e necessidades o papel qualificador do produto e através da qual se imprime a ideia de que quanto menor o nível de satisfação do usuário menor a qualidade;
- A quarta, a Definição Baseada na Produção e a propósito, linha básica da expressão de Iniesta (1986), que aborda a qualidade como decorrência das ações de engenharia e através da qual se considera o nível de qualidade

como função do grau de desvio "das especificações de projeto";

- E, finalmente a Definição Baseada no Valor através da qual a qualidade é encarada como a medida do desempenho do produto em termos de custos e preços aceitáveis.

3. A Evolução do Conceito de Qualidade

Conforme Alves *et al*. (1995) durante muito tempo o conceito de qualidade esteve confinado dentro dos limites da empresa e só recentemente passou a ser incluído como uma Prioridade Competitiva na Produção exigindo a associação de seu conceito ao grau de satisfação dos clientes em relação aos produtos adquiridos.

Segundo Deming (1990) a indústria esta em constante processo de desenvolvimento quer pela inserção de novos materiais com os quais se pode trabalhar ou pelo atendimento de novas necessidades do consumidor sendo, portanto extremamente complexa a administração da qualidade que exige a melhoria contínua de produtos e processos.

Para Garvin (2002) as abordagens acerca da qualidade resultam de uma evolução histórica que remonta o século XIX podendo ser catalogadasnas quatro fases das "eras da qualidade"

Na era da **inspeção formal** o objetivo era descobrir os erros e assegurar a qualidade durante a fabricação do produto. Durante a produção artesanal, séculos XVIII e XIX, a qualidade percebida era função dos atributos de desempenho, utilidade e durabilidade do produto cujas peças eram ajustadas manualmente umas às outras por artesãos qualificados, através de uma forma prática, informal e descartável.

Durante **a era do controle estatístico**, década de 1930, a abordagem para a qualidade passa a considerar a variabilidade probabilística dos parâmetros produtivos que envolvem matéria prima e mão de obra, admitindo-se então que um produto não seja produzido rigorosamente como outro, mas, dentro de certos limites considerados admissíveis.

Na fase da garantia de qualidade, os instrumentos de ação expandiram-se além da estatística das linhas de produção; e quatro elementos distintos (a quantificação dos custos, o controle total da qualidade, a engenharia da confiabilidade e zero defeito) passaram a fazer parte dos processos produtivos fazendo com que as atividades relativas a projeto, engenharia e planejamento fossem consideradas tão importantes quanto os demais controles da linhade produção.

Na quarta era da evolução, a **Gestão Estratégica de Qualidade (GEQ)**, o problema relativo a estas questões deixa de ser enfrentado com ênfase defensiva na prevenção de defeitos, passando a considerar uma forte ligação entre qualidade e

lucratividade, e definindo para tal, a qualidade pelo ponto de vista do consumidor; comprometendo assim, a alta gerencia com a qualidade.

4. As dimensões do Conceito de Qualidade

Segundo Contador *et al.* (1998): é preciso reconhecer que a evolução do conceito de qualidade, até a segunda metade dos anos 1970, esta marcada predominantemente pela filosofia japonesa da qualidade calcada em quatro prioridades fundamentais: completa satisfação do cliente; qualidade como prioridade absoluta; melhoria contínua e participação com o comprometimento de todos os colaboradores. Enquanto a concorrência das empresas japonesas não se havia intensificado, não eram muitas as organizações ocidentais que procuravam praticar efetivamente a qualidade.

Conforme Garvin (1987), as empresas americanas não acompanharam as inovações de controle de qualidade da mesma maneira com que as empresas de concorrentes estrangeiras o fizeram. Em uma pesquisa realizada em 1981, os consumidores relataram que a qualidade dos produtos dos EUA havia declinado e não era de todo confiável. Então, para alcançar ganhos de qualidade seria necessário que os gestores impusessem uma nova maneira de pensar sendo necessário para isso estabelecer: uma ponte conceitual sob o ponto de vista do consumidor, estudos de mercado e uma revisão cuidadosa dos produtos concorrentes.

No dizer de Garvin (1987) oito dimensões críticas ou categorias de qualidade podem servir como um quadro de análise estratégica para comparar objetivamente a qualidade total de um produto geralmente delineada através da combinação de uma ou mais abordagens destas dimensões; e para pensar a qualidade desta forma, propõe sejam consideradas as suas distintas acepções registradas no Quadro 1.

QUADRO1 - Dimensões da qualidade

CARACTERISTICAS IDENTIFICADORAS	INSPEÇÃO	FUNÇÃO
Confiança	Probabilidade de ruptura dentro de um determinado período	**Projeto**
Conformidade	Grau de atendimento as especificações de projeto	**Produção**
Durabilidade	Medida do ciclo de vida funcional do produto	**Projeto**
Estética	Aparência do Produto	**Projeto**
Manutenção	Facilidade de manutenção	**Projeto e pós-vendas**
Performance	Conformidade operacional do produto	**Projeto**
Qualidade percebida	Valor do produto percebido pelo cliente	**Marketing e Projeto**
Recursos	Características operacionais secundárias	**Projeto**

Fonte: Garvin (1987)

A qualidade induzida reflete a influência que a propaganda e a imagem de seu fabricante transferem ao produto. *O desempenho* é a capacidade de o produto responder às solicitações para as quais foi projetado. Por sua vez, *a confiabilidade* é a probabilidade deste não falhar em um período específico de tempo, em determinadas condições de operação. *A conformidade* é o grau com que um produto atende os padrões preestabelecidos para as dimensoes nominais especificadas e caracteristicas de operação enquanto que, *as características secundárias*, representam as propriedades suplementares de funcionamento básico do produto que também deve considerar a *possibilidade de receber assistência técnica* além de atender os anseios subjetivos princípios impostos pela dimensão da *estética*.

Para Queiroz (1995), a postura de Garvin imprime uma conotação comparativa ao conceito de qualidade em relação aos competidores em vez de traduzir padrões internos.A palavra final sobre a qualidade dos produtos e serviços é dada pelos consumidores e por isso a ideia de atender as especificações de projeto é um objetivo secundário.

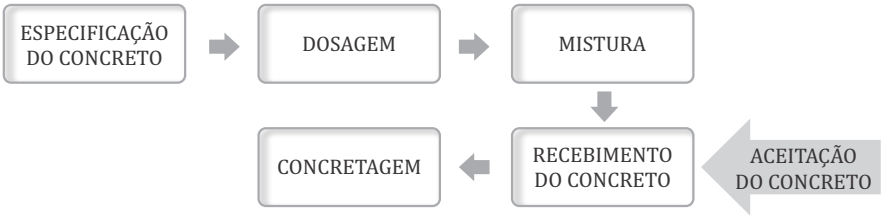
Para Gomes (2004), a proposta de Garvin encorajou as organizações a considerar a qualidade como um elemento estratégico e, fundamental em seu posicionamento de mercado.

5. Clientes Temporários

Segundo Deming (1990) o equacionamento da análise crítica da qualidade envolve questões cuja solução oferece um alto grau de imponderabilidade quanto a riscos e prejuízos. A primeira refere-se à dificuldade em descobrir que características são importantes para o cliente e que elementos provocam a sua insatisfação em relação à qualidade de qualquer produto ou serviço. A segunda, concernente à previsão dos custos envolvendo a solução de problemas gerados por clientes insatisfeitos.E finalmente, a questão relativa à definição acerca da efetiva figura do consumidor.Tecnicamente, para Deming (1990), o consumidor não necessariamente é o cliente final de um produto ou serviço, sendo possível a instituição da figura de um consumidor temporário ou transitório que assume em um período a condição de crítico de qualidade passando a ser por ela seu julgador e responsável.

A Figura 1 representa um segmento do fluxograma da utilização de concreto usinado em uma obra.Sua leitura exemplifica a condição de cliente temporário. O responsável pela aceitação do concreto é quem deve avaliar o abatimento do experimento do tronco de cone e orientar as providencias no sentido de sua correção.

FIGURA 1 - Clientes temporários



Fonte: Gidrão e Santos (2013)

6. A Qualidade e a Indústria da Construção Civil

No dizer de Rocha (1993), o conceito de qualidade fundamentado em um referencial relativo e abstrato, e cuja excelência exige uma adequação de procedimentos para atender as expectativas dos consumidores, está associado a um custo que deve ser convenientemente trabalhado de forma a permitir que a empresa atinja seus objetivos de mercado. Para atender aos padrões de receptividade impostos pelos consumidores, o produto deve ser desenvolvido com um tratamento universalizado capaz de auscultar os anseios do usuário e de forma a estabelecer os vetores determinantes de seus atributos, inclusive aqueles pertinentes à sua parte monetária e que envolvem o estado latente de consumo e a capacidade aquisitiva de seus compradores.Para a indústria da construção civil, observa que este tratamento, exige uma angulação estratégica própria; sendo possível estabelecer suas ações, em duas frentes de ataque. A primeira naquilo que afeta os aspectos administrativos e gerenciais das empresas e relacionados com seu planejamento estratégico e suas diretrizes básicas, e a segunda, relativa aos sistemas de produção e que envolvem a qualidade intrínseca do produto.Neste aspecto, salienta Rocha (1993) a importância e a necessidade que este mercado tem de poder contar com produtos cujo padrão referencial garanta as suas qualidades intrínsecas.

> *Não se pode prescindir o mercado de sistemas reconhecidos como de normalização da produção, que são concebidos pela sociedade para poder estabelecer padrões mínimos de estado de diversos atributos de cada produto ou de seus componentes, no sentido de que se produza a partir de um padrão de qualidade para cima.* (ROCHA 1993, p.14)

Em consonância com estas ideias, Picchi e Agopyan (1993) afirmam que os ciclos dos sistemas da qualidade da indústria da construção civil, devem ser estruturados de forma a equilibrar seus dois possiveis níveis de enfoque: o técnico e

o organizacional. O técnico para implementar e orientar todos os procedimentos de obra e seu controle, e o organizacional, para estruturar a empresa e direciona-la em busca da aplicação de programas de qualidade capazes de abordar todos seus niveis de enfoque. Por sua visão, o enfoque da gestão de qualidade evoluiu de uma visão corretiva baseada na inspeção, para um enfoque sistêmico e normatizado que leva em conta todas as etapas do processo produtivo.

Por seu conceito, um sistema de qualidade, que pode ser representado em um diagrama denominado "ciclo de qualidade" tem em verdade o objetivo do equacionamento de todas as etapas que afetam a qualidade do produto.

7. A Qualidade e as Obras de Engenharia

Para Souza (2009) a grande diversidade de ações dos seres intervenientes e de produtos parciais gerados ao longo dos processos produtivos do setor da construção civil é capaz de incorporar diferentes níveis de qualidade ao seu produto final. Sua cadeia produtiva é bastante complexa e heterogênea e para seu desenvolvimento, com o foco na qualidade, são necessárias ações que promovam uma melhoria como um todo.Além de uma estrutura organizacional preparada, capaz de aplicar uma politica de qualidade que considere a normalização técnica, a adoção de programas de gestão e certificação de sistemas e produtos, se faz necessário, um longo e meticuloso trabalho de articulação para englobar os processos, os produtos, os agentes do sistema e a linha de produção.

Para Picchi e Agopyan (1993), este trabalho que se inicia com a formalização de uma politica de qualidade, deve receber via recursos humanos, um tratamento capaz de motivar, integrar e treinar toda a equipe responsável pela aplicação da mão de obra necessária, de forma a minimizar os fatores que possam interferir negativamente na qualidade; e também por esta razão, receber um tratamento, que oriente as ações do planejamento e desenvolvimento de projetos como pontos de partida para a sua obtenção. A especificação de materiais, a descrição minuciosa de seus processos de aplicação e os controles de produção representam, ainda que de forma intangível, os primeiros fundamentos da qualidade das obras da construção civil.

Para Picchi e Agopyan (1993), o controle e a garantia de qualidade devem se estender aos diversos estágios da linha de produção da indústria da construção e também de suas obras. Empreiteiros e subempreiteiros, equipamentos e materiais, definições e procedimentos; tudo deve ser devidamente verificado para estar devidamente controlado. Neste sentido, as ações de gerenciamento, de coordenação das atividades de projeto, e também o controle de sua produção, através de procedimentos sistematizados, favorecem o alcance das metas da realização de obras com a qualidade desejada.

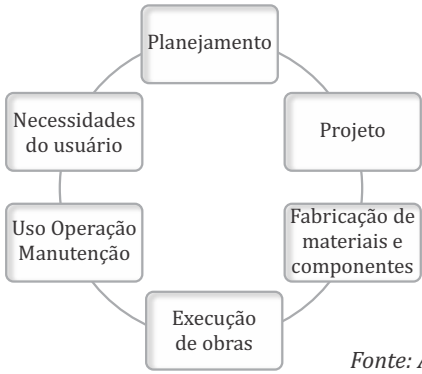
Já para Novaes (2001) é preciso estabelecer um conjunto de ações destinadas ao controle e garantia da qualidade dos projetos; devendo seus enfoques considerar aspectos de seus produtos e processos. Por sua visão, é possível conceituar um projeto sob duas premissas. A primeira referente ao projeto como produto, e onde devem constar os elementos com a função de atender às necessidades da etapa de produção, a outra, que confere ao projeto o sentido de processo, e cujo enfoque deve permitir a compatibilização de suas soluções.

Neste sentido, os projetos estarão condicionados a dois tratamentos; o primeiro de caráter tecnológico que engloba soluções de natureza técnica; e o segundo de natureza gerencial e onde se condiciona a presença de um conjunto de participantes, com específicas responsabilidades, devendo por esta razão ser analisado tanto pelo enfoque de melhoria de suas soluções, quanto pelo da melhoria da qualidade do processo.

Na Figura 2 foi representada a proposta de Souza (2009) para o ciclo de qualidade no setor da construção civil. Sua leitura facilita a visualização da complexidade que envolve o tratamento de qualidade nas obras de engenharia e a compreensão dos fatores a serem trabalhados em busca de sua qualidade.

O conhecimento, o planejamento e controle de cada fator aí representado, propicia sobremaneira a exequibilidade de uma obra de engenharia com o foco nos conceitos de sua excelência.

FIGURA 2 - O ciclo da qualidade na construção civil



Fonte: Adaptado de Souza (2009)

8. Sistemas de normalização e certificação

Na visão de Rocha (1993), os sistemas de normalização da produção tem o objetivo de estabelecer padrões mínimos de estado dos diversos atributos possíveis para cada um dos componentes de um produto e de forma mais ampla de seu todo. Sua função precípua é a da proteção do mercado uma vez que a aferição da qualidade nem sempre é possível por parte do comprador. A verificação dos atributos inerentes à qualidade de um produto, inclusive e principalmente aquelas de natureza intrínsecas de sua produção, exige uma capacitação técnica inúmeras vezes não presentes na formação de um comprador. Assim, o que se espera das normas é que ela atue como elemento disciplinador da ação de produção e a consequente proteção do mercado. Dentro desta linha de raciocínio, Rocha (1993), afirma que um sistema de normalização não pode servir de agente de descontrole ou de elitização do mercado, pois a relação qualidade-preço tem sua origem no seio deste próprio mercado, devendo desta forma buscar uma condição de equilíbrio que o satisfaça.

Para Melhado e Oliveira (2009)a eficiência de um sistema de normalização é medida pela uniformidade e padronização do nível de exigências relativo à qualidade de insumos, componentes e processos que orienta, podendo os seus benefícios ser formalizados nos aspectos qualitativos e quantitativos da produção. Quanto mais estruturado e eficaz for este sistema de normalização maior será o grau de desenvolvimento da qualidade de um setor. A exigência de padrões mínimos de projeto, execução e avaliação durante o desenvolvimento de produtos e serviços alavancam a qualidade, que em seu dizer, deve estar calcada na responsabilidade de profissionais capacitados e também em sua liberdade para a decisão da adoção de padrões acima dos níveis mínimos.

Quanto á avaliação de resultados para todo este contexto, Rocha (1993) justifica a fiscalização da produção no sentido da aferição dos atributos do produto para identificação de seu estado final e a certificação das regras estabelecidas na normalização. No seu dizer, o produtor deve exercitar o controle de qualidade, pois o comprador não tem acesso ao produto quando no circuito de produção, e o encontro de desconformidades só se dará quando o produto estiver em uso.

Neste contexto, Melhado e Oliveira (2009), destacam o valor da pesquisa científica como um poderoso instrumento para identificação e compreensão dos diversos sistemas de normalização adotados em outros países e cuja adaptação a realidade individual de um povo favorece o seu desenvolvimento.

> *"Uma **norma técnica** é um documento estabelecido por consenso e aprovado por um organismo reconhecido, que fornece, para uso comum e repetitivo, regras, diretrizes ou características para atividades ou seus resultados, visando à obtenção de um grau ótimo de ordenação em um dado contexto."* (ABNT, 2013).

9. Discussão

O equacionamento da qualidade com foco no processo produtivo da construção civil requer para sua estruturação, um tratamento adequado e estrategicamente organizado de forma a atingir seus objetivos. Seja para garantir o desenvolvimento de produtos mais eficientesou simplesmente para melhorar seu desempenho, se faz necessário que o gerenciamento de seus processos não exclua de suas ações, qualquer um dos elementos relacionados aos itens pertinentes de sua qualidade.

O tratamento da qualidade de um sistema produtivo desta natureza deve ser incorporado a todos os níveis de seu de seu processo não devendo ser relativizados sob nenhum pretexto ou hipótese. Indiferentemente do grau de complexidade que envolve seus processos produtivos e de sua indústria, da magnitude e abrangência de seus procedimentos e dos valores envolvidos, deve a qualidade, ser buscada sempre. O policiamento dos processos que envolvem a execução de uma obra e da produção de seus materiais implicaem uma redução da ocorrência de erros cuja correção poderá exigir uma recuperação parcial ou total dos projetos desenvolvidos.

A alta gerencia das empresas construtoras e da indústria da construção civil e também oseu corpo técnicoprecisam compreender que acima do tratamento da qualidade de uma obra, estão envolvidas questões que podem garantir a sobrevivência da própria empresa. Não se pode no contexto da qualidade dos produtos deste setor, serem abdicados ou banidos os procedimentos de avaliação e orientação de seus processosde produção cujo intuito é a melhoria das condições gerais de seus elementos.

O conceito de qualidade não raramente é avaliado sob os pontos de vista do consumidor final e de seu poder aquisitivo; sendo esta uma atitude discutível sob o ponto de vista técnico, e de forma bastante incisiva, contraproducente para o desenvolvimento da construção civil.

São compreensíveis os posicionamentos desta natureza. A necessidade do equilíbrio numérico entre os índices de produção com qualidade e aqueles pertinentes aos aspectos econômicos é justificável, entretanto há que se compreender que a falta de qualidade nos domínios deste setor exerce fortes influênciassobre o sistema global. Os produtos finais da indústria da construção civil e em particular aquelescom inegável vocação para a condição de essencialidade, exigem para o seu tratamento uma atenção especial.

Por sua natureza e condição de utilização, os produtos da construção civil assumem para si um diferencial de essencialidade avocada por outros produtos de outros setores industriais.

Assim como os produtos do setor de alimentação, os da construção civil gozam de uma condição de essencialidade mais intensa que outros de uso cotidiano,

assumindo por esta razão uma condição de fabricação universal, e tornando, portanto consideráveis as propostas de melhoria de sua qualidade e de seus processos.

De forma geral, o aperfeiçoamento do nível de qualidade destes produtos interfere de forma contundente em questões de interesse global e seus resultados só podem ser compreendidos por uma reflexão mais profunda sobre o assunto.

Embora não seja possível a sua aferição, o controle de qualidade da indústria da construção civil assume um caráter de destacada importância para a sociedade e para o planeta.

As questõesque envolvem a qualidade da construção civil estão diretamente relacionadas a hipóteses de desenvolvimento, de retrabalho, de conservação e preservação e também de recuperação parcial ou total dos elementos a ela pertinentes.

Para uma ação de controle de qualidade é estabelecida pelos integrantes deste setor corresponde em tese uma redução dos níveis de utilização das reservas naturais do planeta e também do descarte de seus materiais, muitas vezes ainda não na condição de recicláveis.

Ainda que ínfima, é possível com o controle de qualidade dos materiais e dos processos das obras da construção civil colaborar com as questões de sustentabilidade e proteção ambiental.

No dizer de Araújo (2006) os preceitos da sustentabilidade das obras de engenharia fundamentam-se na intervenção do meio ambiente de forma a atender as necessidades de suas construções sem esgotar os recursos naturais. Para preservar o meio ambiente se faz necessário considerar soluções capazes de promover o bom uso dos materiais de construção de forma racional e econômica.

Entretanto segundo Colaço (2008) é preciso reestruturar e adequar os procedimentos da construção tradicional para que isto seja possível. Para condicionar os processos construtivos faz-se necessária uma mudança de postura e mentalidade de forma a permitir que os objetivos de sustentabilidade sejam atingidos.

E isto, de pronto atinge os conceitos de qualidade. Durabilidade, conformidade, confiabilidade ou recursos, elementos das dimensões de qualidade de Garvin, são fatores a serem trabalhados como elemento de garantia de sustentabilidade e proteção do meio ambiente.

A falta de qualidade das obras da construção civil e de seus produtos tem reflexos diretos sobre estas questões. Quando um material é aplicado incorretamente os resultados indesejáveis tornam-se evidentes, comprometendo a

eficiência de seus projetos, aflorando as hipóteses de retrabalho e com elas a necessidade da reaplicação dos materiais necessários.

A condição de retrabalho exerce influência sobre os custosem cuja composição se englobam os valores relativos à energia necessária para sua efetivação, por sua vez a reaplicação de material envolve a possibilidade de descarte de parte de seu volume quando não for possível o seu reaproveitamento; e cuja solução deve considerar as questões acerca da ocupação dos espaços urbanos.

A utilização racional dos espaços urbanos é hoje uma imposição indiscutível das grandes cidades. Além da pressão social para a criação de espaços de convívio, para a construção de moradias e equipamentos, há também a situação que envolve a utilização de áreas de descarte de material ou para o seu reaproveitamento.

Em essência, a questão que envolve a qualidade das obras da construção civil e de sua indústria é mais abrangente do que parece ser e merece ser tratada com um enfoque capaz de determinar soluções que contemplem, pelo menos, com um maior grau de discussão. Uma grande parcela das construções atuais não apresenta durabilidade satisfatória quando esta dimensão da qualidade é avaliada sob a ótica da proteção ambiental. O tratamento dos resíduos da construção civil hoje se constitui em um problema ainda não completamente resolvido. As ações de estimulo à reciclagem devem considerar pelo menos em hipótese a necessidade de um volume mínimo para o seu processamento com eficácia e economia. Não se pode garantir que o tratamento de resíduos da construção civil possaconstituir-se efetivamente na melhor solução para o meio ambiente e para a economia.

A reciclagem gera custos, gera condições de retrabalho e a necessidade de investimento cujo tratamento econômico envolve operações financeiras, condição essa não efetivamente saudável às economias dos municípios e dos estados.

Assim o tratamento da qualidade da qualidade das obras da construção civil não pode ser considerado como um fato isolado capaz de produzir benefícios localizados. Por sua ação aumentam-se as condições de durabilidade das construções e por consequência de sua vida útil. Por elas são obtidos efeitos gerais sobre os parâmetros que envolvem o meio ambiente e a economia, fazendo-se urgente, portanto, passar a tratar as questões de qualidade de forma ampla e abrangente de ação estratégica de gerenciamento de problemas.

Trabalhadores, investidores, usuários finais de seus produtos, meio ambiente, sustentabilidade e de forma sintética toda a sociedade, ganham com as ações de busca pela qualidade nas obras da construção civil e de sua indústria, sendo o lucro de seus investimentos completamente socializados.

10. Conclusão

Este trabalho discutiu os conceitos das dimensões de qualidade no contexto das obras da construção civil e sua indústria, sendo por ele possível configurar a essencialidade do tema frente às questões que envolvem a aplicação dos controles de qualidade nos processos de sua produção, do controle tecnológico de seus materiais e da necessidade da manutenção de suas orientações normativas. Os resultados fixados pela discussão apresentada demonstram a relevância do tema naquilo que envolve também os temas da sustentabilidade, das questões de retrabalho e da preservação do meio ambiente. O tema pouco usual no âmbito geral das construções, e fundamentalmente expressivo face às suas reflexões constitui-se uma contribuição para o desenvolvimento da engenharia e sua indústria de forma sustentável e eficiente. Como sugestão de trabalhos futuros fica registrada a necessidade de um debate mais intenso sobre os temas a ele pertinentes.

11. Referencias

ABNT, 2013. Perguntas frequentes. Disponível em <*http://www.abnt.org.br/m2.asp?cod_pagina=963#*>.Acesso em: 29 jul. 2013.

ALVES, Alceu G.; PIRES, Silvio R. I.; VANALLE, Rosangela M.. **Sobre as prioridades competitivas da produção: compatibilidades e sequências de implementação. Gestão da Produção.** São Carlos, v. 2, n.2, ago.1995.

ARAÚJO, Márcio Augusto. **A moderna Construção Sustentável**. 2006.

COLAÇO, L. M. M., **A Evolução da Sustentabilidade no Ambiente Construído Projeto e Materiais dosEdifícios**. 2008. Tese apresentada na Universidade Portucalense para obtenção do grau de Doutor, Porto, 2008.

CONTADOR, J.C. et al. **Gestão de operações – A engenharia de produção a serviço da modernização da empresa.** 2ª. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1998. 187 p.

DEMING, W. E. **Qualidade: A revolução da administração**. Rio de Janeiro: Marques - Saraiva, 1990.

GARVIN, D. A. **Gerenciando a Qualidade: A Visão Estratégica e Competitiva**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.376p.

GARVIN, David A. "**Competing on the Eight Dimensions of Quality**." **Harvard Business Review (1987).** Volume: 65, Issue: 6, Publisher: Harvard Business School Publication Corp.,Pages: 101-109 - **ISSN:** 00178012.

GIDRÃO, S.S.; SANTOS, A.C.D.; **Avaliação da Uniformidade e Qualidade do Controle Tecnológico do Concreto Efetivado em Laboratórios**. In: Anais do 55º Congresso Brasileiro do Concreto CBC 2013. Anais: IBRACON-2013. ISSN 2175-8182

GOMES, P.J.P. **A evolução do conceito de qualidade: dos bens manufaturados aos serviços de informação**. In Cadernos BAD. Associação Portuguesa de Bibliotecários e Arquivistas e Documentalistas, 2004.pp.6-18.

INIESTA, P. N. **A gestão da qualidade**. In ENCICLOPÉDIA Administração de Empresas. São Paulo: Nova Cultural, v.2,1986. pp.421-432.

LAUGENI, F. P.; MARTINS, P. G. **Administração da produção.** 2ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MELHADO, Silvio B., OLIVEIRA, Otávio J. **Gestão da Qualidade Tópicos Avançados**. 1 ed. São Paulo: CENCAGE Learning. 2009, 243.p ISBN13: 9788522103867

NOVAES, C. C**. Ações para controle e garantia da qualidade de projetos na construção de edifícios.** In: Workshop Nacional de Gestão do Processo de Projeto na Produção deEdifícios. Anais: USP-São Carlos, São Carlos, 2001.

PICHHI, F.A; AGOPYAN, V.**:Sistemas da qualidade na construção de Edifícios**, Boletim Técnico da Escola Politécnica da USP. Departamento de Engenharia de Construção Civil, BT/PCC/104,1993. EPUSP. São Paulo, 1993.

PROGRAMA BRASILEIRO DA QUALIDADE E PRODUTIVIADE DO HABITAT - PBPQ-H - Disponível em <http://www.cidades.gov.br/pbqp-h/pbqp_apresentacao.php> Acesso em 15-out-2013.

QUEIROZ, E. K. R. **Qualidade segundo Garvin**. 1ª. ed. São Paulo: ANNABLUME, 1995. 118 p.

ROCHA, L.J.J,**Qualidade na Construção Civil** - Conceitos e Referenciais. Boletim Técnico da Escola Politécnica da USP. BT/PMI, 1993. São Paulo, 1993 – ISSN 0103-9830.

SOUZA, Roberto. **A qualidade no setor da construção.** In___ Gestão da Qualidade Tópicos Avançados. 1 ed. São Paulo: CENCAGE Learning. 2009, 243.p.

DIFICULDADES EM MATEMÁTICA AO INGRESSAR NO ENSINO SUPERIOR NOS CURSOS DA ÁREA DE EXATAS

Elivelton Henrique Gonçalves[03]
Gilmar Antoniassi Júnior[04]

RESUMO -As dificuldades expressas à disciplina de Matemática ao ingressar no Ensino Superior nos cursos da área de exatas têm-se tornado frequentes em praticamente todas as disciplinas que envolvem os conceitos matemáticos. É necessário buscar os prováveis motivos destas dificuldades e trabalhar de forma que possa saná-las. Este trabalho tem como objetivo assinalar as dificuldades dos ingressantes nos cursos da área de exatas nos conceitos matemáticos, enumerar os possíveis motivos destas dificuldades, quando existirem, e citar métodos que podem ser adotados na tentativa se sanar as dificuldades dos alunos. O estudo foi realizado por meio de revisão literária, de forma qualitativa e exploratória. Os resultados mostram que a grande maioria dos alunos que ingressam no Ensino Superior nos cursos da área de exata apresentam dificuldades nas disciplinas que envolvem a Matemática, as causas estão relacionadas à interrupção nos estudos após a conclusão do Ensino Médio e/ou dificuldades apresentadas no Ensino Médio que não foram devidamente sanadas devido a diversos fatores. Mas existem métodos que os professores podem adotar na tentativa de auxiliar estes alunos, tais como: aulas de nivelamento, monitoria, dentre outros.

Palavras-chave: Dificuldades em Matemática. Ingressantes no Ensino Superior. Estratégias de aprendizagem.

Difficulties em Mathematicsthego in intotheHighereducationonthecoursesfromareaof exatas

ABSTRACT -The difficultiesexpressedthe discipline ofMathematicstheenterhighereducation in exactareacourseshavebecomefrequent in virtuallyall disciplines involvingMathematicalconcepts. It isnecessarytogetthelikelyreasonsthesedifficultiesandworktoaddressthem. Thisstudyaimsto examine thedifficultiesofentering in theexactareacourses in mathematicalconcepts, enumeratingthepossiblereasonsofthesedifficulties, whentheyexist, and cite methodsthatcanbeadopted in anattempttoremedythedifficultiesofstudents. The studywasconductedthroughliteraryreview, qualitativeandexploratoryway.

[03] Graduado em Matemática e especialista em Docência e Didática no Ensino Superior, ambos pela Faculdade Cidade Patos de Minas (FPM). eliveltonhg@hotmail.com
[04] Professor do Departamento de Graduação em Psicologia/FPM. Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca. jrantoniassi@hotmail.com

The results show thatthevastmajorityofstudentsenteringhighereducation in coursesoftheexactareapresentdifficulties in the disciplines thatinvolvemathematics, the causes are relatedtotheinterruption in studiesaftercompletionof high schooland/ordifficultiespresented in high schoolandthathavenotbeendulyremediedduetoseveralfactors. Butthere are methodsthatteacherscanadopt in anattemptto help thesestudents, such as: leveling classes, tutoring, amongothers.

Keywords: Difficulties in mathematics. Entering in highereducation. Learning strategies.

Introdução

As dificuldades enfrentadas pelos alunos queingressam no Ensino Superior em cursos ligados à área de exatas são cada vez mais frequentes, por exigirem em praticamente todas as disciplinas conhecimentos básicos, principalmente em Matemática, e se tais adversidades não forem devidamente sanadas, estes alunos enfrentarão obstáculos de aprendizagem em quase todas as disciplinas.

Esta pesquisa tem como objetivo assinalar as dificuldades nos conceitos matemáticos ao ingressar no Ensino Superior nos cursos da área de exatas, enumerar os prováveis motivos destas dificuldades, nos casos em que houver, e citar possíveis métodos que podem ser adotados na tentativa de auxiliar os alunos a sanarem suas dificuldades.

O presente estudo foi realizado por meio de uma revisão literária de caráter qualitativo e exploratório com consulta em livros, monografias, dissertações, teses, revistas, as quais abordem as dificuldades apresentadas pelos alunos ingressantes no Ensino Superior nos conceitos matemáticos. As fontes literárias foram buscadas em base de dados indexados, utilizando-se de descritores: dificuldades em Matemática, ingressantes no Ensino Superior, estratégias de aprendizagem.

O estudo visa abordar a breve caracterização do Ensino Médio, destacando quais são suas finalidades e conhecimentos relacionados à Matemática que os alunos devem dominar ao concluí-lo, e se realmente o ensino médio está cumprindo seu objetivo de munir os alunos de conhecimentos necessários para atender seus interesses acadêmicos e/ou profissionais. Apresentar às dificuldades que muitos alunos possuem ao ingressarem no ensino superior nos conceitos matemáticos e os prováveis motivos que os levaram a apresentarem estas dificuldades. E por fim discutir os métodos e estratégias que os professores do ensino médio e universitários podem adotar na tentativa de auxiliar estes alunos a sanarem suas deficiências em Matemática, tornando a aprendizagem mais significativa e prazerosa.

O Ensino Médio e a Matemática

A generalização tardia do ensino fundamental no Brasil é a razão principal para que o Ensino Médio apareça com força nunca vista antes no início do século 21. Além disso, nas duas últimas décadas, o Ensino Médio alcança crescente destaque no cenário nacional por várias razões. Algumas se referem às diversas mudanças socioeconômicas, tecnológicas e culturais da atualidade, que não mais preza apenas por conhecimentos técnicos, como era anteriormente o foco principal do Ensino Médio a profissionalização, mas também amplas habilidades cognitivas e características comportamentais, como: capacidade de abstração, raciocínio, domínio de símbolos e de linguagem matemática; iniciativa, responsabilidade, cooperação, capacidade de decisão para o trabalho em equipe, etc. (NEUBAUER et al., 2010).

No Brasil, foi elaborado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, que prevê a expansão da obrigatoriedade da escola básica até o nível médio. Desse modo o Ensino Médio se torna a etapa mediana entre os Ensinos Fundamental e Superior, e a etapa de consolidação da educação básica, de aprimoramento do educando como pessoa humana, de aprofundamento dos conhecimentos aprendidos no Ensino Fundamental para continuar estudando e de preparação básica para o trabalho e a cidadania (MEC, 2009).

O Art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, (1996) ao estabelecer o Ensino Médio como etapa final da Educação Básica, estabelece também que o mesmo representa a conclusão de um período de escolarização de caráter geral. Reconhece o Ensino Médio como parte de uma fase da escolarização que tem por intuito o desenvolvimento do indivíduo, garantindo-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, munindo-o de meios para progredir no trabalho e prosseguir em estudos posteriores.

Ilustrando o que foi citado anteriormente, o Art. 35 da LDB (1996) determina as finalidades do Ensino Médio e em seu Art. 36 estabelece em seu paragrafo 1º, as competências e habilidades, que os alunos devem demonstrar ao término do Ensino, conforme pode ser observado:

> Art. 35. O Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade:I - a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando como pessoa

> humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;III - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.
>
> Art. 36, § 1º. Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem; III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

Com a reforma curricular do Ensino Médio, foi estabelecida uma divisão do conhecimento escolar emáreas, por entender que os conhecimentos estão cada vez, mas interligados tanto no campo técnico-científico, como também no âmbito do cotidiano da vida social. A organização foi realizada em três áreas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e suas Tecnologias. A divisão foi realizada reunindo aqueles conhecimentos que se comunicam mais facilmente, e desse modo criando possibilidades para que na prática escolar haja o desenvolvimento de interdisciplinaridade (PCN, 2000).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN, (2000) no Ensino Médio, última etapa da escolaridade básica, a Matemática deve ser entendida como importante fator do conhecimento e importante colaboradora na construção da visão de mundo, capaz de levar os jovens a lerem e interpretarem a realidade e desenvolverem capacidades que serão exigidas a eles no decorrer de toda a sua vida social e profissional. Compreender Matemática é de suma importância para que cada cidadão possa agir de forma prudente e tome decisões certas em sua vida pessoal e profissional. No Ensino Médio aprender Matemática não é apenas memorizar resultados e procedimentos, adquirir o conhecimento matemático está ligado ao saber fazer Matemática e ao saber pensar matemático.

Se o Ensino Médio prepara o aluno para as necessidades que surgem ao decorrer da sua vida, como o ingressante no Ensino Superior apresenta tantas dificuldades, pois é nesse momento que se tem todas as condições necessárias para se aprofundar os conceitos que foram estudados. Entender os conceitos básicos matemáticos é importantíssimo para que o aluno consiga atingir o esperado. Refletindo-se sobre estas colocações, surgem as indagações: será que no Ensino

Médio os alunos conseguem adquirir o conhecimento matemático, ou representam mais um número que finalizou o ensino básico, sem alcançar o conhecimento indispensável para o aprimoramento no Ensino Superior? Será que os alunos estão realmente sendo preparados nas escolas de Ensino Médio para uma futura vida universitária? (GONÇALVES, 2007).

Muitos alunos deixam o ensino médio e inicia a vida universitária sem saber Matemática básica. Pesquisas realizadas demonstram que os estudantes desconhecem regras de porcentagem, sentem dificuldade para responder questões que envolvem raciocínio lógico e não sabem resolver problemas matemáticos que deveriam ser dominados no ensino fundamental. Os alunos não reúnem conhecimentos básicos para calcular as taxas de juro de uma compra a prazo, dificilmente serão aprovados em vestibulares e concursos públicos e terão reduzidas as chances de conseguir promoções no trabalho (MARQUES, 2011).

Segundo Santos, França e Santos (2007) alguns fatores devem ser levados em consideração e que podem acarretar dificuldades na compreensão da Matemática, são eles:a) o algebrismo, aqueles (tanto professor como aluno) que têm por interesse apenas a parte algébrica pura, não tem empenho em buscar a aplicação de suas demonstrações na prática. Essa abstração para o aluno que não tem uma base em Matemática é prejudicial e traz mais confusão que a construção do seu conhecimento, e ao professor algebrista que às vezes não estudou Didática ao ministrar aulas no ensino médio, quando os alunos se depararem com cálculos e expressões difíceis de resolver, eles não vão ter interesse em aprender, apenas aprender para realizar a prova; b) professores desmotivados, devido ao baixo salário, trabalhar em mais de uma jornada de trabalho, salas cheias, etc. E muitos destes professores não possuem tempo para participarem de cursos de capacitação, tornando dessa forma o ensino da Matemática complicado aos alunos que tem dificuldades de raciocínio matemático. Mas, por outro lado, existem profissionais que buscam um maior aprimoramento e aperfeiçoamento de seu trabalho e compartilham suas experiências.

Os professores não devem assumir a postura de apenas depositar, transferir conhecimento aos alunos, ele deve adotar uma atitude de mediador do conhecimento, auxiliando seus alunos a construir o seu saber. O bom professor exerce o papel de formador de opiniões e de caráter ao longo da vida dos alunos. Ele pode levar os alunos a ter simpatia ou antipatia com a disciplina, causar traumas e dificuldade de aprendizagem no decorrer da vida escolar. No entanto sua atuação e presença podem despertar interesse e prazer em aprender (OLIVEIRA, 2007).

Ainda segundo Santos, França e Santos (2007) poderá acarretar dificuldades em Matemática:c) alunos desinteressados, a grande maioria dos alunos não gosta da Matemática ou possuem alguma dificuldade para aprendê-la, muitos não gostam

porque não aprendem e/ou não aprendem porque não gostam, mas seja qual for o motivo, os alunos quase sempre atribuem suas dificuldades a fatores externos e, muitas vezes, não têm consciência de que são corresponsáveis nesse processo.

O processo ensino-aprendizagem é mais eficiente e eficaz quando o aluno se sente motivado a aprender. O professor deve procurar saber aquilo que pode ou não motivar seu aluno em sala. Muito da motivação do aluno vai depender da própria motivação do professor em conhecer e ensinar. A relação professor-aluno pode motivar o estudante profundamente, fazendo com que ele aprenda mais e melhor. Pois nada adianta técnicas eficientes, boa apresentação do conteúdo, recursos caros, etc., se o estudante não tiver vontade de aprender e não se sentir à vontade em sala de aula (OLIVEIRA, 2007).

Para finalizar Santos, França e Santos (2007) também afirma que as dificuldades em Matemática podem ser acarretas por: c) pais que não motivam os filhos, pais ao distanciarem da vida escolar dos filhos, principalmente, na adolescência é uma das principais causas das dificuldades, consequentemente, influência nos problemas futuros. É preciso que a responsabilidade dos estudos seja compartilhada com os pais e professores.

Outro importante fator que também pode acarretar dificuldades nos conceitos básicos matemáticos é o intervalo de tempo entre o término do Ensino Médio e seu ingresso no Ensino Superior, os alunos acabam ficando muito tempo sem estudar, isso faz com eles esqueçam muito conteúdo (GONÇALVES, 2007).

Existe uma preocupação crescente em torno desse tema. Mas não se deve procurar culpados, é necessário pensar no todo, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior, e trabalhar de forma conjunta (governo, escola, professores, alunos, pais e a comunidade) e buscar soluções rápidas que consigam reverter esse problema, pois as deficiências nesta área estão aumentando gradativamente (GONÇALVES, 2007).

Dificuldades em Matemática no Ensino Superior

Nos últimos anos, ingressar no Ensino Superior se tornou mais fácil, em vista disso, milhões de brasileiros ingressam todos os anos neste nível de ensino. Para muitos, representa uma nova fase em suas vidas um sonho, uma ascensão profissional ou a oportunidade que seus pais não alcançaram. Mas, no proceder do curso, muitos desistem pelos mais diferentes motivos, especialmente, nos cursos que possuem em seu currículo as disciplinas relacionadas à área de exatas. Isso pode ser ocasionado devido às dificuldades enfrentadas no ensino das matérias de exatas nos

níveis anteriores ao superior, são essas disciplinas que mais sofrem com a falta de professores, em especial no Ensino Público; e/ou também devido a disciplina de Matemática ser ministrada de maneira tradicional, deixando lacunas na aprendizagem destes alunos causando muitas deficiências futuras (UTRERA, 2011).

Uma das grandes dificuldades encontradas pelos alunos ingressantes em cursos do Ensino Superior, principalmente naqueles ligadas a área das exatas, são as disciplinas que envolvem conceitos básicos em Física, Química e especialmente na Matemática. Partindo do pressuposto de que as outras disciplinas dependem destes conceitos, se estes alunos não sanarem suas deficiências, terão dificuldades em praticamente todas as matérias (GALERA; ALEIXO; ROSA, 2012).

As dificuldades apresentadas pelos alunos que ingressam no Ensino Superior na Matemática, segundo Gonçalves (2007), são cada vez mais frequentes e estão aumentando gradativamente no decorrer dos anos. Como resultado disso observa-se o baixo rendimento, alto nível de reprovação e evasão nas disciplinas que envolvem os conceitos matemáticos no transcorrer dos semestres. Além disso, segundo Utrera (2011), a desistência dos alunos do curso superior, devido principalmente às dificuldades que encontram na disciplina de Matemática, sobretudo por falta de conhecimentos prévios, também está relacionada à didática adotada neste nível de ensino pelos professores, ou melhor, pela falta de didática.

Muitas vezes, de acordo com Santos, França e Santos (2007), tem-se em sala de aula matemáticos, ou seja, professores que sabem, dominam a matéria, o conteúdo, entretanto não tem didática apropriada para passá-la aos alunos, não vão de encontro com as necessidades do aluno. Pois, ensinar os conceitos da Matemática sem a demonstração real, não se cria o ambiente favorável ao ensino-aprendizagem. Aprender Matemática não é tarefa fácil, por isso é necessário inovar o ensino, mostrar a importância desta área do conhecimento no dia a dia, e desse modo os alunos tendem a se tornarem sujeitos críticos e participativos permitindo que o processo de ensinar e aprender possa fluir com naturalidade.

O baixo desempenho em Matemática por parte dos alunos é comum em muitos países, não sendo particular do Brasil. Atualmente o ensino da Matemática se resume em regras mecânicas, as quais ninguém sabe como e onde aplicar. Falta aos docentes formação, que os possibilitem considerar os conhecimentos prévios dos alunos, as novas situações e saberes a construir (SADOVSKY, 2007).

O professor do Ensino Superior desempenha uma função muito importante, o de formador de pessoas, de profissionais, preparando-as para a vida, por isso é preciso que os professores construam sua didática a fim de oferecer aos seus alunos um aprendizado significativo, para isso não é necessário apenas títulos de mestres ou doutores é preciso ter experiência, prática docência, e muitos professores adquirem a sua ministrando aulas no ensino fundamental e médio e/ou através de cursos de

formação. As instituições de Ensino Superior devem buscar profissionais que compreendam que a profissão de professor não é hobby, e sim uma arte (UTRERA 2011).

Ao se introduzir as disciplinas específicas dos cursos, as dificuldades apresentadas pelos alunos são tantas, que os próprios alunos dizem que é o professor que não transmiti o conhecimento de forma clara, ou não encontram aplicabilidade da disciplina na sua vida profissional. Por outro lado os professores ao tratarem deste assunto atribuem o baixo desempenho, na desmotivação, nas dificuldades de raciocinar e nos hábitos de estudar dos alunos, não contribuindo para o crescimento da sua autonomia nos estudos, ou também na precariedade da formação básica que tiveram anteriormente (BARBOSA, 2004).

Diversos fatores influenciam a qualidade do ensino, desde falhas no processo de ensino-aprendizagem, por parte do aluno, do professor, da instituição ou até mesmo dos três juntos. Diferentes são os motivos que dificultam o aprendizado, entre elas pode-se citar a desmotivação do aluno, dificuldade no aprendizado e principalmente a falta de conhecimentos acerca dos conceitos matemáticos, por isso não se deve ficar procurando culpados, mais sim trabalhar conjuntamente na tentativa de buscar maneiras de se reverter esse quadro (SANTOS; BORGES NETO, 1992).

As Leis de Diretrizes e Bases, LDB,(1996) assinala como um dos objetivos da educação superior formar habilitados diplomados capazes de participar e contribuir para o processo de desenvolvimento do Brasil. Para isso, acrescenta Cury (2000)devem-se formar profissionais que tenham essa capacidade de desenvolver e ampliar a ciência e a tecnologia em todo país, para tal têm-se que buscar solucionar todas as dificuldades na aprendizagem dos alunos.

Os índices de desistência no primeiro ano, ou semestre, dos cursos do Ensino Superior, são alvo de preocupação já há algum tempo, levando a grandes discussões nos meios acadêmicos, principalmente entre os professores das áreas de exatas. Percebe-se que as dificuldades demonstradas pelos alunos na disciplina de Matemática, a insatisfação dos mesmos por não conseguirem prosseguir no curso, vem provocando insatisfação de alguns professores e instituições. Mas muitas vezes a responsabilidade é compartilhada entre o corpo docente e discente, bem como das próprias instituições.Um fator predominador no baixo rendimento e alto índice de insatisfação dos alunos deve-se à falta de compreensão dos conceitos básicos no Ensino Fundamental se estendendo até o Ensino Médio, e as falhas ocasionadas nestes níveis de ensino acarretam em sérios problemas no desenvolvimento dos assuntos no nível superior. Porém a responsabilidade nem sempre é do aluno, muitas vezes são originadas por falhas do sistema de ensino em que são oriundos, bem como, muitos ingressam nas instituições de nível superior com idade avançada e fizeram uma interrupção em seus estudos(UTRERA, 2011).

Para os alunos que apresentam muitas dificuldades em entender as situações problemas que a Matemática propõe, aconselha-se uma metodologia diferenciada de aprendizagem. O ensino tradicional não atende às dificuldades que alguns alunos apresentam, fazendo surgir à necessidade de uma educação, onde o aprender a aprender faça parte do dia a dia dos alunos e professores. A mudança da metodologia tem um importante papel na transformação do processo de ensino aprendizagem, pois ainda não se pode mudar o currículo dos cursos superiores ou as exigências dos vestibulares, então, existe a necessidade da elaboração de aulas diferenciadas de Matemática para que os alunos mudem ser modo de pensar sobre a disciplina, tornando o processo de aprendizagem da Matemática mais proveitosa eeficiente (SANTOS, FRANÇA, SANTOS, 2007).

Métodos para sanar as dificuldades em Matemática

Algumas instituições de ensino superior, já se programam e realizam medidas na tentativa de solucionar o problema das dificuldades apresentadas pelos alunos nos conceitos matemáticos, tais como: Plano de Nivelamento, Aulas de Nivelamento, Monitoria, utilização de jogos, entre outros. São medidas que ajudam os alunos ingressantes, e que apesar do custo para as instituições, que são mínimos se comparados aos custos decorridos da evasão, também provoca a satisfação dos alunos, pelo lado afetivo, estes sentem a preocupação com a sua aprendizagem. E este deve ser o objetivo das instituições e dos educadores que acreditam na Educação e na capacidade do ser humano, e, sobretudo na sua capacidade transformadora através do conhecimento e a oportunidade de compartilhá-lo(UTRERA, 2011).

Não existe uma receita pronta e acabada para que se possa seguir para encarar os desafios de ensinar Matemática. Não há um caminho, que possa seridentificado como único e/ou melhor para o ensino de alguma disciplina, em especial da Matemática. Contudo, conhecer distintas possibilidades de trabalho em sala de aula é essencial para que o professor construa a sua prática e auxilie o aluno na compreensão da disciplina. Antes de se optar por um material ou metodologia deve-se refletir sobre o papel de cada um e sobre o tipo de aluno que se quer formar (PCN, 1998).

Ensinar Matemática é desenvolver o raciocínio lógico, estimular o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas dos alunos. Os professores de Matemática devem procurar opções que motivem os alunos a aprender, desenvolvendo a autoconfiança, a organização, concentração, atenção, raciocínio lógico-dedutivo e o senso cooperativo, aumentando a socialização e as interações entre os indivíduos (SANTOS, FRANÇA, SANTOS, 2007).

Diante da evolução tecnológica, através de recursos mais diversos, as alternativas de ações educativas foram expandidas, auxiliando na ampliação do saber. Com a diversificação e a qualidade destas informações, os professores não podem mais serem repetidores de conteúdos, necessitam tornar as aulas mais criativas, desenvolvendo a capacidade de reflexão e crítica para estimular os alunos a aprendizagem (UTRERA, 2011).

Os avanços tecnológicos, do progresso, exigem-se novas práticas, novos métodos de ensino. Hoje têm-se computadores e calculadoras e outros elementos tecnológicos que realizam, de forma rápida, prática e eficiente às tarefas propostas, os alunos acabam ganhando tempo na resolução dos cálculos. Desse modo espera-se que os professores possibilitem aos alunos a capacidade de lerem diferentes representações e elaborarem diferentes ideias para a formulação de novos problemas, formando assim sua autonomia. Isso significa que tanto os professores de Matemática como a as instituições do Ensino Superior devem buscar estar em evolução constante para atuarem no mundo moderno. Perante a estes avanços tecnológicos o homem precisa estar preparado para sobreviver em um mundo tão competitivo, e a aplicação da Matemática faz se necessário (SANTOS, FRANÇA, SANTOS, 2007).

De acordo com autor supracitado a Matemática é uma ciência que está presente em toda parte, e ela não se traduz em um processo mecânico de se encontrar um resultado, e sim em um processo de ideias lógicas, que instigam e levam as pessoas a raciocinar, questionar e desenvolver sua percepção lógica.

Um dos métodos adotados pelos professores universitários para tentarem auxiliar os universitários ingressantes a suprirem suas dificuldades nos conceitos básicos matemáticos são as aulas de nivelamento, que é realizado em horário extraclasse, o qual busca reforçar conceitos básicos da Matemática e preparar esses universitários para as disciplinas do curso, diminuindo dessa forma até possíveis desistências devido a não compreensão da matéria. Através do nivelamento os professores podem acompanhar mais de perto o aluno e descobrir as maiores dificuldades que eles apresentam, pois apenas a partir de um problema conhecido pode-se resolvê-lo. Depois de descoberto as dificuldades dos alunos, o professor então desenvolve sua atividade de forma a sanar estas deficiências contribuindo desta forma para que o aluno possa suprir suas dificuldades e consiga ter um bom desenvolvimento dentro do seu curso (GALERA; ALEIXO; ROSA, 2012).

A monitoria é um método que também pode ser adotado na tentativa de auxiliar os alunos a superarem sua dificuldade em Matemática. Bariani e Guanais (2007) afirma que a monitoria é um componente de grande importância nos de cursos e instituições de ensino superior. Com a atuação de monitores em diversas disciplinas propiciam-se vantagens importantes aos alunos monitorados, aos

monitores e aos professores. O exercício da monitoria permite que o aluno, que cursou recentemente a disciplina, identifique mais rapidamente as necessidades e as dificuldades apresentadas pelos estudantes e contribua em seus processos de aprendizagem. Além disso, é a oportunidade para os monitores adquirirem conhecimentos e desenvolverem habilidades para a prática pedagógica que lhes será útil para o futuro exercício da docência. O trabalho dos monitores é de fundamental importância no contexto universitário.

André (2009) ressalva que ao capacitar alunos para serem monitores, devem-se seguir alguns critérios, o primordial é o bom desempenho nos conteúdos matemáticos, serem capazes de auxiliar os alunos a compreenderem os conteúdos propostos e disporem de tempo livre. O alunomonitor pode atuar como auxiliador do professor em sala de aula e também em horário extraclasse oferecendo uma orientação mais dirigida e individualizada no seu processo de aprendizagem. Ao mesmo tempo, promove-se também uma interação entre os alunos desenvolvendo hábitos de estudo em grupo e individual, proporcionando situações que facilitem aos alunos a discussão e reavaliação de conceitos e práticas que os auxiliaram na aprendizagem matemática. O aluno monitor se torna um facilitador do processo ensino-aprendizagem e reaprende os conteúdos da matemática básica para poder ensinar.

Santos, França, Santos(2007), aponta outra alternativa de ajudar o aluno na abstração e consequentemente auxiliá-los a sanarem suas dificuldades em Matemática é a utilização de jogos matemáticos em sala de aula, isso estimula o raciocínio-lógico, algo de fundamental importância que precisa ser despertado nos alunos. Mas antes de optar por um jogo, deve-se refletir sobre os objetivos e metas que se deseja alcançar com este jogo, pois o professor não pode escolher algum tipo de material porque ele é atraente ou lúdico. É importante que jogo contribua de alguma forma na aprendizagem do aluno.

Os autores citados anteriormente afirmam em suma, que não se pode dizer que com os métodos e alternativas discutidas, irão conseguir sanar todas as dificuldades nos conceitos matemáticos e todos os problemas acarretados por estas dificuldades, que há muito tempo se encontra tão presente em todos os níveis de ensino, mas são opções de um leque que já existem e que possuem sua importância no meio educacional.

Conclusão

Os estudos apontam que as dificuldades apresentadas pelos alunos ingressantes no Ensino Superior no que tange os conceitos matemáticos nos cursos da área de extas são muito preocupantes, é necessário que tanto professores, como escolas e faculdades trabalhem de forma a auxiliar estes alunos a superar suas deficiências, pois caso contrário enfrentaram obstáculos de aprendizagem em praticamente todo o curso, acarretando em reprovações e evasão nas disciplinas que envolvem estes conceitos.

Constatou-se que os possíveis motivos da dificuldade dos alunos estão relacionados a uma interrupção dos estudos após a conclusão do Ensino Médio, retornando aos estudos após um longo período de tempo e/ou dificuldades apresentadas por esses alunos no Ensino Médio e que não foram devidamente sanadas, devido, por exemplo, a alunos desmotivados, a falta de apoio e presença ativa dos pais na vida escolar, aos professores que utilizam métodos arcaicos, aulas centradas em repetição mecânicas de fórmulas e cálculos e às vezes escolas, tanto públicas (governo) como particulares, preocupadas apenas com resultados, números, e não com a real aprendizagem dos alunos.

Existem vários métodos que podem ser utilizados na tentativa de auxiliar os alunos a superarem suas dificuldades, alguns destes métodos foram citados neste artigo, mas eles por si só não garantem que as dificuldades e problemas oriundos serão sanados, contudo oferecem suporte ao processo de ensino-aprendizagem proporcionado aos alunos à oportunidade de entenderem e se envolverem com a Matemática, amenizando assim suas dificuldades com a disciplina.

Referências

ANDRÉ, Neusa. **Reaprender a aprender e ensinar Matemática.** 2009. 33 f. Artigo - Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE, Secretaria de Estado e Educação do Governo do Paraná, Campo Mourão, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2332-8.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2014.

BARBOSA, Marcos Antonio. **O insucesso no ensino e aprendizagem na disciplina de Cálculo Diferencial e Integral.** 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_arq uivos/2/TDE-2005-09-19T124018Z-193/Publico/Marcos%20Edu.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2013.

BARIANI, Isabel Cristina Dib; GUANAIS, Maria Adelina B.. Monitores: importantes facilitadores do processo ensino-aprendizagem. In: ENCONTRO DE MONITORIA, 1., 2007, Campinas. **Caderno de Resumos.** Puc-Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.puc-campinas.edu.br/websist/academico/monitoria/encontros/resumos do i encontro de monitoria.doc>. Acesso em: 10 ago. 2014.

CURY, Helena Noronha. Estilos de aprendizagem de alunos de Engenharia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA, 28., 2000, Ouro Preto. **Anais.** Porto Alegre, 2000. Disponível em: <http://www.unibarretos.edu.br/v3/faculdade/imagens/nucleo-apoio-docente/ESTILOS%20DE%20APRENDIZAGEM% 20ALUNOS%20ENG.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2013.

GALERA, Raphael Faustino; ALEIXO, João Paulo; ROSA, Fabiana de Oliveira. Eficiência do nivelamento para a disciplina de cálculo diferencial e integral. In: CONEX - ENCONTRO CONVERSANDO SOBRE EXTENSÃO, 10., 2012, Uvaranas. **Apresentação Oral - Resumo Expandido.** Uvaranas, 2012. p. 1 - 6. Disponível em: <http://www.uepg.br/proex/anais/trabalhos/280.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2013.

GONÇALVES, Cristina Filber. **Dificuldades em Matemática ao ingressar no Ensino Superior.** 2007. 74 f. Monografia (Graduação) - Curso de Matemática, Centro Universitário La Salle, Canoas, 2007. Disponível em: <http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/graduacao/matematica/2007/cfgoncalves.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2013.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDB). Ministério da Educação. Da Educação Superior. Brasília: MEC, 1996. p. 16-21. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 06 de jul. 2013.

MARQUES, Raul. Alunos do ensino médio não sabem matemática. **Diário da Região: Diário Web.** São José do Rio Preto, 06 set. 2011. Disponível em: <http://www.diarioweb.com.br/NOVOPORTAL/NOTICIAS/Educacao/76375,,Alun

os+do+ensino+medio+nao+sabem+matematica.aspx>. Acesso em: 14 jul. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Ensino Médio Inovador.Brasília: MEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ensino_medioinovador.pdf>. Acesso em: 16 de ago. 2014.

NEUBAUER, Rose et al. Ensino médio no Brasil: Uma análise de melhores práticas e de políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** Brasília, v. 92, n. 230, p.11-33, jan./abr. 2011. Quadrimestral. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1822/1378>. Acesso em: 16 ago. 2014.

OLIVEIRA, RosieleJuvino de. **O Bom Professor de Matemática segundo a Percepção de Alunos do Ensino Médio.** 2007. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Matemática, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/100/103/TCC/12007/RosieleJuvinodeOliveira.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2014.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN). Ensino Médio. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.Brasília: MEC, 2000. p. 40-46.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN). Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 39-42.

SADOVSKY, Patrícia. Falta fundamentação didática no ensino da Matemática. **Nova Escola**: Abril, São Paulo, n. 199, fev. 2007. Mensal. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/matematica/fundamentos/fundamentacao-didatica-ensino-matematica-428262.shtml>. Acesso em: 30 jun. 2013.

SANTOS, Josiel Almeida; FRANÇA, Kleber Vieira; SANTOS, Lúcia Silveira Brum dos. **Dificuldades na Aprendizagem de Matemática.** 2007. 41 f. Monografia (Graduação) - Curso de Matemática, Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Monografia_Santos.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2013.

SANTOS, Raimundo Morais; BORGES NETO, Hermínio. **Avaliação do desempenho no processo de ensino-aprendizagem de Cálculo Diferencial e Integral I:** O caso da Universidade Federal do Ceará. Ceará, 1992. Disponível em: <http://www.multimeios.ufc.br/arquivos/pc/artigos/artigo-avaliacao-do-desempenho-no-processo-de-ensino-aprendizagem.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2013.

UTRERA, Rosana das Graças. **A preocupação com a desistência dos alunos no Ensino Superior em decorrência da falta de pré-requisitos.** 2011. 28 f. Monografia (Especialização) - Curso de Docência e Pesquisa para o Ensino Superior, Faculdade de Tecnologia Fortec, São Vicente, 2011. Disponível em: <http://www.fortec.edu.br/mkt/fatefeletronican1.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2014.

DESENVOLVIMENTO DE NOVAS TECNOLOGIAS MIDIÁTICAS E LUDICIDADE: UMA PROPOSTA PARA EXPANDIR O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL LOBO GUARÁ

Paulo Roberto Ferreira Bomfim[05]
Aroldo Vieira de Moraes Filho[06]
Karla de Castro Pereira[07]

Resumo:

Os jogos eletrônicos têm demonstrado potencial para despertar o interesse dos estudantes e desenvolver atitudes compatíveis com o que se pretende nas atividades destinadas à Educação Ambiental (EA). Diante disto, o presente trabalho se concentrou no desenvolvimento de um jogo eletrônico educacional destinado principalmente aos alunos inscritos no Curso de Guardiões Ambientais, oferecido nas escolas de Ensino Fundamental I pela Polícia Militar do Distrito Federal. A criação desta nova ferramenta atende aos critérios estipulados por Thomas Reeves para a avaliação de jogos eletrônicos educacionais. O jogo desenvolvido cria um ambiente favorável à EA, com desdobramentos em outros aspectos do ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Jogo educativo. Dramatização. Polícia Comunitária.

Development of new media technologies and playfulness: a proposal to expand the Environmental Education Program Lobo Guará

Abstract:
The electronic games have shown potential to arouse students' interest and develop attitudes compatible with what is intended in activities aimed at environmental education. Hence, the present study focused on the development of an educational electronic game aimed mainly at students enrolled in the Environmental Guardians Program, offered in primary schools I by the Military Police of the Federal District. The creation of this new tool meets the criteria stipulated by Thomas Reeves for the

[05] Bacharel em Teologia pela Faculdade Assembleiana (2003), Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade de Brasília (2011), pós-graduado em Tecnologias Aplicadas ao Ensino da Biologia pela Universidade Federal de Goiás (2014) - ETAEB. Participa como pesquisador do Programa de Educação Ambiental Lobo-guará, da Polícia Militar do Distrito Federal. Tem experiência na área de Educação em Ciências e Biologia, Educação Ambiental. Email: paulobiounb@gmail.com

[06] Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Morrinhos. Especialista em Tecnologias aplicadas ao Ensino de Biologia (ETAEB) e Mestre em Biologia - área de concentração Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é doutorando em Ciências Biológicas - área de concentração: Genética e Bioquímica pela UFG e Professor Orientador de Trabalho de Conclusão da ETAEB/UFG. Tem experiência na área de Genética Toxicológica e Ensino de Genética.

[07] Doutoranda em Biotecnologia e Biodiversidade (UFG). Licenciada em Ciências Biológicas (2005) e Mestre em Biologia (2010) pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professora do Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Hidrolândia. Tem experiência na área de Genética, com ênfase em Mutagênese, atuando principalmente nos seguintes temas: Drosophila melanogaster, teste SMART, genotoxicidade, antigenotoxicidade, pacari e esporão-de-galo. Também tem experiência na área de Biotecnologia, com ênfase em nanotecnologia e produtos naturais (Orientadora).

evaluation of educational electronic games. The game developed creates a favorable environment to environmental education, with developments in other aspects of teaching and learning.

Keywords: Educational game. Dramatization. Community Policing.

Introdução

A Educação Ambiental (EA) é uma vertente do ensino de Biologia muito desafiadora que simboliza um tema extremamente relevante no contexto socioeconômico atual. Todas as ações voltadas ao amplo desenvolvimento da chamada consciência ambiental merecem atenção e são dignas de exame mais acurado, no sentido de identificar aspectos positivos ou apontar possíveis inovações, inclusive tecnológicas.

Criar mecanismos para envolver a sociedade na tarefa de preservação do ambiente é uma forma promissora de obter resultados satisfatórios. Por meio da EA aplicada aos alunos do Ensino Fundamental, é possível dar início a formação de cidadãos mais participativos e também multiplicadores dos conhecimentos adquiridos, porquanto se colocam no papel de formadores de opinião. Corroborando esse argumento, LOUREIRO (2004, p. 12) aponta,

> A participação é o cerne da aprendizagem política, da gestão democrática de uma escola, um lar, uma comunidade, enfim, de um ambiente, e é por meio dela que vinculamos a educação à cidadania e estabelecemos os elos para formulações transdisciplinares e ampliadas acerca da realidade.

Com esse propósito, um grupo pertencente à Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) desempenha há alguns anos uma atividade voltada para a EA. O trabalho iniciou-se com o Grupo de Teatro chamado Lobo Guará e, recentemente, foi incrementado com a criação do Curso de Guardiões Ambientais. As duas frentes de atuação representam um programa de EA direcionado principalmente para o atendimento da rede regular de ensino do Distrito Federal, denominado Programa de Educação Ambiental Lobo Guará (PREALG).

Por meio de apresentações teatrais, os conceitos são abordados de maneira lúdica. A ludicidade facilita a compreensão ao mesmo tempo em que atrai a atenção dos pequenos espectadores. Ao longo do curso de Guardiões Ambientais, por sua vez, a aprendizagem crítica e reflexiva propicia ao público-alvo a oportunidade de conceber adequadamente parâmetros comportamentais que serão aplicados no cotidiano, em termos de preservação ambiental. Ademais, os conhecimentos assimilados podem ser repassados a terceiros, contribuindo para a consolidação dos princípios da EA em meio aos demais membros da sociedade.

Tendo em vista a importância da dramatização como ferramenta didática, é

possível compreender o significado do termo contextualismo para explicar a abordagem chamada arte-educação, onde o desenvolvimento de habilidades e comportamentos desejáveis se encontra fundamentado, sendo o teatro concebido de forma "instrumental" na educação. Idealmente, há estudos que defendem que qualquer projeto no âmbito da arte-educação seja devidamente adaptado às necessidades sociais do educando, no intuito de estimular a reflexão acerca do contexto socioambiental no qual se encontra inserido (KATTO, 2008).

Vale ressaltar a importância das perspectivas de se dar início a um processo contínuo de monitoramento e intervenções, para que os beneficiários do programa possam ser contemplados pela aprendizagem significativa em termos de EA, inclusive no que se refere a inovações tecnológicas. Consequentemente, o propósito de disseminação quanto à importância da preservação ambiental tende a se tornar factível, haja vista as ações preventivas no setor mais promissor, o da educação.

Para SANTOS (2012), a utilização de jogos eletrônicos contribui para o ensino-aprendizagem em todas as faixas etárias, pois os estudantes estão continuamente em contato com o mundo virtual, devido ao interesse que desperta em comparação com o modelo tradicional de ensino extremamente discursivo, mas pouco eficiente no sentido de prender a atenção.

Os jogos eletrônicos, por outro lado, são úteis como desencadeadores da tomada de consciência e politização acerca de questões sociais pertinentes que não são percebidas por crianças e adolescentes, os quais, via de regra, acostumam-se com um aprendizado pouco atrativo e carente de significação, enquanto o cenário que os jogos eletrônicos proporcionam se revela bem mais promissor (AZEVEDO et al., 2011).

Em termos de metodologias inovadoras, a utilização de jogos eletrônicos se destaca por tornar mais prazerosa e interativa a aprendizagem, porquanto o estudante/jogador recebe estímulos à sua criatividade ao mesmo tempo em que se diverte, por se sentir parte integrante do contexto do jogo. O interesse do aluno aumenta proporcionalmente, na medida em que investe seus esforços para obter êxito no decorrer do jogo, articulando habilidades e competências. "O processo tem início nos aspectos sensorial, lúdico, emocional e intuitivo para que, na sequência atinja o cognitivo. Há uma combinação de lógica, intuição, emoção e razão reforçando o processo de construção de conhecimentos" (LOULA et al., 2009, p. 174).

Alguns jogos eletrônicos educacionais voltados para a EA já foram desenvolvidos e se encontram disponíveis na internet, tais como o UruBurbanos (SOUZA et al., 2011), o Coletando (ANDRADE et al., 2012) e o Brincando de Reciclar (SANTOS, 2012). Entretanto, a reciclagem é o principal foco dos que foram encontrados. Existem alguns jogos que reproduzem um ambiente natural que necessita ser preservado, no que concerne à fauna e flora, a exemplo do jogo Calangos (LOULA et al., 2009). E também foi desenvolvido um aplicativo no formato de jogo da memória, o H2O – Jogo da Velha Educativo (BAPTISTA et al., 2009), onde o principal objetivo é sensibilizar quanto à necessidade do uso sustentável da água. Nesse

sentido, é plenamente explorável o potencial desse tipo de ferramenta midiática,que se destina a despertar o interesse dos discentes pela temática da EA.

Segundo FOFONKA (2009), ao se relacionar os conteúdos pertinentes a um planejamento adequado de emprego das mídias e tecnologias, as aulas se tornam mais atraentes para os estudantes, por meio do desenvolvimento de situações pedagógicas inéditas visando à motivação de uma aprendizagem significativa em termos de EA.

Diante desse contexto, o presente trabalho teve como objetivo o desenvolvimento de um jogo eletrônico educacional para a transposição dos conteúdos de EA, com foco na preservação de ambientes naturais, como o Cerrado, evidenciando a importância da utilização de novas tecnologias midiáticas no âmbito escolar como meio alternativo para estimular a aprendizagem de alunos do Ensino Fundamental.

Material e Métodos

A demanda pelo trabalho do PREALG é grande, embora os recursos sejam extremamente limitados, em especial no que se refere aos instrutores capacitados para ministrar aulas em sala. Atualmente, quatro policiais militares se encarregam pela oferta do Curso de Guardiões Ambientais nas escolas. Apesar disso, não fica restrito a uma região específica, todo o Distrito Federal é abrangido tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, sem distinção.

No entanto, a pesquisa de campo desenvolvida concentrou-se inicialmente no acompanhamento e registro de imagens das apresentações teatrais, realizadas no Colégio Militar Tiradentes da PMDF, teatro da Universidade Paulista (UNIP) e Jardim Zoológico de Brasília, localizados no Plano Piloto da Capital,ao longo dos meses de janeiro a setembro de 2013.

Também foram acompanhados os trabalhos desenvolvidos na Região Administrativa de Taguatinga (RA – III), sendo a Escola Classe 53 o local onde foram registradas as imagens da peça teatral, bem como o acompanhamento das atividades do Curso de Guardiões Ambientais, oferecido aos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, ao longo do primeiro semestre de 2013.

Dando continuidade à proposta de consolidação do trabalho já desenvolvido pelos profissionais que atuam diretamente no contexto da EA, a metodologia utilizada se pauta no conceito definido por GIL (1991, p. 61) como "a pesquisa participante, assim como a pesquisa-ação, que se caracteriza pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas", a qual se mostrou imperativa na atual conjuntura. Por isso, o acompanhamento de um ciclo completo do Curso de Guardiões Ambientais foi extremamente importante para fundamentar esta pesquisa de campo.

A pesquisa de campo é uma fase realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois é nesta etapa

que são definidos os objetivos da pesquisa, as hipóteses, o meio de coleta de dados mais adequado, tamanho da amostra e como os dados serão tabulados e analisados (MARCONI; LAKATOS, 1996). Ao estabelecer contato direto com a realidade do ambiente escolar onde é ofertado o projeto, tornou-se possível coletar informações relevantes, que foram indispensáveis na etapa concomitante, ou seja, o desenvolvimento do jogo eletrônico educacional, indicado para os estudantes inscritos no referido curso.

A proposta de expansão desse programa, por sua vez, consistiu no desenvolvimento de outros métodos de aprendizagem inovadores, dinâmicos, lúdicos e efetivos, como os jogos eletrônicos educacionais. A proposta de inovação tecnológica, referente ao desenvolvimento do *software* em formato de jogo virtual educativo, se destinou a propiciar uma estratégia de experiência educacional igualmente lúdica na esfera da EA, voltada principalmente ao público-alvo do PREALG, participantes do Curso de Guardiões Ambientais.

As ferramentas empregadas na criação do jogo virtual encontram-se disponíveis na *web*. O principal *software* utilizado é o *Unity*, versão 4.2.0f4, o qual oferece uma diversidade de recursos para o desenvolvimento de jogos em três dimensões. São necessários recursos adicionais, tais como o *Blender 3D*, um *software* igualmente gratuito que se aplica na modelagem tridimensional dos personagens inseridos no jogo, inclusive no quesito animações. Há também o aplicativo *MakeHuman*, empregado na composição inicial dos personagens humanos. O *Adobe Photoshop* é uma ferramenta aplicada no tratamento de imagens,tendo sido utilizado para viabilizar a texturização de algumas das figuras projetadas no *Blender 3D*.

A linguagem de programação é uma forma de configurar os movimentos dos personagens, a execução das animações e a respectiva contagem da pontuação, bem como as consequências do insucesso pelo jogador. Foram empregados os códigos nos formatos *JavaScript* e *C#* (*C Sharp*). Mesmo não possuindo formação e conhecimento específicos da área de programação, é possível obter uma série de informações, exemplos e tutoriais a respeito do desenvolvimento de jogos na rede mundial de computadores. Em especial no *YouTube* se encontram inúmeros vídeos contendo as informações necessárias para este fim. Contudo, algumas adaptações são necessárias para que o resultado final seja atingido, no que se refere à lógica de programação.

O jogo desenvolvido reproduz um ambiente de Floresta (Fig. 1), com o intuito de simular uma Reserva Ecológica, com espécies vegetais que simbolizam um ambiente típico do Bioma Cerrado, característico da Região Centro-Oeste. A tela inicial (Fig. 2) explica resumidamente os três objetivos do jogo e os principais comandos atribuídos ao personagem principal, que representa um Guardião ambiental. As regras são simples e o controle dos movimentos é natural. Há focos de incêndio espalhados pela mata, são encontrados animais distribuídos pelo terreno e um vilão, chamado Zé da Onça, o qual representa o caçador que pratica tráfico de animais silvestres, armado com uma espingarda.

Fig. 1: Captura de tela do jogo carregado

Fig. 2: Captura de tela das instruções do jogo

As regras são igualmente simples. O usuário deve apagar os focos de incêndio, resgatar a fauna em situação de risco e capturar o personagem inimigo que se encontra escondido na mata. O personagem que executa estas tarefas deve se esquivar dos tiros de espingarda disparados pelo personagem caçador, para não sofrer perda de "vidas" disponíveis, num total de cinco. Enquanto se desloca pela interface do jogo, o usuário recebe dez pontos para cada animal resgatado e cada foco de incêndio eliminado. Se o usuário capturar o agressor, vence a partida e uma tela é exibida informando a situação contendo as opções de 1) Jogar novamente, 2) Ver *ranking* (pontuação atingida pelos usuários), ou 3) Sair (Fig. 3). Caso o personagem Guardião seja atingido pela espingarda do caçador mais de cinco vezes, é exibida a tela de fim de jogo, com as opções 1) Jogar novamente, 2) Sair (Fig. 4).

Fig. 3: Captura de tela de "Você venceu"

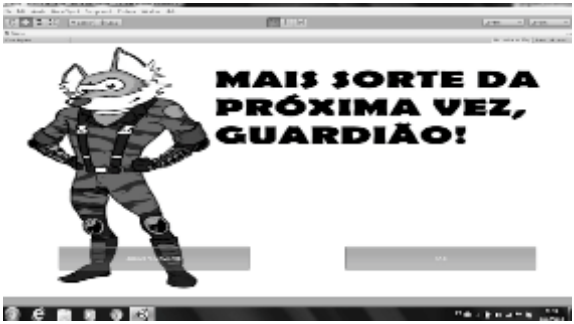


Fig. 4: Captura de tela de "Fim de jogo"

A pré-avaliação do jogo desenvolvido foi baseada no Método de Reeves (FARIA; BRAGA; CAMPOS, 2004), utilizado para aferir a qualidade de *softwares* educativos sob vários aspectos, divididos em critérios de interface com o usuário e critérios pedagógicos. Ao longo do processo de criação do jogo eletrônico, foram estipuladas as metas de qualidade que se pretendia atingir, visando à produção de um material didático que possa ser adequado às necessidades de professores e instituições de ensino.

Resultados e Discussão

No quesito avaliação de *software* educacional, são propostos alguns métodos que, de modo geral, podem ser aplicados para a validação do jogo eletrônico desenvolvido nesta pesquisa. Dentre os mais conhecidos, se encontram o Método de Thomas Reeves, o modelo proposto por Campos, no formato de *checklist*, a técnica de Mucchielli, a denominada TICESE e a Taxonomia de Mendelsohn. Também é preciso mencionar outros recursos, tais como o Modelo GQM (*Goal-Question-Metrics*), as heurísticas propostas por Jacob Nielsen, os Modelos de Avaliação de Produtos de *Software* propostos nas Normas ISO 9126 e 25010, além da técnica do Diferencial Semântico de Osgood.

Dos modelos elencados, o método proposto por Reeves possui características objetivas que são aplicáveis na avaliação de jogos eletrônicos educativos, de maneira bem consistente. As demais técnicas também podem ser empregadas nas pesquisas que envolvem *softwares* educacionais, porém os gráficos obtidos pelo método de Reeves demonstram os resultados de forma bem clara e sucinta, favorecendo a identificação de qualidades intrínsecas e melhorias necessárias.

São muitos itens a que devem ser considerados quando um jogo eletrônico destinado ao ensino é desenvolvido. Um breve resumo do Método de Reeves se encontra no Quadro 1, que esclarece as variações possíveis na avaliação proposta. No intuito de propiciar uma ferramenta didática inovadora, é preciso submeter o aplicativo a estes critérios. O aperfeiçoamento deve ser constante e as maiores contribuições emanam justamente da experiência obtida pelo seleto público-alvo desta iniciativa, ou seja, dos discentes.

Quadro 1 - Avaliação de software eletrônico educacional pelo Método de Reeves, segundo FARIA; BRAGA; CAMPOS (2004); REZENDE (2013)

Critérios de interface com o usuário
- Facilidade: de difícil a fácil, no que se refere à facilidade de entendimento do aplicativo.
- Navegação: de difícil a fácil, em termos de acesso aos conteúdos do *software*, de um tópico a outro.
- Carga cognitiva: de não gerenciável/confusa a gerenciável/intuitiva, por conta do nível de esforço mental requerido para a utilização do programa.
- Mapeamento: varia de nenhuma a poderoso, e concerne à habilidade do *software* em rastrear os caminhos percorridos pelo usuário.
- Design da tela: de princípios violados a princípios respeitados, remete a questão da aparência, elementos gráficos, apresentação visual.
- Compatibilidade espacial do conhecimento: de incompatível a compatível, tem como objetivo verificar os conhecimentos prévios do usuário para a realização das tarefas.
- Apresentação da informação: de confusa a clara, sob o aspecto da facilidade em compreender as informações contidas no aplicativo.
- Integração das mídias: varia de não coordenada a coordenada, quanto ao aspecto da composição conjunta de recursos audiovisuais empregados.

- Estética: de desagradável a agradável, no tocante à aparência do programa em termos de beleza artística, estilo apropriado.

- Funcionalidade geral: de não funcional a altamente funcional, no sentido de identificar a funcionalidade do software de forma mais abrangente.

Critérios pedagógicos

- Epistemologia: de Objetivista a Construtivista. O enfoque da epistemologia objetivista é o conhecimento separado do saber. Na abordagem construtivista, o conhecimento vai sendo construído subjetivamente.

- Filosofia pedagógica: varia de Instrutivista a Construtivista. A Instrutivista se baseia na teoria comportamentalista, em que o aluno é considerado sujeito passivo. A filosofia construtivista enfatiza a intenção, a estratégia e a experiência do aluno.

- Psicologia subjacente: de Comportamental a Cognitiva. Comportamental significa que a instrução ocorre a partir da modelagem do comportamento desejável obtido por intermédio de estimulo/respostas. A Psicologia Cognitiva dá ênfase aos estados mentais, em lugar do comportamento psicológico.

- Objetividade: de precisamente focalizado a não focalizado. No primeiro, o processo de ensino-aprendizagem possui parâmetros bem definidos, enquanto o critério não focalizado pode assumir padrões diferenciados, levando em consideração o sujeito ou características ambientais.

- Sequenciamento instrucional: pode variar de reducionista a construtivista. É reducionista quando o aprendizado sobre determinado conteúdo requer entendimento prévio de todos os seus componentes. O sequenciamento é construtivista quando o aluno é conduzido a um contexto realístico.

- Validade experimental: vai de abstrato a concreto. O primeiro se caracteriza pela utilização de situações que não pertencem à realidade do aluno. Quando o conteúdo é apresentado de forma contextualizada, abordando situações reais e concretas, se enquadra na segunda definição.

- Papel do instrutor: de provedor de materiais até agente facilitador. Em uma extremidade, o professor se restringe a um "detentor do conhecimento" que disponibiliza o conteúdo, enquanto no sentido oposto ele age como uma fonte para se obter orientação e consulta.

- Valorização do erro: de aprendizado sem erro a aprendizado com a experiência. É livre de erros quando se induz o aprendizado sem margem para o cometimento de erro. A partir da experiência, a construção do conhecimento valoriza o aprendizado em que os alunos refletem sobre os erros cometidos.

- Motivação: varia de extrínseca, quando é originária de fora do ambiente de aprendizado, a intrínseca, quando a motivação surge de processos internos atrelados ao uso do *software*.

- Estruturação: pode variar de alta a baixa. O programa se demonstra altamente estruturado quando não há modificações quanto a sua sequência e seus caminhos. Por outro lado, é de baixa estruturação quando permite que o aluno escolha a ordem que deseja seguir no programa.

- Acomodação de diferenças individuais: Não existente a Multifacetada, a primeira classificação considera que não há diferença entre os indivíduos, ao passo que a segunda leva em consideração a heterogeneidade dos sujeitos.

- Controle do aluno: de não existente, que se refere ao controle embutido no *software* de maneira absoluta, a irrestrito, que franqueia ao aluno a decisão sobre que sessões deseja estudar em ordem de preferência.

- Atividade do usuário: pode variar de matemagênico a generativo. No matemagênico há o objetivo de capacitar o aluno a acessar várias representações do conteúdo nos ambientes de aprendizagem. No generativo significa que os estudantes se encontram envolvidos num processo de construção ou representação do conhecimento, explorando livremente o conteúdo.

- Aprendizado cooperativo: varia de não suportado a integral. No primeiro caso, não há como ocorrer trabalho em pares ou grupos. No segundo caso, o trabalho cooperativo é permitido, auxiliando o desenvolvimento de habilidades sociais.

No que tange aos critérios de interface com o usuário, o jogo foi desenvolvido procurando atender aos parâmetros indicados. Quanto à facilidade, pode ser considerado fácil em termos de entendimento, sem que o usuário seja exigido em sua carga cognitiva. A navegação também é relativamente fácil, pois o acesso aos conteúdos está disponível constantemente, embora sempre haja melhorias possíveis neste aspecto. No quesito carga cognitiva pode ser considerado bastante gerenciável, pois não se requer grande esforço mental por parte do usuário. Entretanto, vale ressaltar que os objetivos do jogo provocam uma reflexão sobre o tema que está sendo apresentado.

Em se tratando de mapeamento, o jogo se aproxima do nível indicado como poderoso, porquanto uma vez que o usuário cumpre determinada tarefa no decorrer da utilização, o *software* registra os caminhos percorridos, inclusive atribuindo uma pontuação ou reduzindo as "vidas" disponíveis. Quanto ao *design* da tela, os princípios de aparência, apresentação visual e detalhamento gráfico foram devidamente respeitados. A respeito da compatibilidade espacial do conhecimento,

há uma boa compatibilidade em relação aos conhecimentos prévios para a realização das tarefas, pois o jogo remete a ações já esperadas pelos usuários enquanto estão se entretendo com algum jogo eletrônico.

Procurou-se também apresentar as informações de forma clara, mas sem que o usuário necessite de muito tempo para interpretá-las, pois é comum que crianças não se preocupem muito com detalhes. No tocante à integração das mídias, há uma combinação de recursos audiovisuais coordenada, para que a interação por parte do usuário não se torne confusa, mas possa tornar o jogo atrativo e também divertido. Para complementar o quesito anterior, uma estética agradável foi empregada, favorecendo o aspecto artístico e um estilo compatível.

Por fim, a questão mais abrangente, que se refere à funcionalidade geral, pode ser considerada altamente funcional, tendo em vista que o jogo desenvolvido apresenta boa resposta aos comandos do usuário, bem como não exige muitos recursos dos equipamentos utilizados. Houve uma preocupação em termos de disponibilizar o *software* para que possa ser acessado de qualquer computador pessoal, sem restrições. Contudo, quando o sistema operacional instalado é o Linux, ainda não houve êxito no carregamento do jogo, necessitando de alguns ajustes.

Os critérios pedagógicos elencados por Thomas Reeves também foram objeto de preocupação ao longo do desenvolvimento deste jogo. A epistemologia construtiva, com enfoque nas experiências anteriores e processamento reflexivo foi tratada como prioridade, uma vez que o jogo se destina à utilização por instituições de ensino. Da mesma maneira, a filosofia pedagógica utilizada teve como base o construtivismo, haja vista que o aluno deve empregar estratégias e experiências anteriores para construir o conhecimento desejado.

Em se tratando da psicologia subjacente, pode ser classificada como cognitiva, pois o jogo eletrônico favorece a instrução mediada por uma variedade de estratégias, como alternativa ao modelo comportamental, caracterizado pela modelagem do comportamento a partir de estímulo/resposta. O usuário é sujeito ativo na construção do conhecimento e não mero receptor de informações. Outro critério importante está relacionado à objetividade, podendo ser definido como não focalizado. Por se tratar de um jogo eletrônico, pode assumir padrões diferenciados por considerar o papel do sujeito e as características ambientais implicadas.

Há também o quesito sequenciamento instrucional, que está compatível com a dimensão construtivista. O usuário é conduzido a um contexto realístico, que reproduz situações onde deve se posicionar a respeito de uma decisão a ser tomada, não apenas no ambiente virtual, mas também como cidadão. A validade experimental é concreta, em virtude da forma contextualizada em que o conteúdo é apresentado, abordando situações reais e concretas. No que tange ao papel do instrutor, este se enquadra como um facilitador do aprendizado, que será consultado ou prestará orientações de maneira oportuna. O jogo eletrônico não pode tornar o professor dispensável, mas deve auxiliá-lo na tarefa de viabilizar o acesso ao conhecimento.

Um fator de grande relevância é a valorização do erro, com o aprendizado

ocorrendo a partir da experiência, em que a repetição no jogo eletrônico envolve uma reflexão sobre os erros cometidos. Com isso, o aprendizado se torna mais dinâmico e o aluno mais participativo. Tal característica se reflete na motivação, que pode ser considerada intrínseca em sua maior parte, porquanto o usuário não necessita de maiores desafios do meio para se sentir integrante daquele objeto de aprendizagem; ou seja, o próprio aprendiz se sente motivado a vencer o jogo, atingir metas, descobrir outras maneiras de repetir determinados resultados inerentes.

A estruturação, por sua vez, é um importante critério de avaliação do jogo, que permite ao aluno escolher aleatoriamente ou não a sequência que pretende seguir no programa. Neste aspecto, pode ser considerada baixa, pois o jogo permite que o usuário atinja os objetivos propostos de formas variadas, sem nenhuma rigidez e um mesmo jogador pode obter pontuações diferentes, a depender de como executa as ações pré-definidas.

O controle do aluno, sob a ótica do próprio usuário, é considerado irrestrito. Não há uma ordem de preferência que deve ser seguida para a realização das ações, pois o usuário tem liberdade de escolha sobre que sessões do jogo que deseja acessar. É um critério importante, pois desperta maior interesse quando o controle se encontra na pessoa e não no objeto de ensino. Em termos de atividade do usuário, se caracteriza como generativo, por conta da livre exploração do conteúdo pelo usuário, o qual se encontra envolvido no processo de construção ou representação do conhecimento, ao contrário do modo matemagênico.

Em última instância, o aprendizado cooperativo não pode ser considerado totalmente integral, por se tratar de um programa inicialmente desenvolvido para um jogador presente na plataforma. Entretanto, como há uma marcação dos pontos, a questão da competição pode ser explorada de maneira saudável para estimular o desenvolvimento de habilidades sociais. A partir da generalização de regras e assimilação de resultados positivos ou negativos, é possível promover interações entre os usuários, mesmo que não estejam participando do jogo em simultaneamente. A troca de experiências entre os aprendizes é outro aspecto fundamental inerente a este tipo de cooperação entre alunos.

Portanto, o jogo desenvolvido atinge níveis satisfatórios de qualidade, em termos de utilizabilidade e referências pedagógicas desejáveis.

O uso de *softwares* para o ensino de EA de maneira significativa carece de ideias inovadoras, além de disponibilidade para desenvolvimento de jogos eletrônicos virtuais diferenciados. Tal pretensão não pode ser considerada uma tarefa simples, contudo é uma estratégia permeada de possibilidades, tendo em vista a atual conjuntura informacional em que se encontram inserida os discentes (ROCHA; CAMPOS, 1993).

Notou-se que a maior parte dos *softwares* encontrados, disponíveis na internet, possui enfoque predominantemente na questão da reciclagem. Em termos de Educação Ambiental, não aprofundam conceitos acerca da necessidade de preservação dos ambientes naturais ou manutenção de um ambiente

autossustentável, como se intenta no jogo virtual deste trabalho. Neste ponto, os recursos eletrônicos existentes se tornam uma alternativa simplista, baseada numa concepção voltada apenas para a gestão de resíduos sólidos. Não há preocupação quanto à necessidade de preservação do meio ambiente como um todo, bem como a sustentabilidade na exploração dos recursos.

Um dos principais motivos para a concepção do presente jogo eletrônico educacional se prende à necessidade de viabilizar novos mecanismos de sensibilização em questões afetas ao meio ambiente. Importa que a EA seja inserida no âmbito escolar e também na educação não formal para que se promovam mudanças nos hábitos da população em prol da preservação ambiental.Assim sendo, diante da possibilidade de aplicação dos jogos eletrônicos como agentes educativos, o público-alvo não se restringe aos alunos do Ensino Fundamental, mas extrapola os limites da escola, porquanto a criança compartilha os novos conhecimentos, adquiridos de maneira recreativa e significativa, em contraposição ao desestimulante esclarecimento discursivo (BAPTISTA et al., 2010).

A participação, por sua vez, representa um instrumento de cidadania. A mobilização e sensibilização culminam na transformação das variadas formas em que as pessoas podem se engajar na defesa da qualidade de vida, de modo que a EA se volta para a cidadania e adquire caráter transformador (REIGOTA, 1998).

O estímulo de sensibilização quanto às questões ambientais deve iniciar desde cedo, para que se formem cidadãos conscientes e, ainda mais importante, que se sintam integrantes do meio ambiente em lugar de donos. No momento em que os alunos se identificam como sujeitos pertencentes a um grupo, surge naturalmente o senso de responsabilidade em relação ao bem comum, porquanto se deparam com o cenário onde se encontram inseridos e procuram respeitar determinadas regras necessárias para o equilíbrio coletivo, evidenciando a relação existente entre o pertencimento e a cidadania (LEME,2012).

Segundo GAMEZ (1998), um dos objetivos elementares dos *softwares* educacionais consiste em auxiliar o processo de ensino-aprendizagem em determinada disciplina. Em uma perspectiva mais abrangente, GEBRAN (2009) afirma que os jogos, na qualidade de fonte recreativa, possibilitam a aquisição de determinado tipo de aprendizagem, por meio de estímulos rotineiros que se aplicam a essa circunstância, quais sejam, o respeito às regras, competitividade e pontuação proporcional ao desempenho.

Isto posto, a proposta de jogo eletrônico no presente trabalho se destina a cumprir os requisitos compatíveis com o modelo dinâmico de aprendizagem significativa. Concernente à questão da EA, os estímulos recebidos pelo usuário no decorrer das tarefas executadas no ambiente virtual conferem as características desejáveis em termos de ensino-aprendizagem, assimilação de conteúdo e desenvolvimento cognitivo. Por meio dos objetivos que devem ser atingidos durante a brincadeira, o aluno tem a oportunidade de compreender seu papel de cidadão do planeta, ao mesmo tempo em que adquire novas competências e habilidades.

Com o auxílio do professor, independente da matéria que leciona, o tema tem potencial para ser abordado no contexto da EA formal, cumprindo a previsão de transversalidade contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Mas também pode ser disponibilizado em um repositório de jogos eletrônicos e demais recursos audiovisuais, para atender uma parcela maior de estudantes que costumam realizar pesquisas na internet. Desse modo, a educação não formal também seria contemplada e as perspectivas de bons resultados são promissoras.

Os jogos estão presentes no cotidiano há muito tempo, desempenhando um papel cultural que resulta não somente em diversão, mas também se converte em aprendizado. Por se tratar de uma prática inerente aos seres humanos, independente da fase de vida em que se encontram, a aprendizagem mediada por jogos tende a ser mais duradoura, devido à naturalidade com que se consolida (MURCIA, 2005).

É possível observar que as crianças, enquanto estão empenhadas em realizar determinada tarefa capaz de prender a atenção, não se dispersam facilmente. Os jogos eletrônicos, atualmente, exercem um fascínio na maioria das pessoas que se encontram em idade escolar, devido ao constante contato com as Tecnologias da Informação e Comunicação. Esse potencial deve ser aproveitado da melhor maneira possível para atingir níveis satisfatórios de sensibilização quanto às questões ambientais, de extrema relevância no atual contexto globalizado.

Considerações finais

Tendo como escopo a própria concepção do grupo de Teatro Lobo Guará e a grande influência atual dos recursos tecnológicos no meio educacional, foi desenvolvido um jogo eletrônico educacional, no formato de aplicativo para computador pessoal. Portanto, esse jogo torna-se uma ferramenta com o objetivo de desenvolver habilidades educacionais correlatas e de consolidar conceitos relativos à EA.

Um jogo virtual educativo representa uma maneira diferenciada de promover aprendizado significativo. Ao utilizar uma linguagem muito eficaz na atualidade, acarreta novos desafios educacionais, tanto para professores quanto aos próprios discentes. Portanto, a partir da observação a respeito da eficácia do conteúdo que é transmitido pelos personagens das apresentações teatrais, pode ser avaliado o benefício da utilização desse aplicativo na ampliação e disseminação de novos conhecimentos voltados para a promoção da EA.

O presente trabalho procurou identificar as características mais marcantes em relação à utilização de jogos eletrônicos para promoção da EA. Nesse sentido, representa um incremento acerca da oportunidade dos usuários abandonarem uma postura passiva perante a própria formação, assumindo um papel de cidadãos que efetivamente se dedicam à preservação ambiental. Trata-se de uma forma lúdica pertinente no desenvolvimento de determinados conhecimentos e na consolidação de preceitos de cidadania relevantes na formação de alunos da educação básica.

Adicionalmente, o desenvolvimento de um jogo eletrônico educacional pretende ampliar as opções disponíveis no que se refere ao uso de novas tecnologias na EA, com foco na mudança de comportamento por parte dos discentes e consolidação de atitudes que reflitam a consciência adquirida acerca do papel que desempenham em meio à sociedade.

Para que se confirmem as perspectivas do presente estudo, sugere-se que o jogo desenvolvido seja submetido a uma análise de educadores e seja realizada a validação junto aos alunos do Ensino Fundamental. Após a coleta e tratamento dos dados, nada impede que o recurso seja disponibilizado na internet ou demais mídias eletrônicas, tendo como intuito promover a reflexão crítica por parte dos demais discentes. Com isso, os docentes poderão explorar o modo lúdico para facilitar o ensino.

Referências

ANDRADE, M.; ALMEIDA, E.; SILVA, C.; MELO, M. T.; OLIVEIRA, T.; FALCÃO, F.; ARAÚJO, A. **Coletando**:Desenvolvimento de um jogo para o ensino-aprendizagemno campo da Educação Ambiental. Brasília: XI SBGames, 2012.

AZEVEDO, R. R.; SOUZA, I.; SILVA, A. R. A.; NEGREIROS, G.; FREITAS, F.; FARIAS JÚNIOR, I. H. **Ensino e Aprendizagem de Educação Ambiental Através de um Jogo Eletrônico**. Aracajú: XVII Workshop de Informática na Escola, 2011. Anais do XXII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 2011.

BAPTISTA, L. F.; BATISTA, S. S. S.; DOMINGUES, D.; BARBOZA, N.; ROVERI, R. Z. **Desenvolvimento de jogos para a Educação Ambiental**. Faculdade de Tecnologia:Jundiaí, 2009.

BAPTISTA, L. F.;GESUALDO, G. D.; ROSA, J. C.; CASTRO, M. Z. G.**A aplicabilidade de um jogo eletrônico na educação ambiental**. Faculdade de Tecnologia, Jundiaí, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF, 1997. 96p.

FARIA, E. O.; BRAGA, M. G. C.; CAMPOS, G.H.B. **Trânsito com vida**: um portal da web. In: Revista Transportes. Vol. XI, n. 2. Dez/2004. 9p.

FOFONKA, L. **Como Incorporar o uso de mídias em sua escola para trabalhar a educação ambiental**. UNISINOS: São Paulo, 2009.

GAMEZ, L.**Avaliação de qualidade de software educacional**. Anais do WISE. 1998. pp. 241-248.

GEBRAN, M. P. **Tecnologias Educacionais**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

KATTO, S. B. **A dramatização como ferramenta didática**. In: PARANÁ. Secretaria de

Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção didático-pedagógica, 2008. Curitiba: SEED/PR., 2011. V.2. (Cadernos PDE).

LEME, T. N. Conhecimentos práticos dos professores e sua formação continuada: um caminho para a educação ambiental na escola. 2012. In Mauro Guimarães, Org. **Caminhos da educação ambiental**. Campinas: Papirus, pp. 87-112.

LOULA, A. C.; OLIVEIRA, E. S.; MUÑOZ, Y. J.; VARGENS, M. M. F.; APOLINÁRIO, A. L.; CASTRO, L. N.; ROCHA, P. L. B.; EL-HANI, C. N.**Modelagem Ambiental em um Jogo Eletrônico Educativo**. Rio de Janeiro: VIII BrazilianSymposiumon Games and Digital Entertainment, 2009.

LOUREIRO, C.F.B. Educar, participar e transformar em Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, DF, ano zero, 2004.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MURCIA, J. A. M. **Aprendizagem através do Jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

REIGOTA, M. Desafios à educação ambiental escolar. In: JACOBI, P. et al. (Orgs.).**Educação, meio ambiente e cidadania**:reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998.

REZENDE, C. S. **Modelo de avaliação de qualidade de software educacional para o ensino de ciências**. 2013. 134 f.: Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Itajubá, Programa de Pós-Graduação em ensino de ciências, 2013.

ROCHA, A. R.; CAMPOS, G. H. B. **Avaliação da Qualidade de Software Educacional**. Em Aberto, Brasília, ano 12, n. 57, jan/mar 1993.

SANTOS, A. M. **Jogos eletrônicos e educação ambiental**. Salvador: VII Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação, 2012.

SOUZA, I.; AZEVEDO, R. R.; SOUZA, I.; SILVA, A. R. A.; NEGREIROS, G.; FREITAS, F.; FARIAS JÚNIOR, I. H.**UruBurbanos**: um Jogo para Apoiar o Ensino-Aprendizagem de Educação Ambiental. Salvador: X SBGames, 2011.

O PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER NA PERSPECTIVA EDUCOMUNICATIVA[08]

Diva Souza Silva[09]

Christiane Pitanga Serafim da Silva[10]

Resumo

O presente artigo retrata uma pesquisa em desenvolvimento que aborda os processos de ensinar e aprender através de práticas educomunicativas no ensino superior. A interlocução se dá a partir de um projeto interdisciplinar que vem sendo realizado há dois anos pelas disciplinas 'Comunicação e Educação' e 'Mídias e Comunicação', em um curso de graduação. Os objetivos da pesquisa estão em torno de analisar os processos de ensinar e aprender a partir de práticas interdisciplinares no ensino superior; analisar como acontece a intervenção social das práticas educomunicativas e sua contribuição na formação dos sujeitos atores do processo; e investigar se as práticas sociais dos projetos contribuem para o repertório crítico, de conteúdo e tecnológico dos estudantes. A base teórica e metodológica que ancora a pesquisa está em Mizukami (1986); Libâneo (1994); Soares (2002, 2007, 2011); Citelli (2011, 2012); Freire (1985, 1996); Bauer e Gaskell (2002); Martín-Barbero (2014). A pesquisa é de abordagem qualitativa com procedimentos de análise de conteúdo dos planos de ensino das disciplinas envolvidas, dos projetos e produtos do trabalho interdisciplinar, bem como entrevistas narrativas com professores, alunos e membros da comunidade onde os projetos são desenvolvidos. As análises iniciais apontam que o processo de ensinar e aprender na perspectiva educomunicativa desperta interesse e criticidade dos acadêmicos, bem como possibilita um processo de planejamento crítico dos professores.

Palavras-Chave: Processo de Ensinar e Aprender. Educomunicação. Comunicação e Educação. Interdisciplinaridade.

Ensinar e Aprender no Ensino Superior

A formação acadêmica é imbricada de sentidos e concepções do quê se ensina, como se ensina e o que isso contribui para a formação dos sujeitos. Todos esses processos de educação são permeados também por tecnologias midiáticas, sendo elementos constituintes da prática cotidiana que precisam ser compreendidos e apropriados pelos docentes. A ação educativa é uma prática social, concebida coletivamente numa interlocução respeitosa entre as realidades culturais e sociais nas quais estão inseridos educadores e educandos. Nesse sentido, o saber do educando não pode ser negado, pois a construção do conhecimento é conjunta. Tal perspectiva, cuja base teórica principal encontra-se nos trabalhos de Paulo Freire (1985), reforça que os homens se educam entre si e, na medida em que constroem o conhecimento e a prática pedagógica, transformam a realidade e libertam o ser humano.

[08] As idéias originais dessa temática foram apresentadas no XIV Congresso Internacional IBERCOM.

[09] Doutora em Educação, Mestre em Comunicação Social, Graduada em Pedagogia. Professora da Universidade Federal de Uberlândia - UFU - e-mail: diva@faced.ufu.br.

[10] Mestre em Comunicação Social, Graduada em Design Gráfico. Professora da Universidade Federal de Uberlândia – UFU - e-mail: chrispitanga@yahoo.com.br.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996,p. 47)

A construção de conhecimento numa perspectiva crítica não se esvazia quando se trata de inserir tecnologias da informação e comunicação (TICs) nos processos de ensinar e aprender. Tais TICs tem contrubuído com a democratização do acesso ao ferramental de produção e publicização de conteúdos (textos, sons e imagens) os mais diversos e para ampliar os recursos metodológicos educativos. A criação de plataformas digitais com interfaces amigáveis facilitou o manuseio de softwares e a produção de conteúdos midiáticos, que não se limita a um profissional formado na área específica, mas a qualquer indivíduo.

A internet, por exemplo, transformou-se numa rede na qual os indivíduos passaram a se conectar não só para terem acesso a informações, mas para realizarem transações comerciais, pesquisas, entretenimento, compartilharem conteúdos, interagirem, manifestarem e expressarem opiniões. Castells (1999) enfatiza que a constituição das sociedades em rede vem permitindo um fluxo de informações sem precedentes. O acesso e o compartilhamento de informações abre perspectivas nas mais variadas áreas, incluindo a educação, pois, as novas gerações tendem a absorver conhecimento, dentro ou fora das instituições educacionais, através de novos suportes tecnológicos e midiáticos.

Em sala de aula é cada vez mais crescente o uso das mídias, seja como recurso didático, seja como ferramentas que colaboram para a construção de um conhecimento mais amplo e multidisciplinar do aluno. O fazer pedagógico deve estimular a investigação, a reflexão, a produção do próprio conhecimento pelos alunos de forma mais participativa e dinâmica. Freire (1985) destaca, em sua clássica obra Extensão ou Comunicação, a importância da participação coletiva, da troca, do diálogo e da comunicação para a arte do ensino.

A utilização de mídias e das tecnologias digitais pelas escolas tornou-se quase um imperativo para despertar interesse nos alunos e inseri-los no processo de construção do conhecimento. Na visão de Barbosa (2010), as tecnologias digitais são recursos mediadores a serem agregados ao processo educativo e ao projeto pedagógico das escolas. E o professor passa a atuar como uma interface do processo de interação, estimulando os alunos a utilizarem tecnologias digitais no contexto da aprendizagem.

> O uso fluente e especializado dos recursos de comunicação tem modificado alguns conceitos de aprendizagem, dando destaque a uma dinâmica em que o estudante demonstra maior autonomia para a experimentação, o improviso e a autoexpressão. Nesse sentido, a tecnologia se torna, igualmente, uma aliada do educador interessado em sintonizar-se com o novo contexto cultural vivido pela juventude (SOARES, 2011, p.29).

Numa sociedade cada vez mais midiatizada e que faz uso frequente das tecnologias digitais, percebe-se que as crianças e os jovens, principalmente, assimilam os avanços tecnológicos paralelamente ao seu desenvolvimento educacional, acessando e compartilhando conteúdos a que são expostos de maneira rápida e intensa. Tal comportamento desafia profissionais de educação, comunicação e tecnologias, exigindo conformações por parte das instituições de ensino e de seus educadores para melhor compreender a realidade social de seus alunos.

> (...) meios e tecnologias são para os mais jovens *lugares* de um desenvolvimento pessoal que, por mais ambíguo e até contraditório que seja, eles converteram no seu modo de estar juntos e de expressar-se. Então, devolver aos jovens espaços nos quais possam se manifestar estimulando práticas de cidadania é o único modo pelo qual uma instituição educativa, cada vez mais pobre em recursos simbólicos e econômicos, pode reconstruir sua capacidade de socialização. Cortar o arame farpado dos territórios e disciplinas, dos tempos e discursos, é a condição para compartilhar, e fecundar mutuamente, todos os saberes, da informação, do conhecimento e da experiência das pessoas; e também as culturas com todas as suas linguagens, orais, visuais, sonoras e escritas, analógicas e digitais (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.120).

A pesquisa em desenvolvimento, aqui relatada, pretende discutir os processos de ensinar e aprender a partir das práticas educativas do ensino superior, em um curso de graduação, diante da revolução tecnológica e a relação do professor com o mundo da informação e os saberes do aluno. Partindo do pressuposto que os alunos ingressam na universidade trazendo um repertório tecnológico e certo domínio das ferramentas midiáticas, surgem algumas inquietações: para os alunos que já têm habilidade com as ferramentas midiáticas, como aproveitar os seus saberes e estimular a produção de conhecimento? Numa visão freireana, como aproveitar o

repertório tecnológico dos alunos para produzir conhecimento e potencializar a aprendizagem? E ainda, como alinhar o conhecimento e experiência do professor com os saberes do aluno no processo de aprendizagem em experiências educomunicativas?

Educação, Comunicação e Tecnologia

Uma conjugação entre educação e comunicação é a educomunicação, uma prática pedagógica que pretende estimular os processos de ensinar e de aprender, considerando os saberes dos alunos numa construção coletiva do conhecimento. Soares (2002, p.24) apresenta uma definição de Educomunicação como "o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar a fortalecer ecossistemas comunicativos e espaços educativos presenciais ou virtuais". Articula-se a esse processo diferentes sujeitos e cenários permeados por expressões de criatividade. Para Soares,

> os trabalhos em educomunicação têm hoje um papel fundamental em canalizar essas habilidades já evidentes para a produção de mídia de qualidade, marcada pela criatividade, motivação, contextualização de conteúdos, afetividade, cooperação, participação, livre expressão, interatividade e experimentação (SOARES, 2011, p.8).

A Educomunicação trilha o caminho apontado pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases)[11] para uma educação revolucionária, que compreenda e respeite a trajetória do aluno, que caminhe no mesmo ritmo do mundo e acompanhe as transformações ocorridas no ambiente onde o aluno se insere. Uma educação pautada pela pedagogia de projetos, pela interdisciplinaridade, buscando despertar e valorizar as habilidades e competências. Essa concepção de educação exige ousadia e criatividade de professores e alunos, numa constante preparação pessoal que visa a solução de problemas que surgem a partir da própria prática social.

As perspectivas teórico-metodológicas desse novo campo do saber apontam para ações de intervenção social. Assim, as ações oriundas dos projetos são reunidas em seis áreas de intervenção: educação para a comunicação; expressão comunicativa através das artes; mediação tecnológica nos espaços educativos; pedagogia da comunicação; gestão da comunicação nos espaços educativos; e reflexão epistemológica sobre a própria prática.

---

[11] Ver em BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2014.

A práxis social é a essência das práticas educomunicativas, isto é, para a educomunicação não importa o ferramental tecnológico ou a mídia utilizada, mas se o processo de mediação promove o diálogo social e educativo. De acordo com Martín-Barbero (apud SOARES, 2011, p. 43), "o desafio que o ecossistema comunicativo coloca para a educação não se resume apenas à apropriação de um conjunto de dispositivos tecnológicos (tecnologias da educação), mas aponta para a emergência de uma nova ambiência cultural". Na verdade, interessa à educomunicação o uso que as audiências/receptores dos meios de comunicação fazem dos conteúdos compartilhados, como reagem e articulam as informações e ressignificam o seu cotidiano e as suas relações sociais.

> É desse encontro de sujeitos à busca da significação do significado, momento particular de ativação dos princípios da reciprocidade, ou da retroalimentação, que os atos comunicativos ganham efetividade, conquanto sustentados por mediadores técnicos ou dispositivos amplificadores do que está sendo enunciado (CITELLI E COSTA, 2011, p. 64).

Os projetos educomunicativos estimulam a criatividade dos jovens, ampliam o vocabulário, instigam a participação e a visão crítica do mundo. Ou seja, a educomunicação é processo de aprendizagem que parte dos saberes e fazeres que o aluno traz consigo, coloca-o em contato com outros saberes e, por meio da prática social (ações de intervenção social), busca ressignificar esses saberes e fazeres. O caráter transformador da educomunicação consiste em possibilitar o acesso dos jovens ao mundo da comunicação e de suas tecnologias, dentro de uma perspectiva a serviço do bem comum e da prática da cidadania (SOARES, 2011).

Ao vislumbrar a educomunicação como uma metodologia aplicada à formação dos sujeitos, surgem outras questões: de que forma as práticas sociais redefinem o repertório tecnológico? Essas práticas sociais provocam alguma intervenção no curso, nas práticas educativas? Dessa forma, aponta-se uma hipótese: se a educomunicação, como prática educativa e social, parte do pressuposto que os alunos possuem repertórios e habilidades (saberes e fazeres), então os saberes em movimento que amalgamam a formação dos sujeitos pode ocorrer pelas ressignificações dos saberes por meio das relações sociais estabelecidas no processo de ensino e de aprendizagem.

Prática Educomunicativa como proposta metodológica

Em um curso de graduação de uma Instituição de Ensino Superior é ofertada a disciplina Comunicação e Educação que, juntamente com a disciplina Mídias e Comunicação, realiza um trabalho interdisciplinar em que os alunos experimentam as práticas educomunicativas e desenvolvem um trabalho educomunicativo em ambientes escolares ou comunidades, grupos sociais ou culturais. A relação com as duas disciplinas tem possibilitado o desenvolvimento de postura crítica de conhecimento, pois relaciona teoria e prática a partir do envolvimento com uma realidade e a construção coletiva e cooperativa de compreensão dessa realidade a partir de uma intervenção educomunicativa. É uma vivência de uma proposta metodológica que os graduandos têm a possibilidade de se envolverem como atores também desse processo. As ementas das disciplinas estão assim constituídas através das respectivas Fichas de Disciplinas (PPC, 2009).

> *Comunicação e Educação*
>
> A demanda do mundo contemporâneo por educação e comunicação. A constituição do campo de estudos da Educomunicação. A interface educação/comunicação e seus reflexos nas práticas educativas e na formação de professores.
>
> *Mídias e Comunicação*
>
> Conceitos de Comunicação e suas áreas de confluência. Introdução conceitual sobre Jornalismo, Publicidade, Rádio e TV, Relações Públicas e sobre as mídias impressas, eletrônicas e digitais. Jornalismo e Responsabilidade Social. Os meios de comunicação e o jornalismo no Brasil. Introdução à linguagem Jornalística.

O objetivo principal desse trabalho interdisciplinar é despertar no aluno a consciência da intervenção social da prática jornalística por meio da educomunicação, considerando suas habilidades e competências. Esse trabalho contempla um dos âmbitos da educomunicação na prática educativa ao propor que "os educandos se apoderem das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para desenhar estratégias de transformação das condições de vida à sua volta" (SOARES, 2011, p.19).

Compreender as concepções de educação que orientam as abordagens do ensinar, do aprender, de aluno, professor, conhecimento, sociedade, são fatores que desvelam a aposta educativa que se assume, de acordo com Mizukami (1986); Libâneo (1994).

Diante do objeto de investigação, a abordagem de pesquisa que melhor dialoga com os propósitos apresentados é a qualitativa. Bogdan e Biklen (1994) afirmam que "a investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo" (p. 49). Denzin e Lincoln (2006) afirmam que a pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo.

> Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN E LINCOLN, 2006, p.17).

Metodologicamente a pesquisa tem se firmado nessas bases qualitativas e procedimentos de análise de conteúdo do Projeto Pedagógico do Curso, dos Planos das Disciplinas, da Proposta Educomunicativa e o desenvolvimento dessas etapas durante o semestre letivo. Segundo os procedimentos a serem adotados, a pesquisa é documental, pois deverá consultar documentos que ainda não receberam um tratamento analítico, mas que são relevantes para cumprir os objetivos propostos (GIL, 2008). Para Bardin (2002, p. 38) "a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens". Assim, estão sendo consultados os seguintes documentos: as Diretrizes Curriculares do curso (BRASIL, 2014), o Projeto Pedagógico do Curso, os planos de ensino e cronogramas das disciplinas envolvidas nas práticas educomunicativas, o roteiro dos projetos e os produtos educomunicativos resultantes do processo. Os mesmos têm sido analisados no sentido de compreender o processo da Educomunicação como proposta metodológica na formação acadêmcia. A partir desses dados categorias têm emergido para que auxilie melhor no processo investigativo, em consonância com os objetivos propostos.

A partir dessas análises procedem-se as entrevistas narrativas onde os envolvidos se constituem a partir das narrativas. Para Bolívar (2001, p.220), "a narrativa é uma estrutura central no modo como os seres humanos constroem o sentido. O curso da vida e a identidade pessoal são vividos como uma narração." Esse procedimento compreende mais diretamente os envolvidos no processo educomunicativo na tentativa de compreender como ocorre o processo, em que medida há a ressignificação dos saberes e fazeres dos alunos, ou seja, em quê os projetos educomunicativos, como processo de aprendizagem, acrescentam/modificam os

seus saberes. Da mesma forma serão entrevistados alguns membros das comunidades onde são realizados os projetos, para saber se ocorreu e em que medida ocorreu a intervenção social.

Um procedimento paralelo é a entrevista em profundidade no sentido de uma conversação orientada, em que os objetivos e os procedimentos metodológicos devem ser bem definidos para validar as informações coletadas. Trata-se de uma "técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada" (DUARTE e BARROS, 2012, p.62). Essa técnica foi escolhida justamente pela flexibilidade e por explorar ao máximo determinado tema, permitindo ao entrevistado liberdade para abordar os temas investigados. Dessa forma, pretende-se entrevistar o (a) coordenador (a) do curso e os professores das disciplinas que utilizam a prática educomunicativa para compreender como se estabelece a interface entre educação e comunicação, como são planejados e elaborados os projetos educomunicativos, e quais são os resultados esperados dessa prática. Todos os procedimentos contemplam as questões éticas de pesquisa.

As entrevistas narrativas e em profundidade procuram investigar e compreender a educomunicação como processo e metodologia na formação do saber jornalístico dos estudantes. Saberes mobilizados e articulados com outros conhecimentos, bem como perceber se as práticas sociais dos projetos contribuem para o repertório crítico, de conteúdo e tecnológico dos estudantes. Para Bruner (1997, p. 34), "a narrativa é um modo de pensamento, pois ela se apresenta como princípio organizador da experiência humana no mundo social, do seu conhecimento sobre ele e das trocas que ele mantém."

Os procedimentos em movimento tendem a levar à compreensão do cenário educomunicativo de forma mais ampla, requerendo dos pesquisadores uma imersão no campo e na análise de como acontece a intervenção social das práticas educomunicativas e sua possível contribuição na formação dos sujeitos atores do processo.

Considerações

A educomunicação, uma interface entre educação e comunicação, contribui para uma educação revolucionária, que compreenda e respeite a trajetória dos sujeitos envolvidos e promova ressignificações dos seus saberes, pois, as práticas educomunicativas pretendem estimular a aprendizagem, aproveitando os saberes dos sujeitos numa construção coletiva do conhecimento. A educomunicação possui, em sua essência, pressupostos que visam superar possíveis limites conceituais entre

as áreas da educação e da comunicação, configurando-se como a interface entre estes campos.

A educação enquanto ação comunicativa é um fenômeno que permeia todas as maneiras de formação de um ser humano e, assim, sob a mesma ótica, toda ação de comunicação tem, potencialmente, uma ação educativa. Nesse sentido, a construção de uma comunicação dialógica e participativa no ambiente educacional, pautada em uma eficaz gestão compartilhada por órgãos governamentais, administração escolar, docentes, alunos e a comunidade abre oportunas perspectivas de melhoria motivacional e de fortalecimento dos laços entre alunos e professores ao longo do processo de aprendizagem.

A investigação em desenvolvimento, a partir da análise inicial de documentos e primeiras imersões em campo, tem revelado que os estudos e o empoderamento do campo de educomunicação têm contribuído para o desenvolvimento de práticas educativas críticas em diferentes espaços e ampliado o diálogo entre educação, comunicação e tecnologias da informação e comunicação.

Os estudantes do curso têm vivenciado há pelo menos dois anos a proposta educomunicativa e as vivências têm possibilitado um desenvolvimento crítico e formativo para todos os atores do processo. A pesquisa continua e pretende contribuir no cenário de processos educomunicativos como proposta metodológica no ensino superior.

Referências

BARBOSA, R. M. *Ambientes virtuais de aprendizagem*. São Paulo: Penso, 2010.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação.* Tradução.

Maria J. A.; Sara B. S. e Telmo M. B. Porto: Porto Editora, 1994.

BOLÍVAR, A. *Profissão Professor*: o itinerário profissional e a construção da escola. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. (1996). *Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.* Brasília. Recuperado em 15 de agosto, 2014, de: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura.(2013). Conselho Nacional de Educação.

Câmara de Educação Superior. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado.* RESOLUÇÃO nº 1, de 27 de setembro de 2013.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Tradução por Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 1997.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede – a era da informação*: economia, sociedade e cultura – volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (ORG.). *Educomunicação*: Construindo uma nova área de conhecimento. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa*: teorias e

abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação*? 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994

MARTÍN-BARBERO, J. (2014). *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino*: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos da educação e ensino)

PPC. *Projeto Pedagógico do Curso* (2009). Minas Gerais.

SOARES, I. O. *Educomunicação*: O conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I. O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação. In:

Comunicação & Educação, São Paulo: ECA/USP [23]. issn: 2316-9125, 2002.

MÍDIAS E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: NOVAS PERSPECTIVAS UTILIZANDO O VÍDEO

Edma Aparecida Machado[12]

Felipe de Melo Fernandes Machado[13]

RESUMO:

O estudo apresentado analisa as potencialidades do vídeo como suporte para registro dos processos de apropriação e construção de conhecimentos interdisciplinares pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública, numa perspectiva avaliativa e metacognitiva.Os vídeos produzidos foram elaborados a partir da rotina em sala de aula desde a exposição do conteúdo pelos professores, as discussões, questionamentos orais, observação dos vídeos das etapas ocorridas, interações e autoavaliação. As etapas observadas compreendem a evolução de um estudo interdisciplinar em Arte e História com o conteúdo História da Arte, desde a imaturidade e desconhecimento dos educandos sobre o tema apresentado, os aspectos políticos e sociais, a importância dos registros históricos, o aprimoramento e a revisão de todo o processo. Ao assistirem a suas práticas em vídeo, o projeto contribuiu para a auto avaliação de professores e educandos. Concluiu-se que a proposta de avaliação utilizando o vídeo é aceita sem muitas restrições pelo grupo consultado e foi um sistema adotado pela turma experimentada. No entanto, mesmo sem enfoque na pesquisa, detectou-se que o uso do vídeo seria um instrumento eficaz a favor da disciplina e auto rendimento cognitivo em sala de aula.

Palavras-chave: Avaliação; Vídeo; Metacognição

ABSTRACT:

The study presented analyzes the possibilities of video as support for the registration of ownership and construction processes of interdisciplinary knowledge by students in 9th grade of elementary school, a public school, in an evaluative and metacognitive perspective. The videos were produced made from the routine in the classroom since the exposure of content by teachers, discussions, oral questioning, observation of the videos of occurring steps, interactions and self-evaluation. The steps observed understand the evolution of an interdisciplinary study in Art History and Art History with content from the immaturity and lack of knowledge of students on the topic presented, social policy issues, the importance of historical records, the

[12] Graduada em Pedagogia. Professora da Rede Pública de Ensino. Aluna do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cidade de Coromandel

[13] Graduado em História. Professor da Rede Particular de Ensino. Aluna do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cidade de Coromandel

improvement and revision of throughout the process. To assist their practices in video, the project contributed to the self-evaluation of teachers and students. It was concluded that the proposed evaluation using the video is accepted without many restrictions consulted by the group and it was a system adopted by experienced class. However, even without a focus on research, it was found that the use of video would be an effective instrument in favor of discipline and self-cognitive performance in the classroom.

Keywords: Evaluation; Video; Metacognition

1. Introdução

Há pouco tempo havia uma enorme preocupação de como as novas tecnologias iriam dominar o mercado de trabalho, inclusive substituir professores. Porém, algumas práticas pedagógicas e propostas curriculares sedimentares trazem o contato com as mídias como mera formalidade em "aulas enfadonhas" que não motivam os alunos, apenas reproduzem atividades preestabelecidas. (RODRIGUES *appud*ALMEIDA e FREITAS, 2011).

Neste sentido Kenski (2004) afirma que as tecnologias e seu uso na educação precisam ser refletidas por todos os envolvidos para que, de fato, contemplem o ensino crítico e transformador possibilitado por elas.

A proposta aqui apresentada de utilizar de forma construtiva as mídias registrando o cotidiano de uma sala de aula, por meio de filmagens da turma de 9º ano de Ensino Fundamental, de uma escola pública, nas aulas de Arte e História contemplou a observação direta e indireta, individual e coletiva de todo um processo de ensino-aprendizagem favorecendo seus diversos aspectos e de forma relevante, a capacitação do educando na compreensão sobre a sua maneira de pensar e a do grupo em que ele faz parte exercitando o poder de avaliação de forma coerente e independente.

. "A avaliação escolar, hoje, só faz sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para a melhor aprendizagem" (HOFFMANN *apud* PELEGRINI, 2003). No entanto, se a ênfase é o aprender, como ela afirma, há necessidade de se perceber todo o processo e o registro, por meio de filmagens é uma sugestão de instrumento mediador neste processo.

"A pesquisa em sala de aula, assim como outras formas de pesquisa, é um modo de os sujeitos tornarem-se parte na constituição dos discursos, colocarem neles sua marca e contribuição pessoal". (MORAES e LIMA, 2012, p. 156) Os mesmos autores dizem também que este tipo de pesquisa leva a uma avaliação num processo produtivo, quanto aos resultados e envolve os alunos levando-os a reflexão sobre as aprendizagens.

De acordo com esta proposta, a avaliação, nesta experiência, busca ser mais subjetiva do que objetiva, fugindo da avaliação por meio de provas escritas que é característica da escola, local da pesquisa. Busca-se com os arquivos de vídeos das aulas proporcionar aos educandos uma avaliação para além de questionamentos do trabalho pré-definido em planejamento pelos professores e ao suposto nível alcançado pelo aluno numa determinada perspectiva desejada, delimitado por meio de um padrão pré-estabelecido. Desta forma, como aponta Gasparin (2011), o processo educacional não se inicia pelo ensino, mas pela avaliação, pois ela parece ser ponto de partida, mais importante que a própria evolução do conhecimento.

Buscamos um modo avaliativo mediador, onde os educandos se sentissem construtores e fossem capazes de argumentar, analisar, criticar e assim, como em portfólios produzissem materiais concretos de seu aprendizado. Neste caso, vídeos das aulas, como arquivo de seu aprendizado.

Rever foi o estimulo dentro dos parâmetros desta avaliação proposta. Porém, rever com qualidade e objetivos claros analisando não um momento único, uma prova, mas todo o processo de desenvolvimento desde o primeiro contato com o tema, até sua aplicação e empoderamento das questões.

Este projeto interdisciplinar em Arte e História buscou entender o processo de avaliação da aprendizagem que ocorreu por meio do diálogo com os conhecimentos prévios e aqueles construídos durante as aulas e as experiências vivenciadas entre educandos e professores, educandos e educandos, todos e as realidades, todos e o processo histórico-cultural e assim por diante. O instrumento da filmadora e o vídeo aparecem neste processo como elementos diferenciados para um sistema de avaliação que traga a reflexão e a formação progressiva para os alunos e o professor.

Foi disponibilizado o acesso a diversas informações que os fizeram elaborar linguagens suficientes para descrever o que estudaram e sua compreensão sobre o conteúdo proposto. De tal maneira, numa sequência de muita conversa, pesquisas e confrontos construíram um conhecimento para, posteriormente, assistir a retrospectiva dos vídeos e avaliar o que sabiam e o que ficaram sabendo depois das experiências. O resultado esperado foi a produção de um vídeo com depoimentos sobre o processo vivenciado e a auto avaliação quantificado por notas de 0 a 10.

Analisar as potencialidades do vídeo como suporte para registro dos processos de apropriação e construção de conteúdos interdisciplinares pelos educandos do Ensino Fundamental, de uma escola pública numa perspectiva avaliativa e metacognitiva foi o objetivo principal. Porém, acrescenta-se naturalmente a ele a colaboração na construção de habilidades dos educandos como a autocrítica, senso de improviso, valores do convívio social, assimilação e reprodução de conhecimentos adquiridos e noções do processo de ensino-

aprendizagem, estimulo ao educando para a pro atividade em seu ambiente de sala de aula oportunizando a ele ser sujeito na construção e produção de seus conhecimentos.

O vídeo entra não só como recurso audiovisual educativo apresentando determinado tema ou "instrumento de leitura crítica da mídia que introduz novas questões no processo educacional" (PEREIRA, 2013, p. 43), mas como recurso pedagógico de avaliação.

2. Material e métodos:

Grupo Focal: A coleta de dados de grupo focal na definição de Kitzinger (1995) explora efetivamente as discussões do assunto em tempo real, onde o grupo selecionado troca as suas experiências com relação ao tema proposto pelo investigador. "O método é, particularmente, útil para explorar o conhecimento e as experiências das pessoas e pode ser usado para examinar não só o que as pessoas pensam, mas como eles pensam e porque pensam assim". (KITZINGER, 1995, p. 299)

Caracteriza-se como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA & GONDIM, 2001, *appud* GONDIM, 2002). É um método que nos permite captar a experiência do grupo atrelada ao contexto sócio-cultural (SMITH, 1994 *appud*GONDIM, 2002).

No caso desta investigação, os dados e as conclusões foram elaborados a partir da experiência prática vivenciada no período de 3 de novembro a 21 de 2014 dentro da sala de aula, por meio das imagens registradas por uma câmera filmadora das 9aulas de História da Arte desenvolvidas 3, na disciplina de Arte 6, na disciplina de História. Assistindo às imagens das aulas sem edição, por meio do data show, os educandos tiveram subsídio para elaborar um pensamento crítico de sua atividade e passaram a compreender a proposta de utilizar o vídeo como elemento novo para avaliação de conteúdos dentro das disciplinas. No entanto, ao invés de um bate papo, as opiniões foram coletadas no grupo, logo após assistirem ao vídeo das aulas anteriores, sendo registrado em câmera também este processo até que pudessem finalizar seu pensamento sobre o conteúdo.

3. Resultados e discussão

Nesta experiência foi permitido ao aluno ser, de fato, ator no seu processo de ensino-aprendizagem ou, como a proposta da pesquisa, de analisar as potencialidades do vídeo como suporte para registro dos processos de apropriação e construção da disciplina de Arte pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II.

Numa perspectiva avaliativa e metacognitiva, de acordo com a definição do dicionário informal, é um método que faz "conhecer o próprio ato de conhecer, consciencializar, analisar e avaliar como se conhece, pensar sobre o próprio pensamento"[14] é que foi construída esta pesquisa.

Como aponta Lara (2012) alunos que participam do processo de avaliação são levados a compreender a aula como um lugar de comunicação aberta e diálogo cultural. De tal modo, a sala se transformou num laboratório de experimentação do conteúdo de História da Arte proposto pelos professores de Arte e História.

Diante de tantas constatações, ora dentro do propósito da pesquisa, ora apontando novos caminhos e novos campos de busca dentro do tema, percebe-se nesta experiência que "não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino" etambém "faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa". (FREIRE, 1996, p. 29).

Portanto, mais que os resultados buscados, esta pesquisa trouxe algumas perspectivas fundamentais para nossas práticas em sala de aula e, ainda mais, para nossa função permanente de pesquisadores, pois é necessário experimentar novos métodos em sala de aula. As mídias devem nos servir de mediadoras na elaboração do ensino-aprendizagem e se apresentam como excelentes meios na ideia de avaliação e auto avaliação. A sala de aula é campo aberto para as pesquisas. Realizar pesquisas com grupos específicos (grupos focais) nos permite experimentar, de fato, as realidades e entender o contexto, a interdisciplinaridade é possível, é necessária, é importante.

4. Conclusão ou considerações finais

Embora o grupo focal tenha sido reduzido por questões de tempo e logística e que isto não nos deu condições para uma análise mais ampla na comprovação dos objetivos da pesquisa, pode-se perceber que o tema despertou nos observadores, colegas professores, o desejo de aprofundar na questão o que pode, em longo prazo, gerar uma pesquisa mais ampla e eficiente sobre o assunto.

Como pesquisadores nesta experiência, pudemos perceber que nossa proposta pode não ser bem aceita, a principio, mas gera reflexões, indagações e novas perspectivas e este é o papel da ciência produzir "*links*" para dinamizar processos, incrementar ações e criar novos caminhos para determinados conceitos que já não funcionam como antes ou já foram ultrapassados pela própria evolução histórico-social e cultural.

[14] Metacognição: Etimologicamente, a palavra **metacognição** significa para além da cognição, isto é, a faculdade de conhecer o próprio ato de conhecer, ou, por outras palavras, consciencializar, analisar e avaliar como se conhece , " pensar sobre o próprio pensamento?. Através da reflexão sobre a maneira como se aprende, pode-se repensar sobre os processos de pensamento individual. Disponível em: http://www.dicionarioinformal.com.br/metacogni%C3%A7%C3%A3o/ - acesso 14/04/2014

A pesquisa quebrou a ideia de unilateralidade, eliminou os agentes passivos e ativos, já que trouxe para o grupo de educandos a discussão de uma experiência comum, a, nós professores, levantou uma possibilidade de uso dos vídeos para fins disciplinares e mediadores na construção do processo de ensino-aprendizagem.

Esta investigação nos aproximou dos autores e traçou nosso perfil, no caso, a convicção de que ensinar, dentre milhares de colocações, exige pesquisa, criticidade, consciência do inacabamento, convicção de que a mudança é possível, exige saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, exige disponibilidade para o diálogo... (FREIRE, 1996) e que a educação ainda precisa da utopia.

Referências

ALMEIDA, Marcus Garcia - FREITAS, Maria do Carmo Duarte – A escola no século XXI – Atores responsáveis pela educação e seus papéis – ferramentas de ensino – ferramentas emergentes – disponível em: http://books.google.com.br– acesso 16/03/2015.

FREIRE, Paulo - **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONDIM, S. M. R. **Grupos Focais como Técnicas de Investigação Qualitativa:** Desafios Metodológicos. Cadernos de Psicologia e Educação, Ribeirão Preto, v.12, n°24, 2002, p. 149-162. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 14/03/2015.

KITZINGER, Jenny - **QualitativeResearch –** disponível em:http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2550365/pdf/bmj00603-0031.pdf - acesso 16/03/2015.

LARA, Rosângela de Souza Bittencourt – Avaliação do ensino e aprendizagem em Arte: O lugar do aluno como sujeito da avaliação – São Paulo: SESI-SP editora, 2012 disponível em: http://books.google.com.br - acesso 12/03/2015.

MORAES, Roque – LIMA, Valderez Marina do Rosário – Pesquisa em sala de aula: tendências para educação em novos tempos – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012 – disponível em: http://books.google.com.br – acesso 15/03/2015.

PELLEGRINI, Denise – Avaliar para ensinar melhor – disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/avaliacao/avaliar-ensinar-melhor-424538.shtml - acesso 16/03/2015.

PEREIRA, Renata Venise Vargas – TV e Vídeo como ferramenta educativa – TV e vídeo – Mídias na Educação – MEC disponível no site: http://portal.mec.gov.br– acesso 14/03/2015.

DIAGNÓSTICO DE CÂNCER: ALTERAÇÕES MOLECULARES

Cristiana da Costa Luciano[15]

Resumo

A genética molecular está promovendo uma revolução no estudo das Ciências Biológicas. Estamos vivendo uma nova era: a era da genética molecular da ciência. O câncer é considerado uma doença genética desencadeada por alterações na molécula do DNA, não sendo considerada uma doença hereditária, devido influências de fatores ambientais e genéticos. O genoma humano constitui em toda informação presente na macromolécula do DNA. O presente estudo aborda uma revisão bibliográfica de artigos em bases de dados, sendo delimitado entre o ano de 2005 até 2011, após leitura e analise dos autores destaquei as atualidades de genética molecular do câncer. Conclui que apesar da genética ser um assunto atual ainda necessita de muitas pesquisas no desenvolvimento de algumas neoplasias. Contudo, conhecer as variações genéticas para que possa dar melhor suporte aos programas de melhoramento, é uma alternativa viável, uma vez que estudos neste sentido ainda são poucos com pequenos ruminantes no Brasil. Assim, a detecção de alterações moleculares no câncer é de grande interesse para um sucesso na terapêutica do câncer.

Palavras – chave: câncer, genoma humano, mutações.

Abstract

Molecular genetics fostering a revolution in the study of Biological Sciences. We are living a new era: the era of molecular genetics science. The cancer is considered a genetic disorder triggered by changes in the DNA molecule and is not considered a hereditary disease, because the influence of environmental and genetic factors. The human genome in all the information present in the DNA macromolecule. This study addresses a literature review of articles in databases, being delimited between the years 2005 to 2011, after reading and analysis of the authors highlighted the updates to the molecular genetics of cancer. Concludes that although genetics is a current subject of much research still needs to develop some cancers. However, knowing the genetic variations that can better suppertime provement programs is a viable alternative, since studies in this direction are still few with small ruminants in Brazil. Thus, detection of molecular changes in cancer is of grat interest to a success in the treatment of cancer.

Keywords: cancer, human genome, mutations.

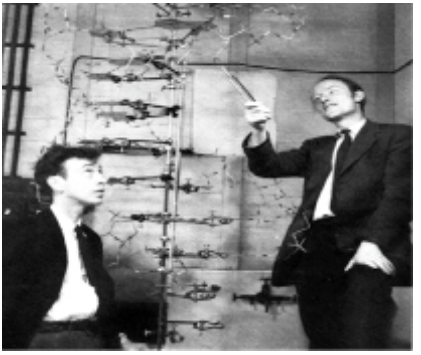
[15] Enfermeira. Pós-graduada em Oncologia pela ASSEVIM/Instituto Passo 1. Patos de Minas, Minas Gerais. Professora Convidada da FEN/UFG. Mestre em Genética – PUC- Góias e Doutoranda em Enfermagem FEN/UFG. crisgenetica@gmail.com

1. Introdução

"A era genética teve início em 1866 com os experimentos de Mendel, com o cruzamento das ervilhas. Nascia nesse momento a Genética Clássica e os conceitos de genes, genótipo, fenótipo e transmissão de caracteres" (GRIFITHS et al. 2001 apud DOLINSKY, 2007).

Esses achados marcaram a era na revolução na Genética, podendo assim contribuir para outros pesquisadores com a ampliação da ciência, bem como o desenvolvimento de outras descobertas da Genética molecular do câncer.

"Após Mendel, Watson e Crick propuseram um modelo para o DNA que compunha o gene e Garroud evidenciou que um gene era responsável pela síntese de uma proteína (enzima)" (GRIFITHS et al. 2001 apud DOLINSKY, 2007) **(FIGURA I).**



Fonte:

(http://tragodefilosofia.blogspot.com/2010)

Figura I: Watson e Crick na descoberta da estrutura do DNA.

O organismo humano encontra-se exposto a múltiplos fatores carcinogênicos, com efeitos aditivos ou multiplicativos. A predisposição individual tem um papel decisivo na resposta final, porém quando apresenta uma alteração genética na molécula do DNA pode se aumentar a essa predisposição (GUERRA et al., 2005).

Abordam Piazza et al. (2010) "que as neoplasias constituem o crescimento anormal de massas de tecidos e classicamente foram identificadas como benignas ou malignas dependendo do seu aspecto estrutural e das suas características de crescimento".

Este trabalho desempenha como objetivo principal conceituar e analisar a patologia do câncer diagnosticado por alterações genéticas moleculares, além de contribuir para os profissionais da saúde sobre o entendimento e a complexidade da genética molecular do câncer.

2. Metodologia

O presente estudo trata de uma revisão bibliográfica de artigos, nos quais selecionamos os artigos obedecendo aos seguintes critérios de seleção: artigos nacionais e publicações em português e inglês que tragam em seu conteúdo genética molecular do câncer.

Os artigos foram encontrados na base de dados BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), indexados no LILACS (Literatura latino-americana e do Caribe em ciências da saúde),PubMed e que preenchiam os critérios acima estabelecidos.

Em seguida os artigos foram lidos e analisados. Os principais tópicos foram selecionados e concatenados de forma a produzir uma seqüência lógica de idéias, permeados por inserções próprias dos autores, todas baseadas nas pesquisas de autores renomados e esclarecidos sobre a temática.

Para este estudo, aceitei o desafio de aprofundar a discussão atual da genética molecular do câncer. Assim, espero contribuir para os estudos atuais e para uma melhor compreensão deste tema de grande importância para os profissionais da área da saúde.

3. Genética do câncer

Conforme Guerra et al. (2005) "o câncer é um problema de saúde pública em países desenvolvidos e em desenvolvimento, sendo responsável por mais de seis milhões de óbitos a cada ano, representando cerca de 12% de todas as causas de morte no mundo".

O câncer pode ser considerado uma doença genética uma vez que é desencadeado por alterações no DNA da célula. No entanto, ao contrário das demais síndromes genéticas humanas, o câncer não é necessariamente uma doença hereditária. Os cânceres humanos são, na sua maioria, de origem somática resultantes da interação de fatores genéticos e ambientais (GUEMBAROVSKI; CÓLUS, 2008).

Algumas interações ambientais são responsáveis pelo aparecimento de células neoplásicas, sendo esses interagidos com fatores genéticos, podendo assim levar a compreensão do aparecimento da patologia como o câncer.

Enfatiza Galloet al. (2004) "que pesquisas de alterações genéticas e sua associação com fatores ambientais podem levar a compreensão dos mecanismos

envolvidos na etiologia desta doença, assim como auxiliar no diagnóstico e tratamento".

Segundo Martinez et al. (2006) o câncer é doença causada por mutações genéticas que conferem às células algumas características especiais, como capacidade ilimitada de proliferação, perda de resposta a fatores de inibição de crescimento, evasão de apoptose (morte celular programada), capacidade de invadir outros tecidos (metástases) e produção de novos vasos sangüíneos (angiogênese) **(FIGURA II).**

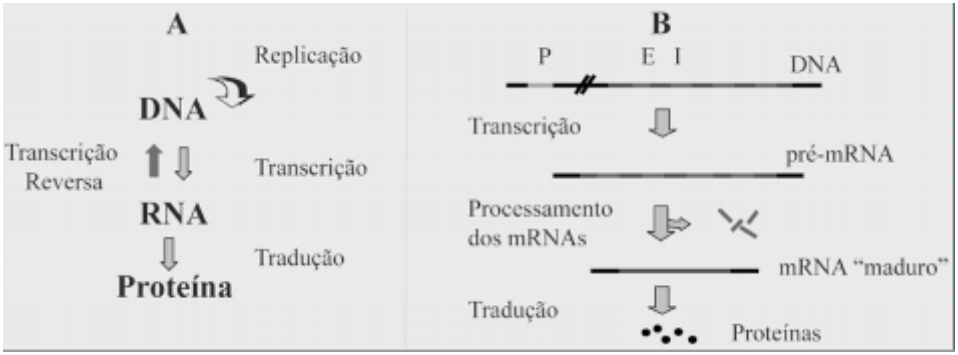


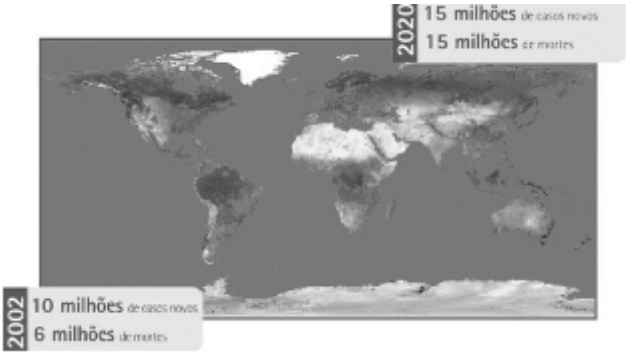
Figura1: (A) Esquema representando o dogma central da biologia molecular
(B) Representação da estrutura de um gene e processamento do RNA transcrito.
Região promotora em verde (P), éxons em azul (E), íntrons em vermelho (I)

Fonte: Modificado http://www.scielo.br/pdf/abd/v81n5/v81n05a03.pdf

Figura II: Esquema do Dogma Central da biologia Molecular

Quando ocorre alteração no esquema do dogma central, gerando uma incapacidade da tradução de uma proteína, pode ser decorrente a mutações genéticas. Essas mutações que são decorrentes de interação de fatores genéticos levam ao aparecimento de células neoplásicas, como o câncer.

No Brasil **(FIGURA III)**, a estimativa de câncer vem aumentando com o decorrer dos anos, constituindo o problema de saúde pública. Conforme estatísticas disponibilizadas pelo INCA, Instituto Nacional de Câncer, em 2020 serão 15 milhões de casos novos de câncer e 15 milhões de óbitos por câncer (INCA; 2006).



Fonte: A situação do Câncer no Brasil – INCA- (INCA, 2006)

Figura III: Estimativa de câncer segundo o INCA, Instituto Nacional do Câncer.

4. Genética molecular

Há duas classes de oncogenes: dominantes e recessivos (ou genes de supressão tumoral). Oncogenes dominantes, diferentemente dos recessivos, são facilmente identificados, pois têm efeito genético dominante em converter uma célula normal em maligna. Para isto basta afetar somente um de seus dois alelos, diferentemente dos recessivos, que necessitam que a mutação afete o par de genes para a carcinogênese ocorrer. Mecanismos moleculares de ativação de oncogenes incluem amplificação, mutação pontual, translocação e hiperexpressão da proteína ou do nível de transcrição do gene (DUARTE; PASCHOAL, 2005).

A genética molecular do câncer encontra-se cada vez mais ampla, devido inúmeros eventos em que ocorrem na transcrição do gene e que possivelmente pode acarretar o aparecimento do câncer. Alguns fatores carcinogênicos são mais abrangentes podendo produzir mutações do DNA (INCA; 2006).

Entre os agentes químicos carcinogênicos, citamos as aminas aromáticas, nitrosaminas, clorocarbonados, agentes alquilantes, hidrazinas e diversos metais pesados como o cobalto, cromo e o níquel. Entre os agentes físicos que também são carcinógenos referimos as radiações ionizantes, como os raios ultravioletas e o raio X, que produzem mutações do DNA (PIAZZA et al. 2010).

Conforme o autor supracitado "as alterações das expressões gênicas é que contribuem para o desenvolvimento destas neoplasias, mas estas mudanças são tempo-dependentes. A configuração da progressão em vários estádios tem mostrado que estes tumores originam-se na sequência de uma hiperplasia, displasia, carcinoma in *situ* e carcinoma invasor".

Segundo Piazza et al. (2010) as alterações genéticas nas células vão depender dos genes supressores de tumor e dos oncogenes.Muitas vezes,estas

mutações dos genes supressores dos tumores alteram a sequência de bases e a codificação das proteínas é truncada, o que induz vários tipos de mutações **(TABELA I).**

Tabela 1 – Genes supressores de tumores e suas relações com diversos cânceres humanos

Gene	Localização cromossômica	Função	Cânceres hereditários	Cânceres esporádicos
RB1	13q14	regula ciclo celular	Retinoblastoma Osteosarcoma	Retinoblastoma sarcomas
WT1	11p13	fator de transcrição	Tumor de Wilms	Tumor de Wilms
TP53	17p13	fator de transcrição	Síndrome de Li-Fraumeni	
APC	5q21-q22	Transdução de sinal	Polipose adenomatosa familiar	Neoplasias gástricas ou colorretais
VHL	3p26-p25	Alongamento de transcrição	Síndrome de V. Hippel Lindau	Neoplasias renais
MSH2	2p21-3p21	Reparo do DNA	Câncer colorretal c/ não polipose	Câncer colorretal e endometrial
MLH1	7p22-2p21			
PMS2				
MSH6				
BRCA1	17q12-21	Reparo do DNA Fator de transcrição	Neoplasia mama-ovário	Neoplasia ovário raro
BRCA2	13q12	Reparo do DNA Fator de transcrição	Neoplasia mama-ovário	Neoplasia ovário raro
NF1	17q11	Regulador negativo de RAS	Neurofibromatose	-
DPC4	18q21	Sinalizador do TG- beta	-	Tumor do pâncreas
CDKN2A	9p21	Regulador negativo da ciclina D	Melanoma	Diversos
PTEN	10q24	Fosfatase	Síndrome de Cowden	Diversos

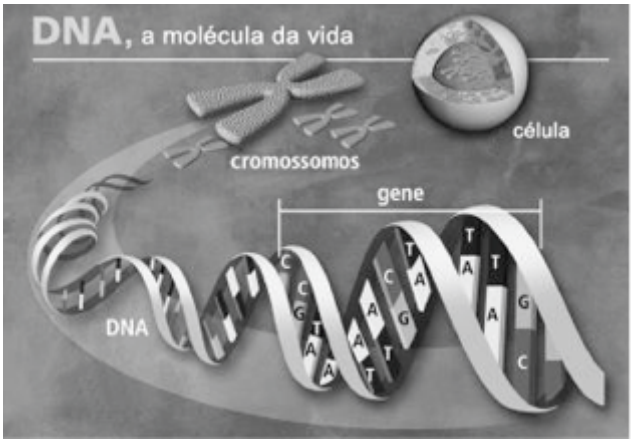
Fonte: http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2010/v38n11/a575-582.pdf

Tabela I: Genes supressores de tumores e suas relações com diversos cânceres humanos.

5. Genoma humano

O termo "genoma é desiguinado para representar o conjunto de genes e sequências regulatórias de um dado organismo. Os genes por sua vez, carregam informações genéticas que determinam todas às caracterizas de um organismo e a sua existência foi inicialmente inferida nos experimentos realizados por Gregor Mendel em 1865" (FERREIRA; ROCHA, 2010).

Segundo Goulart et al. (2010) o genoma é o conjunto de toda informação de um determinado organismo, contido em seu material genético DNA (ácido desoxirribonucléico) ou mesmo RNA (ácido ribonucléico) no caso de alguns vírus. O DNA é uma macromolécula orgânica que possui a informação contida na sequência de suas bases (adenina, timina, guanina e citosina); quando necessário essa informação é disponibilizada para a célula na forma de uma molécula de RNA mensageiro (cópia de uma pequena porção do DNA total). Essa molécula de RNA mensageiro será posteriormente lida e traduzida na forma de uma proteína, no citoplasma da célula **(FIGURA IV).**



Fonte: http://nossoblogdoatalaia.blogspot.com/2011

Figura IV: Projeto Genoma Humano

O Projeto Genoma Humano (PGH) iniciouse em 1990 para decifrar o código genético humano e suas alterações e em 2003 concluiu-se osequenciamento dos três bilhões de bases doDNA da espécie humana. Os objetivos do PGHem saúde envolvem a melhoria e simplificaçãodos métodos de diagnóstico de doenças genéticas, otimização das terapêuticas e prevenção dedoenças multifatoriais (GOULART et al., 2010).

Enfatiza Goulart et al. (2010) "que o genoma humano é propriedade inalienável de toda a pessoa e, por sua vez, um componente fundamental de toda a humanidade. Dessa maneira, ele deve ser respeitado e protegido como característica individual e específica, pois todas as pessoas são iguais no que se refere aos seus genes, afinal unicidade e diversidade são propriedades de grande valor da natureza humana".

O DNA humano contém aproximadamente 3,1 bilhões de pares de bases (A – adenina; G – guanina; C – citosina; T – timina) divididos em 20-25 mil genes. Após transcrita, a sequência de nucleotídeos de cada gene é traduzida em uma sequência polipeptídica, dando origem a uma proteína específica. O genoma humano contém quase 10 milhões de polimorfismos de núcleo único (SNPs – single nucleotidepolymorphisms). No entanto, nem todo osSNPs são reconhecidos como funcionais, ou seja, nem todos têm potencial em afetar a expressão de um gene ou a função da proteína codificada por um gene mutante. Sendo assim, dentre as quase 10 milhões de variantes genéticas existentes, apenas uma parcela delas poderia influenciar um fenótipo específico (DIAS; 2011).

6. Mutações

Aborda Pasternak (2007) que o "câncer é o termo abrangente para o crescimento celular não contido. Em geral, uma célula cancerosa é uma célula somática com acumulo de mutações em genes diferentes que coletivamente causam uma perda de controle da proliferação celular. Como conseqüência forma-se uma massa de células (tumor)".

Muitos pesquisadores acreditam em que a "causa do envelhecimento celular se encontra na genética. Como o desenvolvimento do organismo, desde sua fecundação até sua maturidade sexual, é controlado pelo material genético" (GAVA; ZANONI, 2005).

Esse envelhecimento celular pode desencadear algumas alterações na estrutura do DNA, gerando conseqüências drásticas como mutações. Essas mutações podem originar posteriormente a presença de células neoplásicas que tem uma grande capacidade de proliferação, ocasionado assim o câncer.

O câncer é uma doença cuja iniciação e progressões envolvem passos nos quais o DNA acumula uma série de mutações. Em geral, as mutações incluem alterações de seqüência, perdas, ganhos e rearranjos cromossômicos (simples ou extremamente complexos). Evidências do envolvimento de mutações em casos de câncer surgiram inicialmente da observação de alterações genéticas recorrentes e específicas em determinados tipos tumorais, a partir da observação de alterações em nível cromossômico. Hoje se sabe que estas alterações afetam diferentes passos nas vias que regulam os processos de proliferação, diferenciação e sobrevivência celular (GUEMBAROVSKI; CÓLUS, 2008).

Características	Oncogenes	Supressores de tumor
Mutação	Dominante (ganho de função)	Recessiva (perda de função)
Mecanismo de ativação/inativação	Mutação pontual, translocação, amplificação gênica e inserção viral	Mutação pontual, perda alélica, metilação e inserção viral
Eventos mutacionais necessários	1 evento	2 eventos
Associação com câncer hereditário	Raramente (EX: Neoplasia Endócrina Múltipla tipo 2)	Freqüentemente (EX: Síndrome de Li-Fraumeni)
Funções das proteínas codificadas	Fatores de crescimento, receptores de fatores de crescimento, proteínas de transdução de sinal, fatores de transcrição	Proteínas envolvidas no controle do ciclo celular, no reparo do DNA e na indução da apoptose
Exemplos	*ABL1, MYC, K-RAS, RET*	*RB1, TP53, BRCA1, MLH1*

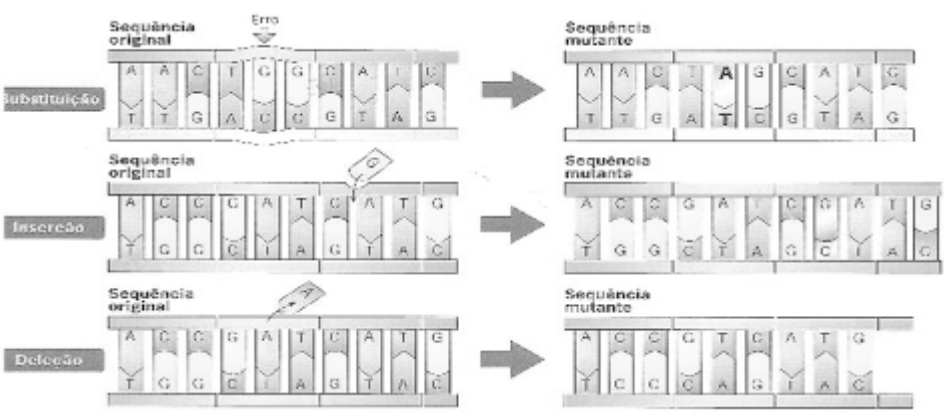
Fonte: http://www.geneticanaescola.com.br/ano3vol1/2.pdf

Tabela II: Características principais dos oncogenes e genes supressores de tumor.

Segundo o autor supracitado existem vários tipos de mutações que afetam diferentes passos nas vias que regulam os processos de tradução de uma proteína. Quando identificado o gene mutado, podemos associar aos eventos acondicionados, como mencionado na tabela anterior.

Abordam Galloet al. (2004) que as diferentes mutações podem ser separadas segundo seu possível papel, alterando ou não a estrutura da p53, e consequentemente a sua função. Essas alterações podem ser do tipo que resultam em troca de aminoácidos ou troca de sentido, não importando a sua localização (sítio de ligação ao DNA) mutações que provocam alterações do quadro de leitura (deleção, inserção e sem sentido, ou seja, com formação de códon de parada) e mutações que possivelmente não provocam alterações na estrutura da proteína (silenciosas, localizadas em íntrons).

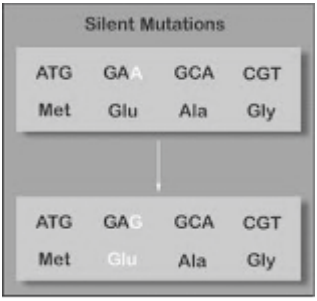
Conforme mencionado anteriormente, quando ocorrem alterações no quadro de leitura e porque ocorreu uma mutação onde a expressão da proteína teve uma alteração, sendo expressa de forma alterada, levando assim a perda da função do gene mutado. Dessa forma, essa troca de aminoácido é suscetível ao aparecimento do câncer **(FIGURA V).**



Fonte: http://anaines12b.blogspot.com/2011/04/mutacoes

Figura V: Mutações de substituições, inserções e deleções.

"Mutações que apresentam códon de parada, deleção e inserção podem acarretar uma alteração drástica na estrutura da proteína e perda função. Quando estes tipos de mutações estivessem presentes, o tumor, consequentemente, expressaria um maior grau de agressividade" (GALLO et al. 2004).



Fonte: http://o-outro-universo.blogspot.com/2010

Figura VI: Mutações que não alteram a estrutura – silenciosa.

Demonstrado na **(FIGURA VI),** observamos que quando ocorre uma mutação onde não altera a sequência da estrutura não ocorre alteração da proteína expressa, porém chamada de mutação silenciosa.

Segundo Inca (2006) o tempo para a carcinogênese ser completada é indeterminável, podendo ser necessários muitos anos para que se verifique o aparecimento do tumor. Teoricamente, a carcinogênese pode ser interrompida em qualquer uma das etapas, se o organismo for capaz de reprimir a proliferação celular e de reparar o dano causado ao genoma. Seria redundante salientar que a suspensão da exposição a agentes carcinogênicos é condição para a interrupção da carcinogênes**(FIGURA VII).**

Fonte: www.inca.com.br

Figura VII: Etapas da Carcinogênese

Diante a ativação de um agente carcinogênico, podemos ter várias alterações celulares que podem demorar vários anos a serem manifestadas, podendo ocasionar alterações genéticas como as neoplasias (INCA 2006).

Várias alternativas têm sido efetuadas através de diferentes técnicas para determinar deleções, inserções ou substituições de nucleotídeos que induzem mutações, podendo assim condicionar a doenças, entre elas o câncer. Elas estão fulcradas em técnicas de mobilidade eletroforética, susceptibilidade à clivagem com enzimas de restrição e mesmo a detecção de desalinhamento com proteínas específicas e, com isto, a produção de proteínas truncadas (PIAZZA et al. 2010).

7. Considerações finais

Apesar da ampliação do conhecimento atualsobre a genética molecular dos principais tipos de câncer, ainda se sabe pouco sobre o papel dos inúmeros oncogenes, genes supressores e vias de transdução de sinal na gênese e no desenvolvimento dessas neoplasias.

A compreensão dos mecanismos que promovem instabilidade genômica, como ganhos ou perdas de seqüências e translocações cromossômicas, pode, num futuro próximo, não só auxiliar no estadiamento tumoral como também no estabelecimento de novas terapias que irão beneficiar milhões de doentes diagnosticados anualmente em todo o mundo.

A detecção de alterações moleculares pode auxiliar no diagnóstico e tratamento do câncer, o que tem estimulado a busca de biomarcadores com ampliações clínicas potenciais. A era da genômica, com o desenvolvimento do genoma humano tem melhorado significativamente a compreensão da fisiologia dos tumores resultando na rápida identificação de novos alvos moleculares para o diagnóstico, prevenção e tratamento do câncer.

Neste sentido, conhecer as variações genéticas para que possa dar melhor suporte aos programas de melhoramento, é uma alternativa viável, uma vez que estudos neste sentido ainda são poucos com pequenos ruminantes no Brasil. Assim, a detecção de alterações moleculares no câncer é de grande interesse para um sucesso na terapêutica do câncer.

Referências

1- DIAS, G. R. Genética, performance física humana e doping genético: o senso comum versus a realidade científica.**Revista Brasileira de Medicina e Esporte.** São Paulo: 2011.

2- DOLINSKY, L.C.B. As diversas aplicabilidades da Genética Molecular no século XXI: uma nova era nas ciências biológicas: artigo de revisão. **Revista Saúde e Ambiente.** Duque de Caxias: 2007.

3- DUARTE, R.L.M; PASCHOAL, M.E.M. Marcadores moleculares no câncer de pulmão: papel prognóstico e sua relação com o tabagismos. **Jornal Brasileiro de Pneumologia.** Rio de Janeiro: 2005.

4- FERREIRA, C. G; ROCHA, A. C. **Oncologia molecular**. Editora Atheneu. 2° Ed. São Paulo: 2010.

5- GALLO et al. Mutações no gene TP53 em tumores malignos de mama: associação com fatores de risco e características clínico-patológicas, inclusive risco de ótbito, em pacientes residentes no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Epidemiologia.**v.7, n°2. Rio de Janeiro: 2004.

6- GAVA, A.A; ZANONI, J.N. Envelhecimento celular. **Arquivo da Ciência da Saúde Unipar.** Umuarama: 2005.

7- GUEMBAROVSKI, R.L; CÓLUS, J.M.S. Câncer: uma doença genética. SBG. **Genética na Escola**. Universidade Estadual de Londrina: 2008.

8- GUERRA et al. Riscos de câncer no Brasil: tendências e estudos epidemiológicos mais recentes. **Revista Brasileira de Cancerologia**. São Paulo: 2005.

9- GOULART et al. Manipulação do Genoma Humano: ética e direito. **Ciência e Saúde Coletiva**. Bauru. São Paulo: 2010.

10- MARTINEZ et al. Genética molecular aplicada ao câncer cutâneo não melanoma. **Anais Brasileiro de Dermatologia.** São Paulo: 2006.

11- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). **A Situação do Câncer no Brasil.** Rio de Janeiro, 2006. 119 p.

12- PARTERNAK, J.J. **Uma introdução à genética molecular humana: mecanismos para doenças hereditárias**. Editora Guanabara. Rio de Janeiro: 2007.

13- PIAZZA et al. Biologia molecular: aspectos básicos da genética: parte 1. **Femina.**v.8. n°.38. Paraná: 2010.

GESTÃO DE QUALIDADE NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR: REVISÃO INTEGRATIVA

Amanda Rafael Santos[16]
Carina Silva Santos[17]
Cristiana da Costa Luciano[18]

RESUMO: Esse estudo tem como objetivo analisar a produção científica relacionada à gestão de qualidade da assistência do Enfermeiro durante o transporte de vítimas no atendimento pré-hospitalar. Trata-se de revisão integrativa da literatura, que buscou sumarizar as pesquisas já concluídas e obter conclusões relacionadasà qualidade e gestão da assistência do profissional enfermeiro noatendimento pré-hospitalar e transporte de vítimas traumatizadas, a partir de publicações científicas indexadas na base de dados BIREME, LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências de Saúde) e PUBMED (NetMedPubMedMedline Artigos Médicos) a partir do ano de 2009 até o momento. Seguindo os critérios de inclusão, totalizaram-se 11 estudos selecionados para análise, dos quais 82% (nove artigos) publicados em periódicos nacionais e 18% (dois artigos) foram publicados em periódicos estrangeiros. Para o transporte de vítimas o SAMU dispõe de ambulâncias dos tipos: B – Unidade de Suporte Básico de Vida, com motorista e técnico ou auxiliar de enfermagem; D – Unidade de Suporte Avançado, com motorista, médico e enfermeiro; E – Aeronave de transporte médico, com piloto, médico e enfermeiro; F – Embarcação de transporte médico que pode ser tripulado por uma equipe de suporte básico ou avançado.

PALAVRA-CHAVE: Traumatismo Múltiplo, Assistência Pré-hospitalar, Transporte de Paciente.

ABSTRACT: This study aims to review scientific literature related to professional care quality management of health nurse during the transport of victims in the pre-hospital Care. It is an integrative literature review, which sought to analyze and discuss the main features of scientific literature related to quality management and on professional nursing care in pre-hospital Care and transport of traumatized victims, from scientific publications indexed on the basis of data BIREME, LILACS (Latin American Literature in Health Sciences) and PubMed (Medline PubMed

[16] Acadêmica do 10º Período do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade Unida de Campinas – FacUNICAMPS – E-mail: amanda.rafaelsantos@gmail.com

[17] Acadêmica do 10º Período do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade Unida de Campinas – FacUNICAMPS – E-mail: cary.enf@gmail.com

[18] Enfermeira, Professora Orientadora do TCC, Mestre em Genética pela Universidade Pontifícia de Goiás (PUC/GO), Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: crisgenetica@gmail.com

NetMed Medical devices) from the year 2009 to date. Following the inclusion criteria, the total was 11 studies selected for analysis, of which 82% (nine articles) published in national journals and 18% (two articles) were published in foreign journals. For the victims of transport SAMU has ambulances types: B - Basic Support Unit of Life, with driver and technician or nursing assistant; D - Advanced Support Unit, with driver, doctors and nurses; E - medical transport aircraft with pilot, doctor and nurse; F - medical transport vessel that can be manned by a team of basic or advanced support.

KEYWORD: Multiple Trauma, Pre-hospital Care, Patient Transport.

1. Introdução

No Brasil, segundo Adão e Santos (2012), o Atendimento Pré-Hospitalar (APH) iniciou- se por volta da década de 90, sendo um atendimento móvel prestado às vítimas de urgência e emergência, denominadoServiço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU)**.**

O APH é caracterizado por assistência pelos profissionais da área da saúde (PAS) juntamente as vítimas de situações agravantes, diferenciando-se de eventos e cenas do ocorrido (PEREIRA; LIMA, 2009).

Dentre os PAS que atuam no APH destacamos o profissional Enfermeiro, que é um participante ativo da equipe, assumindo a responsabilidade pela assistência às vítimas graves e que estão sob risco de morte. Além de atuar na definição e classificação das prioridades das vítimas, iniciando intervenções na estabilização e reavaliando a vítima a cada minuto durante o transporte para o atendimento intra-hospitalar (AIH) (ADÃO; SANTOS, 2012).

Entretanto Pereira e Lima (2009) enfatiza que a assistência desenvolvida deve ser muito bem sistematizada além de necessitar de um trabalho coletivo e de equipe, pois o resultado e sucesso da assistência e do atendimento dependem dos atores envolvidos no APH, que atuam com seus saberes teóricos e práticos.

Para que esses saberes teóricos e práticos estejam de acordo com a necessidade do atendimento é de suma importância que os PAS, assim como o profissional Enfermeiro participem de cursos de capacitação, para posteriormente desenvolver atividades educativas a equipe, além de participar de revisão de protocolos de atendimento, desenvolvendo assim uma assistência qualificada e com uma equipe constantemente treinada (ADÃO; SANTOS, 2012).

Dentre os PAS que atuam no APH, o Enfermeiro é atribuído com diretos estabelecidos pela lei n° 7498 de 1986, através do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), sendo responsável por implementar a Sistematização da Assistência de

Enfermagem (SAE), incluído a assistência no Suporte Básico de Vida (SBV) e Suporte Avançado de Vida (SAV) (PEREIRA; LIMA, 2009).

Tanto o SBV quanto o SAV realizam atendimento de urgência e emergência, sendo que urgência é caracterizada por uma ocorrência imprevista de agravo àsaúde com ou sem risco potencial de vida, cujo portadornecessita de assistência imediata. Já a emergência é aconstatação de risco iminente de vida ou sofrimentointenso, instituída por meio de práticas clínicas cuidadoras. Os departamentos de emergência são, portanto, locais que necessitam dar respostas rápidas, devendo ter uma equipe qualificada, que tenha facilidade de comunicação e capacidade de tomar decisões assertivas, uma vez que irá prestar cuidados de maior complexidade técnica a pacientes graves (SILVA *et al.,* 2014).

No atendimento de urgência e emergência existem as seguinte divisões: AIH e APH. Sendo que o APH é todo aquele que ocorre antes da chegada a unidade a qual irá prestar atendimento e estabilização a vítima. Já o AIH é aquele atendimento que ocorre dentro da unidade de saúde; sendo essa unidade a mesma a qual ocorre o acolhimento da vítima e a classificação de risco (MELO; SILVA, 2011).

No APH é o momento em que os PAS estabilizam as vítimas, resgatando-as. Para esse atendimento ser bem sucedido é necessário que ocorra uma assistência sistematizada e individualizada podendo assim evitar sequelas (PEREIRA; LIMA, 2009).

Para o APH utilizamos de um atendimento denominado SAMU, que dispõe de ambulâncias dos tipos: B – Unidade de SBV, com motorista e técnico ou auxiliar de enfermagem; D – Unidade de SAV, com motorista, médico e enfermeiro; E – Aeronave de transporte médico, com piloto, médico e enfermeiro; F – Embarcação de transporte médico que pode ser tripulada por uma equipe de suporte básico ou avançado (CASAGRANDE *et al*., 2013).

A USA tem como características manobras invasivas de maior complexidade e, por esse motivo, são realizadas exclusivamente por PAS médicos e enfermeiros. Por esse motivo, cabe aos Enfermeiros de APH móvel estarem aptos a atuar de forma eficiente atendendo as necessidades das vítimas e prestando cuidados de forma humana, competente e integral (ADÃO; SANTOS, 2012).

As situações de urgências e emergências podem ocorrer em qualquer local, sendo na rua ou até mesmo no domicílio. É importante que toda a comunidade saiba prestar o primeiro atendimento e acionar o sistema móvel de urgência (SAMU 192 ou similar) se disponível em sua cidade (MELO; SILVA, 2011).

Quando realizado o APH a vítima é estabilizada e transportada para o AIH, onde é realizado o Sistema de Triagem de Manchester (STM). Essa triagem é realizada pelo PAS Enfermeiro onde é classificada a necessidade de atendimento da

vítima em urgência e emergência através de cores (pulseiras que são acondicionadas as vítimas) **(FIGURA 01)**, denominando assim o nível de prioridade de atendimento. O STM avalia as queixas principais do paciente, além do seu estado hemodinâmico, com o intuito de melhorar a assistência prestada e diminuir o tempo de espera dos pacientes em geral (MELO; SILVA, 2011).

Cor da pulseira	Tempo de espera
Vermelha	Atendimento Imediato
Laranja	10 minutos
Amarela	60 minutos
Verde	120 minutos
Azul	240 minutos

Figura 01: Sistema de Triagem de Manchester
Fonte:*https://www.google.com.br*

A classificação de risco é um processo dinâmico de identificação dos usuários que necessitam de tratamento imediato, de acordo como o potencial de risco, agravos à saúde grau de sofrimento(MELO; SILVA, 2011).

Justifica-se esse estudo, devido o APH ser executado através de protocolos que precisam ter eficácia da equipe atuante no atendimento prestado, sendo que se esse atendimento não for realizado com sucesso a vítima poderá ter sequelas além de poder entrar em risco de morte. Para que esse atendimento seja executado com eficiência é necessário que os PAS Enfermeiros estejam aptos, treinados e capacitados para atuar no APH. Um dos quesitos que podem interferir no sucesso da assistência é a qualidade do transporte das vítimas para o AIH. Contudo levantamos a seguinte questão: A gestão da qualidade da assistência dispensada pelos PAS Enfermeiros às vítimas de APH durante o transporte até o AIH interfere na reabilitação e sucesso de atendimento? A hipótese do nosso estudo é que a gestão da qualidade no APH interfere no sucesso do atendimento, no transporte e na reabilitação do paciente.

2. Objetivo

Analisar a produção científica relacionada àgestão de qualidade da assistência do profissional da área da saúde Enfermeiro durante o transporte de vítimas no Atendimento pré – hospitalar e verificar se a gestão do serviço interfere no atendimento prestado.

3. Revisão da literatura

Dentre os atendimentos prestados no APH o de maior extensão é o trauma envolvendo motociclistas, sendo ele a principal causa de mortalidade. Na avaliação primaria do atendimento, realiza-se o A-B-C-D-E, o qual avalia o paciente como um todo e direciona a assistência. É importante que os PAS estejam qualificados para realizar manobra de ressuscitação cardiopulmonar caso ocorra intercorrências.

Segundo Nascimento *et al* (2011) para que ocorra excelência no APH é necessário rapidez e eficácia, sendo rapidez na rua e eficácia na Central de Regulação Médica, lugar onde os telefonistas atendem as chamadas, obtém informações e transferem as ligações para médicos reguladores, que avaliam a gravidade da situação. Tanto os telefonistas do SAMU quanto os médicos reguladores necessitam ter habilidades para realizar com discernimento a solicitação do usuário.

Dentro do APH prestado, o trauma é a principal causa de mortalidade, em pessoas menores de 45 anos de idade. Os óbitos ocasionados pelo trauma podem ocorrer em três picos: o primeiro quando acontece em segundos ou minutos, decorrente a um traumatismo da aorta, coração, medula, tronco cerebral ou por insuficiência respiratória aguda. O segundo pico ocorre em horas após o trauma, decorrente de hemorragias e lesões do sistema nervoso central. O terceiro pico ocorre após 24 horas, devido à falência de múltiplos órgãos e por infecção. Um agravar é o fato de a vítima apresentar fraturas múltiplas, ou seja, politraumatizado (SIMÕES *et al*.,2012).

Na avaliação primária os procedimentos observados seguiram a regra do A-B-C-D-E que constitui-se de uma metodologia de trabalho eficaz para a assistência às vítimas de politraumatismo. Esta regra consiste em uma sequência mnemônica, assim disposta: A (*Air Way*) – permeabilidade das vias aéreas com administração segura do colar cervical; B (*Breathing*) – respiração; C *(Circulation*) – busca de sangramentos e controle da circulação; D (*Disability*) – avaliação neurológica; e E(*Exposure*) – exposição corporal do paciente à procura de lesões não visualizadas e posterior aquecimento na prevenção da hipotermia e do choque (MATTOS E SILVÉRIO, 2012).

Em relação à proteção contra hipotermia deve-se promover o aquecimento da vítima com cobertores térmicos, uma vez que a hipotermia é um marcador fisiológico pré-hospitalar, preditor independente, da necessidade de cirurgia para controle de danos (SIMÕES *et al*., 2012).

Mediante uma possível intercorrência o paciente poderá evoluir a uma Parada Cardiorrespiratória, dessa forma cabe ao PAS ter conhecimento das manobras de ressuscitação cardiopulmonar (RCP). Enfatiza-se uma mudança nessa nova diretriz, no sentindo de se recomendar o inicio da RCP através da compressão

torácica antes da ventilação (C- A- B, em vez de A- B- C). Essa alteração reflete a crescente evidência da importância das compressões torácicas. O segundo passo, após realizadas compressões de alta qualidade, tem inicio com abertura das vias áreas, podendo ser realizada pela hiperextensão do pescoço (Manobra de *Chin Lift* e *JawThust*). (FALCÃO *et al*., 2011).

É importante ressaltar que o controle da via aérea deve ser realizado junto com a proteção da coluna cervical. Estudos da década de 1990 já citavam que qualquer paciente com risco de lesão cervical ou dorsal precisa receber colar cervical e prancha longa com *headblock***(FIGURA 02)** (SIMÕES *et al*., 2012).

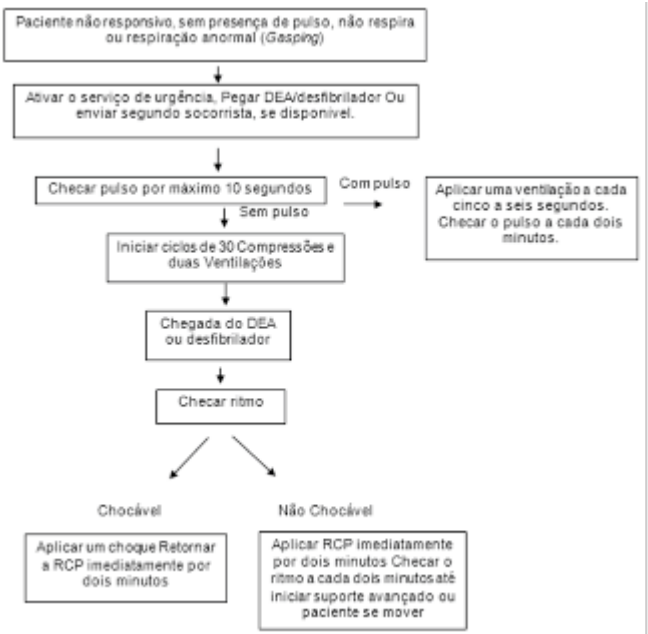


Figura 2- Algoritmo de Suporte Básico de Vida para Profissionais de Saúde. DEA: Desfibrilador Externo Automático.

Fonte:*http://www.scielo.br/pdf/rba/v61n5/v61n5a13.pdf*

No Brasil os Acidentes de Transito (AT) estão se tornando cada vez mais frequente, principalmente envolvendo motociclistas com vitimas traumáticas, o que é algo preocupante e fatal, estando acima somente doenças cardiovasculares e neoplasia (REZENDE NETA *et al*.,2013).

Estes AT originam inúmeros traumas ortopédicos, sendo as que ocorrem com maiores frequências as fraturas de coluna torácica e/ou lombar (REZENDE; OVANZI, 2009).

Entre os vários tipos de transporte, existe o resgate aero médico, a qual o PAS Enfermeiro também participa. Esse transporte aero médico iniciou-se na década de 1960 pela Força Área Brasileira, utilizando helicópteros especialmente para busca de feridos aeronáuticos e transporte dos mesmos para atendimento especializado (SCUISSIATO *et al*., 2012).

Dessa forma o transporte do paciente crítico no APH exige uma estratégia cuidadosa, especialmente em relação à comunicação interequipe, identificando informações básicas relacionadas ao paciente como idade, peso, diagnóstico, destino e procedimento a ser realizado, estabilidade hemodinâmica, padrão respiratório, acesso venoso/gotejamento dos medicamentos e transmissão de tais informações a equipe receptora (ALMEIDA *et al*., 2012).

O transporte de um paciente em estado crítico no AIH envolve uma série de fatores, tais como, a equipe multidisciplinar, as variantes do paciente e alterações fisiológicas do mesmo. Dessa forma o sucesso depende do planejamento de uma organização previa entre a equipe que transporta o paciente e aquele que irá recepciona-lo (ALMEIDA *et al*.,2012).

A fim de realizar um atendimento sistematizado dentro do APH são necessários algumas condutas por parte dos PAS, dentre elas: avaliação e tratamento da vitima o mais rápido possível, garantindo à estabilização, transporte seguro e local adequado.

4. Metodologia

Para o alcance do objetivo, optamos pelo método da revisão integrativa, visto que ele possibilita sumarizar as pesquisas já concluídas e obter conclusões a partir de um tema de interesse. Segundo Gomes *et al* (2012) uma revisão integrativa bem realizada exige os mesmos padrões de rigor, clareza e replicação utilizada nos estudos primários.

Para a realização deste estudo é necessário percorrer seis etapas: 1°- estabelecimento do problema de revisão; 2°- seleção da amostra; 3°- categorização dos estudos; 4°- analise dos resultados; 5°- apresentação e discussão dos resultados; e por fim, 6°- apresentação da revisão (GOMES;*et al*., 2012).

O levantamento bibliográfico foi realizado por banco de dados como, BIREME, LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências de Saúde) e PUBMED (*NetMedPubMedMedline*). Para a busca dos artigos nos bancos de dados, foram utilizados os descritores credenciado no DECs (Descritores em Ciências da Saúde) e *MeSH* (*Medical SubjectHeadings*) "traumatismo múltiplo", "assistência pré-hospitalar" e "transporte de paciente".

Os critérios de inclusão utilizados para a seleção da amostra foram: artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais; que abordem a temática da assistência pré-hospitalar, periódicos indexados nos bancos de dados e artigos publicados de 2009 até 2014. Para os critérios de exclusão, enfatizamos livros, teses, dissertação e monografias, pelo fato de não abordarem a temática do estudo.

Frente análise foramidentificados 9.850 artigos no LILACs e nove artigos no PUBMED, totalizando 9.859 artigos encontrados. Posteriormente foi realizada a apreciação dos resumos dos artigos encontrados, onde foram eliminados 9.841 artigos do LILACS e sete artigos do PUBMED, sendo a amostra final um total de 11 artigos. Após síntese final dos artigos selecionados, os mesmos foram tabulados em uma tabela em formato de *Excel*, frente os dados, banco de dados, DECs/ *MeSH*, título do artigo científico, autor/ano, objetivo e conclusão, de modo a garantir uma melhor compreensão dos achados de acordo com a temática abordada.

A análise do material foi realizada através de leitura crítica e qualitativa que permitiu identificar convergências, possibilitando o seguinte agrupamento por eixos temáticos: Perfil dos atendimentos na urgência e emergência, Importância do PAS Enfermeiro no transporte de vítimas e Gestão de qualidade no APH.

A apresentação dos resultados e discussão dos dados obtidos foi feita de forma descritiva, possibilitando ao leitor a avaliação da aplicabilidade da revisão integrativa elaborada, de forma a atingir o objetivo desse método.

5RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos artigos encontrados três artigos foram publicados no ano de 2009, correspondendo a 27%, dois artigos no ano de 2011, correspondendo a 18%, cincoartigos no ano de 2012 correspondendo a 44% e um artigo no ano de 2013 que corresponde a 11% dos artigos utilizados (**GRÁFICO 01**).

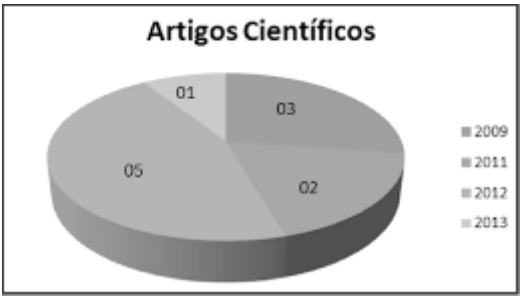


GRÁFICO 01: Perfil dos artigos analisados frente ao ano de publicação

Desses artigos utilizados nove estavam disponibilizados na base de dados doLILACs, totalizando 82% do total, sendo três artigos científicos do ano de 2009, um artigo científico do ano de 2011, quatro artigos científicos de 2012 e um artigo científico do ano de 2013. Estavam disponibilizados dois artigos científicos na base de dados do*PubMed*, correspondendo a 18%, sendo um artigo científico no ano de 2011 e um artigo científico no ano de 2012 (**GRÁFICO 02**).

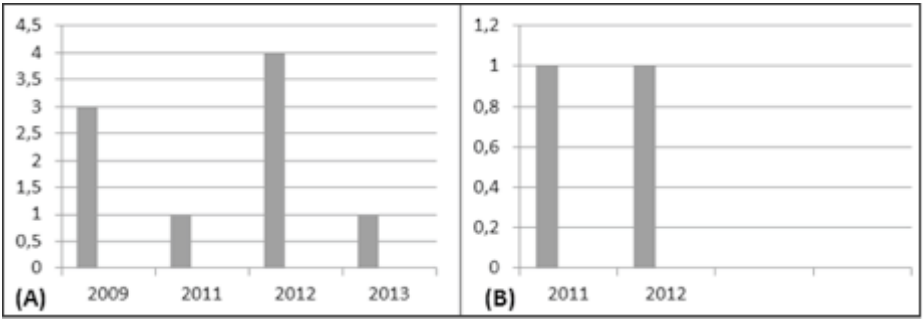


GRÁFICO 02: Perfil dos artigos analisados frente aos bancos de dados
(A) Artigos científicos disponibilizados na Base de Dados LILACS
(B) Artigos científicos disponibilizados na Base de Dados PUBMED.

Dos artigos analisados embasamos em uma classificação de três temáticas, sendo elas: Perfil dos atendimentos na urgência e emergência; Importância dos PAS Enfermeiro no transporte de vítimas e Gestão de qualidade no APH**(QUADRO 01).**

Quadro 01: Demonstração dos artigos em suas temáticas

Nº	Nome do artigo	Autor/Ano	DeCs/Mesh	Bases de Dados
Temática 01 - Perfil dos atendimentos na urgência e emergência				
1	Classificação de risco na emergência: Avaliação da equipe de enfermagem	NASCIMENTO *et al* (2011)	Transporte de pacientes	LILACs
2	Perfil das ocorrências de politrauma em condutores motociclísticos atendidos pelo SAMU de Teresina-PI	REZENDE NETA*et al* (2013)	Traumatismo Múltiplo	LILACs
3	Importância do Índice Anatômico de Gravidade do Trauma no manejo das fraturas toracolombares do tipo explosão	REZENDE E OVANZI (2009)	Traumatismo Múltiplo	LILACs

4	Advances and future directions for management of trauma patients with musculoskeletal injuries.	BALOGH *et al*, 2012	Traumatismo Múltiplo	Pubmed
5	Percepções de urgência para usuários e motivos de utilização do serviço de atendimento pré-hospitalar móvel	ABREU *et al*, 2012	Transporte de Paciente	LILACs
Temática 02 - Importância dos PAS Enfermeiro no transporte de vítimas				
6	Transporte intra-hospitalar de pacientes adultos em estado crítico: complicações relacionadas à equipe, equipamentos e fatores fisiológicos.	ALMEIDA *et al* (2012)	Transporte de pacientes	LILACs
7	Compreensão de enfermeiros de bordo sobre seu papel na equipe multiprofissional de transporte aeromédico	SCUISSIATO*et al* (2012)	Transporte de pacientes	LILACs
8	An example of extreme cardiology: chest pain on the high seas and helicoptered medical evacuations: the French Navy experience.	VINSONNEAU*et al*, 2011	TRANSPORT OF PATIENTS	Pubmed
Temática 03 - Gestão de qualidade no APH				
9	Atendimento pré-hospitalar à múltiplas vítimas com trauma simulado	SIMÕES*et al*(2012)	Traumatismo Múltiplo	LILACs
10	O trabalho em equipe no atendimento pré-hospitalar à vitima de acidente de transito	PEREIRA E LIMA (2009)	Assistência Pré Hospitalar	LILACs
11	An analysis of prehospital care for victims of accidents and violence in Recife, Brazil	LIMA *et al*, 2009	Assistência pré hospitalar	LILACs

TEMÁTICA 01 - PERFIL DOS ATENDIMENTOS NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

A qualidade do atendimento dentro do APH torna-se cada vez mais primordial, dessa forma a comunicação e a interação entre PAS são potentes ferramentas deste trabalho, garantindo sobrevida aos pacientes. Fazendo com que haja uma gestão de qualidade ao atendimento prestado (PEREIRA; LIMA, 2009).

Segundo Nascimento *et al* (2011) os seres humanos solicitam o atendimento de uma unidade como o SAMU, quando se deparam com qualquer situação destinada a eles que estejam erradas, ou em qualquer situação enquadrada como de urgência e emergência e necessitam de APH.

A compreensão das percepções dos usuários sobre as situações de urgência produz conhecimento que pode ser utilizado na formulação de novas hipóteses sobre os motivos que influenciam a busca pelos serviços pré-hospitalares móveis (ABREU *et al*., 2012).

Muitas vezes esses chamados ao atendimento do SAMU são sem necessidade de transporte de uma ambulância, às vezes necessita somente de uma orientação, sendo que essas ligações desnecessárias sobrecarregam os atendentes, que muitas vezes poderiam estar atendendo algo mais grave.

Entretanto, entender essa utilização pode servir de ferramenta na organização dos serviços que atendem agravos urgentes e contribuir para ampliar o acesso aos acometidos por agravos de menor gravidade. Permite, também, aos PAS enfermeiros, compreender as demandas dos usuários e atuar sobre elas, por meio de orientações e cuidados qualificados (ABREU *et al*., 2012).

Em pesquisa realizada por Rezende Neta *et al* (2013) no Estado do Piau foi verificado que dos 3.829 atendimentos realizados foram devido acidentes com motocicletas, o que resumiu em 84% das causas do APH.

Essa alta taxa de APH devido acidente com motocicletas é justificado devido o alto índice de pessoas que utilizam esse meio de condução, por ser mais barato, possuir maior agilidade no trânsito, além de ser utilizado com grande frequência para meio de trabalho.

Esses acidentes com motocicletas originam inúmeros traumas, sendo com maior frequência os traumas ortopédicos. Em pesquisa realizada por Rezende e Ovanzi (2009) eles verificaram que de 102 vitimas, 63, 3% foram vitimas de fraturas do tipo de explosão, causados por trauma de leve intensidade. E apenas 2,6% sofreram trauma de gravíssima intensidade.

Entre os traumas de gravíssima intensidade estão as Lesões musculoesqueléticas, que são as mais comuns para procedimentos cirúrgicos, com riscos potencialmente fatais de complicações sistêmicas, tais como embolia gordurosa, lesão pulmonar aguda e falência múltipla de órgãos (BALOGH *et al*, 2012).

Mesmo com uma estatística com maior concentração de traumas de leve intensidade, necessitamos preocupar com a forma em que vamos executar o atendimento, porque a estabilização da vitima e o transporte da mesma influência na recuperação e sucesso do atendimento.

TEMÁTICA 02 - IMPORTÂNCIA DO PAS ENFERMEIRO NO TRANSPORTE DE VÍTIMAS

Segundo Almeida *et al* (2012) é necessário que ocorra um transporte das vítimas para o AIH de forma planejado, afim de eliminar os riscos e sequelas imediatas. Dessa forma é indispensável que os PAS realizem treinamentos e aperfeiçoamentos, para manter a excelência do atendimento além da segurança do paciente. Outra pontualidade desses autores foi perante a necessidade de uma comunicação eficaz durante o transporte entre a equipe do APH, sendo que essa comunicação melhora o atendimento e elimina possíveis sequelas.

O PAS Enfermeiro é peça chave para o APH, sendo o mesmo responsável pela estabilização dos padrões hemodinâmicos da vítima durante o transporte até o AIH. Entretanto podemos verificar em estudos anteriores, que para o PAS Enfermeiro estar apto a atuar nessa conduta ele necessita estar bem habilitado, para tanto é de suma importância a capacitação na área de transporte de vítimas no APH, durante as urgências e emergências.

Pontuamos também que além do transporte terrestre existe o transporte de vítimas por aeronaves. Segundo Vinsonneau*et al* (2011), a partir de 1 de janeiro de 2000 a 30 de abril de 2009, 286 evacuações de helicóptero foram realizadas pelos PAS, das quais 132 foram devido traumatologia emergenciais, e 154 para emergências médicas. Dor torácica aguda, com 36 missões, foi a principal causa de evacuações.

Para Scuissiato*et al* (2012) o PAS Enfermeiro tem um importante papel, assim como em ambulâncias, é o mesmo que monta, organiza o material, realiza a limpeza. Assim como em outros modelos de resgate, o trabalho em equipe se torna primordial, a sintonia entre os profissionais deve ser a mais perfeita possível para finalizar com um transporte seguro e com sucesso.

TEMÁTICA 03 - GESTÃO DE QUALIDADE NO APH

Segundo Simões *et al* (2012) os segundos ou minutos durante o APH é muito importante quando mencionamos gestão da qualidade do atendimento, porque caso tenha ocorrido traumatismo da aorta, coração, medula, tronco cerebral ou por insuficiência respiratória aguda, esses segundos ou minutos interferem no sucesso do atendimento.

Os gestores e trabalhadores de saúde do Recife identificaram pontos críticos para prestação de cuidados às vítimas de acidentes e violências: a falta de profissionais especializado nesta área e à ausência de um ortopedista e cirurgião para realização de procedimentos cirúrgicos menores em serviços de urgência 24 h (LIMA *et al*, 2010)

Podemos observar que é de suma importância que o APH seja planejado, focando nos conhecimentos teóricos e práticos da urgência e emergência. Quando ele é realizado de forma planejada realizamos o alcance de uma gestão de qualidade para os pacientes.

Segundo Pereira e Lima (2009) para o alcance de um APH com eficácia é necessário que o atendimento seja realizado em equipe, ou seja, todos os PAS falando a mesma língua, planejando as mesmas ações, com o objetivo de transportar a vítima até o AIH com vida e diminuindo as possíveis sequelas.

6. Considerações finais

Muitas vezes as solicitações de atendimento de uma unidade móvel são desnecessárias o que gera uma sobrecarga aos atendentes. Cabe ao solicitante diferenciar uma situação de urgência e/ou emergência de um simples ou orientação.

Verificou-se que o perfil dos atendimentos do SAMU são voltados principalmente a motociclistas, sendo com maior frequência vitimas de traumas ortopédicos.

É necessário um planejamento para que o transporte transcorra de forma segura, evitando possíveis sequelas. Para que o mesmo ocorra de forma holística é necessário um treinamento e aperfeiçoamento dos PAS, onde o enfermeiro é de relevante importante na estabilização dos padrões hemodinâmicos do paciente.

Alem do transporte terrestre utilizam-se também aeronaves e embarcações para possíveis resgates, onde o trabalho em equipe se torna primordial para que o mesmo ocorra de forma segura.

O tempo é de suma importância no APH, pois interfere no sucesso do atendimento a vitima.

O APH de forma planejada alcança uma gestão de qualidade mediante conhecimentos teóricos e práticos da equipe multiprofissional.

Para o alcance da qualidade no transporte é necessário uma sistematização da assistência, alem de um trabalho coletivo com uma equipe apta, treinada e capacitada.

Referências

1- ABREU, K. P.; PELEGRINI, A. H. W.; MARQUES, G. Q.; LIMA, M. A. D. S. Percepções de urgência para usuários e motivos de utilização do serviço de atendimento pré-hospitalar móvel. ***Revista Gaúcha Enfermagem.***, Porto Alegre (RS), vol. 33, n. 2, pp. 146-152, jun. 2012. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/20780

2- ADÃO, R. S; SANTOS, M. R. Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel. ***Revista Mineira de Enfermagem,*** vol. 16, n.4, pp. 601-608, out.-dez. 2012. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/567>

3- ALMEIDA, A. C. G.; NEVES, A. L. D.; SOUZA, C. L. B.; GARCIA, J. H.; LOPES, J. L.; BARROS, A. L. B. L. Transporte intra-hospitalar de pacientes adultos em estado crítico: complicações relacionadas à equipe, equipamentos e fatores fisiológicos. ***Acta paulista de enfermagem.*** [online], São Paulo, vol.25, n.3, pp. 471-476, 2012. ISSN 0103-2100. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002012000300024.

4- BALOGH, Z. J.; REUMANN, M. K.; GRUEN, R. L.; MAYER-KUCKUK, P.; SCHUETZ, M. A.; HARRIS, I. A.; GABBE, B. J.; BHANDARI, M. Advances and future directions for management of trauma patients with musculoskeletal injuries.

5- CASAGRANDE, D.; STAMM, B.; LEITE, M. T. Perfil dos atendimentos realizados por uma Unidade de Suporte Avançado do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) do Rio Grande do Sul. ***Scientia Medica***, Porto Alegre, vol. 23, n. 3, pp. 149-155, 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scientiamedica/article/viewFile/13343/10205>

6- CYRILLO, R M Z; DALRI, M C B; CANINI, S R M S; CARVALHO, E C; LOURENCINI, R R. Diagnósticos de enfermagem em vitimas de trauma atendidas em um serviço pré-hospitalar avançado móvel. ***Revista Eletrônica de enfermagem,*** vol. 11, n. 4, pp. 811-819, 2009. Disponível em: <http://lilacs.bvsalud.org/>

7- FALCÃO, L. F. R.; FEREZ, D.; AMARAL, J. L. G. Atualização das Diretrizes de Ressuscitação Cardiopulmonar de Interesse ao Anestesiologista. ***Revista Brasileira de Anestesiologia***, vol. 61, n. 5, pp. 631-640, Set.-Out. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rba/v61n5/v61n5a13.pdf

8- GOMES, E. C. C.; MARQUES, A. P. O.; LEAL, M. C. C.; BARROS, B. P. Fatores associados ao risco de quedas em idosos institucionalizados: uma revisão integrativa. ***Ciência & Saúde Coletiva***, Rio de Janeiro, vol. 19, n. 8, pp. 3543-3551, Ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v19n8/1413-8123-csc-19-08-03543.pdf>

9- LIMA, M. L. C.; SOUZA, E. R.; DESLANDES, S. F.; KELLY, A.; CABRAL, A. P. S. An analysis of prehospital care for victims of accidents and violence in Recife, Brazil.***Rev. salud pública***, vol. 12 n. 1, pp. 27-37, 2010. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-00642010000100003

10- MATTOS, L. S.; SILVÉRIO, M. R. Avaliação do indivíduo vítima de politraumatismo pela equipe de enfermagem em um serviço de emergência de Santa Catarina. ***RevistaBrasileira Promoção e Saúde***,Fortaleza, vol. 25, n. 2, pp. 182-191, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-646073>

11- MELO, M. C. B.; SILVA, N. L. C. Urgência e emergência na assistência primaria a saúde. ***Universidade federal de Minas Gerais***(UFMG), Belo Horizonte, pp. 18-27, 2011. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3046.pdf

12- NASCIMENTO, E. R. P.; HILSENDEGER, B. R.; NETH, C.; BELAVER, G. M.; BERTONCELLO, K. C. G. Classificação de risco na emergência: avaliação da equipe de enfermagem. ***Revista de Enfermagem. UERJ,*** Rio de Janeiro, vol. 19, n. 1, pp.84-88, jan/mar. 2011. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v19n1/v19n1a14.pdf>

13- PEREIRA, W. A. P.; LIMA, M. A. D. O trabalho em equipe no atendimento pré – hospitalar à vítima de acidente de trânsito. ***Revista dgema escola de Enferm. USP***[online], vol.43, n.2, pp. 320-327, 2009. ISSN 0080-6234. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000200010

14- REZENDE, R.; AVANZI, O. Importância do Índice Anatômico de Gravidade do Trauma no manejo das fraturas toracolombares do tipo explosão. ***Rev. Col. Bras. Cir.*** [online], vol.36, n.1, pp. 9-13, 2009. ISSN 0100-6991. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0100-69912009000100004

15- REZENDE NETA, D. S.; ALVES, A. K. S.; LEAO, G. M.; ARAUJO, A. A. de.Perfil das ocorrências de politrauma em condutores motociclísticos atendidos pelo SAMU de Teresina-PI**.** ***Revista Brasileira de Enfermagem***. [online], vol.65, n.6, pp. 936-941, 2012. ISSN 0034-7167. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672012000600008

16- ROCHA, F. A. S.; OLIVEIRA, M. C. L.; CAVALCANTE, R. B.; SILVA, P.C.; RATES, H. F. Atuação da equipe de enfermagem frente à parada cardiorrespiratória intra-hospitalar. ***R. Enferm. Cent. O. Min.***vol. 2, n. 1, pp. 141-150, jan/abr. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/viewArticle/100>

17- ROMANI, H M; SPERANDIO, J A; SPERANDIO, J L; DINIZ, M N; INACIO, M A M. Uma visão assistencial da urgência e emergência no sistema de saúde. ***Revista Bioética,***

vol. 17, n. 1, pp. 41-53, 2009. Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/78/82

18- SCHMIDT, D. R. C. Modelo Demanda-Controle e estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem: revisão integrativa. ***Revista Brasileira de Enfermagem***. [online], vol.66, n.5, pp. 779-788, 2013. ISSN 0034-7167. Disponível em:http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000500020

19- SCUISSIATO, D. R.; BOFFI, L. V.; ROCHA, R. R.; MONTEZELI, J. H.; BORDIN, M. T.; PERES, A. M. Compreensão de enfermeiros de bordo sobre seu papel na equipe multiprofissional de transporte aeromédico. ***Revista Brasileira de Enfermagem***. [online], vol.65, n.4, pp. 614-620, 2012. ISSN 0034-7167. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672012000400010

20- SILVA, D. S; BERNARDES, A; GABRIEL, C.S; ROCHA, F. L. R.; CALDANA, G. A liderança do enfermeiro no contexto dos serviços de urgência e emergência. ***Revista Eletrônica de Enfermagem.*** [Internet], vol. 16, n. 1, pp. 211-219, jan/mar. 2014. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5216/ree.v16i1.19615. - doi: 10.5216/ree.v16i1.19615

21- SIMOES, R. L.; NETO, C. D.; MACIEL, G. S. B.; FURTADO, T. P.; PAULO, D. N. S. Atendimento pré-hospitalar à múltiplas vítimas com trauma simulado. ***Rev. Col.Bras. Cir.*** [online], vol.39, n.3, pp. 230-237, 2012. ISSN 0100-6991. Disponível em:http://dx.doi.org/10.1590/S0100-69912012000300013

22- SOUZA, C. C.; TOLEDO, A. D.; TADEU, L. F. R.; CHIANCA, T. C. M. Classificação e risco em pronto- socorro: concordância entre um protocolo institucional brasileiro e Manchester. ***Revista Latino Americana de Enfermagem***, p 3, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n1/pt_05.pdf

RELIGIÃO E POLÍTICA: DUAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS POLÊMICAS

Sílvia Mara de Melo[19]

RESUMO:
Nos meses de março e abril de 2013 a imprensa brasileira divulgou notícias sobre o deputado Marco Feliciano. Houve manifestações na mídia envolvendo seu nome. Um dos motivos da polêmica está relacionado à posição ocupada por Marco Feliciano. Chamou nossa atenção o fato de o deputado ocupar dois lugares em que os discursos se manifestam publicamente. Ele é deputado federal, eleito presidente da câmara dos direitos humanos e é também pastor evangélico. A polêmica instaurada em torno do político e religioso se deu porque, ao ocupar duas posições, o sujeito não é livre para dizer o que quer. Nosso objetivo é examinar os textos midiáticos publicados em março e abril de 2013, sob a luz da análise do discurso de tendência francesa, principalmente o que diz respeito às formações discursivas e às condições de produção.

Palavras-chave: Formação Discursiva, Condições de Produção, Discurso Político, Discurso Religioso

RELIGION AND POLITICS: TWO CONTROVERSIAL DISCURSIVE FORMATIONS

ABSTRACT:
In March and April 2013, the Brazilian press published news about congressional representative Marco Feliciano. There were protests in the **media** involving his name. One of the reasons for the controversy is related to his position. The fact that the congressman occupies two spaces in which speeches appear publicly drew attention. He is a congressional representative, elected president of human rights chamber, and is also an evangelical pastor. The controversy initiated around the politician and the religious man happened because the individual, at the moment that he has two positions, is not free to say whatever he wants to. We aim at examining media texts published in March and in April 2013, in view of **French discourse analysis**, especially that which is related to discursive formations and production conditions.

Keywords: Discursive Formations, Production Conditions, Political Speech, Religious Speech.

[19] Professora Adjunta da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Doutorado em Linguística. Email: smaramelo2012@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A partir do referencial teórico da análise do discurso de tendência francesa, propõe-se neste artigo, examinar enunciados relativos às notícias que ocorreram nos meses de março e abril de 2013 sobre a polêmica envolvendo o nome do deputado e pastor evangélico Marco Feliciano. Nossa proposta é vestir os óculos de uma teoria discursiva para ler e interpretar enunciados midiáticos que trouxeram à baila nesse período uma espetacularização envolvendo o sujeito deputado e religioso.

Para realizar nosso intento, partimos de conceitos teóricos, tais como Sujeito, Formações Discursivas e Condições de Produção, a partir de autores como Foucault, Pêcheux, Orlandi etc. Sabemos que a análise do discurso apresenta vários conceitos eficazes quando se propõe a leitura e a interpretação. No entanto, nosso propósito neste artigo, não é a de abarcar todos os conceitos relativos a esta teoria. Para realizarmos nossa interpretação, trabalharemos apenas com esses três conceitos elencados acima.

Pode-se dizer que este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, procuramos elucidar o que se diz dos aportes teóricos envolvendo Sujeito, Formação Discursiva e Condições de Produção, pois são esses referenciais que darão sustentação para nossa análise. Na segunda parte deste trabalho, propomos examinar os enunciados polêmicos relacionados ao sujeito político e deputado, Marco Feliciano.

2. SUJEITO NA ANÁLISE DO DISCURSO

Segundo Foucault tanto em a Ordem do Discurso (1996) quanto em Arqueologia do saber (2002) o sujeito apresenta-se com uma pluralidade de posições e de funções possíveis. Nas palavras de Foucault (2002, p. 61)

> [...] as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam seu dispersão nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala [...] o discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo.

Observa-se que a teoria foucaultiana de sujeito se mostra intrinsecamente ligada à noção de enunciado, pois a enunciação se dá no sujeito em diversos

momentos em que precisa se manifestar, seja opinando em um artigo de opinião, caso seja um jornalista, seja discursando em um palco para eleitores, no caso de um político, seja um juiz dando uma sentença. Independentemente do papel que cada um ocupa na sociedade em que vive, o sujeito não é individual e suas enunciações revelam justamente essa presença do exterior na subjetividade manifestadas pelos discursos materializados nos enunciados. No enunciado há sempre uma posição-sujeito ou uma função que pode ser exercida por vários sujeitos. As marcas de subjetividade são atravessadas pelas relações sociais, reflexo da exterioridade, das ações dos sujeitos da linguagem.

É possível se verificar que Courtine também compartilha dessa teoria foucaultiana em se tratando do sujeito, pois, para o autor é no:

> [...] nível de constituição do enunciado como elemento de saber, sob a dominação do interdiscurso, que a instância do sujeito universal (ou sujeito do saber próprio a uma FD, notada SU) deve ser situada, reportando-se ao lugar de onde se pode enunciar: 'todos sabem/veem/dizem/compreendem que...' para todo sujeito enunciador que venha a enunciar uma formulação a partir de um lugar inscrito na FD. O saber próprio a uma FD é assim formado do conjunto das asserções remetendo ao SU e marcha bem que o enunciável aí se constitui. (COURTINE, 2009, p. 101)

Há um imaginário de um saber prévio que povoa o sujeito e faz com que ele se situe em relação a uma formação discursiva inerente a sua condição na sociedade.

Para Orlandi (2002, p. 50) o sujeito é ao mesmo tempo livre e submisso, "é capaz de uma liberdade sem limites e de uma submissão sem falhas". Em suas palavras:

> Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever/dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso em injunções ideológicas.

Orlandi (2002) considera que o homem está sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, à regra, ao saber, e desse modo ele (se) significa. Os sentidos, por sua vez, escorregam, deslizam. É por essa razão que se pode dizer que o sentido, a interpretação não é estável e estagnada e o homem não consegue controlar os diferentes efeitos de sentido provocados pela deriva. A autora afirma que (2002, p. 53) "a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz".

3.FORMAÇÕES DISCURSIVAS E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Segundo Courtine (2009, p. 99)

> O domínio do saber de uma FD funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações (determina o que pode e deve ser dito), assim como um princípio de exclusão (determina o que não pode/não deve ser dito)

Parafraseando Courtine, uma formação discursiva (FD) funciona a partir de dois princípios: o da aceitabilidade e o da exclusão. Isso quer dizer que um conjunto de enunciados pode ser denominado pertencente a uma determinada FD se for aceito por um domínio do saber. Nesse sentido, as leis, as emendas constitucionais que regem uma constituição no discurso jurídico só passam a funcionar nesse domínio a partir da aceitação de um corpo de especialistas que aceitem tais regras. Do mesmo modo, tal domínio determina o que pode e o que não pode ser dito nesse campo do saber.

De acordo com Foucault (2002, p. 43)

> No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção que se trata de uma formação discursiva [...].

No entender de Foucault, há dispersão no discurso, no entanto, se for possível notar regularidades em seu funcionamento, isso pode ser compreendido como uma Formação Discursiva (FD). Isso não quer dizer que a Formação Discursiva é homogênea e funciona como blocos compactos. Segundo Orlandi (2002, p.44) "as FD são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se em suas relações".

Para Orlandi (2002, p. 43) "[...] as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas". Para a linguista, estudiosa da análise do discurso, "[...] os sentidos não estão predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas pelas formações discursivas".

Com isso entendemos que os sentidos não podem estar apenas nas palavras, mas compreendidos como discurso, os sentidos partem sempre de Formações Discursivas, as quais se dão, por sua vez, em determinadas condições de produção. É

possível se afirmar que palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.

Se as formações discursivas são heterogêneas e não funcionam como blocos compactos, podemos atestar de acordo com Fernandes (2008, p. 39)

> [...] que toda formação discursiva apresenta em seu interior a presença de diferentes discursos, ao que na AD, denomina-se interdiscurso, caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais.

No que se refere ao Interdiscurso, Orlandi (2002) o relaciona à memória, não a memória no sentido cognitivo. Mas a memória discursiva. O interdiscurso é algo que fala antes, em outro lugar, é o já-dito. Nas palavras de Orlandi (2002, p. 33) "o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos".

Considerando que as formações discursivas devem ser compreendidas na relação que apresentam com as condições de produção em que se dão, vamos adentrar no universo das condições de produção e verificar como os autores, que falam nesse domínio, conceituam as condições de produção.

De acordo com o Dicionário de Análise do Discurso, Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 115) trazem à tona a noção de Condições de Produção. Para os autores, tal noção

> [...] terminou por adquirir um sentido geral, assimilando-se algumas vezes a contexto, termo também ambíguo, entendido como o conjunto dos dados não linguísticos que organizam um ato de enunciação. Evidentemente isso representa um problema, pois, nesse conjunto de dados há os que ocorrem apenas da situação de comunicação e outros, de um saber pré-construído que circula no interdiscurso e sobredetermina o sujeito falante. Dito de outra forma, algumas dessas condições são de ordem situacional e outras de ordem do conteúdo discursivo. É certo que um sujeito falante é sempre parcialmente sobredeterminado pelos saberes, crenças e valores que circulam no grupo social ao qual pertence ou ao qual se refere, mas ele é igualmente sobredeterminado pelos dispositivos de comunicação nos quais se insere para falar e que lhe impõem certos lugares, certos papeis e comportamentos.

Charaudeau e Maingueneau trazem em sua definição o problema envolvendo a palavra contexto no que diz respeito à noção de condições de produção. Realmente, nos limites da Análise do Discurso, a noção de condições de produção não pode ser compreendida como sinônimo de contexto, tal termo é amplamente empregado na Pragmática e, nesse domínio linguístico, adquire um sentido peculiar. No intuito de se compreender e também de se desfazer a ambiguidade dessa noção, veremos a seguir o que os analistas do discurso dizem a respeito desse termo.

Quanto à noção de Condições de Produção (CP), Pêcheux (1997, p.82) a elabora a partir do esquema transformacional da comunicação de R. Jakobson, tal conceito está posto no texto *Análise automática do discurso* (AAD 69), em que ele afirma que o lugar ocupado pelos sujeitos em condições de produção de interlocução remete às formações imaginárias. Para ele, "o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B atribuem-se cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro". Em relação às formações imaginárias, tomamos a ilustração do próprio Pêcheux (1997, p.83):

Expressão que designa as formações imaginárias	**Significação da expressão**	**Questão implícita cuja "resposta" subentende a formação imaginária correspondente**
I_A (A) A---------- I_A (B)	Imagem do lugar de **A** para o sujeito colocado em **A** ---------- Imagem do lugar de **B** para o sujeito colocado em **A**	"Quem sou eu para lhe falar assim ?" ---------- "Quem é ele para que eu lhe fale assim?"
I_B (B) B---------- I_B (A)	---------- Imagem do lugar de **B** para o sujeito colocado em **B** ---------- Imagem do lugar de **A** para o sujeito colocado em **B**	---------- Quem sou eu para que ele me fale assim? ---------- Quem é ele para que me fale assim?

Ilustração extraída do capítulo *Análise Automática do Discurso* (AAD-69).[20]

[20] Do livro organizado por Françoise Gadet e Tony Hak, Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux .

Em relação às formações imaginárias propostas por Pêcheux, Courtine (2009, p. 49) considera que:

> A relação estabelecida entre lugares objetivamente definidos, em uma formação dada, e a representação subjetiva desses lugares, em uma situação concreta de comunicação, propiciaram interpretações nas quais o elemento imaginário domina ou apaga as determinações objetivas que caracterizam um processo discursivo.

Este quadro proposto por Pechêux fora retomado por Orlandi (2002, p. 40) em seu livro "Análise do Discurso: princípios e procedimentos". Para a autora, as condições de produção envolvem o que é material (língua e historicidade), institucional e o mecanismo imaginário. Em suas palavras "[...] esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor, mas também da posição sujeito interlocutor, e também a do objeto do discurso." (ORLANDI, 2002, p. 40)

Percebe-se que os dizeres acerca das Formações Imaginárias propostos por Pêcheux tiveram aceitação e repercussão no domínio da análise do discurso. Pois tanto Courtine quanto Orlandi tratam o elemento imaginário como aspecto fundamental para se compreender as condições de produção do discurso. Nesse sentido, pode-se compreender que a definição de Condições de Produção (CP) extrapola o sentido de situação ou circunstância apenas. Pois as CP devem ser compreendidas a partir da materialidade linguística, da história e das formações imaginárias tal como propôs Orlandi.

1. DUAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS: UM CASO POLÊMICO

Nos meses de março e abril de 2013 a imprensa brasileira divulgou várias notícias sobre o deputado federal e pastor evangélico Marco Feliciano. Houve uma intensa manifestação da mídia em relação ao acontecimento envolvendo o nome do deputado.

O acontecimento polêmico se deu por vários motivos. Um deles está relacionado com a posição ocupada por Marco Feliciano. Chamou nossa atenção a questão envolvendo os papeis, ou seja, o lugar ocupado pelo sujeito, pois o deputado ocupa dois lugares em que os discursos se manifestam publicamente. Ele é um político, um deputado federal, que foi eleito presidente da câmara dos direitos humanos e é também um líder religioso, um pastor evangélico. A polêmica instaurada em torno do político e religioso se deu porque, ao ocupar duas posições, o sujeito não

é livre para dizer o que quer, como quer. Ao ocupar a posição de pastor, e ao proferir um culto em uma igreja evangélica, a ele não é permitido falar de questões políticas ou tecer certos comentários.

De acordo com o jornal O Estadão,

> O deputado federal e pastor evangélico Marco Feliciano (PSC-SP), afirmou na noite de sexta-feira, 29, que a comissão de Direitos Humanos da Câmara dos deputados era 'dominada por Satanás' antes de sua nomeação para a presidência do colegiado [...] a assessoria de Feliciano informou que o deputado fez as declarações em Passos na condição de pastor, e não na de parlamentar. (ESTADÃO, 2013)

A declaração do deputado federal foi realizada em um culto evangélico, num ginásio da cidade de Passos, no interior de Minas Gerais, e, ao dizer nessas condições de produção que a comissão dos direitos humanos era dominada por satanás, ele obviamente estava enunciando para um público específico, provavelmente muitos frequentadores do culto são evangélicos e compartilham da opinião do pastor-deputado.

Ao se colocar como presidente da comissão dos direitos humanos em um local religioso, ou seja, não propriamente um espaço para se falar de política, Marco Feliciano instaura uma situação polêmica no país. Ao dizer que a comissão dos direitos humanos era dominada por satanás antes de sua presença, ele está silenciando o fato de que a comissão defende o direito do ser humano, independentemente de ser negro, homossexual etc. Ele se põe na condição de um sujeito que vai instaurar a moral e os bons costumes, um salvador, aquele que veio em missão para instaurar a ordem.

O fato de a assessoria de Feliciano justificar que ele fez a declaração na condição de pastor e não na de um parlamentar, vem corroborar a tese de que o sujeito não pode falar de qualquer coisa em qualquer lugar, sem causar, no mínimo, constrangimento, pois há todo um ritual que deve ser respeitado, o sujeito não é livre para dizer o que pensa em qualquer circunstância, sem ter que arcar com o ônus de sua opinião. Não é esperado que um presidente da comissão dos direitos humanos se coloque como um sujeito preconceituoso, pois está instituído e legitimado na memória social que a este sujeito cabe uma função pacificadora, à revelia de quem ou do que quer que seja. Sobre ritual, Foucault (1996, p. 39) em "A ordem do discurso" diz:

> [...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam, (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada

> posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papeis preestabelecidos.

As manifestações de Marco Feliciano provocaram um mal estar tanto nos ativistas sociais quanto em alguns parlamentares que se sentiram ofendidos com a menção a satanás feita pelo deputado. Os únicos que saíram em defesa do pastor foram os evangélicos, os adeptos do discurso fervoroso e polêmico do pastor, afinal era esse público religioso que ele tinha como interlocutor quando falou da comissão dos direitos humanos.

Nesse sentido, as formulações imaginárias propostas por Pêcheux nos levam a compreender como se dão as relações de conflito instauradas. Afinal, qual a imagem que o sujeito (pastor) tinha de seu interlocutor (o público evangélico) quando comparou seus colegas parlamentares com satanás ? Provavelmente, se sua crítica não tivesse extrapolado aquelas condições de produção, o seu enunciado não tivesse alcançado tamanha repercussão na mídia. Pois, falar em satanás e apresentar um enunciado conservador para um público evangélico é considerado ideologicamente natural.

Marco Feliciano é o sujeito pastor e político, por essa razão ele encarna duas Formações Discursivas que mantém uma relação conflituosa. A formação discursiva religiosa permite-lhe afirmar que a comissão parlamentar dos direitos humanos era dominada por satanás, afinal, a figura de satanás é simbólica no universo religioso, no entanto, a formação discursiva política não lhe permite denominar seus colegas parlamentares de satanás. Aqui se dão outras formações imaginárias, afinal, os colegas parlamentares, mesmo não sendo os interlocutores mais imediatos de Marco Feliciano quando os comparou a satanás, não esperam desse político tal ofensa.

Aquilo que se enuncia é tão inerente às condições de produção, que ao sujeito não é permitido desrespeitar esse "contrato". Vejamos a sátira presente nas charges a seguir, porém, vale mencionar ainda que brevemente o sentido do texto chárgico.

2. CHARGES SATIRIZAM AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS

As charges são, segundo Romualdo (2000), textos coerentes e coesos, pois apresentam sentidos entre os elementos gráficos que compõem a figura de um quadrinho. Romualdo (2000, p. 18) considera que "os textos chárgicos transmitem informações utilizando o sistema pictórico, ou sincreticamente o pictórico e o verbal". Os autores desse gênero o empregam para dar suas opiniões, informar e fazer críticas a fatos políticos. Considerando que os limites entre as definições do cartum e da charge são muito tênues, Romualdo explica:

> [...] uma boa charge deve procurar um assunto momentoso e ir direto onde estão centrados a atenção e o interesse do público leitor. A crítica a um acontecimento político em oposição à crítica de costumes é também a diferença entre a charge e o cartum. (2000, p. 21)

Ainda na esteira do que o autor entende por charge e cartum, é possível compreender que a charge é um texto visual humorístico que faz menção a um fato político ou a uma personagem específica. Sempre com o intuito de criticar, ela está presa a um momento específico, por isso Romualdo (2000) a considera temporal. Já o cartum se diferencia da charge por ser um desenho humorístico que faz menção à crítica de costumes, ele pode ser considerado atemporal, pois "desconhece os limites de tempo que a crítica a personagens, fatos e acontecimentos políticos impõe". (ROMUALDO, 2000, p. 21). Para Brait (1996, p. 15)

> O deslindamento de valores sociais, culturais, morais ou de qualquer outra espécie, parece fazer parte da natureza significante do humor. Assim sendo, uma manifestação humorística tanto pode revelar a agressão a instituições vigentes quanto aspectos encobertos por discursos oficiais, cristalizados ou tidos como sérios. Mas pode também confirmar, transmitir ou instaurar preconceitos.

A charge publicada na Folha de S. Paulo no mês de abril vem satirizar a situação vivenciada por Marco Feliciano. Na charge, a personagem no centro representa o pastor deputado que se posiciona como um orador para falar de Jesus na comissão parlamentar de direitos humanos e minorias. A sátira ocorre justamente porque não se espera que um deputado fale de religião em um local destinado a se resolver questões de ordem política. Marco Feliciano, ao ocupar duas funções públicas, portanto exercer dois papeis na sociedade, acabou por ser atropelado pela língua, e a mídia, imbuída de seu papel espetacular, transformou o discurso polêmico de Feliciano num espetáculo. Durante os meses de março e abril de 2013 foi possível se ler notícias sobre o pastor polêmico com certa regularidade.

Segundo Foucault (1996, p. 7) "[...] o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém".

Percebe-se que o discurso está na ordem das leis, ele é institucional e quem lhe permite ser ou não proferido são os sujeitos legitimados por uma instituição. Vejamos o enunciado extraído do Estadão no mês de abril:

> Cultos. Marco Feliciano também afirmou que não falará mais de política em cultos pelo bom andamento da Câmara e da Comissão de direitos humanos [...] para o bom andamento da Casa, eu disse que nos cultos não toco mais em assunto de política. Culto é lugar de falar de Jesus Cristo, disse Feliciano, após participar de reunião do PSC. (ESTADÃO, 2013)

O jornal Estadão enfatiza que após participar de reunião com o seu partido, o pastor e deputado decide por não mais falar de política em espaço religioso. Nota-se que o partido político exerce uma função de coibição, ou seja, o partido não lhe permite falar de assuntos inerentes a esse campo discursivo em espaço religioso. Nesse sentido, a fala de Foucault (1996, p. 7) "se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém" dialoga diretamente com a notícia do Estadão, pois os integrantes do PSC é que determina a decisão de Marco Feliciano. Para Foucault (1996, p. 9) o sujeito "não tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, que qualquer um enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala".

Extraído de:
< http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/14152-charges-marco#foto-259645>.

Ainda no mês de abril de 2013, período em que as notícias sobre o polêmico pastor não deixaram de figurar nos grandes jornais brasileiros, a Folha de S. Paulo *on line,* também publicou a charge em que satiriza a condição do pastor na fala da então presidente da república, Dilma Rousseff. No primeiro quadrinho, se observam duas figuras, as quais representam o papa e a presidente do Brasil, podemos dizer que se trata do papa Francisco, que fora escolhido recentemente para substituir o papa Bento XVI, que é, por sua vez, de nacionalidade argentina. O fato de o papa ter essa nacionalidade também é motivo de humor na charge, pois, na memória discursiva do brasileiro, o argentino é considerado um rival. Isso se deu ao longo dos anos por conta dos jogos de futebol. Os jogadores argentinos foram considerados ao longo dos anos um forte rival dos jogadores brasileiros. Considerando essa historicidade, é possível perceber o efeito de humor na charge. Ao dizer que "o papa é Argentino, mas Deus é brasileiro", a figura que representa Dilma, na charge, enuncia que o brasileiro pode se tranquilizar porque acima do papa só Deus, e, segundo os ditados populares, Deus é brasileiro, então, desse modo, os brasileiros estariam protegidos. Mas o efeito de humor e sátira se acentuam no segundo quadrinho, quando se enuncia: "E o pastor Feliciano também...", e a presidenta chora ao dizer isso. Então, fica posto que pior do que ter um papa argentino, é ter um político como Marco Feliciano.

A charge é um texto que tem como objetivo fazer crítica política a uma personagem e a um acontecimento momentâneo. O que temos nas duas charges são críticas bem humoradas do comportamento do pastor e deputado Marco Feliciano.

Extraído de: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/14152-charges-marco#foto-259645>.

Na charge a seguir não há menção explícita a Marco Feliciano, mas, ao mencionar política e religião, fica subentendido o assunto envolvendo o político. Vejamos o título da charge: "Pororoca – o encontro da política com a religião".

Pororoca, segundo o Houaiss (2009, p. 592) é "grande onda ruidosa e de efeito destruidor, que ocorre em rios muito volumosos do Amazonas, Pará e Maranhão". A charge logo abaixo publicada na F. São Paulo *on line* em 13 de abril de 2013 utilizando como recurso o termo "pororoca" faz uma metáfora da situação provocada por Marco Feliciano. Pois foi exatamente uma grande confusão que se instalou na política com as declarações consideradas inoportunas feitas pelo político e pastor. A charge abaixo vem exemplificar o que a análise do discurso denomina Formação Discursiva e Condições de Produção. O encontro da política com a religião provocou uma "pororoca", uma confusão, pois são duas formações discursivas polêmicas. As palavras "aleluia", "satanás" fazem parte de enunciados religiosos, portanto representam essa formação discursiva. A divisão entre os dois campos: o político e o religioso devem ser respeitados, ou seja, os sujeitos devem saber articular-se nesses domínios e empregar os enunciados de acordo com suas representações na sociedade. Quando isso não é respeitado, ocorre uma grande confusão.

Isso nos permite considerar que o sujeito deve ter claro o papel que exerce na sociedade, pois os efeitos de uma consideração inoportuna ou inadequada podem causar grandes conflitos e situações polêmicas aos indivíduos. A mídia não perdoa aquele que comete deslizes quanto ao emprego de uma fala desajeitada. Depois que um enunciado mal empregado for divulgado nos meios de comunicação, dificilmente o sujeito consegue resgatar sua imagem. Sabemos que o *ethos* de um político pode levá-lo tanto ao sucesso quanto ao fracasso. Marco Feliciano parece não compreender a importância das condições de produção do discurso.

Extraído de: <http://www.folha.uol.com.br/>

Considerações Finais

A partir da leitura dos textos chárgicos e das notícias de jornal O Estadão foi possível compreender a polêmica instaurada durante os meses de março e abril de 2013 em torno do nome Marco Feliciano.

A teoria discursiva empregada neste artigo, tal como os dizeres de Foucault, Pêcheux e Orlandi deram nos embasamento para ler e interpretar os textos midiáticos que nos chamaram a atenção. Foi possível concluir, a partir da teoria discursiva, que as formações imaginárias exercem forte influência no modo como a sociedade analisa os enunciados proferidos pelos sujeitos. Pois, vimos que, toda a polêmica instaurada pela mídia se deu porque a sociedade, de modo geral, tem um imaginário do que seja um pastor (religioso) e do que seja um político. Tanto um quanto o outro se apresentam em rituais bem estereotipados. Em se tratando de formações discursivas religiosas ou políticas, há regras, as quais foram impostas pelo próprio homem, que "devem" ser seguidas.

Desse modo, é possível, de acordo com o que diz Orlandi (2002), compreender que uma estrutura linguística qualquer que seja, não tem sentido em si mesma, ela só faz sentido se refletida a partir das formações discursivas. Isso porque as palavras jamais remetem às coisas.

Quando há uma ruptura nas práticas dos rituais, há todo um conflito que a mídia se incumbe de espetacularizar. Nosso objetivo, nesse artigo, foi compreender as condições de produção da polêmica envolvendo o campo religioso e político em torno do nome Marco Feliciano. Nesse sentido, esperamos ter atendido nosso propósito.

Referência

CHARAUDEAU, P. ; MAINGUENEAU, D. Dicionário de Análise do Discurso. Tradução de Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006

COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2009

FELICIANO diz que comissão de Direitos Humanos era dominada por satanás. ESTADÃO. Disponível em: <http://estadao.br.msn.com/ultimas-noticias/feliciano-diz-que-comissão-de-direitos-humanos-era-dominada-por-satanás>. Acesso em: 10 de abril de 2013.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Análise do Discurso: reflexões introdutórias. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 2013, charges. Disponível em:< http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/14152-charges-marco#foto-259645>. Acesso em 10 de abril de 2013.

HOUAISS. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Moderna, 2009.
FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 3.ed.Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 6.ed. Tradução de Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
O DEPUTADO Marco Feliciano (PSC-SP) em sessão na Comissão de Direitos Humanos. G 1 Globo.com. Disponível em:<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/04/tumulto-leva-feliciano-suspender-novamente-sessao-de-comissao.html>. Acesso em 10 de abril de 2013.
ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 4.ed. Campinas: Pontes, 2002.
PÊCHEUX, M. III Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F ; HAK, T (Orgs.). Tradução Bethânia Mariani. et al. **Por uma análise automática do discurso**; **uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística*: intertextualidade e polifonia. Maringá: Eduem, 2000.

JORNALISMO E O LABORATÓRIO DIDÁTICO: NOTAS ANALÍTICAS ACERCA DO ENSINO DO *HABITUS* JORNALÍSTICO

Rafael Duarte Oliveira Venancio[21]

Resumo:

O presente artigo discute a questão do papel dos laboratórios didáticos noticiosos dentro da formação superior do jornalista. É através desses laboratórios didáticos que se inicia o processo de formação do aluno enquanto jornalista, fazendo-o incorporar o *habitus* da profissão. Para isso, devemos caracterizar *habitus* jornalístico enquanto uma capacidade de compartilhamento, domínio e reconhecimento da linguagem do Jornalismo e de sua deontologia. Com isso, os laboratórios didáticos de Jornalismo, começando pela figura do professor, seria o primeiro passo de inserção do aluno nos elementos cruciais para sua formação e prática futura enquanto jornalista.

Palavras-chave: Jornalismo, Ensino Superior, Currículo, Laboratórios Didáticos

Abstract:

This article discusses the question of the role of news labs within the Journalism undergraduate studies. It is through these labs that begin the student's formation process as a journalist, seeking the entrance in the *habitus*. For this, we shall characterize the journalistic *habitus* as a capacity of sharing, mastering and recognizing Journalism language and its deontology. Thus, the Journalism undergraduate labs, starting with the role played by the teacher, can be the first step of student's introduction in crucial elements for his formation and future practice as a journalist.

Keywords: Journalism, Undergraduate Studies, Curriculum, Labs

Em uma afirmação, similar a muitas outras que são feitas em trabalhos centrados na ideia de *habitus*, podemos dizer que ninguém nasce jornalista, mas sim se torna jornalista. Considerando tal máxima, o presente trabalho busca pensar nessa formação do jornalista enquanto um processo inserido nos estatutos didáticos de um Bacharelado, de uma formação superior.

Com isso, deve se ressaltar não apenas a ordem teórica necessária para formar tal *habitus*, mas também na ordem prática. Ordem prática essa, tão cara para a Sociologia de Pierre Bourdieu, que em uma graduação em Jornalismo é representada pelas aulas de laboratório noticioso.

---

[21] Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia e Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Email: rdovenancio@gmail.com

O objetivo do presente trabalho é reforçar a importância curricular das aulas de laboratório noticioso em um curso superior de Jornalismo. Importância que não seria da ordem da simulação da prática noticiosa do mercado, mas sim da inserção do aluno na ação linguística do jornalismo e em sua deonotologia. Além disso, tanto ação linguística como deontologia seria reguladas pelo *habitus*, cujo primeiro contato dos alunos com ele seria em tais aulas laboratoriais.

Para tal empreitada, primeiro iremos entender a influência da Filosofia Analítica da Linguagem, representada aqui por Ludwig Wittgenstein e J. L. Austin, e sua visão da linguagem enquanto uma *práxis social* na ideia de *habitus*. A seguir, partiremos para uma descrição do *habitus* jornalístico para verificar o papel do laboratório didático em sua iniciação discente. A ideia aqui é reforçar o papel do professor nesse processo, valorizando a formação superior nessa prática midiática.

Wittgenstein, Austin e a linguagem como prática social

É notório que, para compreendermos a ideia de *habitus* de Pierre Bourdieu e suas implicações no estudo dos processos sociais de compartilhamento de linguagens e práticas (que, no nosso caso, é a linguagem da prática midiática denominada Jornalismo), precisamos recapitular sua dívida teórica com a chamada Filosofia Analítica da Linguagem, especialmente com suas duas escolas centrais: Cambridge (iniciada por Bertrand Russell e popularizada por Ludwig Wittgenstein) e Oxford (centrada na figura de J. L. Austin). O que une o pensamento linguístico de Cambridge ao pensamento de Oxford é a presença de dois conceitos acerca da linguagem dentro do escopo analítico: a *comunicabilidade* e o *psicologismo fraco*.

O princípio da comunicabilidade, apesar de não ser o grande tema das *Investigações Filosóficas*, é considerado o principal legado de Wittgenstein porque, através dele, a chamada Filosofia da Linguagem Ordinária (conhecida também como Escola de Oxford), da qual Austin é um afiliado, pode se consolidar. O termo *comunicabilidade* em si não é usado nem por wittgensteinianos nem pelos membros da linguagem ordinária, mas sim dentro de um contexto pragmático da analítica francesa. Dois pontos do pensamento de Wittgenstein compõem esse conceito:

> (1) não há, de um lado, o pensamento e, de outro, a linguagem: indissociáveis, eles geram um ao outro, simultaneamente; (2) já não há mais linguagem própria do indivíduo, "linguagem privada", posteriormente traduzida em linguagem pública: a linguagem é constitutivamente pública. Falar é seguir regras, e só é possível seguir uma regra como atividade publicamente controlada, no exercício da comunicação. Wittgenstein é, portanto, aquele que substitui o paradigma da expressividade pelo da comunicabilidade (ARMENGAUD, 2006, p. 36).

Se, em linhas gerais, tal visão parece fluida, ela entra em mecanismos truncados quando é pensada em relação aos argumentos de um Kripke (1982) ou mesmo nas críticas que Austin faz das *Investigações*, se afiliando mais diretamente ao pensamento de G. E. Moore, por exemplo (GRAYLING, 1988, p. 114). Dessa forma, é mais interessante não se referir, de maneira "seca", ao *rule-following*, tirando-o de seu paradoxo para fazê-lo enquanto base da comunicabilidade.

Norman Malcolm bem define esse paradoxo estando tanto na letra wittgensteiniana como nos estudos acerca dela:

> Uma situação paradoxal existe no estudo de Wittgenstein. Há um dissenso agudo na interpretação de seu pensamento acerca do seu conceito de seguir uma regra [*following a rule*]. De acordo com um grupo de filósofos, a posição de Wittgenstein é que esse conceito pressupõe uma comunidade humana no qual há acordo se fazer tal e tal coisa é ou não é seguir uma regra particular. Um segundo grupo de filósofos afirma que essa interpretação de Wittgenstein não é apenas errada, mas é uma caricatura do pensamento de Wittgenstein: quando Wittgenstein diz que seguir uma regra é uma "prática" ele não quer dizer que é uma prática social, ele não invoca uma comunidade de seguidores de regra, mas, no lugar, ele enfatiza que seguir uma regra pressupõe uma regularidade, uma repetida ou recorrente forma de agir, que pode ser exemplificada na vida de uma pessoa solitária. Para a primeira interpretação, não haveria sentido supor que um ser humano que cresceu em total isolamento do resto da humanidade poderia seguir regras. Para a segunda interpretação, tal isolamento seria irrelevante (MALCOLM, 1989, p. 5).

O paradoxo se centra no ponto já mencionado pelo presente trabalho, ou seja, o quanto do jogo de linguagem wittgensteiniano está a serviço das sentenças, não importando se são sentenças de suas regras como sentenças de suas atividades. É a grande constatação posta pelo parágrafo 202 das *Investigações*: "eis porque 'seguir a regra' é uma *práxis*. E acreditar seguir a regra não é seguir a regra. E daí não podermos seguir a regra 'privadamente'; porque, senão, acreditar seguir a regra seria o mesmo que seguir a regra" (IF, §202).

As duas interpretações parecem, concomitantemente, certas em um determinado grau já que elas calcam suas soluções em mudanças mínimas. A primeira, defendida principalmente por Malcolm (1989), afirma que a *práxis* é compartilhada [*shared*]. Já a segunda, defendida principalmente por Baker e Hacker (2009), afirma que a *práxis* é compartilhável [*sharable*}.

Ora, além de ver o jogo de linguagem através de funções, as regras permitem à investigação wittgensteiniana ver que existência, uso e cumprimento das regras são coincidentes ao jogar do jogo de linguagem. Essa distinção entre atitudes de regra não deve ser feita, especialmente quando pensamos nos enunciados que compõem dado jogo.

Dois pontos são dignos de nota: (i) o conceito de regra se interpenetra com os conceitos de ser guiado por uma regra, de justificar e criticar ações em referência a uma regra, com ensinar técnicas, com descrever comportamentos nos termos de regras que os define e com dar explicações de comportamento em termos de razões, objetivos e propósitos. (ii) A relação entre uma regra e um ato que entra em acordo com ela é interna. A própria regra determina o que entra em acordo e o que entra em conflito com ela. Entender uma regra é saber o que entra de acordo com ela. Esse é o corolário desses dois pontos que o conceito de agir de acordo com a regra não deve ser pensado enquanto logicamente anterior ao conceito de seguir uma regra. Na ausência de atividades organizadoras e normativas distintas das práticas de seguir regras, não haveria tal coisa como regras (e, assim, sem possibilidades de acordar ou conflitar com regras) (BAKER & HACKER, 2009, p. 136).

Só que o uso de uma dada linguagem só pode ser pensado enquanto regra? Interessante lembrar aqui, enquanto provocação, que Wittgenstein em *Gramática Filosófica* definiu claramente que a gramática de uma dada linguagem é a indicação de seus usos, ou seja, compartilhada pelo seu uso. A ideia de ser apenas *compartilhável* é um contrassenso que implica, no limite, a uma essência da linguagem.

Ora, se o projeto wittgensteiniano está aí contra a essência e pela visualização dos processos de estruturação das práticas pela linguagem, o *compartilhável* seria da ordem de aceitar uma metafísica, da ontologia, minando, no limite, a necessidade lógica e o projeto analítico. Basta analisar os exemplos que agem a favor do *compartilhável*. Por exemplo, Robinson Crusoé possui linguagem? Sim, claro, porque ele não foi um solitário pela totalidade da sua vida e, como bem Malcolm (1989, p. 17) nota, nos também temos nossos momentos de solidão e nem por isso perdemos nossa linguagem ou estamos fora do jugo da *práxis* social da linguagem.

Então vamos pensar em exemplos mais radicais, tais como de Mogli, Tarzan, ou mesmo, Kaspar Hauser. O primeiro, especialmente no desenho animado, possui um exagero: ele está fora da comunidade humana, mas está dentro de uma comunidade de animais antropomorfizados e anglófonos, assim seu uso da linguagem é análogo aos dos humanos. Já Tarzan vive entre macacos que falam uma determinada língua e se torna um autodidata em inglês, com os livros e com a presença da expedição norte-americana, indicando novamente a presença de (duas, no caso) comunidade.

Já a lenda de Kaspar Hauser é o mais radical de todos, o menino que foi trancado em um porão nos 17 primeiros anos de sua vida. Se acreditarmos na fabulação que nos é transmitida desde o livro de von Feuerbach (pai do filósofo jovem hegeliano), a aquisição de linguagem por Kaspar vai indo em um crescente quando aumenta sua sociabilização. Das sensações e primeiras palavras aprendidas com o homem do porão, para as primeiras explicações na cidade e, até mesmo, aquisição de outras linguagens (desenho, por exemplo) e uma educação formal.

Assim, a lenda de Kaspar Hauser pode nos dar uma resposta possível para uma provocação de Norman Malcolm (1989, p. 17) direcionada a Baker e Hacker: "O problema *filosófico* acerca de "seguidores solitários de regra" pode ser a questão se alguém que cresceu em total isolamento dos outros seres humanos pode criar uma linguagem para seu próprio uso?". Nisso, a vida de Kaspar, segunda a lenda, responde que não, indicando 17 anos praticamente alinguísticos, vivenciados apenas com sensações que posteriormente foram interpretadas.

Dessa forma, não podemos acreditar que seja dispensável a questão da presença de uma comunidade linguística. Como bem está escrito no *Zettel*, "o nosso jogo de linguagem só funciona, evidentemente, se prevalecer uma certa concordância, mas o conceito de concordância não entra no jogo de linguagem. Se a concordância fosse universal, o seu conceito poderia ser-nos completamente desconhecido" (Z, §430).

Eis aqui uma dupla impossibilidade: a de negar a comunidade linguística como dispensável (tal como colocam Baker e Hacker), mas também a de confirmar plenamente a comunicabilidade, mantendo apenas a ação linguística como base para todo o pensamento analítico. O paradoxo do *rule-following* pensado em sua fenomenologia sempre retorna ao ponto inicial.

Com isso, para sair do paradoxo do *rule-following*, devemos pensar na própria constituição lógico-relacional da linguagem. Ou seja, não devemos considerá-lo enquanto um tema pragmático, da ação linguística (tal como o princípio da comunicabilidade o coloca), mas sim um tema lógico, vinculado às relações entre linguagem e mundo, linguagem e realidade, pensamento e realidade.

Entra aqui, novamente, a questão do *psicologismo fraco*. Quando estuda a questão do psicologismo na lógica, Susan Haack nota três posturas: o antipsicologismo (de Frege), o psicologismo forte (de Boole) e a posição intermediária do psicologismo fraco. Cada uma delas pode ser definida com uma posição:

> (i) a lógica é descritiva em relação aos processos mentais (ela descreve como nós *pensamos*, ou talvez como nós *devemos* pensar); (ii) a lógica é prescritiva em relação aos processos mentais (ela prescreve como nós *deveríamos* pensar); (iii) a lógica não tem nada a ver com processos mentais; Pode-se chamar estas posições de *psicologismo forte, psicologismo fraco* e *antipsicologismo*, respectivamente. Exemplos: Kant sustentou algo como (i); Peirce, uma versão de (ii); Frege, (iii) (HAACK, 2002, p. 310).

Com isso, Peirce, estando entre Boole e Frege, proporciona um importante *framework* para a compreensão da totalidade dos conceitos wittgensteinianos em coerência. E isso desemboca no parágrafo 292 das *Investigações*: "Não creia sempre que você lê suas palavras nos fatos; você os reproduz em palavras, segundo regras! Pois, na verdade, você precisaria aplicar a regra num caso especial, sem guia" (IF, §292).

Nesse parágrafo, há um ataque tanto ao antipsicologismo que, de certa maneira, implica um solipsismo lógico como em um psicologismo forte que levaria a um behavorismo da linguagem. Wittgenstein nos coloca que não há antipsicologismo porque o domínio da linguagem é um domínio compartilhado através das regras dos jogos de linguagem e que não há psicologismo forte porque não há um ideal metafísico a ser seguido (uma guia), apenas as regras de interação.

É por essa exploração da interação pressuposta em um psicologismo fraco que encontramos o caminho de ligação entre Wittgenstein e Austin, entre o pensamento de Cambridge e o de Oxford. O jogo de linguagem dita as regras, as configurações de uma dada linguagem. No entanto, essa linguagem só é posta em movimento pelo uso, pela interação, ou seja, pela performatividade descrita por Austin (1975). Performatividade essa que está no cerne do *habitus* do jornalismo e que deve ser desenvolvida durante a formação superior dessa profissão.

Habitus e Linguagem

Ora, tal como Bourdieu (2000) e Wacquant (2011) afirmam, o *habitus* é a fonte de produção de práticas individuais e coletivas. É uma fonte histórica cujos esquemas práticos são engendrados pela presença ativa das experiências passadas, depositadas em cada organismo em forma de esquemas de pensamento e ação, pondo regras formais e normas explícitas para garantir a conformidade das práticas e sua constância durante o tempo.

Wacquant (2011, p. 85-6) vai além e delimita quatro propriedades do habitus: (1) o *habitus* é um conjunto adquirido de disposições; (2) na dimensão do *habitus*, a expertise prática opera abaixo do nível de consciência e discurso; (3) o *habitus* varia pela localização social e trajetória e; (4) o *habitus* é um resultado de um *trabalho pedagógico*.

Assim, o *habitus* se torna o bilhete de ingresso e de permanência em um determinado *campo*, conceito igualmente bourdiano. Ele é a dimensão prática dentro do escopo teórico posto pelo último. O *habitus* é a performatividade, a ação linguística, a *práxis social*. Ele é o resultado da atuação de uma linguagem específica enquanto ferramenta social, consideração essa que Bourdieu compartilha tanto com Chomsky como com Wittgenstein.

O jornalismo, muitas vezes pensado meramente enquanto *campo* desde os tempos de Otto Groth, possui em seu *habitus* a face mais desejada e busca por alguém que quer ser jornalista. O aluno, o futuro jornalista, precisa adquiri-lo para conseguir incorporar sua profissão almejada.

Com isso, um currículo de graduação em jornalismo não pode apenas referenciar o *campo* com suas disciplinas teórico-reflexivas. Há necessidade de introduzir o *habitus* nas salas universitárias e o lugar para isso é o laboratório didático em Jornalismo.

Habitus e o papel do laboratório didático na Graduação em Jornalismo

Na proposta das *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo* (Portaria nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009), quatro dos seis alicerces da estrutura da Graduação em Jornalismo pressupõem a presença de laboratórios didáticos de ordem noticiosa. São eles: alicerce III (promoção da integração entre teoria e prática), alicerce IV (inserção precoce do aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional), alicerce V (utilização de cenários de vivência) e alicerce VI (promoção da interação do aluno com fontes, profissionais e públicos do jornalismo).

Com isso, tais colocações reforçam que o currículo precisa valorizar o "eixo de prática laboratorial", dedicando espaço e carga horária de igual importância perante os demais. Para tal medida se concretizar, os currículos precisariam contar, idealmente, com uma disciplina que contemple o laboratório didático em todo semestre, além de incentivar a realização de Trabalhos de Conclusão de Curso duais, que contemplem tanto uma exploração teórica, de ordem monográfica, como um produto jornalístico concebido, realizado e veiculado pelo aluno.

Essa valorização recente do laboratório didático é, no limite, é uma reação histórica ao antigo preceito de que o curso de Jornalismo não poderia fornecer uma

iniciação na prática da profissão, devendo ele fornecer apenas os mecanismos teóricos e contextuais, deixando o estágio profissional, mesmo não sendo obrigatório, fornecer os mecanismos práticos da linguagem do jornalismo.

Com isso, o laboratório de redação seria apenas um simulacro incompleto da prática, uma condição mais lúdica do que formativa, um exercício descompromissado com a realidade posta pela linguagem e pela deontologia jornalísticas. O advento dessa reação reforça a valorização, no âmbito brasileiro, do curso de Jornalismo, mesmo em tempos onde a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão é posta em xeque sob o solo jurídico da liberdade de expressão.

Nessa reorganização acerca da formação desta prática midiática, a valorização do laboratório didático não é sem propósito. Afinal, podemos pensar o laboratório didático enquanto lugar ideal do desenvolvimento do *habitus* do jornalismo. Lembrando do trabalho de Wacquant (2006) sobre o *habitus* do boxe, não se nasce boxeador, se torna. Não se torna boxeador lutando na rua ou direto em um ringue profissional, mas sim se submetendo a processo social de se tornar boxeador ao frequentar academias especializadas e seu processo de treinamento.

O mesmo acontece com os jornalistas: é nos bancos escolares que nos tornamos jornalistas. E, sem dúvida, são nos laboratórios didáticos noticiosos que vemos claramente a relação do aluno com o *habitus* do Jornalismo e suas quatro propriedades.

Em primeiro lugar, é no laboratório didático que o aluno entra em contato com o conjunto adquirido de disposições que compõe o *habitus* jornalístico. É nele que o discente desenvolve suas capacidades pragmáticas e se confronta com as questões deontológicas da profissão.

Uma segunda colocação é que o laboratório didático é, dentro de uma Graduação em Jornalismo, o *locus* da expertise prática. Nele, não basta criticar ou observar a atividade jornalística, deve exercê-la. Não é apenas uma formação da mente do jornalista, mas também do exercício da profissão no seu corpo. É necessário ir além do escrever e falar, ou mesmo do filmar, gravar e registrar. É preciso correr atrás de fontes, fazer entrevistas, debater com os colegas de redação, vivenciar prazos.

No terceiro ponto, se reforça a condição dos laboratórios sempre estarem relacionados com o exterior da Instituição de Ensino Superior. Cada parte do país, cada parte de um Estado, cada parte de uma cidade, não só fornece jornalistas diferentes, mas também preocupações factuais – que se tornarão notícias – diferentes.

Por fim, o laboratório didático se coloca enquanto componente do curso de Jornalismo na busca de seu *trabalho pedagógico*. O laboratório é, dentro do currículo

da Graduação em Jornalismo, o contraponto ao mundo das redações e seu engessamento. Junto com os eixos da ordem do teórico, a dimensão prática da formação acadêmica do jornalista se coloca em verdadeira oportunidade de refletir a profissão ao mesmo tempo em que a inicia, proporcionando a tão desejada experimentação que proporcionará a inovação nos estatutos sociais postos por essa linguagem midiática seja no campo dos modos de fazer jornalismo seja no papel do jornalista com a sociedade.

E, imerso nisso, não podemos esquecer o papel do professor desse tipo de disciplina. Aqui, é interessante nos lembrar da dicotomia posta por Paulo Freire entre educação bancária e o educador-educando.

O professor de Laboratório Didático enquanto educador-educando

Porém, o que é a educação "bancária"? Ela é uma teoria de ação antidialógica, ou seja, não há interação entre as duas pontas da mediação. O conhecimento, através do educador bancário, se resume em meros "comunicados" e não diálogo. Esses depósitos constituem "a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los" (FREIRE, 2005, p. 66).

Seria, então, um processo didático feito unilateralmente. Não se pesquisaria e pensaria acerca da condição do *habitus*. Na educação de adultos, segundo Paulo Freire, "não interessa a esta visão 'bancária' propor aos educandos o desvelamento do mundo, mas, pelo contrário, pergunta-lhes se 'Ada deu o dedo ao urubu', para depois dizer-lhes enfaticamente, que não, que 'Ada deu o dedo à arara'" (FREIRE, 2005, p. 70).

O antimodelo freireano nos alerta, primeiramente, para uma situação de concentração do saber que implica, no limite, uma opressão daqueles que não sabem. No bancarismo, o "saber" é doado dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber, fundando-se nas

> manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca (FREIRE, 2005, p. 67).

Essa rigidez de posições implica a cristalização da opressão e da difusão de conhecimento. Com isso, podemos pensar tanto a escola quanto o curso universitário de jornalismo. Freire, para aprofundar sua reflexão, traçou um decálogo das condições bancárias. Nela:

> (a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; (b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; (c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; (d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; (e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; (f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; (g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; (h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nessa escolha, se acomodam a ele; (i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; e (j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 2005, p. 68).

As conseqüências não ficam apenas na relação de difusão. O conhecimento em si é afetado, tornando-se o que Sartre chama "de concepção 'digestiva' ou 'alimentícia' do saber. Este é como se fosse o 'alimento' que o educador vai introduzindo nos educandos, numa espécie de tratamento de engorda" (FREIRE, 2005, p. 72).

Assim, um laboratório didático "bancário", posto por protocolos e sem o exercício da vivência noticiosa, transforma a iniciação no *habitus* em "lavagem de porco", ou seja, algo que o aluno precisa saber porque precisa saber tal qual o porco que precisa comer porque sua função é ficar gordo para o abate. Com isso, a educação superior se coloca em condição análoga à situação de alfabetização de o Brasil vivia (e vive até hoje) na época de Paulo Freire, que produzia alfabetizados funcionais e não "sujeitos do processo", seja ele escolar ou social.

Para termos alunos de jornalismo que sejam sujeitos do processo social, há necessidade de colocarmos o professor de laboratório didático, tal como nos compele Paulo Freire, enquanto um educador-educando. Ou seja, uma situação de ensino onde "educando e educador estão ambos em posição de trocar conhecimentos, gerando um contexto de aprendizagem e ensino onde um ensinará ao outro aquilo que conhece" (VASCONCELOS & BRITO, 2006, p. 94). Freire explica que essa relação educacional envolve a superação do "bancarismo", o diálogo e a mediação do conteúdo. Ela provoca um novo termo:

> não mais educador, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (...). Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática "bancária", são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE, 2005, p. 78-9).

Na condição de Educador-educando, o docente das disciplinas de laboratório didático noticioso na graduação em Jornalismo favorece uma nova dinâmica de iniciação ao *habitus* da profissão. Ao invés de serem iniciados em redações onde os constrangimentos do poder econômico (i.e. o risco de perder o emprego) e a formatação de acordo com regras internas (i.e. linhas editoriais restritivas), os alunos podem entrar no *habitus* jornalístico de maneira crítica enquanto sujeitos desse processo social. E é apenas como sujeitos, e não sujeitados, que essas gerações futuras de jornalistas poderão renovar a importância e a legitimidade da profissão perante o público.

Bibliografia

ARMENGAUD, F. *A Pragmática*. São Paulo: Parábola, 2006.

AUSTIN, J. L. *How to do Things with Words*. Cambridge: HUP, 1975.

BAKER, G. P & HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: Rules, Grammar and necessity* (Vol. 2 of An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations – Essays and Exegesis §§185-242). Segunda edição. Malden: Blackwell, 2009.

BOURDIEU, P. *Esquisse d'une theórie de la pratique*. Paris: Seuil, 2000.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GRAYLING, A. C. *Wittgenstein*. Oxford: OUP, 1988.

HAACK, S. *Filosofia das lógicas*. São Paulo: Unesp, 2002.

KRIPKE, S. A. *Wittgenstein on Rules and Private Language*. Cambridge: HUP, 1982.

MALCOLM, N. "Wittgenstein on Language and Rules". *Philosophy*. vol. 64, nº 247,

Cambridge: Royal Institute of Philosophy/CUP, janeiro/1989.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo* (Portaria nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009). Brasília: MEC, 2009.

VASCONCELOS, M. L. M. C. & BRITO, R. H. P. de. *Conceitos de educação em Paulo Freire*. Petrópolis: Vozes, 2006.

WACQUANT, L. *Body and Soul*. Oxford: OUP, 2006.

WACQUANT, L. "Habitus as Topic and Tool: Reflections on Becoming a Prizefighter". *Qualitative Research in Psychology*. vol. 8. London: Routledge, 2011.

WITTGENSTEIN, L. *Fichas (Zettel*). Lisboa: Edições 70, 1989.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

AS PESQUISAS DE OPINIÃO E A ESTRATÉGIA DISCURSIVA DO MARKETING POLÍTICO-ELEITORAL NA REELEIÇÃO DO PT NO LESTE MINEIRO

Christiane Pitanga[22]
Adriana Cristina Omena Santos[23]

RESUMO:

O artigo discute o papel do marketing político, das pesquisas de opinião e o uso dos meios de comunicação nos processos políticos, em particular as possibilidades dos usos da TV e de ferramentas publicitárias na campanha eleitoral de 2012, no município de Governador Valadares, no leste mineiro. O referencial teórico do trabalho traça um panorama da nova configuração da política na contemporaneidade e do papel do marketing político e dos meios de comunicação em tal configuração. O foco do trabalho reside numa pesquisa descritiva acerca dos usos e importância das pesquisas de opinião nas estratégias de campanha que resultaram na reeleição de Elisa Costa da campanha municipal de 2012. Analisa, para isso, dados das pesquisas e do material de propaganda política utilizada para legitimar ou embasar o discurso e a imagem da candidata. Os dados obtidos durante a pesquisa e apresentados parcialmente no artigo receberão, posteriormente, aprofundamento no tratamento metodológico por meio da Análise de Conteúdo, seguido de Análise do Discurso.

Palavras-chave: Eleições, pesquisas, marketing, meios de comunicação.

Marketing político e eleições na contemporaneidade

Nos dias atuais, existe praticamente consenso entre os pesquisadores de que em todas as formas de regimes políticos, especialmente nos democráticos, o papel da mídia na política tem sido de grande importância. Em sociedades integradas por um sistema consolidado de comunicação de massa, inúmeros fatores serviram para transformar os meios de comunicação, incluindo as mídias digitais, nos principais canais de informação e assumindo o papel de instituições políticas da atualidade.

Neste contexto, os processos políticos não mais se efetivaram sem a participação da mídia, das técnicas de marketing político e das pesquisas de opinião. Um fato que deve ser considerado, neste processo, é que quando os meios de comunicação se transformam em instituições políticas o fazem de forma total e, a partir desse momento, passam a transmitir suas perspectivas políticas a todo e qualquer momento e o "fazer", a ação política, fica então inserida nos meios de comunicação.

[22] Designer Gráfica, Mestre em Ciências da Comunicação pela UMESP, professora no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. email: chrispitanga@yahoo.com.br

[23] Publicitária, Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, email: omena@faced.ufu.br.

> Ao abordar o assunto e ao conceituar o "príncipe eletrônico", Ianni (2001) trata dessa nova situação como um misto de acontecimentos que se formaram ao longo dos tempos, com a chegada da globalização e a intensificação das novas tecnologias. Para o autor, o príncipe eletrônico é um conceito que tem em seu significado a junção de todos os príncipes que encontramos no campo da política; não é homogêneo nem monopolítico. O autor afirma que, para Maquiavel, o príncipe é conhecido como o famoso formador de opinião, articulador; para Gramsci, ele não tem a imagem de um líder, mas sim do partido político como um todo, numa combinação de ideias; já o novo príncipe, conforme defende o autor, é representado pelos meios de comunicação e seus desdobramentos.

Conceito similar apresenta Carvalho (1999, p. 13) ao afirmar que, "na década de 80, o Brasil viveu em sua fase de redemocratização a expansão do padrão midiático publicitário, já dominante na cultura, para o campo da política". Segundo a autora, nesse período, inaugura-se um padrão de produção e consumo de política que vem romper com as referências tradicionais até então utilizadas no campo político. A partir dessa década, a política formatada como notícia, como comentário, como discurso, passa a ser consumida durante a leitura dos jornais, revistas ou ao se ligar o rádio ou a televisão.

Tal situação levou inúmeros autores a estudar a relação mídia, marketing e política. Dentre eles Silvestrin (2000), que afirma que o sucesso ou não de um candidato depende basicamente do cenário político construído pela mídia, especialmente a mídia eletrônica. Esse dado é exaustivamente explorado pelo marketing político e eleitoral, que fundamentado em estratégias, pesquisas e comunicação procura construir um candidato ideal, uma vez que o marketing tem como objetivos justamente contribuir com elementos formadores da imagem do candidato.

Desta forma, todo o processo político, agora "midiatizado", traz junto de si características intrínsecas da comunicação e dos meios envolvidos. É possível afirmar, conforme ressalta Thompson (1995), que a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, alterações de grande porte ocorreram, modificando assim inúmeras vertentes do processo de interação social. Em síntese, os meios de comunicação de massa modificaram e continuam modificando toda a percepção da realidade política conhecida até então.

Rubim (2000, p.6), ao estudar as eleições no Brasil, acredita que essa estreita relação dos meios de comunicação com a política seja também responsável pelo que se chama hoje de modernização das campanhas eleitorais, onde "a mídia, ao exigir respeito às suas gramáticas, indispensáveis a uma tradução e trânsito necessários ao

seu espaço, pode sub-repticiamente exportar sua lógica específica, repleta de interesses próprios, buscando impor seu poder ao campo político". O autor indica ser de Azevedo (1998) a especificação de quatro indicadores deste processo de modernização das campanhas eleitorais no Brasil, que são: a profissionalização da campanha, o uso das sondagens de opinião, a utilização da mídia, em especial a televisiva, e a personalização da campanha eleitoral. Tais indicadores estão diretamente relacionados ao que estudiosos da área têm chamado de marketing político/eleitoral.

Na verdade, atualmente os partidos políticos usam a lógica do marketing que prepondera sobre a lógica do debate e da discussão da ideias. Ou seja, instrumentalizou-se o debate, tendo em vista os líderes de opinião e a primazia do afetivo. É a evolução do sistema mediático e do sistema político onde, para Matos (2001), a pretensão do marketing político é fazer da tarefa política uma tarefa comercial com segmentação do mercado e instrumentalização de procedimentos, nivelando a política às exigências econômicas. É nesse contexto que o modelo de marketing ultrapassa o estrito contexto de uma política tornada comunicação, visando fazer da comunicação uma função eminentemente econômica e possivelmente manipulável. Em outras palavras, o marketing político nada mais é do que um aspecto da comunicação política com o diferencial de estar sujeito às normas e modalidades da economia.

Diante do exposto e tendo em vista a problemática do trabalho em torno de questionamentos acerca dos usos dos meios de comunicação em períodos eleitorais, esta pesquisa pautou-se pela análise da relação entre o campo da política e a esfera dos meios de comunicação, dividindo o trabalho em eixos de análise. Primeiramente estudar o contexto político eleitoral nas eleições municipais de 2012, tendo como referência a cidade de Governador Valadares/MG. A partir daí, verificar como se estabeleceu a relação entre os atores políticos e os profissionais da comunicação e até que ponto o aspecto técnico interferiu na dimensão política. Outro eixo de análise se refere ao estudo do marketing político/eleitoral, ou seja, como foi construída a estratégia discursiva e midiática da campanha da candidata Elisa Costa (PT) à prefeitura de Governador Valadares, e quais os usos dos meios de comunicação nos processos eleitorais, a fim de verificar qual a função destes meios na campanha eleitoral, quais tipos de informação e serviços disponibilizados à população.

Para o desenvolvimento deste estudo adotou-se como metodologia de trabalho a pesquisa participante, uma vez que uma das autoras deste artigo fez parte da equipe de profissionais de comunicação contratados para planejar, criar e executar a campanha da candidata Elisa Costa, motivo pelo qual esta campanha foi alvo da pesquisa.

No decorrer da pesquisa, também foi realizada uma pesquisa descritiva –

documental, em que foram analisadas as principais peças gráficas, jingle, site e o formato do programa de TV. Da mesma forma, foram analisadas as pesquisas de opinião pública contratadas pela coordenação de campanha, que serviram para balizar as estratégias de comunicação e as ações políticas.

Cenário político em Governador Valadares/MG, em 2011/2012

Governador Valadares está situada na região Leste do Estado de Minas Gerais e é considerada um pólo econômico, educacional e de saúde do leste mineiro. A Princesa do Vale, como também é conhecida, foi fundada em 1938 e conta atualmente com uma população aproximada de 263.594 habitantes (IBGE-2010)[24].

Em 2008, a candidata Elisa Costa (PT) concorreu à prefeitura de Governador Valadares e derrotou o prefeito Bonifácio Mourão (PSDB), que tentava a reeleição. Elisa iniciou sua carreira política nos movimentos estudantis, quando cursou engenharia civil, na Universidade Vale do Rio Doce - Univale, em Governador Valadares. Em 1996, disputou e ganhou as eleições para vereadora, tendo sida reeleita em 2000. Em 2002, foi eleita deputada estadual, sendo reeleita em 2006. Sua candidatura à prefeitura, em 2008, foi um marco para a história política de Governador Valadares, pois, pela primeira vez uma mulher se candidatou ao poder executivo municipal, e, com sua vitória, pela primeira vez a cidade passou a ser comandada por uma prefeita.

Em 2012, Elisa Costa aceitou o desafio de tentar a reeleição. Contudo, desde que a reeleição foi aprovada no Brasil, nenhum prefeito havia conseguido esse êxito em Valadares. Em 2008, ao perder as eleições, o então prefeito Bonifácio Mourão considerou a reeleição um "tabu" em Governador Valadares, afirmando que os eleitores da cidade preferem a alternância no poder municipal.

Mas, o maior desafio da prefeita Elisa Costa, e de sua equipe de campanha, não era quebrar o "tabu" da reeleição, e, sim, reverter a imagem negativa de seu governo e a expressiva rejeição ao seu nome. Em pesquisa de opinião pública, realizada pelo Instituto Doxa[25], nos dias 24 e 25 de setembro de 2011, conforme dados apresentados nas figuras 01 e 02, percebe-se que o ambiente não era favorável à reeleição.

Na disputa pela prefeitura, Elisa tinha como adversário Augusto Barbosa (PSDB), apoiado deputado estadual e ex-prefeito Bonifácio Mourão. Barbosa é um

[24] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
[25] www.doxapesquisa.com.br

conceituado pediatra na cidade e havia sido vereador por 2 mandatos (de 1997 a 2004), presidente da Câmara Municipal de 2003 a 2004, vice-prefeito eleito em 2004. Disputou uma vaga para deputado federal em 2010, tendo sido bem votado, apesar de não ter sido eleito. Na sua campanha em 2012, enfatizou o apoio do Mourão, do governador Antônio Anastasia e do senador Aécio Neves, todos do seu partido, o PSDB.

Rui Moreira (PSB), ginecologista, também se apresentou para disputar as eleições municipais em 2012. Moreira havia sido prefeito de Governador Valadares de 1989 a 1992, sendo reconhecido como "bom gestor" da folha de pagamento. Ou seja, valorizou o funcionalismo público, aumentou salários e concedeu benefícios para a classe. Embora tenha deixado a prefeitura com boa imagem, foi julgado e condenado por peculato durante seu mandato como prefeito. No entanto, seus apoiadores acreditavam que, passados 20 anos, os eleitores não se lembrariam das marcas negativas do governo Rui Moreira e apostariam novamente em seu nome para prefeito.

Outro adversário da Elisa, em 2012, foi André Merlo (PDT), pecuarista, de família tradicional, jovem, nunca havia se candidatado a cargo político algum. Era presidente da União Ruralista Rio Doce, entidade que reúne os pecuaristas da cidade e promotora da Exposição Agropecuária de Governador Valadares, uma das maiores festas da cidade. Apesar de desconhecido pela maioria dos eleitores, Merlo fez uma campanha alegre, jovem, e usou a seu favor o fato de "não ser político profissional", além de enfatizar seu espírito empreendedor.

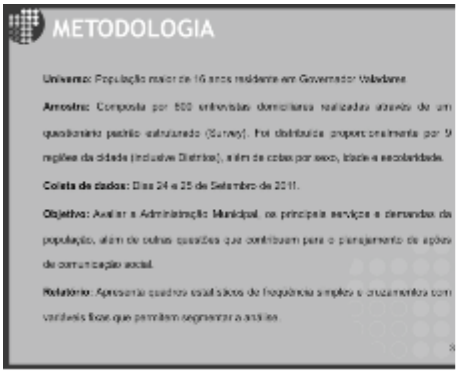
Por fim, Jó Rodrigues (PCB), empresário do ramo de hotelaria, completou o quadro de candidatos à prefeitura de Governador Valadares, em 2012. Rodrigues havia sido candidato em 2008 e estava novamente na disputa pelo executivo municipal.

As pesquisas e a comunicação na eleição municipal de Governador Valadares em 2012

O monitoramento da opinião pública, por meio de pesquisas, é uma estratégia utilizada pela comunicação pública como forma de governo, pois é possível corrigir ou potencializar as ações da prefeitura de acordo com a aprovação ou não por parte da população (TORQUATO, 2006). Neste sentido, a secretaria de comunicação da prefeitura de Governador Valadares, periodicamente, realizava pesquisas para conhecer o sentimento da população em relação ao governo Elisa Costa e em relação aos serviços públicos executados pela prefeitura.

As pesquisas de opinião pública utilizam o método quantitativo, também conhecido como *survey*, no qual é feito um levantamento estatístico das informações que se pretende obter. Assim, na figura 02, há um comparativo dos números apurados em setembro de 2010 e setembro de 2011. Em ambas pesquisas, os números são bem parecidos, e revelam um cenário preocupante. Em 2010, 58% da população e, em 2011, 59% avaliaram negativamente o governo Elisa Costa. Da mesma forma foi a avaliação da prefeitura: em 2010, 48% e, em 2011, 49% da população avaliaram negativamente os serviços públicos.

FIGURA 01 – Metodologia de pesquisa quantitativa em setembro 2011



METODOLOGIA

Universo: População maior de 16 anos residente em Governador Valadares.

Amostra: Composta por 500 entrevistas domiciliares realizadas através de um questionário padrão estruturado (Survey). Foi distribuída proporcionalmente por 9 regiões da cidade (inclusive Distritos), além de cotas por sexo, idade e escolaridade.

Coleta de dados: Dias 24 e 25 de Setembro de 2011.

Objetivo: Avaliar a Administração Municipal, os principais serviços e demandas da população, além de outras questões que contribuem para o planejamento de ações de comunicação social.

Relatório: Apresentar quadros estatísticos de frequência simples e cruzamentos com variáveis fixas que permitem segmentar a análise.

FIGURA 02 – Quadro comparativo da avaliação do governo Elisa Costa

AVALIAÇÃO DO GOVERNO ELISA COSTA

COMPARATIVO DE RESULTADOS – VALORES EM %

AVALIAÇÕES	Governo Elisa Costa		Prefeitura	
	Set/10	Set/11	Set/10	Set/11
Ótimo	2	2	1	1
Bom	17	11	21	19
Ótimo/Bom	**19**	**13**	**22**	**19**
Regular +	20	26	29	35
Avaliação Positiva	39	39	51	51
Regular -	9	6	12	13
Total Regular	**29**	**32**	**41**	**54**
Ruim	16	16	17	16
Péssimo	33	27	19	14
Ruim/Péssimo	**49**	**53**	**36**	**30**
Avaliação Negativa	58	59	48	49
NS/NR	3	2	1	zero

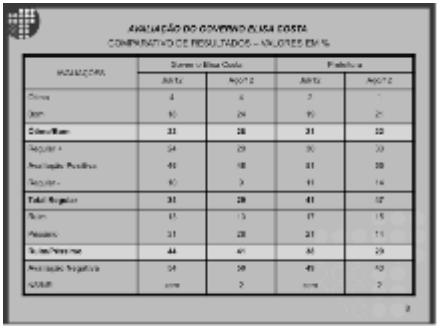
Fonte: Instituto Doxa (2011)

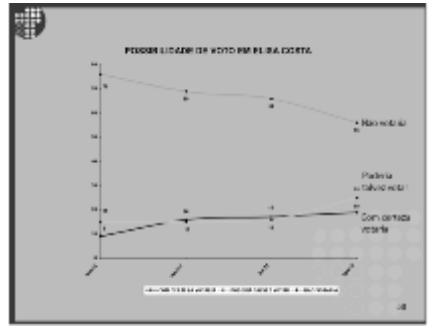
Com tal quadro, em maio de 2012, o núcleo criativo contratado para fazer a campanha eleitoral da Elisa, composto por uma jornalista, um redator publicitário e dois designers gráficos, se debruçou sobre as informações colhidas pela pesquisa qualitativa, modalidade grupo focal, para avaliar a situação e encontrar um discurso para a campanha capaz de reverter o cenário que ainda persistia negativo, conforme pesquisas de opinião pública (FIGURAS 03 e 04).

As pesquisas qualitativas, modalidade grupo focal, são amplamente utilizadas na área de marketing e indicadas para a construção do discurso publicitário, pois, de acordo com Maria Eugênia Belczack Costa,

> o Grupo Focal, como ferramenta de pesquisa qualitativa, ajuda a identificar tendências, o foco, desvenda problemas, busca a agenda oculta do problema.
>
> [...] Eu diria que o Grupo Focal, quando bem orientado, permite a reflexão sobre o essencial, o sentido dos valores, dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas (COSTA, 2005, p. 180).

FIGURA 03 – Quadro comparativo da avaliação do governo Elisa Costa (pesquisa quantitativa realizada em agosto de 2012)FIGURA 04 – Possibilidade de voto em Elisa Costa (pesquisa quantitativa realizada em agosto de 2012)





Fonte: Instituto Doxa (2011)

A intenção da coordenação de campanha era compreender o(s) motivo(s) da avaliação negativa do governo Elisa Costa e a rejeição ao seu nome para criar estratégias e tentar reverter a situação. A pesquisa foi realizada também pelo Instituto Doxa, em abril de 2012, com 4 grupos de discussão: um composto por homens e mulheres, eleitores e moradores em Governador Valadares, pertencente ao grupo econômico AB[26], com idades entre 25 e 55 anos e que avaliam positivamente o governo; um segundo grupo, com as mesmas descrições do primeiro, mas com pessoas que avaliam negativamente o governo; um terceiro grupo, com as mesmas descrições do primeiro, só alterando o grupo econômico, pois reuniu pessoas da classe CD; e, por último, um grupo com as mesmas descrições do segundo, só alterando o grupo econômico para CD. Percebeu-se, em geral, uma frustração em relação ao governo, ou seja, para os entrevistados, a prefeita não havia feito nada. A partir do momento em que o moderador do Grupo Focal listava algumas obras realizadas por iniciativa da Elisa, os entrevistados começavam a mudar o sentimento em relação ao governo municipal. Muitas obras ou conquistas para a cidade não eram associadas à prefeitura ou ao trabalho da prefeita.

De fato, a Secretaria de Comunicação da Prefeitura (Secom) agiu de forma pontual e bem acanhada na divulgação das ações realizadas pela prefeitura. Com poucos recursos, priorizou-se a produção do jornal mensal com o título "Valadares em movimento", distribuído gratuitamente, o informativo "Multiplica", uma newsletter editada quando necessário, e reuniões com a comunidade. As campanhas publicitárias foram pontuais, e, ao que parece, não alcançaram os objetivos. Talvez, a pouca utilização da mídia TV (só utilizada nas campanhas publicitárias) justifique o desconhecimento acentuado da população em relação aos feitos do governo Elisa Costa (FIGURA 05), pois, os dados da pesquisa quantitativa de setembro/2011 (FIGURA 06) indicam a TV como o principal meio para obtenção das informações sobre a prefeitura.

[26] Classificação social de acordo com o critério Brasil ABEP

FIGURA 05 – Número de bem informados sobre as realizações da prefeitura (pesquisa quantitativa realizada em setembro de 2011)

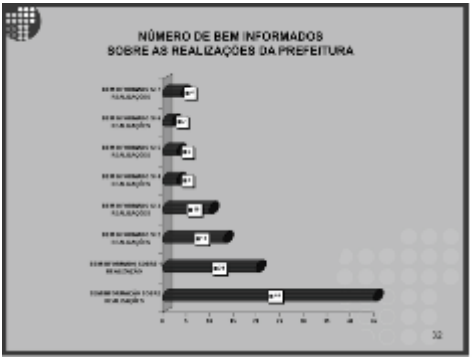
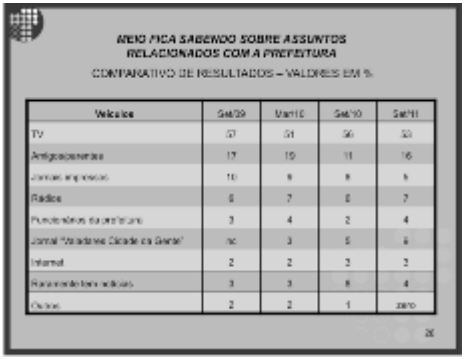


FIGURA 06 – Meio que fica sabendo sobre assuntos relacionados à prefeitura (pesquisa quantitativa realizada em setembro de 2011)



Veículos	Set/09	Mar/10	Set/10	Set/11
TV	37	31	30	33
Amigos/parentes	17	19	11	16
Jornais impressos	10	8	8	6
Rádios	8	7	8	7
Pontos de ônibus/outdoors	3	4	2	4
Jornal "Valadares Cidade em Geral"	nc	3	5	6
Internet	2	2	2	2
Reuniões/bairros/ruas	3	3	8	4
Outros	2	2	1	zero

Fonte: Instituto Doxa (2011)

Com tal constatação, a primeira decisão tomada pela coordenação de campanha foi apresentar as ações realizadas pela prefeita. No jingle, nas peças gráficas (foi produzido um folder para cada região da cidade com as obras feitas nos bairros daquela região), no rádio, no site da candidata e, principalmente, nos programas de TV, foram listadas as obras e conquistas para a cidade, associando-as à Elisa Costa.

Outro ponto que ficou evidente nos Grupos Focais é que, mesmo não sendo simpáticos à prefeita, os entrevistados reconheciam sua honestidade como gestora pública, sua garra, determinação e sua coragem ao desafiar os candidatos concorrentes em 2008, pois nenhuma mulher havia se candidatado ao executivo municipal em Governador Valadares. Ou seja, a imagem pessoal da Elisa Costa não foi atingida pelo sentimento negativo em relação ao seu desempenho como prefeita. Muitos entrevistados chegaram a dizer que ela era melhor como deputada do que como prefeita, reconhecendo seu trabalho como legisladora, mas expressando a frustração em relação à sua atuação como chefe do executivo municipal.

Com esses dados, o mote da campanha começou a ganhar forma. Para criar o slogan, foram definidos três eixos conceituais: mudança, coragem e educação. "Mudança" para mostrar que, com as ações do governo, a cidade mudou e mudou pra melhor. A ideia, além de mostrar os feitos da prefeita, é mostrar em que medida as obras ou programas sociais contribuíram para a melhoria da qualidade de vida ou o bem estar da população. Neste aspecto, a estratégia de comparação com o governo anterior é inevitável, assim como o testemunho dos beneficiados é fundamental para

que essa "mudança" não seja apenas um discurso vazio. Dessa forma, cumpre-se a primeira decisão de tornar público todas as realizações da prefeita Elisa Costa.

A "educação" foi outro eixo escolhido para nortear o discurso de campanha, pois foi o principal foco da administração municipal. Desde que assumiu a prefeitura, Elisa Costa se empenhou em levar a educação a todos (crianças, jovens e adultos). Para a prefeita, a educação é o caminho para o desenvolvimento sustentável. Por isso, Governador Valadares foi a primeira cidade no país a universalizar a Escola em Tempo Integral - ETI. Somando-se a isso, outras iniciativas e programas federais e estaduais (como o Pró-jovem, o Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG, a instalação de um campus avançado da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, entre outras), fizeram, de fato, a educação a grande marca do governo Elisa Costa. A ideia da coordenação de campanha era explorar a educação como uma ação concreta do governo, perceptível pela população, como o caminho para a cidade se transformar e desenvolver. Ou seja, as ações em torno da educação, além de importantes por si só, foram uma das estratégias que desencadearam as mudanças realizadas na cidade.

A "coragem", atributo relacionado à Elisa pelos membros dos grupos de discussão, complementou os eixos conceituais que subsidiaram o discurso da campanha. Era preciso dar autoria às mudanças ocorridas em Valadares e a forma encontrada foi usar a imagem que as pessoas tinham da prefeita para associá-la às ações que mudaram a cidade.

O próximo passo foi desdobrar os eixos conceituais, buscando palavras afins, como: mudança = movimento, desenvolvimento, evolução, melhorias; educação = o caminho da mudança, trilha, desenvolvimento; coragem = determinação, garra. E, então, a definição do slogan de campanha: "Coragem pra seguir mudando". Ter a "mudança" no discurso, como já mencionado, era estratégico para mostrar os feitos da prefeita e os seus benefícios para a cidade. Já a palavra "seguir" foi escolhida por representar movimento, ação, ir adiante, pra frente. Era preciso dizer a importância de dar continuidade ao governo, ou seja, às mudanças. Em outras palavras, pretendia-se dizer que era preciso seguir a trilha das mudanças, o caminho da educação, do desenvolvimento. E a "coragem" foi utilizada para reforçar a imagem da Elisa: mulher que mais uma vez desafiava candidatos homens (em 2012, ela também foi a única candidata) e que, mesmo com uma rejeição considerável, ainda sim encarou o pleito municipal. A "coragem" também podia ser interpretada como uma evocação à coragem dos eleitores, chamando-os mais uma vez a acreditar na Elisa e votar nela novamente.

Com a estratégia discursiva pronta, foram criadas todas as peças publicitárias permitidas pela legislação eleitoral: jingle, cartazes, banners, folders,

santinhos, bandeiras, cavaletes, novelinhas para carro de som, site, páginas nas redes sociais, a estrutura dos programas e inserções de rádio e TV, entre outras peças.

FIGURA 07 – Letra do jingle oficial da campanha eleitoral Elisa Costa 2012

Jingle da campanha eleitoral Elisa Costa - 2012

Olha aí, Valadares mudou
Olha a força da **educação**
Tá na **garra de uma mulher**
A beleza da **transformação**

Olha aquele menino na **escola**
A família que agora tem **lar**
A coragem pra seguir mudando
É **caminho** pra gente **trilhar**

Venha **sonhar de novo**,
Com Valadares no coração
Andar pra frente eu vou

Todos juntos, vamos **fazer mais**
É o que Valadares precisa
É a história que a **gente faz**
É Elisa! É Elisa.
(refrão)

Fonte: Coordenação de campanha (2012)

A letra do jingle oficial (além deste jingle ter sido produzido em três versões diferentes, pop, forró e axé, também foram produzidos mais 2 jingles), exposta na figura 07, reforça os eixos conceituais e as palavras chave que permearam toda a campanha. Já nos cartazes, buscou-se uma diversidade de modelos e experimentação gráfica para chamar a atenção do público quanto a determinados temas. Nas figuras 08 a, b e c, são apresentados três modelos: o primeiro à esquerda é o cartaz oficial, com um grafismo ao fundo que remete movimento de convergência e expansão a partir da foto da Elisa; o cartaz do meio reforça o conceito "coragem"; e o cartaz à direita trata das temáticas da campanha, neste exemplo a educação, mostrando uma ação realizada pela Elisa que muitos não acreditavam que ela conseguiria fazer. Esta ideia segue a proposta de apresentar as realizações da prefeita e reforçar sua determinação e garra, marcas atribuídas à Elisa.

FIGURAS 08 a, b e c – Cartazes da campanha Elisa Costa 2012

Fonte: Coordenação de campanha (2012)

A criação de folders e volantes foi dividida em: folders regionais, dirigidos a cada região com as obras feitas nos bairros daquela regional e as promessas para um segundo mandato; folders temáticos, abordando as realizações a partir de temas como saúde, educação, meio ambiente, infraestrutura, geração de empregos, entre outros, que foram distribuídos em reuniões com as lideranças de cada setor, constando também as promessas para um segundo mandato; e os volantes sobre as marcas do governo Elisa Costa (universidade federal, escola em tempo integral, parque municipal, mini hospital – UPA 24h) que muitos não acreditavam que sairia do papel, seguindo o mesmo padrão gráfico do cartaz à direita, na figura 08, mas com informações mais detalhadas sobre tal realização.

O site da campanha também seguiu as mesmas orientações de mostrar as obras do governo Elisa Costa, além da proposta de programa de governo para um segundo mandato, a trajetória política da candidata e do candidato a vice, agenda dos candidatos, registro fotográfico do cotidiano da campanha, materiais impressos para dowload, jingles, entre outros. Assim que eram exibidos pelas emissoras, os programas de rádio e TV também eram postados no site. A página da candidata na rede social facebook (www.facebook.com.br) também seguiu as mesmas instruções, mas, não recebeu tanta atenção da coordenação de campanha, que preferiu investir mais nos programas de TV, uma vez que este é o meio pelo qual a maioria da população se informa sobre assuntos relacionados à prefeitura. O mesmo aconteceu com os programas de rádio, veículo com pouca audiência em Governador Valadares, comparado à TV.

Os programas de rádio foram pautados por temas (saúde, educação, desenvolvimento, entre outros), cada programa abordava um tema, e estruturados em blocos, intercalados com jingles da campanha: um bloco apresentava as ações do governo a partir das perguntas feitas por cidadãos; uma entrevista pingue pongue com a candidata; divulgação da agenda (comícios, entrevistas, caminhadas dos candidatos); curiosidades sobre a candidata e o cotidiano da campanha; propostas para um segundo mandato. Dois locutores fizeram a condução do programa e a entrevista com a candidata.

Os programas de TV, assim com os de rádio, foram pautados por temas e, independente do assunto tratado, havia sempre um VT inserido em cada programa mostrando todas as realizações do governo Elisa Costa. A ideia era mostrar e reforçar as realizações feitas pela prefeita. Assim, se o tema do programa era geração de emprego, por exemplo, abordava-se esse assunto em profundidade, com as ações promovidas, depoimentos dos beneficiados para legitimar o discurso e comprovar os resultados. E o VT com todas as obras mostrava as demais ações da Elisa Costa como prefeita. Três apresentadores jovens (dois rapazes e uma moça), com idade

entre 25 a 30 anos, circulavam pela cidade para mostrar as obras e as realizações. A intenção era dar dinâmica ao programa de TV, mostrar a proximidade com o cotidiano da cidade e, principalmente, mostrar a cidade em movimento. Além disso, no programas eram inseridos vts comparando dados do governo anterior com o governo da Elisa, para destacá-la como gestora e reverter a imagem que ela era melhor como deputada do que como prefeita. Para completar o programa de TV, havia também depoimentos de lideranças políticas e comunitárias a favor da Elisa.

Durante a campanha, as pesquisas demonstraram que a estratégia da coordenação de campanha estava correta. Quando o horário gratuito de propaganda eleitoral de TV e rádio iniciou, em meados de agosto de 2012, Elisa Costa começou reagir nas pesquisas. Ou seja, com o programa de TV e rádio mostrando um volume considerável de informações sobre a administração municipal, percebeu-se que, a medida em que as pessoas começavam a conhecer as realizações da prefeita, a rejeição diminuía e o potencial de voto aumentava, conforme demonstrado nas figuras 09, 10 e 11.

FIGURA 09 – Comparativo do nível de conhecimento sobre as ações ou iniciativa da prefeitura. (Pesquisa quantitativa realizada em setembro de 2012)

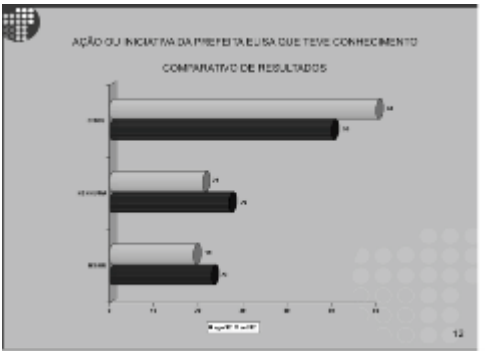
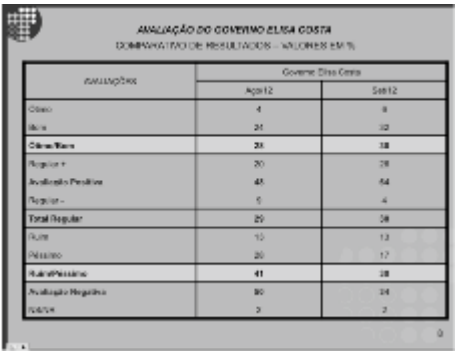


FIGURA 10 – Comparativo da avaliação do governo Elisa Costa (Pesquisa quantitative realizada em setembro 2012)



Fonte: Instituto Doxa (2012)

Na figura 12, percebe-se que os programas de TV da candidata Elisa Costa foram os que mais agradaram a população, sendo preferido por 31% dos entrevistados, contra 17% do segundo melhor programa, segundo pesquisa quantitativa realizada em setembro de 2012 (DOXA, 2012).

FIGURA 11 – Série histórica do voto estimulado (Pesquisa quantitative realizada em setembro de 2012)

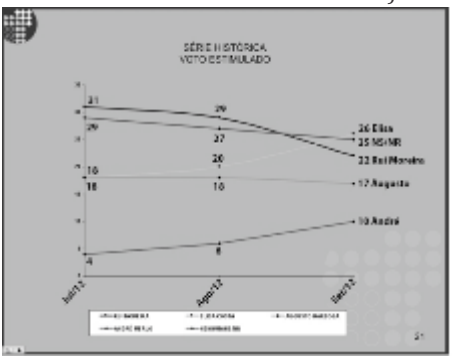
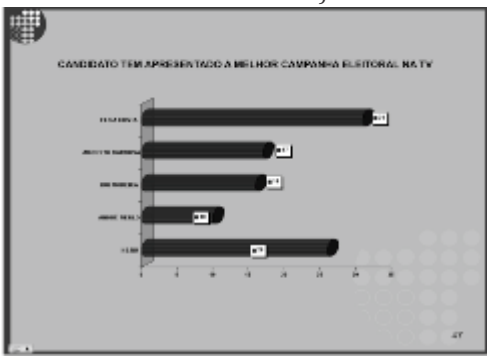


FIGURA 12 –Avaliação da campanha eleitoral na tv. (Pesquisa quantitative realizada em setembro 2012)



Fonte: Instituto Doxa (2012)

Os dados apresentados, aliado ao aumento do nível de conhecimento sobre as ações da prefeitura e o aumento da intenção de voto em Elisa Costa, indicam que a coordenação de campanha soube aproveitar os dados expressos nas pesquisas e construir uma estratégia de comunicação acertada. O resultado das eleições comprovou isso: Elisa Costa (PT) foi reeleita com 32,29%, André Merlo (PDT) ficou em 2º lugar com 25,70%, Rui Moreira (PSB) ficou 3º lugar com 21,23%, Augusto Barbosa (PSDB) recebeu 20,27% dos votos e Jô Rodrigues (PCB) ficou com 0,50% dos votos válidos.

Considerações Finais

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa descritiva – documental, seguida de entrevistas em profundidade com atores políticos e profissionais de comunicação envolvidos nas campanhas, que permitiram elencar e analisar o processo da comunicação nas campanhas eleitorais e comparar o uso das ferramentas comunicacionais nos processos político-eleitorais.

No decorrer da pesquisa, para a obtenção das informações necessárias para as análises, recorreremos a técnicas variadas de coleta de dados, como pesquisa documental, por meio de clipping eletrônico e digital, e entrevistas para obtenção do material selecionado para análise. Após levantamento bibliográfico e coleta do material selecionado foram realizadas análises da amostra do material referente ao processo político-eleitoral em 2012.

Para atingir este propósito, foi necessário apresentar o contexto político eleitoral da cidade selecionada, bem como apresentar e refletir sobre os dados obtidos nas pesquisas de opinião e grupos focais que subsidiaram a produção do

discurso político estratégico, das peças publicitárias e de todas as ações da campanha analisada. Os resultados evidenciam a estreita relação entre os resultados obtidos na campanha com os dados indicados nas pesquisas. Em resumo, corrobora as informações do referencial teórico de que, na atualidade, o novo fazer político depende muito das pesquisas e do marketing para o sucesso das campanhas. Há que ressaltar, contudo, que por tratar-se de um estudo em fase de finalização ainda serão realizados aprofundamentos nas análises de modo a comparar os discursos como um todo, levando em consideração todas as ferramentas disponíveis na elaboração da estratégia discursiva dos mesmos, em busca de dados de que por trás do discurso aparente, simbólico e polissêmico podem estar escondidos sentidos, relações ou interrelações que convém serem desvendados.

A proposta de dar novo tratamento aos dados por meio da Análise do Discurso, leva em consideração que o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Quando pronunciamos um discurso, agimos sobre o mundo, marcamos uma posição - ora selecionando sentidos, ora excluindo-os no processo interlocutório. Neste contexto, a proposta de análises futuras levará em consideração que ao produzir seu discurso, o indivíduo (político) não expressa a sua consciência livre de interferências. Ao contrário, aquilo que ele discursiviza é resultado de conjuntos discursivos que lhe são anteriores, que foram por ele interiorizados em função da exposição sócio-histórica a que estamos todos submetidos, a partir da qual são constituídas nossas representações discursivas sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando A. Espaço público, mídia e modernização das campanhas eleitorais no Brasil. In: VII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIACÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUACÃO EM COMUNICACÃO - COMPÓS. Anais. São Paulo, 1998.

CARVALHO, Rejane. V. A de. **Transição democrática brasileira e padrão midiático publicitário da política**. Campinas Pontes, 1999.

COSTA, Maria Eugenia. B.. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, 180-192.

IANNI, Otávio. O príncipe eletronico. **Cuadernos Constitucionales**. n.4, enero-junio, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**. Disponivel em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_atlas.sht

m, Acesso em 10 se. 2013.

MATOS, Heloíza H. G. Mídia e democracia: novas práticas e problemas. Trabalho apresentado no II COLLOQUIO ITALO-BRASILIANO DI SCIENZE DELLA COMUNICAZIONE, Firenze, 2001.

RUBIM, Antonio A. C. Novas configurações das eleições no Brasil contemporâneo. In: IX ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS. Anais. Porto Alegre, 2000.

SILVESTRIN, Celsi B. **Gênero, política e eleições**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

THOMPSON, Jonh B. Algumas características dos meios de comunicação. In: **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópoles: Vozes, 1995, 287-322.

TORQUATO, G. **Comunicação Empresarial, Comunicação Institucional**. São Paulo: Summus, 2002.

TORQUATO, G. **Tratado de Comunicação Organizacional e Política**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

FORMAÇÕES DISCURSIVAS E RELIGIÃO: UMA ABORDAGEM SOBRE A IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS

André Luiz de Castro Silva[27]
Marcelo Marques Araújo[28]

Resumo:

O campo religioso neopentecostal brasileiro tem investido na mídia eletrônica para levar aos sujeitos interpelados, a todo instante, mensagens que atinjam um número maior de pessoas que buscam "fortalecer o ser", ou seja, o emocional. O objetivo é analisar o *ethos* e o *pathos* de trechos de mensagens apresentadas por uma das denominações que mais fomentam a paternalização mencionada por Charaudeau – a Igreja Mundial do Poder de Deus, liderada pelo Apóstolo Valdemiro Santiago. Tal líder constrói, por meio de formações discursivas distintas, determinados dizeres que podem ou devem ser apresentados, com o intuito de promover um *feeling* gerando maior visibilidade a igreja e, depois, o nome de Jesus. Neste campo está imbricada a busca por práticas discursivas voltadas para um público cada vez mais necessitado em satisfazer anseios e desejos ou resolverem seus problemas através da ação dos sujeitos que reconstroem sentidos através de discursos dos lugares em que falam.

Palavras-Chave:
Formações Discursivas. Sentido. Religião. Igreja Mundial do Poder de Deus.

Abstract:

The Brazilian Pentecostal religious camp has invested in electronic media to bring the challenged subjects, all the time, messages that reach a greater number of people seeking to " strengthen the being", the emotional. The goal is to analyze the *ethos* and *pathos* of excerpts of messages displayed by one of the names that most foster paternalização mentioned by Charaudeau - the

[27] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Email: profalucastro@yahoo.com.br
[28] Professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Orientador. Email: mmajornalista@terra.com.br

World Church of the Power of God, led by Apostle Valdemiro Santiago. Such a leader builds through different discursive formations, certain sayings that can or should be made, in order to promote a feeling generating greater visibility to the church and then the name of Jesus. This field is embedded the search for discursive practices for an increasingly needed to satisfy longings and desires or solve their problems through the action of the subject rebuilding senses through speeches in places of public speaking.

Keywords:
Discursive formations. Meaning. Religion. World Church of the Power of God.

Introdução

A cada ano que passa, a humanidade vive um processo de evoluções e revoluções em inúmeras áreas. Invariavelmente um dos setores que geram maior contribuição para a evolução humana é a comunicação, já que hoje somos capazes de acompanhar fatos ou eventos em tempo real, falar instantaneamente com pessoas a quilômetros de distância e várias outras tecnologias que só se pensavam que existiriam em filmes de ficção. O desenvolvimento da comunicação atingiu o campo público, político e religioso, gerando, por conseqüência, estudos sobre o impacto dos meios nas igrejas, principalmente nas denominações neopentecostais.

A Igreja Mundial do Poder de Deus, doravante IMPD, fundada por Valdemiro Santiago em 1998 experimentou, nos últimos anos, uma considerável expansão e tornou-se um novo caminho para muitas pessoas no campo religioso cristão brasileiro. A visibilidade midiática alcançada pela denominação transformou-a em uma das denominações mais conhecidas do Brasil. São pessoas de todas as camadas sociais e de diferentes partes da nação que procuram a igreja em busca de cura física, prosperidade financeira, resolução de problemas familiares entre outros males. A popularidade da igreja aliada, dentre os modais discursivos, a um estilo paternalista que carregam a beleza da sonoridade com a significação, a arte da retórica discursiva e pelo discurso triunfalista da Teologia da Prosperidade são tão grandes que muitos querem visitá-la, ou mesmo assistirem a programação na mídia eletrônica, contribuindo com a manutenção da obra, pois acreditam que dela exala poder e equidade. Tais ações tornam a igreja distinta e interessante.

O presente texto tem como objetivo analisar os discursos proferidos pelo programa "O poder sobrenatural da fé", veiculado na Rede TV! das 01 às 03h da manhã entre os dias 14 e 21 de setembro de 2014. Tal *corpus*, para este trabalho, se restringe a sete minutos do discurso proferido pelo líder da denominação, Apóstolo Valdemiro Santiago, veiculado no dia 14 de setembro de 2014. O estudo visa discutir o *ethos* e o *phatos* em tal programação de acordo com Dominique Maingueneau, Michel Pechêux e Ruth Amossy e as formações discursivas detectadas sob a ótica foucaultiana e pecheutiana. Serão ressaltados inclusive dados conceituais sobre a relação entre a Análise do Discurso e a mídia eletrônica, além de dados históricos quanto ao desenvolvimento do neopentecostalismo na mídia eletrônica.

1- A Igreja e a mídia eletrônica: um breve histórico

Desde o século XVI, a relação entre a igreja e a comunicação social está diretamente conectada com a reforma protestante. Mais do que os católicos romanos, até tal momento hegemônicos no âmbito do discurso religioso, os evangélicos criam uma nova conjuntura da difusão das mensagens, então de âmbito privado para uma esfera pública. Essa nova forma de difusão da mensagem religiosa, com um foco proselitista, foi aperfeiçoada, em especial, a partir do século XIX, através do uso dos meios de comunicação como forma de evangelização.

> "Essa necessidade de se 'pregar o evangelho a toda a criatura' era apresentado como uma exigência decorrente para os evangélicos da 'grande comissão' dada por Jesus Cristo aos seus seguidores [...] nesse sentido, até mesmo a descoberta de novos meios foi vista em muitos grupos evangélicos como uma graça divina para preparar os homens para o final dos tempos". (CAMPOS, 2004, p.150)

Mariano (2005, p.77) destaca o cenário das igrejas evangélicas no Brasil. Desde protestantes mais clássicos ou considerados históricos por ele como presbiterianos ou batistas a igrejas pentecostais como também as neopentecostais. O fenômeno do pentecostalismo no Brasil chama a atenção

pela visibilidade na mídia, em especial, no rádio e na TV. Para ele, o pentecostalismo se divide em três ondas[29]. Entretanto, o foco de nossa análise se prende a terceira onda que é chamada de novo pentecostalismo ou neopentecostalismo[30].

O movimento evangélico nas mídias, de acordo com Campos (2004, p.154), se consolidou nos Estados Unidos, a partir da década de 1920, quando naquela época entrou no ar a primeira emissora comercial – KDKA – e, na ocasião, a *Calvary Episcopal Church* transmitiu o primeiro programa radiofônico evangélico. Em cinco anos, o rádio se difundiu muito rapidamente em território norte americano. Das 600 emissoras que estavam operando naquele período, 10% delas pertenciam ou estavam ligados a movimentos religiosos. Na primeira metade dos anos 1930, a audiência de programas religiosos era estimada em 45 milhões de ouvintes. O autor destaca que, no Brasil, a programação evangélica no rádio teve início nos anos 1950 junto a denominações pentecostais como a Igreja Assembléia de Deus, Deus é Amor, o Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular e, posteriormente, aos neopentecostais, dentre eles, a Igreja Universal do Reino de Deus.

A cultura da oralidade fez com que o rádio estimulasse o ouvinte a criar sua própria imagem mental daquilo que era dito. Campos (2004, p.191) ressalta que tal meio de comunicação desempenhou um importante papel na formação de uma rede de sustentação mútua, um autêntico círculo vicioso envolvendo a mídia, o líder carismático e os milagres a ele atribuídos. Porém, com a chegada da televisão, a tecnologia ganha um protagonismo comunicacional. "A televisão representa o advento da civilização da imagem [...] é um meio frio de comunicação, porque oferece ao receptor uma imagem pronta. Esta passividade teria acarretado o abandono do discurso falado e o aparecimento de uma ditadura da imagem" (CAMPOS, 2004, p.280)

---

[29] *Para Mariano (2005), a primeira onda, caracterizada pelas igrejas Assembléia de Deus e Congregação Cristã que se caracteriza por agregar membros de pouca escolaridade e pequena renda, apresentar forte resistência com o catolicismo, acreditar na volta imediata de Cristo e no paraíso como redenção dos sofrimentos terrenos e dar grande ênfase ao dom de línguas. Além disso, esses crentes apresentavam um comportamento radical de sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo. Já a segunda onda é marcada pela implantação de outras igrejas no território brasileiro na década de 50 como a Deus é Amor e Igreja do Evangelho Quadrangular.*

[30] *Os neopentecostais, segundo Mariano (2005), contrariamente aos pentecostais das primeiras ondas, promoveram grande liberdade quanto às representações em torno do corpo, exacerbaram a guerra contra o diabo, aderiram e acentuaram a pregação da Teologia da Prosperidade de que se deve usufruir dos bens que Deus reservou aos seus filhos ainda na terra. Segundo o autor, as denominações que representam a terceira onda são a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus, a Renascer em Cristo e a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra.*

A participação de religiosos na televisão data, segundo o autor, dos anos 1950 nos Estados Unidos. Houve uma verdadeira explosão de novos programas televisivos levados ao ar por grupos religiosos mais conservadores ou com tendências carismáticas. Esta explosão do teleevangelismo teve amplas repercussões na América Latina, em especial, no Brasil. Assman (1986) destaca como principais referências o pioneiro Billy Graham, Oral Roberts, Jerry Falwell e Robert Schüller. O autor ressalta que os teleevangelistas que mais influenciaram no Brasil foram Jimmy Swaggart e Rex Humbart. Eles se destacaram pelos talentos teatrais que incluíam gestos e facilidade para cantar. Outro que se sobressaiu foi Pat Robertson, um pregador que combinava sua pregação fundamentalista, batista, a crença em milagres e prodígios, com a busca pela saúde e prosperidade por meio da fé.

No Brasil, de acordo com Camuçatto (2013, p.89), um dos nomes que mais marcaram o teleevangelismo foi o pastor batista, Nilson do Amaral Fenini, conhecido como o "pregador das massas". Ele costumava encher estádios e, em 1982, conseguiu levar mais de 120 mil pessoas ao Maracanã, inclusive o último presidente do regime militar, o general João Figueiredo. Assman (1986) confirma que Fanini foi agraciado, em 1983, com a concessão do canal 13 – antiga TV Rio – por 15 anos. Porém, por conta de dívidas, vendeu suas ações para o líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Edir Macedo – que é outra referência do teleevangelismo brasileiro junto com o líder da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R.R.Soares.

2- As FD's na Igreja Mundial

A Análise do Discurso, doravante AD, é um campo de estudo que fornece as devidas condições para a análise de acontecimentos discursivos que geram efeitos de sentidos através de sujeitos sociais que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história. Neste trabalho, verificaremos com maior ênfase o discurso e a formação discursiva em Foucault. Definir discurso consiste em afirmar que é

> "[...] de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, o que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo." (FOUCAULT, 1986, p.135)

Se pensarmos de forma tradicional, o discurso simplesmente não é uma sequência de palavras. Pode ser encarada como uma maneira de pensar, se distinguindo da intuição. O autor relata que "somos seres de linguagem e não seres que possuem linguagem" (FOUCAULT, 2000, p.20,21) e que discurso também é "um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada às condições de exercícios a função enunciativa" (FOUCAULT, 1997, p.43).

Diretamente relacionada a problemática do Sujeito, seja na constituição linguística e sócio-histórica, a Formação Discursiva, aqui mencionada como FD, é conceituada sendo

> "a dispersão de discursos, ou seja, elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade a priori, cabendo a AD descrever essa dispersão buscando as regras de formação que regem a formação dos discursos. [...] Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva". (FOUCAULT, 1997, p.43)

Foucault (1997, p.44) reforça que a FD é "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exército da função enunciativa". Segundo Maingueneau (1989, p.69) é um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de ideologia, ciência ou teoria. A Formação Discursiva em Foucault para Voss (2011, p.91) "não encontra uma unidade fechada em si mesma, mas em um sistema disperso. Daí a sua necessidade de negar todas as unidades, questionar todas as permanências mal justificadas e acusar, na continuidade da história, a existência de fendas pelas quais os enunciados escapam e criam novas redes de memória".

O discurso religioso cristão neopentecostal remonta a formações discursivas de autoridade, vitimal, positivista, mercadológica, paternalista, etc. A FD investe em certas crenças, em valores que são óbvios, e por isso deixam de serem questionados, inclusive no campo da religião, como a expressão "fé" ou simplesmente com o uso da Bíblia em um culto *inloco* ou transmitido por algum veículo de comunicação, o que Orlandi (2001, p.73) chama de transparência de sentido. Sendo assim, não há, normalmente, questionamentos acerca do discurso do enunciador (pastor), chamando para o que Foucault descreve como procedimentos externos de controle e delimitação do discurso ou "Palavra Proibida".

> "[...] por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder [...] o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo. [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (FOUCAULT, 1997, p.09, 10).

3- O *ethos e* o *phatos* no discurso religioso

Na sociedade midiática, a imagem vence a luta com as letras e se impõe no cotidiano dos espaços públicos e privados, inclusive nas organizações religiosas neopentecostais como a Igreja Mundial do Poder de Deus, revelando discursos adormecidos ou despertando discursos não antes imaginados ou sonhados. A religião é, sem dúvida, um produto interessante de interações verbais no qual o processo da construção da imagem de si é projetado no discurso.

De acordo com Amossy (2005, p.18), seguindo os trabalhos sobre a retórica aristotélica que aborda a argumentação sobre três perspectivas: - o *ethos*, o *phatos* e o *logos* - é bem certo que a argumentação influencia diretamente os modos de pensar e agir. No que diz respeito ao *ethos* pode-se reforçar que tal argumentação é voltada para o caráter do orador, ou seja, para a imagem que este constrói de si mesmo.

> "O que o orador pretende ser, ele o dá a entender e mostra: não *diz* que é simples ou honesto, *mostra-o* por sua maneira de se exprimir. O ethos está, dessa

> maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde ao seu discurso, e não ao indivíduo 'real', (apreendido) independentemente de seu desempenho oratório: é portanto o sujeito da enunciação uma vez que enuncia que está em jogo aqui". (MAINGUENEAU, 1993, p.138)

No programa "O poder sobrenatural da fé" do dia 14 de setembro de 2014, Valdemiro Santiago fala em aproximadamente 7 minutos de sua necessidade em quitar dívidas com canais de televisão. Porém, para persuadir, usou formações discursivas de (a) empresário, (b) político, (c) pastor, (d) criador, (e) estudante, (f) ditador, (g) consultor financeiro, (h) marido e (i) publicitário.

> "[...] (a) com o objetivo de saldar os meus compromissos que são altíssimos com rádio e televisão. São mais de 30 milhões de reais e nós não temos patrocinadores não. Nenhuma instituição neste país apresenta mais resultados do que esta ou mais frutos. (c) Ontem eu recebi centenas de ex-drogados, ex-traficantes, ex-viciados, ex-criminosos que estavam perdidos no crack, alguns na cracolândia. Tudo transformados em pais de família, empresários hoje. (d) Não há nenhuma instituição que apresenta um resultado tão extraordinário assim! Mas, mesmo assim, a igreja que faz esse trabalho não tem patrocínio, apoio desse ou daquele. Não! Ninguém apóia! Ninguém! É só você mesmo, é só a sua ajuda! [...] (b) Se eu fosse governo, eu se eu fosse governo, sabe o que eu ia fazer!? Nem é a Igreja Mundial do Poder de Deus não! Todas as igrejas que fazem este trabalho deveriam ter apoio! É! Todas as instituições que fazem este trabalho! Porque o governo investe bilhões, isso aí em campanha contra as drogas mas não dá resultado! [...] (c) Só Deus pode tirar alguém do crack, da cocaína, do crime, da imundícia! [...] (f) A gente leva muita pancada, leva, mas eu dou também pancada! É! Vem me perseguir, querer tirar programa, acabar

> com meu programa! Um dia desses um sujeito disse que ia fechar a igrejinha. Vai fechar o diabo que te carregue, porque aqui você num fecha não! Aqui não! Aqui não! Igrejinha? (d) Primeiro porque não é igrejinha! Uma igreja que põe 3 milhões de pessoas numa praça. (e) Uma igreja que vai numa cidade igual Juiz de Fora com 470 mil habitantes e põe 250 mil na praça, mais da metade da cidade. (d) A igrejinha? [...] Vem pra cima de mim para você ver! Aqui não tem negócio não! Aqui entorta o machado mesmo! [...] Então, cuida da sua vida! [...] Vai fechar o satanás, vai fechar o inferno! Aqui não! (c) Vamos pregar a palavra, vamos salvar almas, vamos ganhar vidas! É isso que estamos fazendo! [...] (a) Eu estou chamando 100 mil pessoas com 300 reais. Deposita direto na conta da igreja. E você que vai investir 200 reais, faça também! (g) Você que pode investir 100 reais, faça! 50 reais, faça! Faça com amor, com alegria. Não faça com barganha. A benção não é comprada. O milagre é de graça! [...] (i) A Ana Maria Braga, a aninha mandou esse livro para mim. Aqui a dedicatória dela. Querido Valdemiro Santiago, ó! Brigado Ana! Mandou esse livro de receita. (h) Agora vou ter que cozinhar lá em casa, depois dessa aí! [...]" (O PODER SOBRENATURAL DA FÉ. **Mundial.** São Paulo: Rede TV!, 14 de setembro de 2014. Programa de TV)

O Apóstolo Valdemiro Santiago, segundo Mariano (2005, p.82), possui o ensino fundamental e uma história de vida de origem humilde, na roça, no interior. Sendo líder da IMPD, ele deve recorrer a várias formações discursivas, onde a mais importante é a religiosa. Ele usufrui muitas vezes a FD paternal quando aconselha ou realiza algum discurso punitivo. Às vezes recorre a FD mercadológica quando apresenta algum produto – livro ou CD de música – de sua autoria e os disponibiliza para a venda durante a veiculação do culto na mídia eletrônica. Pode recorrer ainda a FD do positivismo ao exigir uma ordem, organização dos trabalhos, das atividades, cumprimento de prazos durante a transmissão do culto. O pastor é um típico exemplo de personagem que usa ainda FD para assumir várias identidades no seu fazer,

exercitando múltiplas identidades que lidam normalmente com um público que possui menor formação escolar, mais problemas ligadas a esfera de relacionamento interpessoal, de relacionamento conjugal, finanças pessoais ou desigualdades sociais.

O líder da IMPD exerce uma posição de discurso voltada à maneira de se exprimir ou ao plano de expressão que para Amossy (2005, p.19) inclui a *elocutio* e a *actio* (ou *pronunciatio*), que inspiram confiança por meio de argumentos, conselhos ou posicionamentos**.**

> " Os oradores inspiram confiança por três razões que são, de fato, as que, além das demonstrações (*apódeixis*), determinam nossa convicção: (a) prudência/sabedoria prática (*phrónesis*), (b) virtude (*areté*) e (c) benevolência (*eúnoia*). Os oradores enganam [...] por todas essas razões ou por uma delas: sem prudência, se sua opinião não é a correta ou, se pensando corretamente, não dizem – por causa de sua maldade – o que pensam: ou, prudentes ou honestos (*epieikés*), não são benevolentes; razão pela qual se pode, conhecendo-se a melhor solução, não a aconselhar. Não há outros casos" (MAINGUENEAU, 1993, p.82).

As estratégias discursivas da religião se relacionam com a capacidade de atuar na esfera privada de maneira fundamentada, o que não invalida a construção discursiva. Guimarães (2013, p.324) afirma que a imagem "é capaz de nos oferecer um olhar das representações sociais projetadas sobre as pessoas e sobre os acontecimentos". Já Fiorin (2013, p.70) relata que as teorias do discurso mostram que existem três elementos configuradores de um *ethos*: a psiquica (firmeza, coragem), a física ou corporal (contido, enérgico) e o tom (indignado, sereno ou irônico). Enquanto o *ethos* tem um sentido moral ou ideal que se produz por meio de escolhas, o *pathos* está ligado ao ouvinte, no caso, junto ao receptor da mensagem ou fiel da denominação religiosa que são indivíduos concretos nela implicados, gerando uma disposição afetiva diante das argumentações do orador (pastor) que são honestos, sinceros, solidários ou amáveis – típico de quem discursa para um público que busca a solução de problemas ou a busca de algum milagre através da religião ou denominação religiosa.

> "de posse de uma linguagem compreendida por seu auditório um orador só poderá desenvolver sua argumentação se se ativer às teses admitidas por seus ouvintes, caso contrário corre o risco de cometer uma petição de princípios. Resulta desse fato que toda argumentação depende, tanto para suas premissas quanto para o seu desenvolvimento principalmente, do que é aceito, do que reconhecido como verdadeiro, como normal e verossímil, como válido: desse modo, ela se ancora no social, cuja caracterização dependerá da natureza do auditório" (PERELMAN, 1978 *apud* AMOSSY, 2005, p.123)

Chareaudeau (2010, p.25) usa uma perspectiva retórica das emoções quando diz que elas se instauram por meio de categorias discursivas que pertencem ou sugerem uma abordagem das emoções voltada unicamente à dimensão do discurso. São valores, crenças compartilhadas que determinam o valor do sentimento junto a uma determinada sociedade em um dado momento.

Considerações Finais

O presente trabalho é uma pequena ilustração de um projeto maior que é a avaliação do discurso neopentecostal na mídia eletrônica brasileira. É um desafio, porém, acreditamos que seja possível laborar e entender, no campo da AD, o punjante desenvolvimento desta classe religiosa.

O *phatos* no campo religioso serve para distanciar a racionalidade e fazer imperar a passionalidade no julgamento dos fiéis, fazendo com que estes apenas acreditem, sem questionar, no que lhes é dito. Isto por que, seduzidos ou apaixonados, o pensamento critico é afastado, o que garante a manutenção, desenvolvimento e crescimento por parte das denominações neopentecostais, como a Igreja Mundial do Poder de Deus. Quanto ao *Ethos*, recurso da retórica, é utilizado pelo orador para obter a confiança do público, acaba construindo a sua imagem e assim fica mais fácil atingir os que lhe dedicam atenção. Não importa se o que o orador (pastor) diz são fatos ou criações, pois a criação de sua imagem induz o expectador a acreditar em suas palavras.

A criação do *ethos* é fundamentada pelo *pathos*. Através da paixão, já construída pela filosofia da igreja em questão, passa-se a atribuir valores da filosofia ao sacerdote, teoricamente dedicado a vida sacerdotal. A mídia eletrônica reforça o poder discursivo emitido pela IMPD com vistas a sua manutenção, maior ampliação, participação e desenvolvimento. O Apóstolo Valemiro Santiago, por meio das Formações Discursivas, busca consolidar no espaço/tempo a imagem da denominação, deixando o nome de Jesus Cristo como opção, não como maior referência na programação televisiva da igreja, alinhada a sua influência junto ao seu público.

Referências

ASSMAN, Hugo. **A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva.** Revista USP, nº61, março-maio 2004, pp. 1461-16.

CAMUÇATTO, Daniel Santana. **A construção e desconstrução da imagem de Valdemiro Santiago nas mídias.** In: VIII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial. UNESP, São Bernardo do Campo (SP), 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Enunciação e Comunicação.* In: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013. p.45-77.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

GUIMARÃES, Maíra. *A religiosidade como estratégia de argumentação no discurso icônico.* In: MACHADO, Ida Lúcia (org). **Imagem e Discurso.** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

. São Paulo: Contexto, 2005. p.69-92.

_____ **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 2.ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p.69-92.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

VOSS, Jeferson. **O conceito de formação discursiva de Foucault e o tratamento de objetos da mídia**: sobre a responsabilidade social na publicidade impressa brasileira. Maringá (PR), 2011. 149f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá.

A EPISTEMOLOGIA ANARQUISTA DE FEYERABEND E A NOVA COMUNICAÇÃO: DIÁLOGOS NA CONSTRUÇÃO DE UM APLICATIVO[31]

Cláudia Aparecida da Costa Vicente[32]

Marcelo Marques Araújo[33]

RESUMO

O presente artigo pretende analisar as condições epistemológicas do pensamento de Paul Feyerabend aliado com as ideias propostas pelos autores do "Colégio Invisível" que gerou as teorias da "Nova Comunicação", bem como pelo dialogismo de Bakhtin. A proposta aqui apresentada é o desenvolvimento de um produto comunicacional. Para tanto, utilizaremos o pluralismo metodológico para demonstrar como um produto interacional e dialógico pode ser desenvolvido utilizando conceitos como cibercultura, convergência, mobilidade e sociedade em rede.

Palavras-chave: Comunicação; Cultura Digital; Dialogismo; Epistemologia; Pluralismo Metodológico;

ABSTRACT

This article aims to examine the epistemological conditions about Paul Feyerabend'sthought sallied with the ideas proposed by the authors ofthe "Invisible College" which generated the theories of "New Communication", as well as the dialogism proposed by Bakhtin. The proposal made here is to develop a communication product. Therefore, we use the methodological pluralism to demonstrate how an interactive and dialogical product can be developed using concepts such as cyberculture, convergence, mobilityand network society.

Keywords: Communication; Digital Culture; Dialogism; Epistemology; MethodologicalPluralism

---

[31] Artigo para o trabalho final da Disciplina de Epistemologia do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

[32] Graduada em Publicidade e Propaganda pela UNIUBE. Especialista em Administração e Marketing pela ESAB e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

[33] Professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Orientador. Email: mmajornalista@terra.com.br

Introdução

Desde a pré-história, os homens para sua sobrevivência, viram-se em constante necessidade em dispor do saber. Para adquiri-lo, o fez de diversas maneiras até chegar ao que hoje é institucionalmente aceito como conhecimento científico.

Mesmo que os "antigos" meios de conhecimento não tenham desaparecido e convivam com o científico, o rigor deste último sobressai em relação àqueles adquiridos de outras maneiras que não sejam pela pesquisa científica e a aceitação pelos pares da chamada comunidade científica.

Entretanto, para que haja progresso não apenas científico, todos os conhecimentos são válidos. As descobertas não podem ser explicadas da mesma maneira e fórmulas como diria Feyerabend (2010) que deram certo no passado podem causar devastação se impostos no futuro.

Uma pesquisa bem sucedida não obedece padrões gerais "ela ora utiliza um truque, ora outro, os movimentos que a fazem avançar nem sempre são conhecidos por aqueles que os fizeram" (FEYERABEND, 2010, p. 334).

Assim como acontece na comunicação com seus truques, sendo comparada inclusive com uma orquestra sinfônica, em que cada músico é continuamente emissor e receptor das mensagens artísticas. Mensagens essas que tomam um significado maior na atualidade com todas as ferramentas disponíveis com as novas tecnologias da informação e comunicação.

Sem os suportes comunicacionais não teríamos condições de pensar e representar o mundo, não seriam possíveis as interações sociais. Interações essas mediadas também pelo computador.

A internet não mudou apenas nossas vidas, mas a forma como representamos, tudo ganha um novo significado, inclusive a forma como nos apresentamos a nós mesmos e nossos produtos e serviços para a sociedade.

A proposta deste trabalho é apresentar de uma ferramenta comunicacional para uma instituição de ensino, com o objetivo de ciar um produto que permita maior circulação de informações, seja interna ou externamente, além de estabelecer conexões que proporcionem interação e integração, componentes essenciais para a comunicação.Como o termo instituição de ensino é bastante genérico, selecionou-se assim, os Institutos Federais de Educação Profissional e Tecnológica, um tipo de instituição cuja imagem e identidade ainda não estão devidamente concretizadas, e suas ferramentas, formas e meios de comunicação necessitam de maior aprimoramento.

Para o caso em questão, foi selecionado o Instituto Federal do Triângulo Mineiro *Campus* Uberaba.

Portanto, o presente artigo pretende investigar as teorias, conceitos e autores que podem ser utilizados na construção de um produto institucional: uma revista digital e seu aplicativo de leitura.

A epistemologia anarquista de Paul Feyerabend

Feyerabend pensador austríaco é um crítico das análises da natureza da ciência, principalmente no que diz respeito ao racionalismo exacerbado. Pretende pois, com seus pensamentos mostrar a irracionalidade das regras do racionalismo, valendo-se de uma estratégia anarquista e da defesa de uma atitude metodológica pluralista.

Em sua trajetória epistemológica, Feyerabend critica o racionalismo de Popper e Lakatos e a questão do paradigma proposta por Khun, oferecendo uma nova maneira de enxergar a ciência e o conhecimento, não como algo estático e com método único, mas sim como um elemento mutante e adaptável às situações que aparecem.

Neste que tange seu pensamento, vale aqui um apontamento:

> A razão não é difícil de apontar. A História, de modo geral, e a história das revoluções em particular, é sempre de conteúdo mais rico, mais variada, mais multiforme, mais viva e sútil do que o melhor historiador e o melhor metodologista poderiam imaginar. A História está repleta de acidentes e conjunturas e curiosas justaposições de eventos e patenteia a nossos olhos a complexidade das mudanças humanas e o caráter imprevisível das consequências últimas de qualquer ato ou decisão do homem. Devemos realmente acreditar que as regras ingênuas e simplistas que os metodologistas adotam como guia são capazes de explicar esse 'labirinto de interações'? Não é claro que, em se tratando de um processo dessa espécie, só pode ter participação bem sucedida um oportunista brutal que não se prenda a filosofia alguma e que adote a diretriz que a ocasião pareça indicar? (FEYERABEND, 1977, p. 19).

Os argumentos feyerabendianos são contra o monismo metodológico e a primazia do conhecimento científico sobre as demais formas de conhecimentos e visões diferentes de mundo, o que segundo ele prejudica o avanço da ciência e a realização da liberdade individual e potencialidades humanas, por este motivo, Feyerabend parte para o anarquismo epistemológico que é traduzido pela defesa de um pluralismo metodológico, sendo não apenas importante para a metodologia, mas também parte essencial da concepção humanitária (Feyerband, 1977).

A princípio, anarquismo significa uma oposição a algo absoluto e imutável, do que a qualquer forma de organização, portanto, o anarquismo feyerabendiano não é contra todo e qualquer procedimento metodológico e sim, contra a instituição de algo único com regras restritivas que se pretenda ser universalmente válido.

> O anarquismo epistemológico difere tanto do ceticismo quanto do anarquismo político (religioso). Enquanto o cético vê tudo como igualmente bom ou igualmente mau ou desiste completamente de formular juízos dessa espécie, o anarquista epistemológico não sente escrúpulo em defender o mais banal ou o mais afrontoso enunciado. Enquanto o anarquista político ou o religioso pretende afastar certa forma de vida, o anarquista epistemológico desejará, talvez, defendê-la, pois não tem lealdade permanente com qualquer instituição, nem permanente aversão contra ela (FEYERABEND, 1977, pp. 292-293).

Assim, o anarquismo epistemológico surge como uma abordagem contrária ao monismo tanto teórico quanto metodológico e epistemológico. Feyerabend (1977) entende que o monismo leva à hegemonia que por sua vez se estabelece como verdade absoluta inibindo o avanço e o progresso da ciência e o inerente potencial humano. O anarquismo é pois, uma alternativa ao racionalismo crítico por ser capaz de abraçar a liberdade do humanismo de Mill e o pluralismo da visão epistemológica de Feyerabend (GONÇALVES, 2004).

Feyerabend (1977) identifica o racionalismo como uma tradição iniciada na Grécia e que logo substituiu conceitos ricos, dependentes e próprios da época por ideias abstratas e independentes da situação, gerando "estória especiais" consideradas posteriormente provas e argumentos,

desenvolveu-se então a ideia de que são as próprias coisas que produzem a estória e a dizem de maneira objetiva, independente das opiniões e fatos históricos.

Pelo pluralismo metodológico, aceita-se a possibilidade de se empregar qualquer método, contanto que este não seja considerado como sendo o único método válido, enquanto pluralista metodológico, o cientista não se deve prender a nenhum método específico, utilizando aquele que lhe convier agindo de maneira oportunista e utilizando de estratégias de convencimento além da racional explanação de ideias. O oportunismo científico consiste em relacionar teorias conhecidas com aquelas que ainda estão em desenvolvimento, observações, hipóteses auxiliares e *ad hoc* de acordo com o momento, ao contrário de seguir regras metodológicas fixas e pré-determinadas.

> É, claro portanto, que a ideia de um método estático ou de uma teoria estática de racionalidade funda-se em uma concepção demasiado ingênua do homem e de sua circunstância social. Os que tomam do rico material da história, sem a preocupação de empobrecê-lo para agradar a seus baixos instintos, a seu anseio de segurança intelectual (que se manifesta como desejo de clareza, precisão 'objetividade', 'verdade'), esses veem claro que só há um princípio que pode ser defendido em todas as circunstâncias e em todos os estágios do desenvolvimento humano. É o princípio do tudo vale (FEYERABEND, 1977, p. 34).

Este princípio, não significa a total desordem na prática científica, mas sim, uma busca contínua de 'regras' para relacionar teorias, observações, hipóteses no momento da pesquisa de modo que esta seja atendida. Nessa perspectiva, a proposta monista torna-se simplória e para atender as constantes necessidades advindas das mudanças na pesquisa, as regras precisam ser reinventadas.

A "Nova Comunicação" e o Dialogismo de Bahkitin

Sem a existência dos meios de comunicação, incluindo aqui tanto os nossos órgãos sensoriais, quanto os dispositivos comunicacionais que são a

linguagem e a escrita, até fotografia, cinema, televisão, vídeo e imagens digitais, falar em sociedade e trocas não seria algo possível. Sem os suportes comunicacionais não teríamos condições de pensar e representar o mundo.

A partir da "nova comunicação" proposta por Winkin(1998), a comunicação passa a ser encarada não mais como um simples ato individual e sim como um fato cultural, um sistema social. A "nova comunicação" é a velha comunicação acompanhada das transformações tecnoculturais, traduzindo em um novo fenômeno com manifestações típicas da comunicação de massa remodelada pela pós-modernidade e aceleração tecnológica, entretanto, a "nova comunicação" é mais exigente, pois rompe o senso comum.

> O ator social participa dela não só com suas palavras, mas também com seus gestos, seus olhares, seus silêncios ... A comunicação torna-se assim performance permanente da cultura. A analogia da orquestra é de fato útil para tentar captar numa imagem essa concepção abstrata da comunicação. Em sua qualidade de membro de determinada cultura, o ator social, faz parte da vasta orquestra cultural, cada um toca adaptando-se ao outro. Só um pesquisador da comunicação poderá reconstruir fragmentos de partitura, que se revelarão provavelmente de alta complexidade (WINKIN, 1998, p. 14).

Assim, de acordo com essa teoria, a comunicação seria um tipo de matriz social onde são refletidas todas as atividades humanas. Tal teoria surge em resposta ao esquema de comunicação proposto por Claude Shannon em *MathematicalTheoryof Communication* (1949), sendo considerado pelos membros do "Colégio Invisível" (Escola de Palo Alto) como um tipo de comunicação linear e estática. Aqui, a comunicação é considerada como a transmissão intencional de mensagens entre emissor e receptor. "Como se se tratasse de um sistema telegráfico ou de um jogo de pingue-pongue" (Winkin, 1998, p. 13).

Portanto, para a Escola de Palo Alto, a comunicação é um processo social permanente e integra múltiplos modos de comportamento: "a fala, o gesto, o olhar, a mímica, o espaço interindividual, etc. Não se trata de fazer uma oposição entre comunicação verbal e a comunicação não-verbal: a comunicação é um todo integrado" (Winkin, 1998, p. 32).

Para os autores desta Escola, as mensagens, os enunciados da linguagem verbal oriundas de outros modos de comunicação não possuem significação intrínseca ou seja, só existem dentro de contextos; "só no contexto do conjunto dos modos de comunicação, ele próprio relacionado com o contexto da interação, a significação pode ganhar forma" (Idem), sugerindo então, uma análise do contexto e não do conteúdo como proposto pelo modelo de Shannon.

> Se a comunicação é entendida como uma atividade verbal e voluntária, a significação está encerrada nas bolhas que os interlocutores enviam uns aos outros. O analista tem apenas de abri-las para delas extrair o sentido. Se, pelo contrário, a comunicação for entendida como um processo permanente em vários níveis, o analista deve, para captar a emergência da significação, descrever o funcionamento de diferentes modos de comportamento num dado contexto (WINKIN, 1998, p. 32).

Entre os vários autores do "Colégio Invisível", Paul Watzlawick e seus colegas Don Jackson e Janet Beavin, que parte da obra nos interessa neste artigo, desenvolvem o *Pragmaticsofhuman communication. A studyhofinteractionalpatterns, pathologiesandparadoxes,* publicado em 1967, neste trabalho, grandes ideias batesonianas sobre a comunicação são sistematizadas sob a foram de axioma. Para Watzalawick e seus colegas, a interação, como um sistema não é reduzida apenas à soma de seus elementos.

Watzalawick*atall* (1985) desenvolvem cinco axiomas conjeturais de comunicação, a saber: a impossibilidade de não se comunicar, ora pois, se em uma situação interacional, todo o comportamento tem valor de mensagem, isto é, comunicação, por mais que o indivíduo se esforce é impossível não se comunicar. "Atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, não podem não responder a essas comunicações e, portanto, também estão se comunicando" (Watzalawick*atall*, 1985, p. 45).

O segundo axioma diz respeito ao conteúdo e ao nível de relação da comunicação, sendo "toda comunicação tem um aspecto de conteúdo e um aspecto de comunicação tais que o segundo classifica o primeiro e é, portanto, uma metacomunicação" (Watzalawick*atall*, 1985, p. 50), sugere-se então que toda comunicação implica um cometimento que por conseguinte define a relação, ou seja, uma comunicação não apenas transmite uma informação, mas impõe um comportamento.

A próxima característica básica da comunicação diz respeito à interação, à troca de mensagens entre os comunicantes, para aqueles que observam de fora, uma série de comunicação pode ser vista como uma sequência ininterrupta de trocas, entretanto para os participantes internos, existe uma pontuação, uma sequência de eventos. (Idem), tendo o terceiro axioma a seguinte premissa "a natureza de uma relação está na contingência da pontuação das sequências comunicacionais entre comunicantes" (Idem, p. 54).

O quarto axioma que diz respeito aos aspectos analógico e digital da comunicação pode ser assim resumido:

> Os seres humanos comunicam digital e analogicamente. A linguagem digita é uma sintaxe lógica sumamente complexa e poderosa, mas carente de adequada semântica no campo das relações, ao passo que a linguagem analógica possui a semântica mas não tem uma sintaxe adequada para a definição não-ambígua da natureza das relações. (Idem, p. 61).

Por fim, tem-se a interação simétrica e complementar. "Todas as permutas comunicacionais ou são simétricas ou complementares, segundo se baseiem na igualdade ou na diferença" (Idem, p. 64).

Segundo os autores, os axiomas propostos estão longe de serem exaustivos, assim como propõe Feyerabend (1977) em relação aos conhecimentos, sendo estes heterogêneos na medida em que são extraídos de uma vasta gama de observações sobre os fenômenos da comunicação. "Foram unificados não pelas suas origens, mas pela sua importância pragmática, a qual, por seu turno, assenta não tanto em seus particulares quanto em sua referência mais interpessoal do que monádica" (Watzalawick*atall*, 1985, p. 64).

Com base nas considerações acima, pode-se propor que a ação dos atores sociais na comunicação é derivada de significação e, esta, surge das interações sociais e por último, as significações são empregadas pelos atores sociais em interações sociais que por sua vez modificam a própria significação.

Feitos os recortes relativos à "nova comunicação" e seus axiomas, partimos agora, para o próximo elemento que acredita-se fundamental para este artigo, o dialogismo em Bakhtin, complementar às formas interacionais da comunicação, concebido a partir das várias vozes que participam de vários diálogos.

Para compreender o pensamento de Bakhtin deve-se entender o mundo como um emaranhado de relações dialógicas. O eixo norteador de seu pensamento é caracterizado pela interação verbal, seu caráter dialógico e polifônico. O autor sustenta que a realidade dinâmica e concreta não permite que os falantes interajam por meio da língua como se esta fosse um sistema abstrato de normas, monológico e neutro, ao contrário, a língua está em constante evolução graças as interações dos sujeitos.

De acordo com a teoria bakhtiniana, o dialogismo reafirma a natureza socioculutural do enunciado, em que ao mesmo tempo que o indivíduo negocia com seu interlocutor, recebe influências deste, de tal modo que estas interferirão na estrutura e forma de organização do enunciado.

> O dialogismo destaca a natureza contextual da interação e o aspecto sociocultural dos contextos, nos quais as interações se realizam. Considera toda enunciação como sendo um ato responsivo, uma resposta suscitada pelo contexto, ao contrário do monologismo, que enfatiza as iniciativas discursivas individuais do falante desvinculadas do seu interlocutor. O dialogismo defendido por Bakhtin tem como alicerce a concepção socio interacional da linguagem. Assim, as práticas discursivas e não as estruturas linguísticas constituem o cerne do princípio dialógico. Nele, práticas discursivas e estruturas linguísticas se determinam e se influenciam mutuamente. Pode-se observar duas questões básicas que perpassam o dialogismo:1) a existência de uma interação permanente entre os participantes do diálogo;2) a interdependência entre discurso e contexto de forma que um determina e seleciona o outro e vice-versa (JUNQUEIRA, 2003, p. 30).

Para Bakhtin (Junqueira, 2003), qualquer texto é duplamente dialógico, pois apresenta uma relação dialógica tanto entre os interlocutores quanto com outros textos. Uma de suas maiores contribuições para a comunicação diz respeito à reversibilidade e à constituição dos sujeitos no diálogo. A comunicação deixa de ser unilateral. Para ele, não são importantes apenas os efeitos da comunicação sobre o destinatário, mas também os

efeitos que a reação do destinatário produz no destinador (Barros, 1996, *apud* Junqueira, 2003). Aqui, os interlocutores não são meros agentes de recepção e emissão de mensagem, eles passam a ser vistos como seres sociais constituído pelas interações sociais das quais participam. Apontamento este de Bakhtin que nos remetes aos mencionados anteriormente na "nova comunicação".

Metodologia

A metodologia adotada tem caráter pluralista, segundo o que Feyerabend (1977, p. 43) "todas as metodologias, mesmo as mais óbvias, têm limitações". Portanto, a fim de chegar ao objetivo proposto, a produção de uma ferramenta comunicacional (um aplicativo), serão adotados vários procedimentos que vão desde revisão de literatura, coleta de dados e levantamento de temas que são de interesse do público que será alvo do produto a ser elaborado.

A proposta é a realização de uma pesquisa aplicada, abrangendo estudos elaborados com a finalidade de adquirir segundo Gil (2010) conhecimentos para serem aplicados em situação específica.

A abordagem pretendida para o trabalho será a qualitativa, pois se pretende compreender e aprofundar conhecimentos sobre fenômenos relacionados a determinados contextos, desenvolvendo teorias com vista a informações a serem coletadas e analisadas de forma sistemática.

A pesquisa ao mesmo tempo exploratória e descritiva. Quanto aos métodos empregados, a pesquisa será documental e experimental.

O *corpus* da pesquisa é delimitado em dois aspectos: uma revista digital institucional e customizada e o aplicativo para sua leitura, sendo na verdade, dois produtos que se complementam entre si, sendo que para seu desenvolvimento, serão abordados conceitos diversos, incluindo, os que ainda estão sendo desenvolvido e remodelados, como a cultura digital, convergência digital, ecossistema midiático, hipertexto, hipermídia, mobilidade, aplicativos, entre outros.

O recorte teórico realizado tem como intuito abordar os diferentes aspectos capazes de influenciar as etapas de produção tanto da revista quanto do aplicativo, para tanto, um aporte com base nas teorias de Castellscom a sociedade da informação, em rede e revolução tecnológica; as considerações de Jenkins; sobre convergência; polifonia, interdiscursividade e dialogismo, em Bahktin e Brait; linguagem e mobilidade com Santaella;

ecossistema midiático, de Canavilhas e os meios como extensão do homem de McLuhan serão essenciais para a realização da pesquisa e desenvolvimento do produto.

Diálogos na construção de um aplicativo

A tecnologia, segundo Castells (2012), pode ser entendida com a utilização de conhecimentos científicos para a produção de coisas reproduzíveis. "Entre as tecnologias da informação, incluo, como todos, o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/radiodifusão, e optoeletrônica" (CASTELLS, 2012, p. 67).

A atual revolução tecnológica não é caracterizada pela centralidade de seus conhecimentos e informação, mas pela aplicação desses conhecimentos e informação para a geração de novos conhecimentos e dispositivos de processamento e comunicação da informação em um ciclo de realimentação entre inovação e seu uso, de tal forma que, as novas tecnologias da informação não são apenas ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos.

O processo de digitalização ocorrido ao longo dos últimos quarenta anos, tudo se transformou em bits no mundo das comunicações, computadores e conteúdo. "Por falar a mesma linguagem binária dos computadores, das telecomunicações digitais, todas as formas de conteúdo se fundem ou convergem" (SIQUEIRA, 2012, p. 11). Então, o que se chama de convergência é a fusão das três grandes áreas da tecnologia da informação e comunicação: computadores, comunicações e conteúdo.A convergência das mídias, muito mais que uma mudança tecnológica, altera a relação entre as tecnologias existentes, mercados, gêneros, indústrias e públicos, segundo Jenkins (2012), a convergência altera a forma pela qual consumidores e indústria midiática processam notícia e entretenimento e não apenas entre consumidores e indústria midiática, mas também entre os primeiros e as organizações.

O ciberespaço permite a articulação e incorporação de formatos não textuais em textuais, imagéticos em sonoros e vice-versa, de tal modo que a ambiência da cibercultura permite diversas formas de leitura e interpretação visual dos conteúdos digitais.

> Em 1954, McLuhan escreveu que "antes da imprensa, um leitor era alguém que discernia e sondava enigmas. Após a imprensa, passou a significar alguém que corria os olhos, que escapulia ao longo das superfícies macadamizadas do texto impresso [...] à imprensa, à mecanização da escrita, sucedeu, no séc. XIX, a fotografia e, em seguida, a mecanização da fala ao telefone, no fonógrafo e no rádio. Como o cinema e a televisão sobreveio a mecanização da totalidade da expressão humana, da voz, do gesto e da figura humana em ação [...] cada um desses estágios da mecanização da expressão humana comparou-se, no seu âmbito, à revolução deflagrada pela própria mecanização da escrita" (FERRARI, 2014, p. 82).

As novas tecnologias da informação preenchem ao mesmo tempo duas lacunas, o acesso à rede de informações e o acesso a arquivos pessoais e coletivos "que serão remixados numa eterna bricolagem de narrativas, sejam elas textuais, imagéticas, audíveis ou sensoriais" (Ferrari, 2014, p. 85), o que nesse caso não deixa o mundo interior do autor entrar no ambiente da internet e nem a rede invadir os *mass media* tradicionais.

A comunicação se torna algo híbrido, misturando diversos conceitos e o que faz com que o processo se expanda, em particular com a produção discursiva da sociedade contemporânea, as experiências narrativas digitais são criadas para gerar conteúdo e informação em suportes tecnológicos de comunicação, de tal modo que é possível identificar no mundo contemporâneo a sucessão da linguagem oral, da escrita para novas formas de percepção, como o hipertexto. Com a globalização, a linguagem do hipertexto tornou-se um espaço discursivo capaz de criar diretrizes orientadoras para o processo de comunicação contemporâneo e, esta linguagem tanto articula mundo simbólico como a dinâmica complexa e plural do mundo globalizado.

A noção de hipertexto como um espaço discursivo, remete-nos à noção proposta para a análise ou teoria dialógica do discurso, em que as relações dialógicas, inclusive àquelas relacionadas ao falante e sua própria fala, são objetos da metalinguística.

Essas relações dialógicas, sua linguagem e campos de atuação podem ser observados na proposta do produto objeto deste trabalho, uma vez que

uma revista abre espaço para "falas" de vários sujeitos em diferentes campos de atuação, graças a seu caráter multimodal que permite a construção múltipla de sentidos a partir da utilização de formas distintas de representação como palavras, imagens, formatos, disposição gráfica, tipologia, entre outros. (DIONÍSIO, 2011).

Os discursos e suas vozes distintas podem ser observados em vários meios, e, um destes como mencionado anteriormente é a revista.

> Uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento. Nenhuma dessas definições está errada, mas também nenhuma delas abrange completamente o universo que envolve uma revista e seus leitores. A propósito, o editor espanhol Juan Cãno define "revista"como uma história de amor com o leitor. [...] Revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece por um fio invisível que unem um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a compor a personalidade, isto é, estabelece identificações. (SCALZO, 2013, pp. 11-12).

As revistas customizadas conhecidas como *custompublishing* são definidas como um produto que unem os objetivos da empresa com informação que o público desta necessita, pois ao contrário do jornal, as revistas podem ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos e na segmentação de serviços. Para Scalzo (2013, p. 14), "a revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico [...] e mais informação pessoal".

A segmentação e customização das revistas têm um aliado a seu favor: a tecnologia. As revistas impressas ainda é maioria, mas, a versão digital acaba ganhando cada vez mais espaço, alcançando um número maior de leitores e público jovem que se mantém atualizados através do tablets ou smartphone.

Em uma perspectiva mcluhaniana há uma relação de continuidade entre os diversos meios de comunicação, um tipo de evolucionismo midiático (Canavilhas, 2010), em que cada meio melhora o anterior graças à tecnologia. "O conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre outro meio ou veículo"

(McLuhan, 1969, p. 22 apud Canavilhas, 2010, p. 4), sendo a internet o melhor exemplo dessa nova realidade já que está é o conjunto de todos os meios anteriores; tanto os velhos como os novos meios se alteram para ajustar à nova realidade.

Com a migração dos meios tradicionais para a internet, torna-se impossível saber onde um meio começa e o outro acaba, criando assim um processo de convergência, entretanto, a internet não é única novidade no novo ecossistema midiático (Canavilhas, 2010). A telefonia móvel que começou como pertencente à elite, hoje está presente em todas as classes sociais. Os telefones móveis juntam duas novas funções a seu objetivo primeiro (a comunicação interpessoal): uma função ligada ao entretenimento (jogos, filmes, músicas, etc.) e a outra à informação, graças à possibilidade de se conectar à internet.

A internet, celulares, a individualização do consumo e a mobilidade alteraram o ecossistema midiático. Através dos smartphones e computadores pessoais, as pessoas alteraram o seu padrão de consumo de mídia.

A possibilidade de enviar conteúdo para computadores e smartphones abriu novos canais e criou a oportunidade de se lançar novos formatos jornalísticos mais personalizados e adaptados ao público cada vez mais exigente.

Considerações finais

O presente trabalho buscou contribuir com uma discussão acerca dos aportes teóricos utilizados na pesquisa para o desenvolvimento de um produto comunicacional e sua relação com o pensamento de Yves Winkin, Paul Watzlawick, Mikhail Bakhtin e Paul Feyerabend.

Ainda hoje, os estudos da comunicação assim como citou Winkin (1998) estão em uma fase pré-copernicana, em que a comunicação como um ato individual é o sol que se ergue e se põe nos confins da Terra e que enquanto instituição social é a Terra que gira ao redor do Sol e somente quando houver ruptura com o empirismo ordinário, ciências da comunicação merecerão efetivamente chamar-se ciências, entretanto, isso não é algo negativo, o fato das "ciências da comunicação" não possuírem um campo comunicacional definido, pois permite várias abordagens com potencial alternativo que se encaixam no estudo objeto deste trabalho, como as ideias interacionais propostas pela "nova comunicação".

Devido ao caráter interacional e dialógico do objeto de estudo, a pesquisa encaixada no ponto de vista teórico da "Escola de Palo Alto", também conhecida como "Nova Comunicação" ou "Colégio Invisível", que se preocupa com o estudo das interações humanas, comportamento comunicacional, dos processos relacionais e inter-relacionais, cuja perspectiva utilizada traz à tona uma nova abordagem que engloba os cinco axiomas da comunicação: impossibilidade de não se comunicar, os conteúdos e níveis de relação na comunicação, pontuação e sequência de eventos, comunicação analógica e digital e interação simétrica e complementar, é altamente justificável.

O produto, algo dialógico e passível de interação, sua pesquisa e desenvolvimento devem necessariamente ser pautados em novas abordagens que não requeiram tanto rigor metodológico como o proposto por Feyerabend, pois o fato de abordar aqui novas perspectivas, exige uma visão mais ampla e com métodos menos rígidos, já que a pesquisa é "única", uma vez que será desenvolvida e realizada de acordo com a necessidade e interesse do IFTM *Campus* Uberaba.

A defesa de uma metodologia pluralística possibilita que várias teorias sejam comparadas e que o melhor delas seja também extraído, já que de acordo com Feyerabend, as teorias devem ser aceitas não pelo próprio método científico, mas sim pela necessidade do pesquisador em relação às mesmas, afinal como este mesmo postulou, "todas as ideias valem".

Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede:** a era da informação: economia, sociedade e cultura. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

CANAVILHAS, João. Jornalismo para dispositivos móveis: informação hipermultimediática e personalizada. **Revista Latina de Comunicación Social**, La Laguna, dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistalatinacs.org/12SLCS/2012_actas.html>. Acesso em: 09 nov. 2014.

_____, João. O novo ecossistema mediático. 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-mediatico.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2014.

BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME,Takashi (Org.). **Mídias digitais:** convergência tecnológica e inclusão social. São Paulo: Paulins, 2005.

BRASIL. Secretária de Educação Profissional e Tecnológica. **Um novo modelo de educação profissional:** concepção e diretrizes. Brasília, 2010.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Conxtexto, 2014.

DIONISIO, A. P. "Gêneros Textuais e Multimodalidade". In:KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, hipermídia:** as novas ferramentas da comunicação digital. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. **Adeus à Razão.** São Paulo: Unesp, 2010.

FISCHER, Andréa. **Revista Customizada:** o jornalismo a serviço das fontes. São Paulo: Combook, 2013. Disponível em: <http://iscom.com.br/combook/revista-customizada/>. Acesso em: 09 nov. 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 05 jul 2014.

GONÇALVES, Virgínia Maria Fontes. **Do Racionalismo Crítico ao Anarquismo Pluralista**: Uma ruptura na transformação do pensamento de Paul Feyerabend. 2004. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=5407@1>. Acesso em: 14 dez. 2014.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as novas mídias**: do game à TV interativa. São Paulo: Senac, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNQUEIRA, Fernanda Gomes Coelho. **Confronto de vozes discursivas no contexto escolar**: percepções sobre o ensino da Gramática de Língua Portuguesa. 2003. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=4009@1>. Acesso em: 14 dez. 2014.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de**

metodologia científica. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
LIMA, Camila Calado; SAID, Gustavo Fortes. **Não leia este texto:** A escola de Palo Alto e os paradoxos comunicacionais. Disponível em: <http://www.ufpi.br/19sic/Documentos/RESUMOS/Humanas/Camila Calado Lima.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2014.
MATTOS, Sérgio. **A revolução digital e os desafios da comunicação.** Bahia: UFRB, 2013. Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/editora/titulos-publicados>. Acesso em: 01 nov. 2014.
MELLO, José Guimarães. **Dicionário Multimídia**: Jornalismo, Publicidade e Informática. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.
PELLANDA, Eduardo Campos. Comunicação móvel no contexto brasileiro. **Comunicação e Mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil,** Salvador, p.11-18, 2009. Disponível em: <http://poscom.ufba.br/arquivos/livro_Comunicacao_Mobilidade_AndreLemos.pdf>. Acesso em: 23 out. 2014.
SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
SIQUEIRA, Ethevaldo. **Para compreender o mundo digital**. São Paulo: Globo, 2008.
WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D.**Pragmática da Comunicação Humana**: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix, 1985.
WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: Da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

DIÁLOGOS ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E COMUNICAÇÃO: ANÁLISE DE OBJETOS PUBLICITÁRIOS EM TRÊS TEMPOS

Marcelo Marques Araújo[34]

Resumo:

A análise do discurso comunicacional proposta neste trabalho é atravessada por investigações que partem das formações discursivas (FOUCAULT, 1995), formações de sentidos inter-relacionados (ARAÚJO, 2011), interdiscursividade (MAINGUENEAU, 1997) até se desdobrarem na análise de objetos publicitários que registram discursos originados na formação discursiva publicitária e que são constituídos por formações discursivas e sentidos que trazem o "papel da mulher", "educação das crianças", "economia doméstica", "conforto e bem estar no lar", os quais naturalizam comportamentos pré-estabelecidos para a mulher em determinadas épocas.

Abstract:

The analysis of the communication discourse proposal in this paper is crossed by departing investigations of discursive formations (Foucault, 1995) , formations of interrelated senses (Araújo, 2011), interdiscursivity (MAINGUENEAU , 1997) to unfold in the analysis of advertising objects record discourses originated in the advertising and discursive formation which consist of discursive formations and senses that bring the " role of women " , "education of children " , " domestic economy " , " comfort and well being at home " , which naturalize pre behaviors - established for women at certain times.

Introdução e Discussão:

O Discurso Midiático não é algo fixo. As vozes da Comunicação são entrecortadas por várias outras vozes e por vários outros discursos na enunciação midiática. A complexa teia que envolve os discursos comunicacionais é marcada pela heterogeneidade, interdiscursividade, descontinuidade, fragmentação e alteridade. Um analista de discursos

[34] Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia e do Programa de Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação. Doutor em Letras e Comunicação. Pesquisador na área de Análise do Discurso da Comunicação, Educomunicação, Jornalismo Especializado e Educação a Distância. Especialista em Plataformas Digitais de Comunicação e Educação a Distância. Email: mmajornalista@terra.com.br

midiáticos pratica um exercício de alteridade na medida em que evoca práticas linguísticas de campos-em-entremeio (Linguística, Mídia e Discurso).

Investigar o *ethos social* das práticas comunicacionais é cavar na imagem de uma pseudo-hegemonia da expressão comunicativa de uma época, legitimada e hierarquizada por relações de poder estabelecidas, que buscam tornar aceito e legitimar os discursos jornalísticos e publicitários.

Na obra *Gestos de Leitura da Comunicação e do Discurso* (2014) procuramos (ARAÚJO; MELO) mostrar que a interdiscursividade consiste em um espaço epistemológico destinado à investigação de relações sentidurais, atravessadas por aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos e caracteriza-se pela focalização de aspectos pontuais como as imagens de identidade, os deslocamentos inversos dessa identidade e os aspectos concernentes à constituição dos processos de subjetividade na Mídia.

Quanto às Análises de Discursos, o plural aqui é oportuno pois sinaliza para a referência às várias análises de discursos que surgiram em espaços geográficos e atravessamentos epistemológicos diferentes, podemos afirmar que oferecem subsídios teóricos e metodológicos para que o pesquisador atravesse o texto, indo em busca dos aspectos discursivos que o constituem ou seja, o pesquisador deve procurar romper com as evidências dos sentidos, de superficializar os textos, deve indagar-se sobre o lugar de onde se diz, e sobre o porquê se diz. No processo de desnaturalização textual, o pesquisador atravessa três diferentes momentos: entra em contato com a superfície linguística, a transforma em objeto discursivo e chega ao processo discursivo.

Não existem discursos autônomos. Todos os discursos pertencem a um espaço discursivo, marcado pela história, ideologia, memória, dialogicidade e por uma exterioridade constitutiva dos discursos, o que permite ao analista investigar as evidências dos traços da posição de um jornalista, questionando assim a objetividade e a certitude próprias da égide laboral da área.

No primeiro momento de uma análise procura-se transformar o texto enquanto objeto formal em objeto discursivo, procurando colocar o dito em relação ao não dito, ou seja, o pesquisador deve dar conta do esquecimento nº 2 (que é da ordem da enunciação) questionando se o que foi dito só poderia ter sido dito daquele maneira.

Desse modo, a partir das pistas deixadas no intradiscurso, o sujeito pesquisador, tendo desnaturalizado os sentidos, transforma a superfície

linguística em objeto discursivo. No segundo momento, vale refletir sobre o que se pode dizer e o que não se pode dizer, o que é dito neste discurso e em outros discursos em outras conjunturas, observando os não ditos significando.

O terceiro momento (do processo discursivo) é caracterizado como aquele em que o analista procura relacionar as formações discursivas com a ideologia. Segundo Pêcheux e Fuchs (1997, p. 169) "o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe essa sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva".

Para Foucault (1995a), a formação discursiva é um conjunto de enunciados em que ocorre certa regularidade. Dentro desses discursos, existem regras históricas, que são condições, para que dadas formações existam, ou desapareçam. Um texto jornalístico é perpassado por formações discursivas que indicam posições sócio-históricas e ideológicas do autor. O mesmo ocorre com uma peça publicitária que certamente vai indicar posicionamentos sócio-históricos e ideológicos de um momento.

Segundo Foucault (1995a:78):

> No caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Araújo (2011:89) propõe um olhar dialógico para a formação discursiva jornalística, o que permite evocar relações de sentido que trazem os gestos de leitura e interpretação para dentro de uma formação discursiva dada. Sendo assim, em uma formação discursiva jornalística, por exemplo, é possível registrar elementos ligados ao que o autor denominou "formação de sentidos inter-relacionados". Por exemplo, numa FD Jornalística ligada a um veículo de comunicação da esquerda, certamente vão emergir FSIRs que defendam a liberdade sexual, religiosa, de imprensa e de pensamento.

Maingueneau (2006) afirma que, quando se fala de discurso patronal, discurso racista, discurso do dicionário, entre outros, o termo formação

discursiva é útil. De fato, esses discursos transpassam os gêneros, ou os tipos de discurso. Dessa forma, o autor não acredita que a noção de formação discursiva possa designar um gênero de discurso, ou um posicionamento em um campo discursivo (movimento literário, partido político,etc.). Por isso, quando se fala dentro de um campo discursivo, como a política, por exemplo, não significa que se fecha essa formação em nível de um determinado ideal partidário, somente, mas fazem parte da formação todos os discursos que permeiam a política (intradiscurso), além de relacioná-los com outros discursos, em outros campos discursivos (interdiscurso). Para exemplificar isso, é possível uma análise no campo da Comunicação com interface na política: no universo, o lugar onde estariam todos os discursos; no campo, o discurso político; no espaço, o discurso sobre a democracia, por exemplo, com formações discursivas que defendam o direito ao voto e à liberdade de expressão política. O conjunto das formações discursivas que vão confirmar o discurso da democracia forma o interdiscurso.

O objetivo deste trabalho, além de discutir sobre os caminhos para a interface da Análise do Discurso com a Comunicação, propõe uma análise prática do discurso com recorte na publicidade em três objetos distintos. Uma reflexão específica sobre discursos publicitários, desnaturalizando os sentidos da propaganda e concebendo-a não apenas como um texto qualquer, mas como um objeto discursivo, refletindo sobre os elementos do processo discursivo que nela se materializam como a ideologia e os já ditos, sugere caminhos bastante produtivos. Em especial, quando as propagandas focalizam o feminino. O discurso publicitário do qual derivam as propagandas, com o objetivo mercadológico de vender produtos e produzir necessidades ou merecimentos, contribui para homogeneizar os sujeitos que passam a ser vistos como consumidores em série.

Plataforma de sustentação:

A Análise do Discurso Comunicacional proposta aqui está ancorada nos pressupostos de linha francesa, em especial as quatro categorias-chave para a análise: condições de produção dos dizeres midiáticos, a heterogeneidade dos discursos e sujeitos midiáticos, a construção dos sentidos nas mídias e a ideologia que atravessa sujeitos e discursos no discurso midiático. Obviamente que neste espaço não se pretende esgotar os conceitos citados.

A noção de condições de produção (CP) nasce do trabalho de Pêcheux no texto Análise Automática do Discurso (AAD-69) e designa a preocupação

do autor em mostrar a necessidade do analista observar os aspectos exteriores ao texto. Os discursos midiáticos são produzidos numa plataforma onde estão inseridos sujeitos e situações. Exatamente por isso evoca-se, além da materialidade discursiva, também: a um contexto ideológico, histórico e social; a sujeitos que não são senhores dos seus próprios discursos, pois tudo está atravessado pelo já-dito na relação com outros discursos; e a imagem que se cria acerca da posição ocupada e que revela na relação discursiva relações de força. Investigar as condições de produção dos objetos comunicacionais é oportunizar um novo olhar para as peças comunicacionais jornalísticas ou publicitárias.

Pêcheux (1990:78), ao referir-se ao discurso, ressalta a necessidade de um olhar sobre as condições de produção:

> Os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos de 'condições de produção'.

As condições de produção estão relacionadas às formações sociais e aos lugares que os sujeitos aí ocupam. Segundo Pêcheux (1997, p.77) "um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas".

A noção de heterogeneidade enunciativa dialoga com o conceito de dialogismo. A heterogeneidade surge nos trabalhos da lingüista francesa Jacqueline Authier-Revuz a partir dos pressupostos acerca do dialogismo e do interdiscurso e tornou possível pensar em sujeitos não mais assujeitados, mas um sujeito descentrado, cindido, clivado, dividido, fragmentado, atravessado por vários discursos. No discurso da mídia, há um texto jornalístico ou publicitário produzido num terreno bastante heterogêneo. O texto jornalístico é produzido e escrito por um jornalista, porém, o mesmo texto é atravessado por várias vozes, como as vozes das fontes entrevistadas para a matéria, as vozes da empresa jornalística, da linha editorial e ideológica, e também as vozes mercadológicas que envolvem posições de

anunciantes, ou seja, trata-se de um discurso explicitamente heterogêneo. Authier-Revuz (1990) rejeita a ideia de discursos e sujeitos monológicos. A mesma autora (2004, p. 26) afirma que "o sentido de um texto, não está, pois, jamais pronto, uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis: pensa-se evidentemente na leitura plural". Quem enuncia o faz a partir de outrem e seu discurso é atravessado e constituído por discursos outros.

Em Pêcheux, a noção de sentidos aparece já no início da construção da plataforma teórica dos estudos da AAD-69, a partir de uma reflexão sobre a teoria da informação em Jakobson, quando Pêcheux critica "não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um 'efeito de sentido' entre pontos A e B" (PÊCHEUX, 2010, p. 81). Assim, percebe-se que os sentidos não são dados, não são transparentes, possíveis de ser apreendidos de forma imanente, linear, ao contrário, os sentidos são construídos a partir do que se chama efeitos de sentidos, a partir das posições ocupadas pelos sujeitos e também pelas condições de produção do discurso. Os sentidos estão próximos das formações discursivas e das formações ideológicas.

Os sujeitos enunciam a partir do já dito, já ouvido, em uma relação perpassada por outros discursos (heterogeneidade), nos quais os sujeitos se identificam com determinadas formações discursivas que os dominam e que são influenciadas pelo que é exterior, inclusive pelos interdiscursos. A compreensão do processo de comunicação como algo que é dinâmico, dialógico, vivo e social, reflete os processos de construção de sentidos no jornalismo e na publicidade.

Como não existem discursos originais, o que os sujeitos jornalistas ou publicitários vão fazer é resgatar discursos que asseverem as formações discursivas a que servem a fim de convencer consumidores ideologicamente ancorados nos objetivos previstos por quem enuncia. Daí a importância de se ater à noção de ideologia. Para Zizek (1996, p. 15), a ideologia em si remete "a noção imanente da ideologia como doutrina, conjunto de ideias, crenças, conceitos e assim por diante, destinada a nos convencer de sua veracidade, mas, na verdade, servindo a algum inconfesso interesse particular do poder".

Para Pêcheux a ideologia não é uma ideia, mas uma prática discursiva, ou seja, um sujeito jornalista ou publicitário ao enunciar assume uma posição se situando num contexto ideológico e interpela o outro de forma a convencê-lo, a produzir sentidos por meio da ideologia.

A seguir trataremos dos objetos de análise, os quais mencionam os

elementos da Análise do Discurso Comunicacional aqui proposta, a saber: as condições de produção, as heterogeneidades enunciativas, os sentidos midiáticos, sujeitos discursivos, ideologia do consumo, formações discursivas, formações de sentidos inter-relacionados e interdiscursos.

Objetos de análise:

O primeiro objeto publicitário de análise aqui colocado circulou em revistas da década de 1960, época em que a mulher era vista ainda como naturalmente afeita à maternidade, ao lar, ao casamento, à estabilidade da vida conjugal, porém, a mesma época também foi marcada por discursos feministas que vociferavam em muitas partes do mundo. Hoje, outros lugares sociais são ocupados pelas mulheres, mas ainda é possível retomarmos já-ditos que colocam as mesmas no ambiente doméstico, naturalizando o papel da mulher na sociedade. Os sentidos ligam-se também às condições de produção do discurso. Vejamos a Figura 1:

Figura 01

Os textos registrados na propaganda "Mulher tem mania de segurança. A Rural Ford também" (Figura 1) foram objeto de análise a partir do recorte de enunciados marcados pelo vínculo direto com o papel da mulher naquele contexto. O texto vai registrar as situações em que a mulher exercia um importante papel na sociedade daqueles dias: levar e trazer as crianças na escola, economizar o dinheiro do lar, promover o conforto doméstico e zelar pelo lazer do lar em passeios com os filhos. Torna-se interessante observar que a formação discursiva "papel da mulher" ligada ao discurso feminino aparece acompanhada de outras formações discursivas / formações de sentidos inter-relacionados "educação das crianças", "economia doméstica", "conforto e bem estar no lar" que naturalizam comportamentos pré-estabelecidos para a mulher daquela época. Uma formação discursiva determina o que pode e deve ser dito e por isso em momento algum o texto

publicitário menciona a possibilidade do veículo ser usado para levar a mulher ao trabalho, pois para aquele momento este não era um enunciado esperado. As formações discursivas indicam claramente que naquela época o "papel da mulher" estava imbricado ao lar, filhos e marido.

A imagem que expõe uma mulher ao volante levando consigo várias crianças e uma outra mulher conota um momento nostálgico de alegria e representa particularmente o que poderia simbolizar um passeio ou algo assim. O fato de uma mulher ser retratada à frente da direção do veículo já indica a construção publicitária simbólica que resgata interdiscursos feministas que operam a construção de uma identidade feminina que, exatamente como os homens, também dirige, tem poder de decisão e "mania de segurança". Isso poderia ser compreendido como parâmetro de igualdade entre os sexos caso o gesto de leitura do observador ignorasse o texto publicitário que indicava outras formações discursivas.

O segundo objeto de análise, exemplificado na Figura 2 e extraído de Heine (2014), representa um anúncio publicitário veiculado na década de 40 e que objetiva vender um remédio para engordar, o Vikelp. No mesmo, destacam-se as imagens de duas mulheres: a da esquerda aparece desanimada, com aspecto triste e apresentando-se com ar de descontentamento, quase doente; a da direita aparece sorridente, com aspecto saudável e expressão de autoconfiança.

O enunciado que está relacionado à mulher da esquerda confirma a expressão doentia, conforme se vê a seguir: "Sou magra de nascença, nunca passarei disto!" Esse enunciado remete a elementos do interdiscurso ao considerar a magreza como uma doença, como carga genética (nascença), retomando expressões como "cego de nascença", "surdo de nascença", dentre outras. De acordo com Maingueneau (1997), a interdiscursividade é a "relação de um discurso com outros discursos", ou seja,

um campo heterogêneo do discurso em que é possível, constitutivamente e/ou marcadamente (heterogeneidade enunciativa), verificar a presença do outro. É o interdiscurso que especifica as possibilidades de inscrição de um discurso no outro e essa inscrição se dá através de um processo de reconstrução, pela incorporação de elementos pré-construídos. Um discurso retoma os saberes partilhados, os lugares-comuns instaurados na anterioridade discursiva e, ao fazê-lo, inscreve-se nesses discursos, criando o espaço da interdiscursividade. Partindo da noção de que é possível observar regularidades discursivas que apontam para a presença de outros discursos no fio constitutivo de um discurso referência, verifica-se a presença do outro no espaço interdiscursivo de discursos representados.

A partir do mesmo enunciado, é possível notar que ser magro é algo ruim, indesejável, o que é reforçado pelo tom de lamento presente no trecho: nunca passarei disso! O efeito de sentido sobre a magreza, portanto, retoma elementos do interdiscurso que repousam numa construção histórica e ideológica, a qual relaciona o baixo peso à falta de saúde, fraqueza física e baixa autoestima. Além disso, segundo Heine (2014) o corpo da mulher é mercadologizado e é vendido junto com o produto para engordar. O corpo cheinho é discursivizado como o ideal, o desejável, o belo, enquanto que o corpo magro é construído como aquele indesejável, feio, estranho.

A mulher da direita profere o enunciado: Eu dizia o mesmo antes de usar o Vikelp! A partir do mesmo, recupera-se o sentido de que o Vikelp traz felicidade e restaura a autoestima e felicidade para aqueles que consomem esse produto. Neste caso, a felicidade está relacionada a certa compleição física, sendo que o corpo magro traz tristeza e descontentamento.

No trecho registra-se novamente os sentidos de magreza como doença. A expressão "embora bem alimentadas" revela que há algo errado com o sujeito magro de nascença: apesar de comer bem, não engorda. Ele não é considerado dentro dos padrões da normalidade (se comer bem, vai engordar). Há a ideologia do estranhamento e da exclusão da diferença (ser diferente é estranho). Destaca-se a ideologia da mercadologização da felicidade, e da beleza, sentido que é reforçado pelo próprio discurso publicitário. Revela-se a construção do sujeito a partir do corpo.

A visão sobre a magreza será substancialmente modificada no anúncio publicitário da Figura 3. O anúncio a seguir que circulou na década de 1990, mostra que houve um deslizamento de sentidos da noção de magreza, uma vez que a mesma passa a ser reelaborada e a ser vista como algo positivo, símbolo de beleza, saúde e inclusão no status social. A partir da década de 1990, é visível nas propagandas o atravessamento do discurso científico com as ideias de vida e alimentação saudáveis. Desse modo, o sobrepeso passa a ser condenado por representar riscos à saúde, mas além de carregar o sentido negativo ligado a doenças, passa, também, a ser

considerado feio, fora de moda, esquisito e indesejável. As pessoas gordinhas passam a ser excluídas socialmente, constituindo-se como sujeitos fora dos padrões de beleza, feios, estranhos, anormais e infelizes.

No anúncio anterior, aparecem dois modelos magérrimos e com físico que expõe os músculos e abdômen "sarados". O culto ao corpo é enaltecido pelo enunciado "Transforme sua gordura corporal em energia". A partir da análise do enunciado e das imagens, percebe-se que o anúncio remete à ideia que para ser atraente é necessário se adequar aos padrões de beleza que, na década de 1990, correspondem a ter um corpo magro. Há uma ligação entre a mulher e a esfera do fetichismo, consumada pela imagem da mulher com roupas íntimas que resgatam interdiscursos do erotismo e sexualidade, quase sempre aliados a formação discursiva do corpo saudável. A retomada dos já ditos sobre a mulher, a relação conjugal (os dois estão lado a lado) e a sexualidade é visível na propaganda que traz à tona esses elementos do interdiscurso.

Identifica-se, assim, uma outra formação discursiva bem diferente daquela da década de 1940: agora ser magra é ser bonita, ser atraente. Houve, então, um deslizamento de sentidos que foi gerado pelas condições de produção do discurso na década de 1990, atravessado pelo discurso científico de que a gordura é um dos elementos que leva ao desenvolvimento de inúmeras doenças. As marcas deste discurso estão colocadas no rodapé inferior esquerdo. Emagrecer já é, portanto, nessa época, sinônimo de saúde e adequação ao mundo.

A ideologia de que a aparência física traz felicidade e autoestima também está presente, normalizando a ideia de que a aparência é mais importante do que a essência. Tanto que, para se adequar ao mundo, é preciso ser magro.

A propaganda funciona, assim, como veículo ideológico que pretende homogeneizar os sujeitos através de micropoderes: todos, se quiserem fazer parte do mundo e serem saudáveis, precisam ser magros. Esse discurso mostra a exclusão dos sujeitos que estão acima do peso, e a concepção de que estes são anormais, feios,

desinteressantes e esquecidos pela Medicina. Assim, para serem aceitas socialmente, as mulheres precisam ser magras. Por circular, dentre outras, em revistas femininas, o anúncio traz também outros sentidos que retomam discursos sobre as mulheres, tais como: a felicidade feminina é conquistada através da relação conjugal, a mulher se realiza quando se importa com o corpo, a mulher deve atender aos desejos sociais e, para se conseguir um marido, a mulher deve se adequar aos padrões sociais de beleza da época, dentre outras coisas. Ser gordinha, estar acima do peso, não significa o mesmo que significava na década de 1960.

Conclusão

Araújo (2011) afirma que os discursos são espaços de apagamento, silenciamento, esquecimento e de denegação, não somente porque alguém desloca um sentido, ou porque apagou o sentido primeiro, ou porque o esqueceu, ou porque quis denegá-lo, mas, porque o discurso é constituído pelo dialogismo (Bakhtin, 1979), e exatamente por isso é lugar para apagar, silenciar, esquecer e denegar conforme o interesse de quem o manipula. Dessa forma, os discursos midiáticos instauram valores, padrões de comportamento e consumo, criam necessidades, produzem sentidos que atravessam formações discursivas, as quais, quando estão localizadas em espaços discursivos femininos registram formações discursivas e interdiscursos que dependem das condições de produção.

Os anúncios analisados indicaram que as ideias de magreza, sobrepeso, são construídas discursivamente, derivadas de determinadas formações ideológicas que variam a depender da época em que os textos circularam. Tais construções retomam já-ditos sobre a beleza, indicam as subjetividades que perpassavam / perpassam o corpo feminino em anúncios publicitários.

Desse modo, as noções de magreza e sobrepeso estão expostas ao deslizamento de sentidos, o que revela a não transparência da língua. Ser magra na década de 1940 era sinônimo de doença, a pessoa magra não poderia ter uma vida normal. O mesmo não acontece na década de 1990, quando a magreza passa a ser vista como símbolo de saúde, e o sobrepeso como algo feio, indesejado.

O mesmo ocorre quando o foco é a relação conjugal da mulher na década de 60, com discursos publicitários que registram a formação discursiva "papel da mulher" acompanhada das formações discursivas "educação das crianças", "economia doméstica", "conforto e bem estar no lar" que naturalizam comportamentos pré-estabelecidos para a mulher daquela época.

Referências

ARAÚJO, M. M. *Comunicação, língua e discurso: uma análise terminológica de um dicionário de especialidade*. 2011. Tese (Doutorado em Letras e Comunicação) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. 339p.

ARAÚJO, M. M. & MELO, S. M. (orgs). *Gestos de Leitura da Comunicação e do Discurso*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. 141p.

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade (s) enunciativa (s)*. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: n.19, p. 25-42, jul/dez 1990.

_____. *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva*: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: ____. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 11-80.

FOUCAULT, M. A. *Ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola. 1996. 79p.

_____. *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 4. ed., 1995a. 277p.

HEYNE, P. *Construção discursiva do corpo feminino*: entre a magreza e o sobrepeso em propagandas das décadas de 40 e 90. Número 37, Vitória da Conquista: Jornal O Corpo, 2014.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Trad. A. Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª Ed. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso:* uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al., 2. ed., Campinas, SP: Unicamp, 1995.

_____. *O discurso:* estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes. 1990a. 57p.

_____. *Análise automática do discurso* (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). Por uma análise automática do discurso. 3. ed., Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61 - 105.

_____. *Análise Automática do Discurso*. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi. In : GADET,F. & HAK, T. (org.) Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. trad. Bethania S. Mariane et al. Campinas:Ed. da UNICAMP. 1990b. 319p.

PÊCHEUX; M.; FUCHS, C.. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET; HAK (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed., Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997, p. 163 -252.

ZIZEK, S. O espectro da ideologia. In: _____ (org.). *Um mapa da ideologia.* Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Para citar este artigo: ARAÚJO, M. M. Diálogos entre Análise do Discurso e Comunicação: análise de objetos publicitários em três tempos**.** *In:* Revista Acta Científica, Volume 6. Patos de Minas: Editora Côrtes, 2014.

REVISTA SORRIA: A COMUNICAÇÃO ALÉM DO ÂMBITO INSTITUCIONAL

Marcelo Antônio Lemes França[35]
Michael Kealton Barcelos Fernandes[36]
Rafael Leonel Silva Borges[37]

RESUMO

O presente texto busca analisar a Revista Sorria, criada pela editora MOL junto a rede de drogarias Raia e outras empresas de produtos farmacêuticos. Utilizando, como base, o texto da editoria "trabalhar", junto com as informações imagéticas. Com isso, buscou-se, através da Análise do Discurso da escola francesa, representar os possíveis discursos corporativos e, para além disso, entender como a revista não serve apenas como um produto do jornalismo institucional, mas, também, como revista para o público que consome na rede de drogarias. A metodologia, para análise, foi escolhida visando o envolvimento, que ela apresenta, do sujeito com a língua. Assim, pode-se perceber a relação dos diversos discursos que constituem a leitura e interpretação de um texto.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso, jornalismo empresarial, revista sorria.

INTRODUÇÃO

A revista Sorria foi criada pela editora MOL, em março de 2008. Segundo o site da editora (2012), foram vendidos mais de 5 milhões de exemplares até a trigésima edição. O valor da revista bimestral é de R$ 3,50 e ela é somente encontrada em drogarias da Raia. A rede contribui, através da renda arrecada com a venda das revistas, para duas instituições: o Grupo de Apoio ao Adolescente e a Criança com Câncer (GRAACC) e o Instituto Ayrton Senna.

A Sorria apresenta diversos assuntos relacionados a felicidade, assim como temas que se referem ao bem-estar, a saúde, educação, entre outros. A editoria "trabalhar", também presente na revista, tornou-se o foco desta análise, pois trata de um assunto cotidiano e referente

as características, de jornalismo empresarial, que foram previamente explicitadas por Pluvinage & Silva (2012):

---

[35] Graduando do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia E-mail: marcelo_mafl@hotmail.com
[36] Graduando do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia E-mail: michaelkbfernandes@gmail.com
[37] Graduando do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia E-mail: rafaelrlsborges@gmail.com

> Esse modelo é descrito da seguinte maneira: o custo da revista é dividido em cotas, adotadas pelas empresas patrocinadoras. Atualmente, seis empresas patrocinam a publicação e, em troca do patrocínio anual ao projeto, elas ganham espaço publicitário na revista, entre outros benefícios. (PLUVINAGE, SILVA, 2012)

O jornalismo empresarial, segundo Alberto Dines (1997), é a representação dos desejos e ideais de uma empresa. Além disso, ele serve para mostrar ao público as preocupações e produtos da empresa que o constitui. Assim, através do jornalismo empresarial, é possível a criação de uma cultura corporativa que possui o intuito de aproximar seus funcionários e transparecer seus métodos de trabalho para a sociedade consumidora.

Então, utilizar a Análise do Discurso da escola francesa, torna-se necessário uma vez que, segundo Elizabeth Ravoux-Rall (*apud* Pêcheux, 1984), "O texto é concebido como a materialidade linguística através da qual se pode chegar ao discurso, e a relação da língua com a história (historicidade) ". Em outras palavras, é a partir da leitura da construção de discursos que se torna possível ver o real significado que permeia as entrelinhas do texto.

Tendo em vista essas ressalvas, parte-se para a análise do texto "Na dose certa", da editoria "Trabalhar", presente na edição 20 da revista. Vale ressaltar que a publicação é do ano de 2011 e foi selecionada aleatoriamente, uma vez que todas as edições possuem certo padrão em suas editorias. Também é necessário afirmar que o objetivo deste trabalho é notar se há ou não o discurso empresarial voltado, não apenas para os trabalhadores, mas, também para o público em geral.

ANÁLISE

O texto publicado na editoria "Trabalho" da edição 20 da revista Sorria apresenta o título "Na dose certa". Observa-se que a escolha das palavras foi feita dando um sentido subjetivo à frase. Não é possível, em um primeiro momento, compreender qual é a mensagem que a autora do texto, Jaqueline Li, se propõe a passar. Em associação com o nome da editoria, o possível sentido que pode-se presumir ao ler o título é que o texto objetiva a discussão de realizar alguma tarefa sem exageros.

O título composto apenas por três palavras não apresenta verbos, o que não cria uma angulação que envolva ação. Com sua leitura e associação com a frase apresentada logo abaixo do nome da editoria, "para viver melhor", cria-se um aspecto positivo, mas ao mesmo tempo de alerta, os quais serão complementados pela linha fina.

A análise das palavras escolhidas pode ser feita de forma conjunta, visto que as principais, "dose" e "certa" se completam. Pode ser observado o uso de palavras que criam os aspectos citados anteriormente. A palavra dose, que possui o sentido de quantidade determinada de algo ou quantidade de um todo, é responsável pela apresentação do alerta. Já a positividade existe devido à palavra "certa", a qual possui sentido afirmativo e da inexistência do erro.

Só a partir da leitura da linha fina que é possível compreender o objetivo do texto. No início, ela apresenta o assunto que será tratado, o trabalho. Posteriormente, há a sua associação com o sentido apresentado pelo título. Como o título é curto e subjetivo, a linha fina é extensa e contem verbos.

A primeira frase da linha fina afirma que "Trabalho é ganha-pão". Com o uso de uma expressão popular, a autora aproxima o leitor do texto e apresenta um sentido para a ação de trabalhar. Porém, logo em seguida, com o uso de uma conjunção adversativa, a palavra "mas", introduz ganchos que serão mostrados na matéria, ou seja, ela utiliza palavras positivas para caracterizar o trabalho.

A finalização da linha fina ocorre com uma frase que possibilita ao leitor a descoberta da mensagem que será passada pelo texto. A autora expõe uma opinião, através do uso do adjetivo "boa" e de linguagem informal, trazendo mais uma vez o sentido de positividade, visto que as palavras utilizadas apresentam sentidos afirmativos.

Após a linha fina, o texto é iniciado com a frase "JÁ SE PASSA DAS 21 HORAS" em caixa alta, o que demonstra a postura de apresentar relatos e falas de fontes em primeira pessoa adotada pela revista. A frase que possui sensação de um período do tempo tarde, criado, principalmente, pela expressão "já se passa". Além disso, uma fonte primária é apresentada através de sua história dando, assim, introdução ao "o que? ", presente no *lead*.

O "o que? "É exposto através da fala de dois especialistas que, ao mesmo tempo que comprovam e afirmam o comportamento da fonte primária, trazem a problematização da reportagem. É na teoria da diferença entre "workaholic" e "worklover" que a reportagem será trabalhada.

O primeiro intertítulo, chamado de "O plano B", a intenção da autora, ao fazer referência à outro ditado popular, é trazer o relato de outra fonte primária, que é contrário a história inicial da reportagem. Li também promove um diálogo com o leitor ao colocar a pergunta "quantas vezes por semana você não ouve alguém reclamando que trabalha demais? ".

No primeiro parágrafo, também, é possível notar um o discurso da autora, uma vez que ela usa termos como "É o caso de muita gente", "Geralmente" e "Mas talvez seja apenas uma escolha infeliz". Essas falas não são originadas de fontes e compõem a introdução da outra fonte primária. A segunda fonte primária representa pessoas que vão "buscar a realização fora do horário comercial", como afirma Jaqueline Li.

O segundo intertítulo, "Nem cá, nem lá", anuncia uma terceira fonte primária que será diferente das outras duas. Neste ponto, a autora mostra sua opinião novamente, "Márcia e Wellington são felizes com escolhas opostas. Quem tem razão? Bem, os dois". Ela está presente tanto no adjetivo "felizes", quanto na resposta da a pergunta "Quem tem razão? ". Em seguida, a autora traz diversos argumentos que comprovam a sua resposta à pergunta feita.

Os argumentos são baseados na fala de outro especialista e de uma terceira fonte primária. Esta é diferente da primeira, que tem no trabalho sua realização, e da segunda fonte, que se sente realizada no tempo fora do trabalho. A terceira fonte desistiu de seu trabalho e começou outro, em busca de ter mais tempo com sua família. No fim do texto, Jaqueline Li, busca novamente a aproximação do leitor e promover a reflexão sobre o assunto, através da pergunta "E você, já descobriu qual a sua dose certa? ".

A reportagem, também, é composta de uma ilustração feita por Rafael Sica. Nela há a representação de um chefe de culinária lendo um livro e ouvindo música, em um ambiente com diversos pássaros, livros e jornais espalhados e uma pilha de louças sujas, já que há a presença de moscas perto delas.

É possível compreender diversas significações da ilustração, mas com o auxílio da legenda, "Amar o que faz, ou amar o que vem depois de fazer o que precisa ser feito? Não há reposta certa", o que se conclui é que a ilustração complementa e reforça o texto. Isso acontece devido ao fato da reportagem tratar do assunto da realização através do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante observar que a presença de falas de especialistas reforçam a ideia de que as pessoas têm diferentes relações com o trabalho e que ele pode ser usado de forma prazerosa. Em nenhum momento podem ser encontradas informações e palavras que se opõem ao que é apresentado. Exceto com a introdução de um relato de outra fonte, com a qual a autora contrapõe os argumentos iniciais.

Mesmo com os contrapontos estabelecidos, a autora não nega ou desqualifica os pontos de vistas. As palavras utilizadas reafirmam as ideias colocadas através das histórias das fontes e falas de especialistas, sejam elas a favor de longas horas de trabalho ou não.

Pode ser observada a apresentação de pontos de vistas diferentes, mas sempre de forma positiva, sendo que o sentido final criado pela leitura do texto é de que cada pessoa se relaciona de uma forma com o trabalho e que é possível alcançar o prazer de todas as formas. Dessa forma, as ideias colocadas pelo título e da linha fina são reafirmadas.

Assim, através das características elencadas, pode-se constatar a presença de um discurso positivista e que incentiva a busca pela felicidade. Este fato é devido a dois fatos: o patrocínio de indústrias farmacêuticas e da rede de drogarias; além dos projetos com os quais a revista estão envolvidos.

O bem-estar e a felicidade são características destacadas pela professora de metafísica, Louise L. Hay (2009), como emoções que auxiliam na recuperação e cura de doenças diversas, como câncer e outras. Por isso, em nenhum momento a revista aborda tristeza, a felicidade é expressa até mesmo na capa, que sempre é composta de uma criança sorrindo Além disso, as características citadas convergem em visões institucionais das empresas patrocinadoras da revista.

O trecho da reportagem "Trabalhar demais pode ser prazeroso e enriquecedor. Ou um castigo, se for sem paixão [..]" serve tanto para funcionários dos patrocinadores e da revista, como para os clientes diversos que adquirem a Sorria. Esta espécie do conselho, motiva o trabalhador a se empenhar.

Assim, é possível concluir que a revista Sorria possui um caráter de jornalismo institucional. Servindo, não apenas como modo de propagação dos ideaisda empresa que fornecem subsídios para a revista, mas também como auxílio para reflexões sobre o comportamento dos leitores em geral, o que abrange um público variado. Além disso, o fator preocupação social da revista, ao transferir o valor de capa para instituições como o Instituto Ayrton Senna e o GRAACC, contribui para a comoção de um público além do institucional.

REFERÊNCIAS

DINES, Alberto. Os desafios da mídia institucional. In: **Comunicação empresarial**. ABERJE: São Paulo. Ano 7. n. 22. 1º trimestre de 1997.

HAY, Louise L. **Você pode curar sua vida**. Editora Best Seller: São Paulo. 9ª Edição. 2009.

PLUVINAGE, Jean-Frédéric; Silva, J. F. T. **Criação da revista Sorria para tablet**. Trabalho apresentado no XIX Prêmio de Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, 2012.

RAVOUX-RALL, Elizabeth. **O corpo como representação da mulher**: uma análise das propagandas de produtos para emagrecimento. 1984.

ANEXOS

Na dose certa

Trabalho é ganha-pão. Mas pode também ser prazer, satisfação e trazer o sentido da vida. É a boa medida dessa atividade que abre as portas para uma existência mais plena

texto Jeanette Li **ilustração** Rafael Sica

JÁ PASSA DAS 21 HORAS e Márcia Weck ainda está no escritório. É terça-feira, e o celular toca pela quarta vez. Sua filha, que nesse dia dorme na casa do pai, pede um pouco mais de atenção. "Quando ela está com ele, não ganho mais tempo para mim – ganho mais tempo para trabalhar", diz a mãe de 42 anos, com um sorriso imenso nos lábios. Sua fala não é um lamento. Quando fala do que faz como estilista-chefe de uma empresa paulistana de moda, o nível de satisfação é indefinível. Márcia não tem um pingo de vergonha de fazer do trabalho sua vida. Ao contrário. Porque é nele que encontra a sua felicidade.

Filha mais velha entre seis irmãos, ela foi atrás de sua independência aos 12 anos. A partir de então, adeus sossego. Vendeu camisetas, trabalhou em lojas, salão de beleza e saiu do Rio Grande do Sul, onde nasceu, para dedicar-se à moda. Acabou na Europa, pesquisando tendências, antes de parar em São Paulo. Inquieta, descobriu que é possível tirar energia do que faz com prazer – e dosa as horas de trabalho com sua própria medida. "Tenho em mente que o que importa é a qualidade do tempo, e não a quantidade", conta.

Como Márcia bem mostra, a atividade fora de casa não é apenas uma forma de ganhar dinheiro. "Trabalhar também produz status social, contatos fortes criam as pessoas e sentimento de realização", diz Giovana Del Prette, doutora em psicologia clínica. Para quem encontra no exercício da profissão esses méritos, longas horas de jornada não cansam, não são sacrifício nem obrigação. É essa postura que separa um workaholic (viciado em trabalho) daquele que o professor Wanderley Codo, coordenador do Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília, chama de workloner – um amante do trabalho.

"Basicamente, o que difere um do outro é a realização produzida pela profissão. O workloner trabalha muito e com prazer. O workaholic foge da realidade pelo trabalho", diz o professor. Enquanto o primeiro se desenvolve também em outros aspectos da vida, como nas suas relações pessoais, quem tem o vício sente satisfação apenas momentânea – ou, pior, não extrai prazer algum do que faz e, mesmo assim, não consegue ficar sem aquelas horas extras. Junto com a doença, vem a culpa e a incapacidade de organizar a vida.

O plano B

É o caso de muita gente – quantas vezes por semana você não ouve alguém reclamando que trabalha demais? Geralmente, apontam-se como culpados o emprego exigente, a pressão do chefe, a falta de opção. Mas talvez seja apenas uma escolha infeliz. Se encontrar uma posição profissional é mais questão de sorte, é possível ao menos decidir que relação se quer ter com o ofício. E então,

Figura 3 - página 40 Caderno "Trabalhar" Revista Sorria edição 20

AMAR O QUE FAZ, OU AMAR O QUE VEM DEPOIS DE FAZER O QUE PRECISA SER FEITO? NÃO HÁ RESPOSTA CERTA

quem sabe, trabalhar apenas o mínimo possível e necessário – e ir buscar a realização fora do horário comercial.

Foi o que fez o jornalista Wellington Campos, de 30 anos. Ainda na faculdade, descobriu que a realidade da profissão era dura: longas jornadas, plantões nos fins de semana e salários que pareciam não pagar o desgaste. Recém formado, deu-se conta de que não queria viver assim. Então, durante nove meses, estudou para prestar concursos públicos. Passou em vários e escolheu viver em São Paulo, como assessor de imprensa de um órgão público federal.

Hoje, Wellington não trabalha mais do que sete horas por dia – ele emenda o período de almoço para ganhar mais tempo fora do escritório. E é lá fora que encontra suas alegrias, como viajar. "Nos últimos seis meses, já fui duas vezes para Salvador – sem contar o Carnaval –, vou para a casa dos meus pais em Uberaba ao menos uma vez por mês e faço uma grande viagem de férias todo ano", contabiliza o mineiro. Para ele, é o tempo longe dos compromissos que dá fôlego às horas de serviço.

Nem cá, nem lá

Márcia e Wellington são felizes com escolhas opostas. Quem tem razão? Bem, os dois. Trabalhar menos pode ser ótimo se for benfeito e pagar as contas. Ou arriscado, se para isso você negligencia tarefas, submete-se ao que não suporta ou não atende a suas necessidades básicas de sobrevivência. Trabalhar demais pode ser prazeroso e enriquecedor. Ou um castigo, se for sem paixão, impedir outras realizações e trouxer doenças. A medida ideal é uma conta pessoal, que considera os fatores satisfação, tempo e felicidade a longo prazo. E ela se modifica durante a vida. "Se o trabalho parece nunca ter fim e perde o propósito, está na hora de rever escolhas", afirma o terapeuta comportamental Victor Mangabeira.

Foi com a chegada da maternidade que Beatriz Kauffman, de 43 anos, começou a sentir que estava nesse limite. Durante anos organizando eventos em São Paulo, não tinha hora de voltar para casa, adiava as férias e ignorava os fins de semana. "Queria me dedicar mais aos meus filhos, mas continuar fazendo algo de que gostasse", conta. Decidiu mudar de vida e abriu uma loja virtual. Beatriz agora faz álbuns de foto personalizados. Assim, a mãe de um casal de pré-adolescentes arranjou mais tempo para tudo o que lhe importa. "Acho que, agora, eu me dedico de corpo e alma ao trabalho – e também à família", diz. E você, já descobriu qual a sua dose certa?

Figura 4 - página 41 Caderno "Trabalhar" Revista Sorria edição 20

SENSACIONALISTA: UM JORNAL ISENTO DE VERDADE, CARREGADO DE HUMOR E COMPROMETIDO COM A AUDIÊNCIA

Nayara de Sousa Ferreira[38]

Resumo

O presente artigo pretende refletir a relação entre o uso da linguagem, seus efeitos e o alto índice de acesso e compartilhamento das notícias produzidas pelo portal de notícias Sensacionalista. OSensacionalista, segundo informações contidas em seu próprio site[1], produz notícias fictícias com tom humorístico. Assim como em um jornal comum, os assuntos contemplam temas variados de economia, esporte, entretenimento, digital etc. Com o slogan "Um jornal isento de verdade" e mais de 690 mil curtidas no Facebook[2], o Sensacionalista confunde, desde 2009, não só os consumidores de informação, mas também, em alguns casos, os produtores da grande mídia. Isso demonstra a competência da produção e fidelidade ao gênero jornalístico, com seu formato e caratcerísticas peculiares.A análise feita neste artigo contempla as novas relações presentes no jornalismo e a busca pela interação com as audiências, após a chamada WEB 2.0, contexto em que a participação de usuários da rede é promovida e valorizada.

Palavras-chave: Sensacionalista; Jornalismo;Audiência.

Introdução

O surgimento e a disseminação da Internet no final do século passado revolucionaram os relacionamentos dentro e com os meios de comunicação. Essa nova plataforma com recursos diversos para veiculação de conteúdos compostos por texto, áudio, imagem e vídeo promoveu transformações significativas no mundo e, ao que interessa a este artigo, na comunicação entre as pessoas.

A navegação em rede, viabilizada pelo mecanismo do hipertexto, alterou a relação de tempo e espaço influenciando diretamente no modo de produção jornalística. A interação com os usuários passou a ser valorizada e essa nova fase marcada pelo compartilhamento e pela cooperação é denominada Web 2.0. Sobre essa nova realidade, Cabral Filho (2011, p. 153) em seu artigo "A Web 2.0 como agenciamento de audiências pelos grupos midiáticos contemporâneos" expressa que

> A partir do surgimento de experiências, linguagens e tecnologias destinadas a envolver usuários na produção e circulação de conteúdos, tendo como consequência a própria razão de existir e persistir dessas iniciativas, a Web passa por um processo de transformação no qual os produtores não são só aqueles que disponibilizam seus conteúdos na Rede, mas todos os que se relacionam com

[38] Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: nayarasfr@gmail.com

> espaços que propiciam e fomentam o compartilhamento de conteúdos e a colaboração entre usuários.

Aos poucos, do início da década de 90 aos dias de hoje, a Internet foi transformando o espaço midiático ao se popularizar e permitir que as pessoas produzam e compartilhem conteúdos e informações nos espaços virtuais. Após o advento da chamada WEB 2.0, o jornalismo busca cada vez mais a interação com as audiências e isso acontece por meio de espaços dedicados aos leitores, como por exemplo, os comentários.

A alteração que esses espaços de reação e interação com o conteúdo publicado provocou no jornalismo é expressiva e importante visto a relevância da relação do jornalista com a sua fonte. Além da Internet, a convergência tecnológica tem contribuído para a mudança no modo de produção jornalística. Hoje,qualquer pessoa que possua um celular com uma câmera fotográfica integrada ou um dos vários outros modelos de câmeras de captura de imagem e vídeo disponíveis no mercado, é um potencial produtor de conteúdo.

Essa busca pela audiência interativa é otimizada principalmente pelas mídias sociais, onde o usuário de Internet se envolve com os conteúdos e influencia na sua definição, por meio do mapeamento de interesses realizado pelas empresas de comunicação nesses nichos. Dessa forma, Giovana Borges Mesquita em seu artigo "Reflexões sobre novos papeis da audiência no jornalismo pós Web 2.0" denomina esse novo ator do processo comunicativo interativo como Audiência Potente e descreve que

> Quando nos referimos à Audiência Potente, estamos falando de cidadãs e cidadãos que, de alguma forma, estabelecem uma relação ativa com os veículos de comunicação, envolvendo-se, ou sendo envolvidos, nos processos produtivos e nas rotinas jornalísticas.

No entretenimento, esse diálogo com as audiências nas mídias sociais tem sido cada vez mais presente. É o que este artigo pretende verificar ao explorar a páginado portal de notícias fictícias Sensacionalista no Facebook. O portal se assemelha muito a de um jornal, o formato, a linguagem, as pautas distribuídas em temas variados, enfim, as características peculiares do gênero jornalístico são fielmente representadas, porém, com um atributo singular, o uso do humor e da ironia.**Sensacionalista: um jornal isento de verdade**

O site Sensacionalista (Figura 1)foi fundado em 2009 com o slogan "um jornal isento de verdade". Mesmo assim, as notícias veiculadas nele e na página do Facebook confundem os usuários. Isso porque a produção bem feita com depoimentos, entrevistas com especialistas, uso de ilustrações e gráficos informativos, confere ao produto a impressão de boa apuração e confecção do texto.

Figura 1 – Layout do portal de notícias Sensacionalista

Fonte: Site Sensacionalista. Disponível em: <http://sensacionalista.uol.com.br/>.

Em semelhança com outros portais de notícias, o Sensacionalista distribui o seu conteúdo em temas de interesse entre as abas país, esportes, entretenimento, mundo, digital, economia e notícia dos leitores (Figura 2). Esta última seção é dedicada ao envio de sugestão de notícias e notícias prontas de leitores, que são chamados pela equipe editorial de sensacionalistas, revelando uma maior proximidade entre produtor e a audiência.

O retorno da audiência do portal pode ser verificada pelo expressivo número de curtidas na página oficial do Facebook: são mais de 705 mil usuários. A página do jornal Correio Braziliense (principal jornal de Brasília, fundado em 1960), por exemplo, conta com pouco mais de 324 mil curtidas, menos da metade. O portal vai além da democratização da distribuição, objetivando, também, a democratização da produção ao abrir esse espaço e procurar se inteirar sobre qual produto noticioso fictício essa audiência anseia.

Figura 2 – Notícia dos leitores

Fonte: Site Sensacionalista. Disponível em: <http://sensacionalista.uol.com.br/>.

A criatividade e o olhar atento sobre o retorno da audiência garantiu ao Sensacionalista a fidelidade dos seus usuários. A sátira jornalística acompanha as notícias que estão em pauta e conquistam sua audiência pelo seu humor ácido nos textos. Se comparado aos grandes portais de notícias, os números de curtidas e compartilhamentos na página do Facebook do jornal fictício é significativamente maior. Isso se verifica com a maioria dos assuntos publicados, como por exemplo, notícias sobre a declaração do político Eduardo Cunha sobre a legalização do aborto em uma de suas redes sociais.

Sobre o assunto, o portal Sensacionalista escreveu e publicou um texto que contou com pouco mais de 11 mil curtidas e mais de 1.500 compartilhamentos. Do outro lado, a página do jornal Folha de S. Paulo[3], um dos que possuem maior veiculação no país e reúne cerca de 4,8 milhões curtidas, obteve em seu texto, que mesmo sob ótica diferente tratava do mesmo assunto, pouco mais de 2 mil curtidas e 147 compartilhamentos (Figura 3). Apesar do tom irônico do primeiro texto, os comentários dos leitores foram tão sérios quanto os do segundo, revelando que o público soube discernir sobre a maneira como o tema foi tratado e a sua relevância.

Em entrevista ao site Portal Imprensa – Jornalismo e Comunicação na Web,o jornalista fundador do Sensacionalista,Nelito Fernandes, explica que o portal nunca teve o objetivo de fazer circular notícias falsas como se elas fossem reais. "Se eu quisesse fazer isso e colocasse o nome do site de 'Sensacionalista', eu estaria maluco", esclarece. Mesmo não sendo o propósito do jornal, isso acontece e causa situações engraçadase até mesmo constrangedoras, como a reprodução de notícias publicadas no portal por outros sites de notícias que depois de perceberem o engano se retratam. Isso demonstra não só uma equipe jornalística competente por trás dos produtos noticiosos, mas também o seu poder de alcance por meio da articulação dos usuários nas mídias sociais.

Considerações finais

Ao analisar o Sensacionalista – um jornal isento de verdade, é possível perceber que, mesmo sendo um portal de notícias fictícias, o processo de produção jornalística não perde em nada para um jornal dito "sério". Pelo contrário, a competência verificada pelo retorno da audiência demonstra que o jornal consegue se adaptar aos desafios da era digital e da Web 2.0, trazendo os usuários da Internet para participação direta no que diz respeito ao conteúdo produzido. O poder de participação e a interação do público assegura maior representatividade do espaço público junto aos produtores de informação, que passam a não ser mais apenas os jornalistas, mas muito mais uma produção colaborativa.

Esse envolvimento da audiência interativa nas páginas da Web e principalmente nas redes sociais podem provocar estranhamento para os olhares mais tradicionais que consideram esse tipo de produção como "amadora" e sem credibilidade. Mas a

democratização da comunicação pede esse movimento e mudança nas estruturas. Outras opiniões sobre essa nova relação que se estabelece entre os produtores de informação e as audiências alertam sobre os interesses particulares das empresas de comunicação, principalmente sobre a perspectiva publicitária. No entanto, parece mais importante e carente de reflexão a continuidade e estímulo do crescimento da participação das audiências para que elas sejam de fato uma Audiência Potente.

Referências

CARVALHO, Lucas. **"Isento de verdade", site Sensacionalista brinca com o noticiário e faz sucesso na web**. Disponível em:

<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/humor/69185/isento+de+verdade+site+sensacionalista+brinca+com+o+noticiario+e+faz+sucesso+na+web>. Acesso em: 13 fev. 2015.

FILHO, Adilson Vaz Cabral. A Web 2.0 como agenciamento de audiências pelos grupos midiáticos contemporâneos.**Revista LOGOS** –Comunicação e Universidade,vol.34, n. 1, 1º semestre 2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/1256/1603>.Acesso em: 13 fev. 2015.

MESQUITA, Giovana Borges. **Reflexões sobre novos papeis da audiência no jornalismo pós Web 2.0**. Disponível em:

<https://jornalismocontemporaneo.files.wordpress.com/2014/11/artigo-simposio_jampa_valido.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2015.

Página Folha de S. Paulo no Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/folhadesp?fref=ts>. Acesso em: 13 fev. 2014.

Página Sensacionalista no Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/sensacionalista?fref=ts>. Acesso em: 13 fev. 2015.

Site Sensacionalista. Disponível em: <http://sensacionalista.uol.com.br/>. Acesso em: 13 fev. 2015.

O DISCURSO EMPREENDEDOR NAS CHARGES DO BLOG GERAÇÃO DE VALOR

Carolina Oliveira[39]
Geane Amaral[40]
Monalisa Silva[41]
Marcelo Marques Araújo[42]

RESUMO

O artigo analisa três charges do blog Geração de Valor (GV) administrado pelo empresário Flávio Augusto da Silva. Por meio da Análise do Discurso Francesa propomos uma investigação com base nas formações discursivas e nos interdiscursos que perpassam as histórias. As charges trazem o discurso empreendedor como referência.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso Francesa; Blog Geração de Valor; Charges.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem o objetivo geral de fazer análises em conteúdos opinativos. Para isso, selecionamos três charges, publicadas no blog Geração de Valor, e, por meio da Análise do Discurso, observamos o que as frases e imagens poderiam nos transmitir.

A charge, que será nosso objeto de análise, se constitui em uma "crítica humorística de um fato ou acontecimento específico" (MELO, 2003, p. 167), algo que reflete o pensamento do autor e que leva o leitor de determinado veículo a pensar sobre o fato demonstrado na mesma.

Mas, o discurso transmitido, em qualquer meio, não é interpretado da mesma maneira por todos que o acessam. Sendo assim, demonstraremos uma das possíveis leituras das charges em questão.

Posteriormente, apresentaremos nossas conclusões e percepções sobre o blog e as charges nele apresentadas, aliando todas as teorias às nossas vivências e observações, o que não descaracteriza outras opções e maneiras de ver as charges e o próprio blog Geração de Valor (GV).

---

[39] Estudante do 4º semestre do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. E-mail: carolina_r.oliveira@hotmail.com
[40] Estudante do 4º semestre do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. E-mail: geanedurante@yahoo.com.br
[41] Estudante do 4º semestre do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. E-mail: monalisa_francaa@hotmail.com
[42] Professor do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, nas disciplinas Jornalismo Opinativo e Jornalismo Especializado. E-mail: mmajornalista@terra.com.br

2 GERAÇÃO DE VALOR

Geração de Valor (GV) é uma plataforma digital educativa e interativa para inspirar novos empreendedores. Foi idealizada e é administrada pelo empresário Flávio Augusto da Silva.

Por meio de textos, vídeos e imagens, Silva inspira e ajuda quem "quer empreender e transformar sua vida de maneira positiva" (GV).

As charges são um dos recursos comunicativo/imagético que ele encontrou para estimular seus seguidores a sonhar e refletir sobre a utilidade pessoal e, principalmente, social do empreendedorismo. Colocar seus sonhos em prática é um quesito muito frisado em todas as postagens.

As mensagens do blog têm repercussão nacional. A página do facebook do Geração de Valor possui 2.399.576 "curtidas". Assim, escolhemos o GV pelo trabalho crível realizado por Silva e, especialmente, pelo caráter sócio educativo da plataforma, a fim de explorar como o discurso empreendedor está sendo promovido, e, posteriormente, fazer as ponderações cabíveis.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise proposta pelo artigo será fundamentada por alguns conceitos da Análise do Discurso Francesa (ADF) - ancorada no campo da linguística pela teoria de Michel Pêcheux (1969).

A partir da ADF, queremos reforçar as formações discursivas e as relações intertextuais, além de mostrar as entrelinhas do discurso das charges em questão.

"A análise do discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos" (ORLANDI apud PAULON). De acordo com Paulon,

> a AD não busca uma verdade nuclear do signo, pois é contra a imanência estruturalista. O que ela pretende é reconstruir as falas que criam uma vontade de verdade científica em certo momento histórico. Busca-se verificar as condições que permitiram o aparecimento do discurso. Explicar por que tomou esse sentido e não outro. Sempre relacionando o linguístico com a história e com o ideológico (PAULON, 2014, p. 30).

Desta maneira, a AD reconhece que não existe um sentido único e direto para o discurso. A interpretação é exterior ao próprio discurso, e a AD, neste caso, está mediando o discurso e a realidade social, na produção de sentido.

O conceito de Formação Discursiva (FD) mostra como o discurso está ligado ao ambiente exterior e perpassados pelas "formações ideológicas" (LEMMERTZ, 2004). O que é dito só pode ser compreendido a depender de condições externas específicas.

Dentro das FDs estão os interdiscursos, que são os discursos explícitos e implícitos dentro de um discurso maior. Assim, o sujeito que fala procura, consciente ou inconscientemente, outros discursos que ancoram sua mensagem.

A partir do exposto, é preciso salientar, também, que o discurso, ou o signo, para a semiótica, é a representação de um elemento, exprimindo uma realidade física ou psicológica.

Para Charles Peirce (1984), o signo está apoiado em ícone, índice e símbolo. Sendo o ícone a etapa da possibilidade, do objeto em si. O índice, a associação com outros signos para produção de significados do objeto. E o símbolo, a interpretação completa do signo. Estas etapas são consideradas por Peirce como primeiridade, secundidade e terceiridade.

Assim, para chegar à terceiridade, ou seja, a total compreensão do signo, ou discurso, é preciso que o indíviduo que percebe recorra à toda sua bagagem histórico/cultural. Desta forma, não são todas as pessoas que interpretam as charges a seguir da mesma maneira. Cada um, de acordo com suas vivências chegará a um estágio de percepção. E, não existe uma interpretação correta e outra errada. Todas dependem do ambiente sociocultural em que vive aquele que lê e interpreta.

E, desta forma, também, quem não conhecer os referenciais de intertextualidade que o autor propõe nas charges, não chegará à terceiridade, sem compreender minimamente, portanto, as intenções de quem as produziu.

Porém, nossa interpretação das charges pode ser totalmente diferente de outras pessoas. Formações discursivas que não forem citadas podem ser suscitadas por outros indivíduos com princípios culturais diferentes. Cabe a cada um chegar à sua própria terceiridade.

4 ANÁLISE DAS CHARGES

O material selecionado para análise é composto por três charges postadas no blog e compartilhadas nas redes sociais. Buscamos as que trazem certa interdiscursividade com personalidades de reconhecimento histórico. Portanto,

todas se valem de interdiscursos sócio/culturais/históricos de épocas diferentes, mas que são sempre remetidos em discursos atuais.

4.1 CHARGE 1

A charge ao lado tem como principal formação discursiva humorística que resgata os discursos político e religioso mostrando a diferença entre as terminologias "líder" e "chefe". Para tanto, ela faz uma comparação com personalidades históricas de caráter completamente opostos.

O chargista lançou mão dos elementos físicos/estéticos característicos desses indivíduos como interdiscurso. O óculos faz menção ao defensor da independência da Índia pelo protesto sem violência, Mahtma Gandhi; e, o bigode, ao ditador alemão, criador do partido nazista, Adolf Hitler.

Desta forma, o discurso empreendedor presente na charge é que o "ser líder" significa algo bom; enquanto "ser chefe" é algo indesejável.

Neste caso, é possível fazer a dedução que o líder é aquele que não coage seus seguidores a serem de determinada forma, mas que os une, em suas diferenças, para um bem maior. Já o chefe intimida, física e psicologicamente, as pessoas a fazerem suas atividades da maneira imposta.

Então, nesta charge, o discurso mostra que o verdadeiro empreendedor é um líder, já que ele respeita a liberdade de expressão dos outros indivíduos, as diferentes reações em prol do bem comum e a cidadania, em geral.

4.2 CHARGE 2

A segunda charge tem como interdiscurso a vida do empreendedor Steve Jobs. É possível saber que se trata deste Steve por causa da analogia com as "maçãs mordidas", em referência à empresa multinacional "Apple", e pelo sobrenome da mãe do aluno em questão.

Ele nasceu e foi criado na Califórnia, e em 1962 estava com sete anos de idade. Na infância, ele não era bom aluno, além de temperamental e desatento. E, ninguém acreditava em seu potencial; diziam que ele era um sonhador.

Na charge, a formação discursiva é escolar. O discurso do "diretor" para a mãe é que Jobs seria um fracasso em qualquer coisa que se propusesse a fazer. Poucas pessoas acreditaram em sua competência, mas isso não o impediu de se tornar um grande líder da tecnologia digital.

O discurso empreendedor, neste caso, é que você deve sonhar, e, por mais impossível que pareça, colocar em prática. Então, o objetivo é mostrar que, independente do que as pessoas pensam, você pode realizar seus sonhos e ser um sucesso, assim como Jobs foi.

4.3 CHARGE 3

A última charge faz referência à música "Modinha para Gabriela" - uma composição de Dorival Caymmi, para a telenovela "Gabriela", produzida pela Rede Globo e inspirada no romance "Gabriela, Cravo e Canela", de Jorge Amado (1958).

A formação discursiva é a vida sofrida e retoma as ladainhas do nordeste, sempre tristes e desalentadoras, fazem emergir um pensamento de que quem nasceu para sofrer nunca sairá desta condição. Sendo assim, o chargista faz o interdiscurso com a música e, abaixo vem com a afirmação "Não precisa ser sempre assim", para mostrar que, no discurso empreendedor, sua origem não o impede de realizar seus sonhos e mudar o seu "destino".

5 CONSIDERAÇÕES

Diante das três charges apresentadas e analisadas do blog Geração de Valor, podemos concluir que diversas áreas do conhecimento têm condições linguísticas e imagéticas de se apropriarem do uso de charges para transmitir mensagens ao seu público, como é o caso da temática empreendedora do blog.

Com isso, observamos que nas charges é possível estabelecer correlações com personalidades mundiais, letras de canções, entre outros assuntos. Porém, faz-se necessário compreender os interdiscursos e formações discursivas nelas presentes, para que o leitor - juntamente com seu repertório cultural - analise e tire suas conclusões sobre a crítica, que por vezes no blog é humorística, expressando uma opinião ácida e veemente sobre algum fato.

Especificamente no Geração de Valor, podemos notar que Silva consegue extrair a mensagem principal de cada publicação e aplicar nas charges, a fim de ilustrar para seu leitor a opinião sobre o assunto em questão.

E diante deste cenário, concluímos que, a comunicação por meio das charges transcende o jornalismo noticioso, buscando solo em outras áreas que muitos não imaginavam até então, como é o caso do empreendedorismo do blog Geração de Valor.

6 REFERÊNCIAS

LEMMERTZ, Daniela. **O corpo como representação da mulher**: uma análise das propagandas de produtos para emagrecimento. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3a. ed. – revista e ampliada. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003

PAULON, Andréa; NASCIMENTO, Jarbas Vargas do; LARUCCIA, Mauro Maia. Análise do Discurso: Fundamentos Teórico-Metodológicos. **Revista Diálogos Interdisciplinares,** São Paulo, v. 3, n. 1, p.25-45, 2014. Disponível em: <http://www3.brazcubas.br/ojs2/index.php/dialogos/article/view/42/54>. Acesso em: 07 fev. 2015.

PEIRCE, C. S. **Escritos coligidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. **Revista Entreideias:** Educação, Cultura e Sociedade. Bahia, v. 18, p.39-53, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/3007/2653>. Acesso em: 07 fev. 2015.

SILVA, Flávio Augusto da. **Geração de Valor.** Disponível em: <http://geracaodevalor.com/blog/>. Acesso em: 06 jan. 2015.

ANÁLISE DO ABORTO EM ARTIGOS DE OPINIÃO DOS SITES DA REVISTA CARTA CAPITAL E DO JORNAL ESTADÃO

Érika Abreu[43]
Gabriela Junqueira Zanca[44]
Maria Clara Vieira[45]

RESUMO: A questão do aborto e sua legalização envolvem opiniões diversas e bastante contundentes quando debatidas. Trazendo o assunto para o Jornalismo Opinativo, analisamos os artigos, "Aborto não é questão de opinião", escrito por Clara Averbuck, publicado originalmente no site Lugar de Mulher e posteriormente encontrado no site da revista Carta Capital; "Razões a favor de aborto", escrito pelo arcebispo de São Paulo Dom Odilo Pedro Schererer, publicado no site do jornal Estadão. Como embasamento teórico, utilizamos a Análise do Discurso Francesa.

PALAVRAS - CHAVE: aborto, opinião, saúde pública, análise crítica, direitos humanos.

INTRODUÇÃO

O aborto, tido como um tabu para muitos, pelas divergentes e contundentes opiniões que gera, foi escolhido como tema norteador desse artigo, pelo fato do assunto, muitas, vezes ser pouco discutido na grande mídia e, quando discutido, ser levado para a vertente de um jornalismo opinativo. O aborto é um assunto que gera opiniões a favor de sua legalização, por motivos como a liberdade feminina em relação ao seu corpo e a contenção do número de mulheres vítimas de abortos clandestinos, por exemplo; e contra, por motivos, muitas vezes religiosos, que prezam pelo direito a vida, tanto da mulher quanto do feto.

É um tema em que o posicionamento, tanto contra quanto a favor, é bastante trabalhado e que, com a escolha de palavras, termos e frases é possível perceber quais discursos embasam e defendem a opinião que estrutura esse posicionamento,

O desenvolvimento deste artigo científico se dá pela análise do conteúdo opinativo vinculados por meios de comunicação, usando como base teórica a Análise do Discurso Francesa. Nosso objeto de estudo são dois artigos de opinião que tratam sobre o aborto, um vinculado originalmente no site "Lugar de mulher", escrito por Clara Averbuck, e publicado, posteriormente, no site da revista Carta Capital, em 22

[43] Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia
[44] Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia
[45] Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia

de setembro de 2014, com o título "Aborto não é questão de opinião"; e outro encontrado no site do jornal Estadão, escrito pelo arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Pedro Schererer, publicado em 13 de abril de 2013, com o título "Razões a favor do aborto".

CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

1.1 Artigo de opinião

O artigo de opinião é tido, segundo conceituação de José Marques de Melo, como um gênero opinativo, ou seja, um gênero jornalístico em que a opinião do profissional que o escreve é exposta (MELO, 2003, p. 121). É um gênero que permite que a opinião seja acessível a todas as pessoas e liderança, fazendo com que se democratize sua formulação dentro do Jornalismo.

Segundo Martinéz Alberto (apud MELO, 2003) artigo de opinião se divide em duas categorias em relação ao seu tipo, o artigo editorial, de produção própria de um veículo de comunicação com uma palavra oficial sobre determinado acontecimento, e o artigo comentário, com matérias assinadas por jornalistas ou colaboradores. Além dessa categorização, nos artigos, é possível encontrar dois elementos bem marcados: atualidade e opinião. O primeiro, pelo fato de os artigos tratarem necessariamente de temas atuais, em discussão; aqui, diferente de um comentário, que é mais breve, o jornalista ou articulista, pode escrever mais a fundo sobre um tema e aprofundar sua opinião. No segundo elemento, a opinião, se configura o posicionamento de quem escreve o artigo, que deve ser claro e bem explícito.

1.2 Referencial teórico sobre Análise do Discurso Francesa

Para a análise dos dois artigos de opinião escolhidos, optamos por utilizar a Análise do Discurso (AD) que tem a filiação francesa. A Análise do Discurso se trata de uma prática em que se analisa construções ideológicas e opinativas que possam estar presentes em textos, imagens, propagandas, e até mesmo em ações e expressões exercidas por uma pessoa, e mais uma variedade de objetos em que se possam ter uma leitura analítica. Ao escolher um alvo para se analisar diante da lógica e da teoria da Análise do Discurso, se faz necessário observar todo o contexto histórico-social do autor, e que o analista escolha qual caminho decidirá seguir para questionar todas as evidências presentes no objeto de estudo.

> "Para a Análise do Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica, etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque." (ORLANDI, 2005, p. 21).

Pelo fato de tratarmos de dois artigos de opinião, publicadas em um meio de comunicação muito acessível, por dois portais de notícias muito famosos e com um alto número de visitantes, escolhemos a Análise do Discurso, porque, através dela, uma enunciação pode gerar uma grande variedade de efeitos de sentidos, e em condições diversas.

Com a Análise do Discurso vamos observar sentidos que estão implícitos nos artigos, analisando palavras e sentenças que ganham ou mudam de sentido a partir do modo que são empregadas na escrita, pois de acordo com Pêcheux (1997), as formações discursivas compreende o lugar em que se molda os sentidos, que determina o que "pode" e o que "deve" ser dito, podendo-se encontrar, então, escondido nas entrelinhas de um texto, a formação discursiva.

Assim como Orlandi defende "[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer" (1992, p. 12), não buscaremos resultados e significados fixos implícitos nos textos, porque a Análise do Discurso não busca um sentido tratado como verdadeiro, porque toda linguagem é considerada incompleta.

ANÁLISE DOS ARTIGOS DE OPINIÃO

1.1 Análises de alguns excertos dos artigos

No artigo "**Aborto não é questão de opinião**", percebemos, pela construção do título, que, apesar de se tratar de um artigo de opinião, a autora, Clara Averbuck, afirma que não é neste campo que deve se dar a discussão sobre o aborto. Na linha fina, que segue logo depois do título, é possível encontrar elementos que

compõe a formação discursiva encontrada ao longo de todo o texto: "Temos mais uma vítima de aborto ilegal no Brasil: Jandira, 25 anos, mãe de dois (...)". O uso do termo "vítima", evidencia a presença dos discursos político, social e médico, que permeia as discussões sobre a legalização do aborto, como é tratado pela sociedade e sua consequência para as mulheres.

Indo além, é possível aferir também que, por se tratar do tema aborto, a palavra "vitima" pode abrir mais de um modo de ser interpretada, podendo ser vítima tanto a mulher que realiza o aborto, tanto o feto que é abortado, no entanto, a autora do artigo deixa claro, pela citação "Jandira, 25 anos, mãe de dois", que o termo "vítima" utilizado no texto se designa à mulher. O uso do termo "mais uma", evidencia o caráter crítico e contestatório do texto, mostrando que a presença de vítimas do aborto é algo recorrente, que sempre acontece.

Ao longo do artigo é comum o uso de termos como "crime", "genocídio" e "criminaliza a liberdade de escolha da mulher", que evidencia a presença predominante do discurso político e do discurso de gênero, que, indo mais a fundo, adentra especificamente nos campos da política, saúde e legislação. Como afirma a autora no título, aborto não é questão de opinião e, pela formação discursiva que encontramos, vemos que é questão de saúde pública.

Ainda no âmbito da formação discursiva, vemos a presença de um discurso frequentemente encontrado quando o assunto é o aborto, o discurso religioso. No artigo, vemos que esse discurso não ganha tanto espaço quanto discursos políticos e sociais, que englobam temas como o feminismo e legalização do aborto, mas mencionando termos como "religioso", "crenças" e "tabu", vemos que a autora se atrela a esse discurso para mostrar que o debate sobre aborto não deve permanecer nele, mas ser tratado como um problema à nível de saúde pública.

Outros elementos do texto exaltam o caráter contestatório do artigo, como "estrepar", "enfiando" e "grana", que por se tratarem de termos mais ligados ao diálogo e a um debate informal, dão aos argumentos construídos ao longo do artigo a característica de relato, conversa. Nesse aspecto, vale ressaltar que, como construção da base argumentativa da opinião, Clara Averbuck relata que já realizou um aborto, incrementando ao artigo o caráter de relato, de querer se aproximar do leitor, mais especificamente do público feminino.

Junto com o relato da autora, há a presença de outros dados que são utilizados para estruturar o posicionamento ideológico do artigo, como a menção da legalização do aborto no Uruguai, fazendo com que o número de mulheres que morriam ao realizar o aborto chegasse a zero; do gráfico publicado pelo jornal NY Times que mostra a chance dos métodos contraceptivos falharem e a menção do dia 28 de setembro como dia internacional pela descriminalização do aborto.

Assim, vemos que a opinião construída pela autora ao longo do artigo, por sua formação discursiva, mostra que o debate sobre o aborto deve sair do campo da opinião e ser levado para o da saúde pública. Indo além, Clara Averbuck conclui seu raciocínio dizendo que, independente de opiniões diversas, as mulheres continuarão abortando e que, com a legalização, o aborto não se tornará mais um método contraceptivo.

No artigo de opinião "**Razões a favor do aborto**", escrito por Dom Odilo Pedro Schererer, vemos a presença de muitos discursos também encontrados no artigo da revista Carta Capital, mas que nesse texto assumem um direcionamento diferente. Além disso, outra oposição aqui encontrada é a forma com que os argumentos são expostos; enquanto o artigo de Clara Averbuck é escrito com termos linguísticos que lembram um diálogo, o artigo em questão se estrutura pela presença constante de questionamentos. Há perguntas que tem como objetivo provocar a reflexão do leitor, seguidas por breve respostas construídas pelo arcebispo de São Paulo.

Em relação ao discurso médico, estruturado através de termos como "feto", "bebê", "corpo da mulher", "gerado", "gestação" e "vida", vemos que o sentido destacado em relação ao aborto é diferente do texto anterior. Aqui o artigo materializa o discurso de direito à vida e das fases de gestação da mulher, em que é muito mencionado a 13º semana de gestação que, conforme vemos no artigo, para alguns ainda não há vida e, para outros, sim.

Outro discurso encontrado é o social. Este artigo segue pelo viés dos direitos humanos, com a menção de termos como "identidade humana" e "ser humano vivo", fazendo com que o aborto seja interpretado pela ótica do direito a vida do bebê ou feto, sem no entanto deixar de considerar a condição da mulher grávida, conforme vemos no trecho do artigo "uma atenção maior à saúde da gestante".

Os termos "decretar", "legalizar" e "direito" evidenciam um ramificação do discurso social, se atrelando ao discurso político, sobre a legislação e os embates em torno da questão da legalização do aborto. No artigo, vemos o posicionamento ideológico da não aprovação do aborto frente a uma proteção ao direito à vida e à dignidade humana, por meio da frase encontrada no artigo publicado no Jornal Estadão, "O feto, ou bebê, enquanto é gerado, não é parte do corpo da mulher, mas já é outro ser humano, que tem o direito de viver e ser amado".

Outro contraponto em relação ao primeiro artigo é a frequência em que é mencionado termos como "feto", "bebê" e "mulher" se altera de um para outro. No texto de Clara Averbuck é mais enfática a presença de termos que relatem a questão da mulher, dando foco para a discussão da liberdade feminina, seu direito de escolha e como vítima de abortos ilegais. No artigo de Dom Odilo, são mais perceptíveis os termos relacionados à vida e ao feto, fazendo com que ideias como os diretos humanos, defesa à vida e posicionamento contra o aborto sejam notados.

1.2 Considerações sobre as linhas editoriais dos veículos

A revista Carta Capital tem em sua linha editorial fundamentada em três princípios, exercício do espírito crítico, a fidelidade a verdade factual e a fiscalização das manifestações do poder. De acordo com os princípios editoriais, os textos produzidas são construídos visando proporcionar ao leitor uma leitura crítica da realidade.

O jornal Estadão segue uma linha editorial que segue os princípios que fundamentaram o jornal Província de São Paulo, no ano de 175 em sua formação, adaptando sua formulação com as mudanças históricas que se sucedem até então. Tem na linha editorial a característica opinativa do jornal, que se baseia na luta pela defesa da liberdade de expressão e de imprensa,a promoção da livre iniciativa, da justiça e a permanente busca da verdade. Além disso, se compromete os valores proclamados na Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Assim, podemos ver que o direcionamento dado a tudo o que é publicado, tanto nos veículos impressos quanto nos sites destes, é baseado pelos princípios editoriais. Em ambos, vemos que há uma valoração do caráter social e humanístico, demonstrando a preocupação com a formação crítica do leitor.

No caso do jornal Estadão, vemos que a preocupação com a preservação dos Direitos Humanos, também é encontrada, em grande teor, nos discursos abordados no artigo de Dom Odilo Pedro Schererer publicado no site da revista, evidenciando características semelhantes entre o artigo e a linha editorial do veículo. No caso da revista Carta Capital, os princípios de pensar criticamente a realidade e transmitir a liberdade de expressão, também permeiam as formações discursivas encontradas no artigo de Clara Averbuck, de expor de forma clara e direta a opinião sobre determinado assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos possuem caráter humanístico, pelas formações discursivas encontradas, embasadas nos vieses social, político, médico e religioso. Abordam a opinião em relação ao aborto com argumentos sólidos, em que é possível ver de forma explícita os posicionamentos de cada artigo. Porém, os textos se divergem, pois discutem a questão com dois pontos de vista diferentes.

Enquanto o artigo de Clara Averbuck traz um discurso que trata mais a questão da saúde pública e da liberdade feminina, o de Dom Odilo apresenta argumentos mais ligados ao discurso médico, fortemente ligado à questão do direito à vida, como foco de análise a gestação e a vida do feto ou bebê.

Aliado a isso, o primeiro artigo trata do aborto de forma mais próxima ao público leitor feminino, e, para isso, utiliza uma linguagem mais informal, que lembra o diálogo. O segundo já apresenta uma estrutura mais formal, sendo composto por recorrentes interlocuções com o leitor através de uma sequência de questionamentos, com uma breve palavra de seu autor, visando provocar a reflexão no leitor.

Assim, é possível notar, a partir dos estudos da Análise do Discurso Francesa, que os autores de cada artigo, por meio das expressões, termos e palavras utilizadas, materializam suas opiniões e dão estrutura aos discursos que ela permeiam.

Referências

SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Os ditos e os não-ditos: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem**.R. Faced, Salvador, n.14, p.39-53, jul./dez. 2008 39

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento de sentidos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso** (AAD-69). In: GADET, Francoise; HAK, Tony. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 61-105.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**/ José Marques de Melo. - 3. ed. rev. e ampl. - Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

http://drauziovarella.com.br/mulher-2/gravidez/a-questao-do-aborto/. Acesso em: 09 de feereiro de 2015.

http://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital. Acesso em: 10 de fevereiro de 2015

http://www.estadao.com.br/ext/codigoetica/codigo_de_etica_miolo.pdf. Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

MUTILAÇÃO VAGINAL: UMA ANÁLISE NOS VEÍCULOS VEJA E FOLHA DE S. PAULO

Bruna Pratali Tarcitano[46]
Caroline De Camargo Bufelli[47]
Kennedy Rosa Da Costa[48]
Marcelo Marques Araújo[49]

RESUMO: Este artigo analisa duas colunas que tratam do tema da mutilação vaginal, nos veículos *online* da Veja e Folha de S. Paulo. Para a análise foram utilizadas a Análise do Discurso Crítica (ADC), objetivando desmistificar as intenções presentes em ambos os veículos. Nota-se que há uma disparidade entre os dois veículos a partir do foco tomado para a abordagem do tema.

PALAVRAS-CHAVE: *Mutilação Vaginal; Veja; Folha de S. Paulo; Feminino.*

INTRODUÇÃO

A mutilação vaginal ou circuncisão feminina é uma prática de diversas culturas, realizada durante a infância ou adolescência da mulher. Dentre as principais justificativas para tal ato estão o fato de que a mutilação priva a mulher de sensações de prazer, além da estética da genitália feminina e crenças religiosas próprias de cada região. Trata-se de um procedimento realizado em quase todo o mundo, gerando polêmicas. A Organização Mundial de Saúde, por exemplo, mobilizou diversas tentativas para alterar a forma de se enxergar essa prática.

A proposta deste artigo é analisar duas abordagens diferentes dada ao tema da mutilação vaginal. Por ser um tema muito polêmico e amplo a análise será reduzida a duas colunas de veículos *online* que exprimem claramente certo tipo de opinião acerca do tema. A primeira coluna a ser analisada é assinada por Rodrigo Constantino, colunista da versão digital da Veja. A segunda, por sua vez, pertence ao colunista Alexandre Vidal Porto da versão digital da Folha de S. Paulo.

A revista Veja[4] possui, atualmente, distribuição semanal e uma circulação nacional média de 1.097.481 exemplares por semana. Já a Folha de S. Paulo[5] possui distribuição diária de 301.299 exemplares, sendo um dos maiores jornais do Brasil. Dessa forma, ambas as colunas, mesmo estando na forma *online* dos veículos, impactam na vida social brasileira. Rodrigo Constantino é formado em Economia

---

[46] Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia
[47] Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia
[48] Aluno do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia
[49] Professor das disciplinas Jornalismo Opinativo e Jornalismo Especializado no Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UFU. Email: mmajornalista@terra.com.br

pela PUC do Rio de Janeiro, sendo considerado pela revista Época como um dos "novos trombones da direita" brasileira. Alexandre Vidal Porto, por outro lado, é mestre em Direito pela Universidade de Harvard, tendo trabalhado em diversas embaixadas do mundo.

O objetivo, portanto, é utilizar a Análise Crítica do Discurso (ADC) de forma a "desmistificar" as intenções e opiniões implícitas nos textos. A partir do título da Veja "Extremistas islâmicos ordenam mutilação genital em massa no Iraque: multiculturalismo ou barbárie?" já é possível compreender, em partes, a formação discursiva que será tomada pelo autor. A mesma coisa acontece para o título da Folha de S. Paulo "Sobre burcas e collants vermelhos", demarcando a outra formação discursiva de Alexandre Vidal.

O intuito ao utilizar a Análise Crítica do Discurso (ADC) é, assim, compreender que o discurso não é aleatório ou isento de juízo de valor. Cada palavra utilizada e selecionada contribui, afinal, para a ideia do texto final e das pessoas a quem ele se refere, como aponta Fairclough (2001, p. 91) "o discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como 'identidades sociais' e 'posições do sujeito' (...)".

CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

1. Apontamentos sobre a Análise do Discurso Crítica (ADC)

Durante as leituras das colunas podemos perceber nas entrelinhas, as ideias e os sentidos do que autor quer passar. De acordo com Manhães (2006, p. 305), o emissor de um discurso, tenta mostrar o mundo para o seu interlocutor, numa determinada situação, a partir de seu ponto de vista, sendo movido por uma intenção.

Para Fairclough (2001, p.91):

> O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Durante a formação discursiva, o autor apreende significações por meio das escolhas de palavras e expressões a serem utilizadas. Segundo Fairclough (2001), um foco para análise de discurso

> se recai sobre as lexicalizações alternativas e sua significância política e ideológica, sobre questões, tais como a 'relexicalização'dos domínios da experiência como parte de lutas sociais e políticas, ou como certos domínios são mais intensivamente lexicalizados do que outros. Outro foco é o sentido da palavra, particularmente como os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas: quero sugerir que as estruturações particulares das relações entre as palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia (p. 105).

Para trabalharmos com as formações discursivas presentes nas colunas jornalísticas, identificando os sentidos e as ideologias presentes, optamos por utilizar a linha de Análise do Discurso Crítica (ADC), já que ela representa uma forma de estudo social que contribui para os objetivos do artigo, sendo assim, a ferramenta de "desmistificação" dos discursos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LINHAS EDITORIAIS DOS VEÍCULOS

A revista Veja foi fundada em 1968 e possui distribuição semanal através da Editora Abril. Trata de assuntos variados e de alcance nacional e internacional, como política, economia e cultura. É a revista com maior circulação no território nacional. Sua linha editorial é definida eminentemente como informativa, com o objetivo de atingir maiores camadas da população. A revista reforça sua política de imparcialidade ao negar que transmite opinião nos textos produzidos em sua redação. Ela é vista como uma mídia alinhada à política direita, sendo criticada por alguns setores da sociedade civil.

O Grupo Folha, um dos maiores conglomerados de mídia do país, controla o jornal Folha de S. Paulo. Em 1921, o jornal Folha da Noite foi fundado em São Paulo, voltado para a classe média urbana. Em 1925, iniciou-se o título Folha da Manhã e em 1949 o Folha da Tarde. Em 1960 os três jornais foram fundidos e surgiu, assim, a Folha de S. Paulo. Atualmente, o diário nacional tem tiragem média de segunda a domingo de 301.299 exemplares. O jornal afirma que sua linha editorial busca um jornalismo crítico, apartidário e pluralista.

MATERIAIS E MÉTODOS

A fim de destacar os pontos mais divergentes entre as colunas *online* da Veja e Folha de S. Paulo, foram divididos no Quadro 1 os termos escolhidos pelos autores, em cada veículo, para construção das colunas. Após a separação dos termos, serão analisadas de forma mais minuciosa as frases que marcam as formações discursivas [50] das colunas.

A referenciação à mutilação vaginal	**A referenciação à mutilação vaginal**
Folha de S. Paulo	**Veja**
tradição	barbárie
supressão da individualidade feminina	povos fechados costumam ficar para trás
subvalorização das mulheres	Iluminismo
trauma da mutilação genital	ser feminista no Ocidente é moleza
opressão	multiculturalistas politicamente corretos

Quadro 1: Termos utilizados para se referir ao tema da mutilação vaginal

Tendo em vista o conhecimento das linhas editoriais dos dois veículos, a análise dos termos de referenciação e dos excertos retirados dos textos, tornam possível "desvendar" as opiniões presentes na Veja e na Folha de S. Paulo.

Como aponta Beltrão, a opinião:

> valoriza e engrandece a atividade do jornalista, pois quando expressa com honestidade e dignidade, com a reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia social. (1980, p.14)

Partindo dessa ideia, torna-se necessário a análise das frases características de cada texto, já que, como exposto por Beltrão, acabam por contribuir na opinião pública e harmonia social. Cabe ao artigo pressupor que "a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 93).

[50] O termo foi aqui emprestado da Análise do Discurso de linha francesa apesar do artigo ter um tratamento metodológico respaldado na ADC.

ANÁLISE DE ALGUNS EXCERTOS

A mutilação genital feminina que é realizada em diversas culturas gerou inúmeras opiniões ao redor do mundo. A revista Veja, revista com tiragem de 1.154.795, têm em suas colunas o economista Rodrigo Constantino, que discute a prática da mutilação com o olhar Orientalista. Ao iniciar sua coluna falando sobre a prática cultural que altera a vida psciológica e sexual de meninas e mulheres, o autor segue discutindo a inferioridade das culturas orientais e de que maneira elas não evoluíram como as culturas ocidentais.

Em contrapartida, o jornal Folha de S. Paulo apresenta entre seus colunistas, o escritor e diplomata Alexandre Vidal Porto. Ele discute, a partir da mutilação genital, a subvalorização feminina, na medida em que as mulheres perdem autonomia sobre si mesmas.

O quadro 1 apresentado anteriormente serviu como meio para que pudéssemos ver claramente as diferenças gritantes entre os textos. As palavras referentes ao texto no jornal Folha de S. Paulo mostram que o autor estava preocupado em discutir a situação da mulher, e não simplesmente a discussão sobre evolução cultural. Já as palavras selecionadas referentes ao texto da revista Veja, mostram que o autor estava preocupado com as culturas Orientais e de que maneira elas não "evoluíram" em comparação com as culturas Ocidentais.

O primeiro, Rodrigo, apresenta uma formação discursiva de opinião xenofóbica e preconceituosa. Em frases como as citadas abaixo, é possível depreender o julgamento por parte do autor sobre cultura e de que maneira ela evolui. Palavras como "barbárie"e "povos fechados", como exemplificados no quadro, ressaltam sua opinião.

O autor do livro Orientalismo, Edward Said, discute a forma como o oriente é visto pelo ocidente e de que maneira essa ideia é imposta como verídica. Estereótipos criados e transmitidos de geração a geração fizeram com que o autor apresentasse em seu estudo a maneira equivocada com que o oriente é retratado e representado pelo ocidente.

> Em parte, é claro, isso acontece porque o Oriente Médio, os árabes e o islã continuaram alimentando mudanças, conflitos, controvérsias e, no momento em que escrevo essas linhas, guerras. Como falei há muitos anos, Orientalismo é o produto de circunstancias que são, fundamentalmente , ou melhor, radicalmente, fragmentos. (SAID, Edward, p. 27).

Veja:

1. "Muitos "progressistas" abraçam um exacerbado relativismo cultural (e moral), receosos de que qualquer crítica mais objetiva seja confundida com etnocentrismo, que por sua vez remete ao nazismo, à arrogância de uma raça superior ou algo do tipo. Balela!";
2. "Reconhecer que certas culturas avançaram mais que outras não tem nada a ver com nazismo, com raça superior, até porque cultura não é raça, não é genética, não é estanque; evolui, muda, e as mais abertas são justamente as que mais conseguem absorver qualidades de outras";
3. "Não resta muita dúvida, analisando por esta ótica, que a cultura ocidental evoluiu mais";
4. "Muitos países islâmicos sequer passaram por seu iluminismo ainda; vivem na Idade das Trevas, sem separação alguma entre estado e religião, sem liberdades individuais";
5. "A esquerda multiculturalista enfrenta um impasse: cuspir nessa cultura ocidental que permitiu sua própria existência, mas que é associada ao domínio do "homem branco" e vista como "imperialista"; e ao mesmo tempo abraçar bandeiras "liberais" de defesa das "minorias" que são completamente ignoradas nesses países atrasados que gosta de defender";
6. "Ser feminista no Ocidente é moleza. Usar como instrumento dessa luta contra o "machismo" atitudes como não se depilar é moleza, ainda que nojento (minha opinião)".

O segundo, em contraste com o primeiro autor, Alexandre Vidal Porto, segue em sua coluna uma linha argumentativa diferente do primeiro autor. Ao iniciar falando sobre a mutilação, o autor segue numa formação discursiva voltada para a figura feminina no mundo, na medida em que perde sua autonomia e é transformada sendo subvalorizada, tendo diminuída sua liberdade de escolha. Um dos exemplos de Porto é sobre o uso da burca pelas mulheres, impedidas de mostrarem seus corpos. Na conclusão de seu texto, o autor argumenta que quando deixa de ser opção, a cultura se transforma em opressão.

A diferença se dá na medida que Porto não discute evolução, como Constantino, deixando a discussão do seu texto restrita a argumentações sobre a figura feminina no mundo, cabível ao tema da mutilação genital. A partir das frases selecionadas abaixo, é possível observar a opinião do autor.

Folha de S. Paulo:

1. "Mas ser tradicional à custa dos direitos dos mais fracos é fácil. Tradição nos olhos dos outros é refresco";

2. "São mulheres escondidas da sociedade, que não pode identificá-las nem, portanto, respeitá-las. São mulheres sem rosto";
3. "Sei que o islamismo que casa crianças aos cinco anos é fundamentalista, arcaico e tribal";
4. "Penso em como aquela mulher é subaproveitada. O que lhe pagaria mais e lhe daria vida melhor: os peitos e a bunda ou o cérebro e a imaginação?";
5. "Quer andar de burca? Perfeito. Todos têm o direito de abraçar as tradições culturais e religiosas que quiserem. Mas a moça de burca –ou sua filha– tem de ter a possibilidade, se quiser, de ser a moça de collant vermelho, que, por sua vez, tem de ter a possibilidade de ser a projetista do carro";
6. "Se não tiver alternativa, não é cultura: é só opressão".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, compreendemos que as formações discursivas são meios para se investigar a opinião. O texto analisado, publicado na versão *online* da revista Veja, tem como cerne uma opinião de direita, fazendo com que seu leitor tenha uma visão sobre o caso voltada para a formação cultural do Oriente, distante por vezes das questões femininas e de respeito a imagem da mulher, como na coluna publicada na versão online da Folha de S. Paulo que enfatiza a valorização ou a subvalorização feminina no mundo contemporâneo.

Nesse sentido, a partir das análises realizadas no Quadro 1 e, também, com a análise dos excertos é possível compreender que o objetivo da coluna publicada no site da Veja era o de retratar um viés negativo do Oriente, enfatizando sua falta de desenvolvimento e o que o autor chama de "barbárie". Essa formação discursiva acaba por levar ao leitor uma visão da mutilação genital à partir de um argumento baseado em um modelo desenvolvimentista.

Por outro lado, a coluna publicada no site da Folha de S. Paulo adentra em uma outra formação discursiva, utilizando-se de argumentos fundamentados nos direitos femininos dentro da questão. Esse tipo de tratamento ao tema dá, por sua vez, um caráter mais reivindicatório ao tema, fugindo à mera crítica à "barbárie".

Assim, a opinião que se utiliza de diversos recursos, também é permeada pelas palavras e termos escolhidos, ilustrados anteriormente nesse estudo. Elas também servem de meio para que a ideologia do autor seja fixada nas entrelinhas. Vale ressaltar que durante o artigo, nós, como pessoas imersas dentro de realidades características e particulares, também não estamos isentos de juízo de valor, podendo haver certa inclinação para algum dos lados, vez ou outra. A opinião está em tudo.

A discussão que a Mutilação Genital pede atualmente dá a liberdade de se analisar diferentes esferas do mesmo problema. Cultural, social ou de gêneros, a Mutilação Genital fere os direitos e liberdades das mulheres ao redor do mundo e por isso, acreditamos que seja necessária uma atenção redobrada para o tema. Ambas colunas trazem as opiniões de seus autores, que independente de concordar ou não, o leitor não pode se restringir a elas.

REFERÊNCIAS

CONSTANTINO, Rodrigo. **Texto inaugural – uma apresentação.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/filosofia-politica/texto-inaugural-uma-apresentacao/>. Acesso em: 07 fev. 2015.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Extremistas islâmicos ordenam mutilação genital em massa no Iraque: multiculturalismo ou barbárie?** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/extremistas-islamicos-ordenam-mutilacao-genital-em-massa-no-iraque-multiculturalismo-ou-barbarie/>. Acesso em: 07 fev. 2015.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e Mudança Social. Coord. e pref. à ed. bras. I. Magalhães. Trad. Magalhães et al. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001.

MANHÃES, Eduardo. Análise do Discurso. In: DUARTE, J. ; BARROS, A. (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 240 p.

NOGUEIRA, Paulo. Os novos trombones da direita. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/04/os-novos-trombones-da-direita.html>. Acesso em: 07 fev. 2015.

PORTO, Alexandre Vidal. **Sobre burcas e collants vermelhos.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/alexandrevidalporto/2014/11/1548681-sobre-burcas-e-collants-vermelhos.shtml>. Acesso em: 07 fev. 2015.

SAID, Edward W., **Orientalismo** - O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução:Rosaura Eichenberg, São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

VÍTIMA, Apoio à. **Mutilação Genital Feminina.** Disponível em: <http://apav.pt/apav_v2/index.php/pt/uavidre/areasintervencaouavidre/mutilacao-genital-feminina>. Acesso em: 07 fev. 2015.

<http://pt.scribd.com/doc/227060800/TCC-Estudo-Comparativo-Da-Linha-Editorial-Das-Revistas-Veja-e-Carta-Capital>. Acesso em: 30 maio 2014.

[4] Dados retirados da página da Publiabril, pelo link http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral/imprimir: acessado em 07/02/2015 - [5]Dados retirados da página da Folha de S. Paulo, pelo link http://www1.folha.uol.com.br/ institucional/circulacao.shtml:

ELEIÇÕES 2014: VISÕES OPOSTAS SOBRE A REELEIÇÃO DE DILMA

Mariana de Almeida Valderramos[51]
Marcelo Marques Araújo[52]

Resumo:

Este trabalho pretende analisar os discursos que perpassam a interpretação midiática dada aos resultados das eleições presidenciais de 2014, tanto aos candidatos, quanto a seus eleitores. Uma comparação com base nos estudos da Análise Crítica do Discurso foi realizada para fomentar os dados de análise.

As eleições presidenciais de outubro de 2014 trouxeram desde o início convergências ideológicas entre candidatos, população e mídia. A corrida presidencial no primeiro turno contou com debates fervorosos, e na chegada de Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores – PT) e Aécio Neves (Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB) ao segundo turno, estes não foram diferentes.

A polarização de posições neste segundo momento da eleição foi forte, e as mídias acabaram por usar de sua vantagem por poder chegar facilmente ao público para levar, então, seus ideais, mesmo que implicitamente. Até o último momento eleitoral, houve, em âmbito nacional, tentativas de ambos os lados (PT e PSDB) de tentar convencer o eleitor de que suas propostas eram melhores. A vitória apertada da petista, como já era de se esperar, repercutiu na mídia em geral.

E é a partir deste contexto que o presente artigo se propõe a analisar as abordagens feitas por dois veículos *online,* que retrataram o resultado eleitoral diferentemente. Serão analisados um editorial da revista Carta Capital e uma postagem na coluna/blog de Reinaldo Azevedo, na versão online da revista Veja. A disparidade de ideias exposta nos dois textos escolhidos, chamaram a atenção e, por isso, foram escolhidos para o desenvolvimento deste trabalho.

A revista Veja, criada em 1968, por Mino Carta e Roberto Civita, hoje em dia é distribuída semanalmente e possui circulação nacional de, em média, 1.097.481 exemplares por semana. É conhecida por seguir uma linha jornalística tradicionalmente conservadora.

Reinaldo Azevedo é articulista da revista e mantém um blog hospedado em

---

[51] Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia
[52] Professor do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, nas disciplinas Jornalismo Opinativo e Jornalismo Especializado. E-mail: mmajornalista@terra.com.br

sua versão *online*, chegando a receber até 150.000 acessos diários. Sua coluna é caracterizada por opiniões polêmicas e extremas. O texto a ser trabalhado neste artigo tem o título **"Dilma acha que a sua vitória se deve à sabedoria dos que votaram nela e que o triunfo de Alckmin, Aécio e Serra em São Paulo se deve à ignorância do povo paulista" e foi publicado no dia 28/10/2014.".**

Apor sua vez, a revista Carta Capital, foi criada em agosto de 1994 também por Mino Carta. Tem circulação semanal de 33.010 exemplares e sua linha editorial é, assumidamente, voltada à esquerda, o que a faz entrar em visível disparidade com a da revista Veja.

Mino Carta é jornalista e autor do editorial publicado em 29/10/2014, intitulado "A Vitória de Severina e Maria das Dores", que vai ideologicamente contra as ideias pregadas por Azevedo em seu artigo.

Será utilizada a Análise de Discurso Crítica (ADC) com o intuito de enxergar a linguagem como algo além da prática individual, como uma atividade, o que vai de acordo com o que escreveu Fairclough (2001) em seus estudos:

> O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Tendo em vista as abordagens dos veículos de comunicação *online*, o estudo se faz importante, visto que o que foi escrito pelos autores dos textos analisados afeta diretamente seu público e, também, a opinião pública.

Apontamentos sobre a Análise do Discurso Crítica (ADC)

A partir das eleições presidenciais de 2014, serão analisadas as edições *online* da Veja e Carta Capital, que se seguem ao resultado destas. Para a realização deste trabalho, será utilizada a Análise do Discurso Crítica.

Uma das características teórico-metodológicas da Análise do Discurso Crítica (ADC) é considerar como é construído o vocabulário e o que esta composição tem por objetivo, como por exemplo, ir contra ou a favor de um determinado resultado

eleitoral. O significado atribuído ao vocabulário está, também, relacionado ao momento histórico. Isso pode trazer consigo críticas ou elogios, respeitosos ou não, que acabam por constituir ao pensamento do autor na hora de fazê-lo. Nesse sentido, Fairclough (2001) aponta:

> Um foco de análise recai sobre as lexicalizações alternativas e sua significância política e ideológica, sobre questões, tais como a 'relexicalização'dos domínios da experiência como parte de lutas sociais e políticas, ou como certos domínios são mais intensivamente lexicalizados do que outros. Outro foco é o sentido da palavra, particularmente como os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas: quero sugerir que as estruturações particulares das relações entre as palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001, p. 105).

O uso da Análise do Discurso Crítica neste artigo se dá pela necessidade de "desmistificar" os interesses implícitos e até explícitos que poderão estar presentes nãos editoriais de ambos os veículos analisados.

Assim, dentro da análise objetivada no artigo, se faz necessário seguir a linha de Análise do Discurso, já que esta contribui para a realização dos objetivos do artigo. Dessa forma, a "desmistificação" pretendida acaba por esclarecer os motivos e ideologias que levaram os autores e veículos a construírem seus discursos e se posicionarem ou não quanto ao resultado eleitoral.

Entendendo as Eleições Presidenciais de 2014

As eleições presidenciais do ano de 2014 foram no mínimo conturbadas. O período começou contando com onze candidatos ao cargo, sendo eles: Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores – PT) Aécio Neves (Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB), Eduardo Campos (Partido Socialista Brasileiro – PSB), Luciana Genro (Partido Socialismo e Liberdade – PSOL), Eduardo Jorge (Partido Verde – PV), Pastor Everaldo (Partido Social Cristão – PSC), Levy Fidelix (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro – PRTB), Zé Maria (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado – PSTU), Eymael (*Partido* Social Democrata Cristão – PSTC), Mauro Iasi (Partido Comunista do Brasil – PCB) e Rui Costa Pimenta (*Partido* da Causa Operária – PCO).

O primeiro fato marcante nestas eleições foi o acidente trágico que

ocasionou a morte de Eduardo Campos, do PSB, fazendo então com que sua vice, Marina Silva, ingressasse na corrida presidencial. Marina surpreendeu e chegou a disputar páreo a páreo o segundo lugar do primeiro turno com Aécio Neves, perdendo por apenas 12% dos votos.

O primeiro turno termina então com a candidata do PT e o candidato do PSDB indo ao segundo turno. Os demais candidatos indicados à cima, com exceção de Marina Silva, somaram, juntos, 3,55% dos votos. Os debates que embalaram a corrida eleitoral neste segundo momento foram marcados por provocações e jogadas políticas, alguma delas baseadas na mídia impressa nacional. Mídia esta que incendiou também as redes sociais, onde, eleitores de ambos os lados (além daqueles que não elegiam nenhum dos lados, mas se expressavam a respeito do assunto), argumentavam usando-nas como arma.

O resultado de todo este embate foi benéfico à Dilma Rousseff. A petista foi eleita com 51,64% dos votos, contra 48,36% do tucano.

Os Métodos e Materiais que Serão Usados Nesta Análise

Para melhor analisar as visões que se diferem nos textos das revistas Veja e Carta Capital em suas versões *online*, será levado em conta, além das formas discursivas divergentes, as linhas editoriais de ambas as revistas, a formação acadêmica de seus autores e o gênero jornalístico dentro do qual os textos foram produzidos.

Será analisada desde a escolha dos títulos, tentando entender e desmistificar a ideologia que cada um carrega. Além dos títulos, termos usados para se referir a determinado objeto ou pessoa também serão analisados, como, por exemplo, as expressões e palavras com que os autores se dirigem a presidenta da república Dilma Rousseff e a seus eleitores e não eleitores.

Após analisar cada um dos textos e levantar os dados citados acima, será feita uma tabela com o estes materiais, que serão então comparados, visando assim, a melhor identificação e visualização do tratamento direcionado ao fato que cada uma das revistas deu. As discrepâncias seguem na tabela abaixo:

Trechos, termos e expressões usados na representação da presidenta Dilma Rousseff, seus eleitores e não eleitores		
Revista	**Veja**	**Carta Capital**
Título	**Dilma acha que a sua vitória se deve à sabedoria dos que votaram nela e que o triunfo de Alckmin, Aécio e Serra em São Paulo se deve à ignorância do povo paulista**	**A vitória de Severina e Maria das Dores**
Trechos, Termos e Expressões	"represidenta"	presidenta Dilma
	a disposição para o diálogo da governanta é conversa para boi dormir.	Ou seja, previa que a nação saberia "evitar o risco" de eleger quem representa o regresso.
	...O país não está nessa pindaíba por acaso. Foi preciso, ao longo dos anos, uma incompetência verdadeiramente metódica, determinada, convicta.	Sua vitória é a garantia da continuidade da política social e da política exterior independente executadas nos últimos 12 anos.
	A represidenta que diz querer a união, que afirma ser preciso superar as divergências do período eleitoral, que anuncia ser a palavra "diálogo" a mais importante do seu segundo mandato, decidiu pautar a imprensa contra um governo de oposição, atribuindo a sua derrota no Estado, vejam vocês!	(Aécio) "Foi tragado pelo apoio da mídia nativa e se entregou ao golpismo separatista de São Paulo, sobretudo."

Trechos, Termos e Expressões	a sua reeleição é prova de sabedoria da população; já as vitórias estrondosas de Geraldo Alckmin, José Serra e Aécio Neves em São Paulo provam a ignorância do povo paulista.	Todos os nossos Silva estão com Dilma, no Recife e em São Paulo. "Deus me livre do Aécio ganhar – diz Maria das Dores –, quero realizar o sonho de visitar vocês de avião.
	...para a represidenta, ela venceu no Nordeste em razão dos méritos do seu governo, e a oposição deu uma lavada em São Paulo em razão dos deméritos do que os petistas chamam "mídia"	FHC incumbe-se de exibir a fratura e se torna valioso cabo eleitoral de Dilma. Se bem entendi, ele faz a diferença entre ricos cultos e pobres desinformados.
	Fica evidente: a exemplo de seu partido, ela também não esquece nada nem aprende nada.	E uma ideia não morre, a da igualdade, tanto mais no nosso Brasil ainda tão desigual.
	Dilma acha que fez tudo certo; que os que não votaram nela só estavam mal informados e que o papel da boa imprensa é atacar seus adversários.	Ganhamos agora a certeza de que o neoliberalismo não vingará, que o salário mínimo não será cortado, que a Petrobras não será privatizada, que o pré-sal não será loteado.

Tabela 1: Termos e trechos utilizados para caracterizar Dilma Rousseff e o PT; Aécio Neves e o PSDB; e os eleitores de ambos.

A Análise do Discurso Crítica (ADC) será utilizada então no intuito de melhor entender os discursos disseminados pelos meios, já que esta entende a escolha das palavras usadas pelo autor como proposital para a conclusão da ideia que se objetiva passar. A partir da linha seguida por Fairclogh (2001), este artigo procura entender que "a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 93).

Eleições 2014: análise de alguns excertos

Para embasar a análise do material escolhido por este artigo, foram separados, na tabela 1, alguns trechos que, se observados, expõem a polarização ideológica dos autores e dos veículos onde foram publicados. Pode-se neste momento, levar em consideração o contexto social e espacial em que os jornalistas estão inseridos, pois, de acordo com Habermas "na expectativa de efetivar alguma influência sobre o sistema político, alguns interlocutores podem se colocar de forma privilegiada na esfera pública" (HABERMAS, *apud* LOSEKANN, 2009, p.42), o "privilégio" neste caso, pode ser retratado como a posição dos autores, que trabalham em veículos de alta circulação e com grande número de acessos ao seu conteúdo *online.* Por trazerem informação e opinião a seu público, estes podem então, influenciar ou até mesmo formar a opinião pública.

Em um primeiro momento, pretende-se analisar os termos e expressões usados nos trechos selecionados de cada revista, separadamente, para então, ao final, compará-los e assim, concluir o que puder ser concluído.

Ao se dirigir a Dilma Rousseffe, já reeleita, a revista Veja usa o termo "represidenta", uma espécie de zombaria com a palavra "presidenta", palavra agregada ao vocabulário nacional após a eleição de Dilma, a primeira presidente mulher do Brasil. Em "O país não está nessa pindaíba por acaso. Foi preciso, ao longo dos anos, uma incompetência verdadeiramente metódica, determinada, convicta." e "Fica evidente: a exemplo de seu partido, ela também não esquece nada nem aprende nada." Azevedo deixa clara a imagem que tem de Dilma e seu primeiro governo. As expressões fortes junto às palavras usadas desenham para o leitor o que o autor pensa e quer que pensem sobre o resultado eleitoral.

O autor deixa claro também seu posicionamento quanto as declarações de Rousseff e a respeito de conteúdos midiáticos que a criticam, isto é expresso em trechos do texto de Azevedo, como "...decidiu pautar a imprensa contra um governo de oposição, atribuindo a sua derrota no Estado, vejam vocês!" e "Dilma acha que fez tudo certo; que os que não votaram nela só estavam mal informados e que o papel da boa imprensa é atacar seus adversários.", sendo que, neste segundo, ele acaba até mesmo por ironizar o merecimento das mídias que fazem publicações contrárias ao PSDB (ou favoráveis ao PT).

Ainda dentro da perspectiva midiática, o autor expõe que "...a oposição deu uma lavada em São Paulo em razão dos deméritos do que os petistas chamam 'mídia'.", aqui, também, Azevedo demonstra sua visão separatista entre "mídia da verdade" que critica o governo Dilma e seu partido e "o que os petistas chamam de mídia", ou seja, aquela que critica apenas a oposição ao atual governo.

Azevedo segue construindo sua crítica ao governo petista, estando o último de seus argumentos na seguinte frase "Fica evidente: a exemplo de seu partido, ela também não esquece nada nem aprende nada.", onde, definitivamente, o autor expõe sua antipatia a governista recentemente eleita.

Analisando agora o editorial de Mino Carta, podemos perceber uma discrepância logo no tratamento para com Dilma Rousseffe, Carta dirige-se a ela como "presidenta Dilma", sem piadas ou ironias, o que já mostra que seu discurso não tenderá a algo explicitamente contra Rousseffe.

O autor segue a construção de seu texto em uma linha mais a favor de Dilma, construindo uma narrativa a cerca dos benefícios que sua empregada doméstica (e família) recebeu no governo petista, este ponto de vista favorável fica explícito em trechos como "Sua vitória é a garantia da continuidade da política social e da política exterior independente executadas nos últimos 12 anos.", "Todos os nossos Silva estão com Dilma, no Recife e em São Paulo. "Deus me livre do Aécio ganhar – diz Maria das Dores –, quero realizar o sonho de visitar vocês de avião." e "Ganhamos agora a certeza de que o neoliberalismo não vingará, que o salário mínimo não será cortado, que a Petrobras não será privatizada, que o pré-sal não será loteado.".

Nos trechos destacadas, como já foi dito, Carta usa de expressões e termos benéficos no que se refere a presidenta, até mesmo o uso da palavra "presidenta", sugere esta afinidade, que é confirmada quando este entra no mesmo tema que Azevedo entrou: a mídia.

Em "(Aécio) Foi tragado pelo apoio da mídia nativa e se entregou ao golpismo separatista de São Paulo, sobretudo." prova-se então que Carta acredita na hipótese de que alguns veículos tentaram encobrir os deslizes tucanos e assim prejudicar Dilma.

O autor em seu editorial mostra algumas outras vezes sua visão favorável a eleição de Dilma Rouseffe como em "Ou seja, previa que a nação saberia "evitar o risco" de eleger quem representa o regresso.", onde "quem representa o regresso" seria o candidato Aécio Neves e em "FHC incumbe-se de exibir a fratura e se torna valioso cabo eleitoral de Dilma. Se bem entendi, ele faz a diferença entre ricos cultos e pobres desinformados.", mostra sua opinião sobre aqueles que estão dentro do PSDB: pessoas que diferem a população ente "ricos cultos", no caso, eleitores de Aécio; e "pobres desinformados", que viriam a ser os eleitores de Dilma.

Após confirmar o uso de diversas formas linguísticas por ambos os autores afim de reafirmar seus pensamentos, pode-se dizer que a opinião dos leitores de ambas as revistas tenderá a ser formada de acordo com o que é exposto e defendido por cada um deles. Por serem pontos extremos, as opiniões também se polarizariam, formando um público a favor e outro contra o resultado eleitoral.

Considerações Finais

O presente artigo buscou encontrar e analisar as representações divergentes quanto à importância da vitória de Dilma Rousseffe nas eleições presidenciais de 2014. As diferentes representações encontradas nas versões *online* das revistas Veja e Carta Capital, foram analisadas neste da forma mais imparcial possível, com a importante ajuda da Análise Crítica do Discurso (ADC).

Seguindo a proposta da ADC, durante a leitura dos artigos, percebemos por conta própria o efeito das palavras ali proferidas, o que acabou gerando reflexões sobre o assunto. A partir do conteúdo absorvido durante a construção das análises percebemos como é importante a opinião de um profissional de comunicação e como ela nos afeta, ainda que superficialmente.

Sendo assim, pode-se concluir que através da Análise do Discurso Crítica desenvolvida sobre os textos de Reinaldo Azevedo, da Veja, e de Mino Carta, da Carta Capital, pois a partir da análise dos trechos, títulos e termos, foi possível chegar a conclusões mais específicas e que vão além da mera leitura dos textos.

A conclusão originada a partir da coluna publicada pela versão *online* da revista Veja é de que esta se opõe completamente ao resultado das Eleições Presidenciais 2014 e mais, esta usa de argumentos ríspidos a fim de prejudicar a imagem da recém eleita Dilma Rousseff e de seu partido, o PT. O texto, além do mais, reforça a ideia de que "eleitores espertos" não elegem Dilma e sim Aécio e que, estes "eleitores espertos" agora irão "pagar" pelo "erro" dos demais.

No caminho oposto, vem o editorial publicado na versão *online* da revista Carta Capital, que buscou, em todos os momentos, relatar os benefícios trazidos no primeiro mandato de Rousseffe e que, segundo o autor acredita, continuarão a existir. O editorial tem também apelo mais social, pois Carta opta por usar de uma história sobre pessoas menos favorecidas financeiramente mas que hoje, tem acesso a bens que antes não tinham. O texto é claro, para ele a mídia "corrompeu" a imagem de Dilma e favoreceu a de Aécio. Confrontando os textos, pode-se concluir que a mídia foi argumento em ambos, mas de formas completamente distintas, beneficiando em cada texto, aquele quem mais interessasse ao autor do mesmo.

Sendo assim, a proposta de "desmistificar" as ideologias e intenções presentes por trás dos textos foi atingida com a ajuda da Análise Crítica do Discurso (ADC). Conclui-se que o texto de Azevedo traz conteúdo embasado em suas convicções políticas, assim como o de Carta, ambos defendem como podem seus pontos de vista, não colocando na balança em momento algum as qualidades do "outro". Apesar de ser uma análise pequena quando comparada às grandes dimensões do fato, acreditamos que a partir desta foi possível abordar os dois extremos ideológicos quanto ao resultado eleitoral a partir de mídias com grande

acesso, o que dá, ao leitor, a possibilidade de ponderar seus pontos de vista e se questionar quanto a visão do outro, podendo assim, reformular seu pensamento ou então, reforçá-lo.

Referências

AZEVEDO, Reinaldo. **Dilma acha que a sua vitória se deve à sabedoria dos que votaram nela e que o triunfo de Alckmin, Aécio e Serra em São Paulo se deve à ignorância do povo paulista.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/dilma-acha-que-a-sua-vitoria-se-deve-a-sabedoria-dos-que-votaram-nela-e-que-o-triunfo-de-alckmin-aecio-e-serra-em-sao-paulo-se-deve-a-ignorancia-do-povo-paulista/>. Acesso em: 31 jan. 2015.

CARTA, Mino. **A vitória de Severina e Maria das Dores.** Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/823/a-vitoria-de-severina-e-maria-das-dores-2914.html>. Acesso em: 31 jan. 2015.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social.** Coord. e pref. à ed. bras. I. Magalhães.

Trad. Magalhães et al. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001.

ANÁLISE DO DISCURSO DAS CAPAS DAS REVISTAS VEJA, CARTA CAPITAL, ÉPOCA E ISTOÉ NO ESCÂNDALO DO MENSALÃO

Bianca Judice de Leles[53]
Luisa Caleffi Pereira[54]
Renato Soares Pinheiro[55]

RESUMO: Neste trabalho são analisadas 8 capas de 4 revistas diferentes sendo duas capas de cada, veiculados nos dias 24/05/05 até 16/06/05, quando da denúncia do Mensalão, nas revistas Carta Capital, Veja, Época e Istoé. Palavras-chave: mensalão, análise, discurso, revista.

ANÁLISE

A chance de analisar as diferentes abordagens dos meios de comunicação sobre o mesmo assunto surge com a divulgação dos primeiros fatos relacionados ao escândalo mensalão. Em maio e junho de 2005, a imprensa começou a publicar algumas descobertas envolvendo políticos e funcionários do governo em casos de corrupção. O poder de influência dos meios sobre a população foi decisivo para definir os rumos que o caso tomou.

O mensalão, maior escândalo de corrupção política começou a se tornar conhecido pela população em maio de 2005 após um vídeo mostrando o ex-funcionário dos Correios, Maurício Marinho, recebendo dinheiro. Intimidado, Roberto Jefferson, ex-presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), denunciou outros envolvidos no esquema do mensalão que pagava uma mesada para alguns deputados em troca de favores políticos.

O escândalo envolveu políticos do Partido dos Trabalhadores (PT) e sua base aliada que contem o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Progressista (PP), o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido Liberal (PL). Além de políticos, algumas empresas tanto estatais quanto privadas também se envolveram, por exemplo, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e a empresa de comunicação proprietária da Revista Época, a qual foi acusada por Roberto Jefferson de publicar reportagens a favor do governo.

---

[53]Discente do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Email: bibileles@hotmail.com

[54]Discente do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Email: luisa.caleffip@gmail.com

[55]Discente do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Email: renatop91@gmail.com

Em agosto de 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) iniciou o julgamento dos réus do caso e teve o acompanhamento da população brasileira e de meios de comunicação de outros países. Dentre os condenados estão José Genoino, ex-presidente do PT, Delúbio Soares, ex-tesoureiro do PT e José Dirceu, ex-presidente da Casa Civil que após deixar o cargo, foi substituído por Dilma Rousseff. As coberturas jornalísticas tiveram grande influência na condenação ou absolvição dos políticos.

Inicialmente, o mensalão foi, para a imprensa, um acontecimento inesperado, o que cria a disputa por informações privilegiadas e em primeira mão. É importante lembrar, também, que as diferentes ideologias alteram a abordagem dada por cada meio. A presença de imparcialidade se torna impossível na prática, pois os interesse, ideologias e visão de mundo dos meios de comunicação influenciam no foco dado em cada matéria.

Como o objetivo deste trabalho é analisar as diferentes abordagens sobre o mensalão feitas pelas revistas Época, Istoé, Carta Capital e Veja, foram considerados aspectos como textos na capa, matéria principal, ilustrações, cor predominante, entre outros, visto que o discurso de determinado meio de comunicação é formado por todos os elementos presentes no texto, no caso do objeto desta análise, as capas.

A revista Veja, criada em 1968, é marcada por apresentar matérias seguindo uma linha editorial com ideologias de direita política, embora tenha sido criada com tendências centro-esquerda. Roberto Civita e Mino Carta são os criadores da revista, sendo que, em 1994, Carta saiu da Veja e criou junto com o jornalista Bob Fernandes a revista Carta Capital, a qual assumiu ideologia política de esquerda. A revista Época, criada em 1998, é publicada pela Editora Globo e apresenta, de acordo com as edições analisadas, tendência a direita política. Já a revista Istoé, foi criada em 1976 apresentando, nas edições analisadas, tendência política centro-esquerda.

No dia 25 de maio de 2005, foi lançada a edição 1906 da Revista Veja que em sua capa há o destaque para a palavra corrupto e a frase "Estamos perdendo a guerra contra essa praga". Analisando a palavra em destaque e a frase citada, pode-se entender que a praga a qual a revista faz referência são os corruptos que estão em maioria nos órgãos do governo. Para auxiliar na construção desse sentido, há a ilustração de um rato, praga comum nos grandes centros urbanos, utilizando um terno.

As outras matérias em destaque na capa estão relacionadas ao caso mensalão, sendo elas sobre os políticos envolvidos, o valor da mesada recebida e sobre como utilizar microcâmeras para fazer filmagens escondidas e flagrar corruptos. Os políticos citados pertencem a partidos de esquerda e cor predominante é o vermelho, o que pode ser considerado uma referência à cor do Partido Trabalhista. Além disso, o rato que ilustra a capa possui seu dedo mínimo destacado, lembrando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que não possui tal dedo.

No mesmo dia, a revista Istoé lança sua edição 1858 a qual não aborda o escândalo do mensalão. A matéria principal da revista é sobre a Igreja Universal e as outras matérias em destaque são sobre uma escritora brasileira, câncer e o caso em que senadores do Partido da Frente Liberal do Distrito Federal (PFL-DF), um partido com ideologia liberal e centro-direita, são acusados de causar prejuízo ao fundo de pensão da Caixa Econômica Federal.

A edição 344 da revista Carta Capital, lançada em um período em que o caso mensalão já era conhecido pela população, dá destaque aos ataques feitos pelo partido de oposição aos políticos envolvidos no caso. A ilustração com a figura de um tucano faz referência ao "apelido" dado aos políticos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), principal partido de oposição ao PT. As outras matérias destacadas são sobre o cerrado brasileiro, sobre o mercado de exportação e sobre o Ministério Público (MP) acusando Joaquim Roriz, governador do Distrito Federal pelo Partido Social Cristão (PSC) de realizar gastos sem licitação.

A revista Época lança sua edição de número 369, também em um período em que a sociedade já tinha conhecimento sobre o mensalão. Essa revista apresenta a foto do presidente Lula com a cabeça abaixada e com a mão na testa numa posição de preocupação e a frase "Os piores dias de Lula", na qual há destaque para o nome ex-presidente. Além disso, vermelho a cor predominante da capa da revista, fazendo uma referência semelhante a que a revista Veja faz em sua edição 1906.

No dia 15 de junho de 2005, algumas semanas após as primeiras publicações sobre o caso mensalão, a revista Veja lança sua edição 1909, na qual há o destaque para o mensalão. A figura que ilustra a capa é a foto de Roberto Jefferson e Delúbio Soares numa montagem formando um dominó com as fotos, referência a brincadeira de enfileirar as peças de dominó e derrubar a primeira que derrubará a segunda e assim sucessivamente. A ilustração se completa com a cor vermelha predominante e com o símbolo do PT e estabelece o sentido de que algum político do Partido dos Trabalhadores ou de sua base aliada é a resposta para a frase em destaque, que é uma pergunta sobre qual será o próximo envolvido no escândalo.

No mesmo dia, a revista Istoé cita o caso mensalão em sua edição 1861, mas a citação ocorre de forma indireta, apresentando a foto do ex-presidente Lula de cabeça abaixada e a frase "A esperança encurralada". Não há acusações a políticos envolvidos no caso, apenas a indicação de que Lula está relacionado ao caso.

Também no dia 15 de junho, a edição 346 da revista Carta Capital coloca em dúvida a história do mensalão contada até o momento. A ilustração formada por um grande ponto de interrogação reforça a dúvida apresentada pela frase "O que de fato está por trás da história do mensalão". Além disso, as outras matérias destacadas na capa apresentam manchetes que defendem o ex-presidente Lula e ataca os tucanos dizendo que eles apoiariam um golpe branco, ou seja, a substituição de um líder político realizada por órgãos oficiais e, se necessário, através da violência.

Já a revista Época, lançada no dia seguinte, 16 de junho de 2005, dá destaque para o operador do esquema do mensalão, o ex-assessor parlamentar do PP, João Cláudio Genu. A ilustração da capa é uma foto de Genu e a frase em destaque o caracteriza como o homem da mala, devido ao fato do ex-assessor utilizar malas para carregar o dinheiro que era repassado aos políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as oito capas das quatro revistas, considerando aspectos como imagens, linguagem, expressões, cores, escolha das palavras e, fundamentados no conceito de análise do discurso, conclui-se que as revistas de modo geral apresentam parcialidade ao retratar o tema do mensalão de acordo com suas ideologias e histórico.

Ao realizar estas análises percebe-se a relevância da representação da visão de mundo existente nos meios de comunicação, difundindo ideologias e opiniões que influenciam direta ou indiretamente a população. Isso evidencia a importância do jornalismo no cotidiano e nas decisões da sociedade. "Um dos principais compromissos do jornalismo deve ser o de contribuir para o fortalecimento e consolidação da democracia" (ABREU, 2012).

Para os alunos e profissionais da comunicação, como produtores de informação, este trabalho tem relevância no sentido de conscientização da grande responsabilidade que todos possuem quanto ao que publicam ou não. Assim, entende-se que toda informação veiculada pelos meios de comunicação de massa trazem impactos sociais, políticos e ideológicos a curto e longo prazo, sendo a principal forma de consolidar opiniões em dias atuais.

REFERÊNCIAS

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso em: 07 fev. 2015.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/344> Acesso em: 07 fev. 2015.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/346> Acesso em: 07 fev. 2015

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT976802-1653,00.html> Acesso em: 07 fev. 2015

Disponível em: <http://www.istoe.com.br/rHYPERLINK "http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/141_AS+CONTAS+SECRETAS+DA+IGREJA+UNIVERSAL"evista/indice-de-materias/141_AS+CONTAS+SECRETAS+DA+IGREJA+UNIVERSAL> Acesso em: 07 fev. 2015

Disponível em: <http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materiasHYPERLINK "http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/149_A+ESPERANCA+ENCURRALADA"/149_A+ESPERANCA+ENCURRALADA> Acesso em 07 fev. 2015

ABREU, C. A comissão da verdade e o compromisso do jornalismo com o resgate da história do Brasil. In: 10º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJor, 2012, Curitiba, PR. Anais... Curitiba: SBPJor, 2012, p. 1-14.

ANEXOS

DOSSIÊ
“RELATOS DE PESQUISA”

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: CUIDADOS ESSENCIAIS NAS RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM EM CONTEXTO EaD

Maria Teresa Menezes Freitas[56]

Compreendo como complexa a missão de formar professores de matemática, em especial, em um contexto ainda em processo de aprimoramento e busca de excelência como aquele que caracteriza os cursos oferecidos na modalidade a distância. Muitas são as etapas envolvidas, cada uma delas com uma dinamicidade surpreendente, e que demandam atenção diferenciada. Essas etapas envolvem relações interpessoais, questões relacionadas à subjetividade, à cognição, ao material didático e, com mais proeminência, no contexto EaD, aos diferentes espaços de aprendizagem que interferem no trâmite de ensinar e aprender.

Meu olhar parte de experiências vividas ao longo de vários anos de dedicação à nobre missão de cuidar da formação de professores de matemática. A maior parte do tempo dedicado à formação de professores de matemática se deu na modalidade presencial, pois era a modalidade possível. Nesse contexto, seja na formação inicial ou continuada, a busca incessante se dava para encontrar melhores estratégias e dinâmicas que, de fato, envolvessem o professor em serviço ou o futuro professor, que permitissem que estes encontrassem uma identidade profissional da qual pudessem se orgulhar. Os conteúdos matemáticos jamais foram negligenciados, mas a preocupação com as dinâmicas para abordá-los sempre foi o foco do olhar na elaboração de um planejamento de aula.

O convite para atuar em um curso a distância como professora de uma disciplina inicial do Curso Piloto de Administração, oferecido na modalidade a distância, foi o estopim para disparar uma série de ideias sobre as possibilidades e dificuldades que começariam a emergir desse campo. O desafio foi aceito, porém eu me debatia sobre os textos produzidos, que teriam leitores/alunos afastados do processo de interação presencial, alunos que não estariam olhando nos meus olhos ou evidenciando suas dúvidas por meio de diferentes reações. Nesse contexto, comecei a produzir material para o referido curso. Vale salientar que a experiência da oferta de um curso piloto por diferentes instituições federais, aliada a outros projetos semelhantes da Secretaria da Educação a Distância do Ministério de Educação – SEED/MEC, contribuiu para a consolidação do Sistema Universidade Aberta do Brasil, hoje sob a responsabilidade da Diretoria de Educação a Distância da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – DED/CAPES.

---

[56] Doutora em Educação Matemática pela Universidade Campinas (UNICAMP), professora do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM/UFU) e Diretora do Centro de Educação a Distância da Universidade Federal de Uberlândia Brasil (CEaD/UFU), *E-mail*: mtmf@ufu.br

Nesse movimento passei a refletir sobre o ambiente virtual de aprendizagem, considerado como espaço de aprendizagem fundamental para a Educação a Distância. Percebi que esse ambiente por si só não era interativo e os recursos ali disponibilizados seriam estanques se não fossem operados e dinamizados por pessoas participantes do processo formativo pretendido. Eis então um ponto chave para o sucesso da oferta de um curso na modalidade a distância: garantir a formação dos colaboradores envolvidos.

A formação de tutores, professores, equipe tecnológica e de apoio caracteriza-se como uma ação essencial para a Educação a Distância. Embora muitos professores desacreditem ou acreditem pouco na Educação a Distância, nem todos eles tiveram alguma experiência para avaliar realmente as possibilidades e potencialidades dessa modalidade. Uma formação a distância com o apoio de um ambiente virtual pode oferecer aos participantes a possibilidade de conhecer e avaliar as especificidades dessa modalidade. Há de se garantir que se discuta nesse contexto a produção de material didático, o uso dos diferentes recursos do ambiente e fora dele, a possibilidade de organização de grupos de trabalho e de realização de atividades utilizando diferentes recursos midiáticos. O ambiente virtual deve ser abordado em sua potencialidade funcional e pedagógica.

A primeira experiência no curso piloto me levou a elaborar materiais diversos. Dentre esses, elaborei alguns arquivos em *power point (ppt)*, com movimentos, cores e sons que pudessem despertar a atenção dos alunos a respeito da compreensão sobre função, derivada, integral e outros conteúdos importantes para o curso. Preocupei-me em disponibilizar diferentes recursos com o mesmo conteúdo, mas com abordagens distintas, no intuito de captar o interesse do aluno e esclarecer pontos que, por ventura, restassem obscuros. Videoaulas, *web*conferências e material escrito em linguagem acessível e dialógica foram alguns dos recursos inseridos no ambiente e, quando possível, enviados a cada aluno do curso.

Essa experiência foi especialmente importante para concretizar ações realizadas na gestão da EaD da Universidade Federal de Uberlândia que, com a participação de professores advindos de diferentes unidades acadêmicas, em especial, da Faculdade de Educação, tem sido possível implementar e fortalecer a formação dos atores integrantes da equipe envolvida em cursos oferecidos na modalidade a distância.

Nesse contexto, percebe-se a importância do espaço virtual e, mais ainda, a necessidade de compreensão de que a comunicação imagética e escrita tem um destaque especial, pois a pessoa no ambiente virtual perde "indícios da materialidade, preservando, no entanto, toda riqueza e complexidade das múltiplas formas de expressão de linguagem" (FREITAS, 2009, p. 63). Entretanto, vale salientar a afirmação de Bruno (2009) sobre a necessidade de se refletir sobre a coerência

didático-pedagógica da utilização dos recursos tecnológicos. O ambiente virtual deve incluir situações em que a relação entre professores-alunos e alunos-alunos seja "coconstruída por via do acompanhamento da intervenção, da orientação, da colaboração e da integração, objetivando a aprendizagem" (BRUNO, 2009, p.106).

A participação efetiva em uma disciplina inicial do Curso de Licenciatura em Matemática, oferecido na modalidade a distância, associada à inserção de ambiente virtual como apoio à disciplina, de curso semelhante oferecido na modalidade presencial, instigaram reflexões interessantes. No contexto a distância, a responsabilidade se voltava não só para a produção do material, mas também para a formação específica dos tutores envolvidos.

A elaboração do material da disciplina *Introdução à Educação a Distância na Formação do Professor de Matemática* despertou o olhar para detalhes essenciais do processo formativo. A formação do tutor no contexto específico de cada disciplina e o ritmo de aprendizagem do aluno, levando em conta a sua história e os conhecimentos prévios foram pontos de destaque. Os polos de apoio presencial para esse curso eram em sua maioria distantes, embora inseridos no estado de Minas Gerais. Assim, o cuidado com a elaboração do material passou a ser um aspecto que demandava responsabilidade ainda maior, mas vigorou a certeza de que pela escrita, seja no ambiente virtual ou fora dele, tem-se um recurso para não só registrar informações, mas, sobretudo para estimular a reflexão. A escrita no contexto virtual também assume o papel de uma ferramenta para trabalhar as ideias. Além disso, ao escrever, cada um tem a chance de aprimorar sua habilidade de tornar seus pensamentos compreensivos para o leitor. Entretanto, há a necessidade de se garantir a compreensão e a aquisição dos significados das palavras, ou seja, garantir que o outro, o leitor/aluno, compreenda as palavras como signos e não apenas como sinais. Embora interligadas, as palavras signos e sinais são distintas, pois

> por sinal, entende-se qualquer forma gráfica, sonora, geológica, astronômica etc. de assinalação, sem que para tal incorra qualquer relação com uma possível construção de significado. O sinal é uma entidade destituída de mecanismos para a construção de significados (NETTO, 2002, p. 3).

A busca por sentido nas mediações estabelecidas pelo uso dos diferentes recursos disponíveis e utilizados no AVA instiga os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem na modalidade a distância a buscarem criatividade e ousadia para que haja, de fato, o estabelecimento de um diálogo profícuo e de fluência nas relações. Esse diálogo é necessário para garantir a aquisição do conhecimento em todas as modalidades, sobretudo na modalidade a distância.

Na tentativa de ampliar esses sentidos, foi realizada uma parceria entre a professora da Faculdade de Matemática, responsável pelo componente curricular, e os professores do Instituto de Letras e Linguística da UFU (ILEEL) para a produção do Guia do componente curricular *Introdução à Educação a Distância na Formação do Professor de Matemática* (FREITAS, M. T. M. *et al.,* 2013). Essa iniciativa se mostrou providencial para a tarefa de compreender as diferentes concepções de linguagem envolvidas nesse contexto.

As diferentes linguagens utilizadas nos diferentes processos de mediação se apresentam ora como expressão do pensamento, ora como estrutura abstrata, ora como instrumento de comunicação e ora como instrumento de interação. Entretanto, há necessidade de compreendermos essas diferentes concepções de linguagem nas relações de aprendizagem no contexto da formação do professor de matemática. Que diferentes ecos podem ter uma palavra dita em uma situação de aprendizagem?

Para evidenciar a importância dos detalhes na mediação necessária para disparar o processo de aquisição do conhecimento, ratificamos a importância da formação de tutores e professores bem como a compreensão da influência da relação de cumplicidade e compromisso entre os atores desse processo.

O processo de seleção de tutores proposto pelo Centro de Educação a Distância da Universidade Federal de Uberlândia CEaD/UFU inclui duas etapas. A primeira tem como objetivo a verificação e a classificação, via observação do currículo do candidato, atentando para as exigências da legislação e da formação do candidato para atender ao curso. A segunda etapa está relacionada ao processo seletivo de tutores, que leva em conta o desempenho obtido na participação de um curso de formação de tutores, com duração de cinco semanas, realizado com dois Encontros Presenciais e o restante ministrado a distância no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Os tutores formadores, que atuam como tutores nos cursos de formação, em sintonia com o professor coordenador responsável, dedicam especial atenção para ser o exemplo nas relações estabelecidas no espaço virtual.

Indispensável também se considera a formação dos docentes para atuar na EaD. Cada docente responsável por componentes curriculares de curso oferecido na modalidade a distância participa de um curso que o capacita para atuar na elaboração de materiais didáticos, planejamento de atividades que serão desenvolvidas no ambiente virtual e de atividades de orientação à tutoria. Ressalta-se nesse processo o fundamental papel do material didático como importante fio condutor das relações de aprendizagem. Durante o curso, o professor tem a oportunidade de iniciar a elaboração do material didático a ser utilizado na disciplina de sua responsabilidade, atentando para as especificidades da linguagem e dialogando com as vivências dos alunos/profissionais participantes do ambiente. O curso tem sido chamado de Curso de Formação de Professores Autores em função de

suas características e objetivos e tem a duração de 100 horas. Da carga-horária total do curso, oito horas são desenvolvidas em momento presencial e as demais em ambiente virtual, ou seja, a distância.

O Curso de Matemática seguiu todos os protocolos considerados necessários para a excelência dos encaminhamentos do curso e, além desses, considero fundamental dar conhecimento ao aluno, participante do curso na modalidade a distância, da compreensão dos detalhes e especificidades da modalidade, uma vez que a maioria deles apresentou histórico de participação em curso presencial.

A estrutura do conteúdo interativo da disciplina inicial do curso de formação de professores de matemática, intitulada *Introdução à Educação a Distância na Formação do Professor de Matemática,* contém quatro módulos e cada um tem a previsão de acontecer em duas semanas. Os módulos foram assim denominados: Aprendizagem a Distância; A Educação a Distância na era das Tecnologias de Informação e Comunicação: fundamentos e princípios; Ambientes Virtuais de Aprendizagem; A mediação pedagógica e as situações de aprendizagem no contexto da Educação a Distância. Após essa etapa, tem-se uma avaliação presencial que visa complementar a avaliação continuada, realizada durante toda a disciplina, e o atendimento à legislação.

Essa foi a disciplina responsável por dar possibilidade aos alunos de conhecerem a maioria dos recursos disponibilizados no AVA, e fora dele, instigadores do processo de aquisição de conhecimento. O Guia de Estudos - livro elaborado pelo professor responsável pela disciplina - e que foi cuidadosamente preparado para cada módulo - fica disponibilizado no ambiente virtual. Além do material no ambiente, o aluno conta também com o Guia impresso para seu uso individual. Esse material fica disponibilizado para o aluno no polo de apoio presencial ao qual ele está vinculado.

A dificuldade em elaborar o material/Guia de Estudo parecia inicialmente ser o maior desafio, mas a organização da orientação para os tutores, quanto às mediações de tarefas avaliativas ou não, apresentou-se como provocadora de conflitos e demandou dedicação e tempo para além daqueles inicialmente imaginados. A orientação/capacitação específica aos tutores acontecia, dependendo da necessidade, ora pela *web*, ora presencialmente, e necessariamente um texto orientador era disponibilizado no ambiente específico de interação entre tutores, professor e coordenação.

A seguir se observa como exemplo um excerto de orientação para a atuação do tutor no penúltimo Módulo da disciplina introdutória do curso.

Prezados Tutores,
Espero que todos continuem animados e com a energia vibrante de sempre. Percebam que estamos iniciando o módulo 3, ou seja, estamos nos aproximando do final da disciplina.
Sintam-se importantes, pois vocês são fundamentais para o bom andamento de cada disciplina. Renovem-se a cada dia, respirando pausadamente e mantendo bons pensamentos em mente. Cuidem-se bem!
Vamos enumerar informações sobre cada atividade para a atuação de vocês durante o módulo 3:
· Pare e pense sobre as diferenças e similaridades entre Moodle e Teleduc/eProinfo:
Algumas observações dos alunos podem apontar que o primeiro é internacional, enquanto os outros dois são produtos brasileiros; que o Moodle e o eProinfo são comumente utilizados por cursos. pois podem abrigar várias salas de aula sob uma mesma inscrição enquanto o Teleduc pede uma nova inscrição para cada disciplina que o aprendiz cursa... dentre muitas outras possibilidades. Pode ser que alguns alunos já utilizaram outra plataforma e conhecerão informações interessantes. De qualquer forma, esta é uma atividade não avaliativa e que consta apenas do guia, mas se os alunos ficarem curiosos, vocês podem se informar pelo site google para mais detalhes.
ATIVIDADE 17: Assistir ao vídeo sobre "O que é um blog"
Este vídeo explica de uma forma bem lúdica para que serve um blog e como utilizar essa ferramenta. Vale a pena cada um de vocês assistir.

ATIVIDADE 18: Postagem em blog do Moodle.
A postagem no blog do Moodle pode acontecer em qualquer momento do módulo sobre qualquer assunto. Isso é sugerido ao longo do módulo no guia de estudos. Como não é uma atividade avaliativa, é importante elogiar os alunos que fizeram a atividade e comentar brevemente quão interessante foi a postagem. Isso pode ser feito no fórum de notícias. Abram uma linha POSTAGEM NO BLOG e assim que alguém fizer a atividade, vocês divulgam.

ATIVIDADE 19: Leituras e possibilidades das TICs na Educação

Neste artigo, a portuguesa Guilhermina Lobato Miranda apresenta a necessidade de criticidade nessa era tecnológica. Os três pontos mais importantes do texto, além das definições, são que os professores utilizem tecnologias com os alunos:

1. Como formalismos para representar informações
2. Para construir conhecimento significativo
3. Para desenvolver projetos, integrando (e não acrescentando) as tecnologias no currículo.

*Acreditamos que o termo mais utilizado em português brasileiro para Literacia Informática seja Letramento Digital.

Copiamos abaixo uma opinião - encontrada em um blog - que elogia (e resume) o texto.

Gostei deste artigo da Prof. Guillhermina Miranda, porque em primeiro lugar a investigadora faz uma clarificação conceptual de termos que utilizamos diariamente tais como, Tecnologia Educativa, Tecnologias Educativas, Tecnologias Aplicadas à Educação, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Novas Tecnologias da Informação ou Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, Literacia Informática e Educação Tecnológica. Esta clarificação é importante porque permite ao leitor situar-se num domínio tão vasto como o das TIC. Em segundo lugar, são apresentados resultados da investigação no domínio da tecnologia educativa e as características de uma aprendizagem efectiva. Da análise destes resultados ressalta a ideia de que acrescentar a tecnologia às actividades já existentes na escola e nas salas de aula, sem nada modificar nas práticas habituais de ensinar, não produz bons resultados de aprendizagem nos estudantes. Infelizmente esta tem sido a técnica utilizada nas nossas escolas, devido à falta de perícia que a maioria dos professores demonstra no uso das tecnologias e também porque o facto de integrar de modo inovador a tecnologia exige um esforço adicional da parte dos professores, de reflexão e de modificação de concepções e práticas de ensino, que grande maioria não está disponível para fazer. O efeito positivo da integração da tecnologia só é visível quando os professores utilizarem com os alunos: novos formalismos para tratar e representar a informação; apoiar os alunos a construir

conhecimento significativo; para desenvolver projectos, integrando criativamente as tecnologias no currículo. Em conclusão penso que é importante reflectir sobre a forma como a tecnologia é integrada nas nossas escolas e apesar de a aprendizagem dos alunos ser um dos pontos mais importantes para os professores, é essencial que os mesmos percebam o papel fundamental que desempenham na integração da tecnologia.

ATIVIDADE 20: Glossário
Esta atividade é uma continuidade da atividade iniciada no Módulo 2. Novamente, como não é uma atividade avaliativa, vocês devem abrir uma linha de discussão no fórum de notícias para elogiar os alunos que completaram a atividade.

ATIVIDADE 21: Leitura: MEDIAÇÃO VIRTUAL: a narrativa escrita em foco na formação de professores de Matemática
Neste texto, os alunos poderão retomar algumas leituras como a de Palloff e Pratt , também poderão conhecer detalhes de uma das plataformas estudadas (eProinfo – já que os dados foram coletados em turmas do eProinfo) e de alguns apontamentos do guia de estudos. Eles podem ainda relacionar o que estão lendo com o que estão vivenciando no Moodle. Este texto exemplifica como a interação em ambiente virtual na formação pode trazer benefícios para o futuro professor de matemática, apontando questões interessantes para reflexão.

ATIVIDADE 22: Fórum de discussões
Para esta atividade, será possível retomar todas as leituras realizadas no Módulo 3. É necessário abrir três linhas de discussões com os seguintes tópicos:

- Ambientes virtuais de aprendizagem: concepções e diversidade de plataformas
- Gêneros digitais em ambientes virtuais de aprendizagem
- Ambientes virtuais de aprendizagem como comunidades discursivas

Lembre aos alunos os critérios importantes para participação nos fóruns:

- ✓ Mantenha-se na proposta apresentada e no objetivo do fórum.
- ✓ Demonstre consistência em relação ao material proposto, apresentando uma argumentação sólida e teoricamente fundamentada.
- ✓ Articule sua postagem com as postagens do tutor e de seus colegas.
- ✓ Apresente um texto de qualidade com coerência e correção léxico-gramatical.
- ✓ Cumpra a tarefa no prazo estipulado.

ATIVIDADE 23: Diário de bordo – 5 pontos
Atividade avaliativa que deve levar em conta que cada critério equivale a 1 ponto.

- ★ Você fez referência aos textos lidos no Módulo 3, demonstrando embasamento teórico para as reflexões.
- ★ Seu texto foi escrito com coesão, apresentando introdução, desenvolvimento e conclusão.
- ★ Você seguiu as expectativas do gênero diário de bordo.
- ★ Você apresentou uma postagem de qualidade com coerência e correção léxico-gramatical.
- ★ Você cumpriu a tarefa no prazo estipulado.

É necessário acrescentar um comentário formativo ao dar feedback para esta atividade.

ATIVIDADE 24: Webquest – 5 pontos
É importante abrir uma linha de discussão no fórum para que cada um possa postar seu texto para *feedback* (que podem ser correções ou sugestões) para posterior socialização da webquest.
Lembrem-se que esta atividade é avaliativa e deve levar em conta que cada critério equivale a 1 ponto.

- ★ Você disponibilizou um material interessante para os colegas.
- ★ Você apresentou e cuidou para que o texto tivesse qualidade com coerência e correção léxico-gramatical.
- ★ Você colaborou com seu tutor e seus colegas na melhoria do seu trabalho e dos colegas.
- ★ Você apresentou sua *webquest* no fórum discorrendo sobre sua escolha de representação de identidade áudio-visual.

> ★ Você cumpriu a tarefa no prazo estipulado.
> ATENÇÃO: Gostaria de lembrar a todos os tutores que, além da pontuação, há a necessidade de assiduidade para alunos em qualquer disciplina, portanto uma forma de incentivar a participação nas atividades não avaliadas é lembrar aos alunos que quem não participa é considerado ausente. A participação ativa, e não apenas observar o que está acontecendo no Moodle, é o que significa assiduidade.
> Tenho certeza que tudo vai correr como o esperado e cada um de vocês irá se sair muito bem no papel de ser TUTOR.
> Mantenham as energias e irradiem o ânimo virtualmente.
> Acredito na capacidade de cada um de vocês.
> Cuidem-se!
> Bom trabalho!!!

Os detalhes do texto orientador para os tutores se mostraram fundamentais para a condução da mediação com segurança e confiabilidade.

Embora a disciplina inicial do curso pouco contenha a especificidade da matemática, com seus cálculos, algoritmos e fórmulas, a mesma se caracterizou como fundamental para a continuidade do curso e para os encaminhamentos das demais disciplinas por ressaltar detalhes importantes da formação do professor de matemática. Em todos os módulos dessa e das demais disciplinas, houve a inserção de videoaulas e de *web*conferências em que o professor responsável se fazia mais próximo do aluno e, por vezes, as questões e dúvidas eram apresentadas e sanadas sincronamente. Para disciplinas de cunho específico da matemática, a lousa digital, aliada à transmissão via *web*conferência, tem permitido ao professor e aos alunos encontrarem meios de compreensão mútua das dificuldades nas relações de ensino e aprendizagem que aproximam o que por vezes parece distante.

Todas essas experiências intensificam o olhar para as necessidades e especificidades próprias da oferta de um curso de formação de professor de matemática na modalidade EaD, que tem sido realidade hoje, e cada vez mais busca-se aprimoramentos criativos.

A educação deste século é caracterizada por constantes mudanças e uma prática de transmissão estática do conhecimento não parece ser compatível com a rapidez com que as mudanças do mundo acontecem. Tudo leva a crer que as práticas com maior possibilidades de sucesso são aquelas que levam em conta uma teoria responsiva ao fluxo constante de mudança do mundo e que, ao mesmo tempo, estejam embasadas por uma teoria da aprendizagem. Compreender o processo de

aprendizagem que permeia as práticas emergentes de participação digital poderia permitir a criação de ambientes que fortaleçam o potencial inerente à participação ativa dos envolvidos em Educação a Distância, em geral, e, em especial, na formação do professor de matemática.

Enfrentamos hoje um mundo que se apresenta em uma complexidade surpreendente, com inúmeras possibilidades de atuação e em constante mudança. Na formação do professor em geral, e, em especial, do professor de matemática, há de se levar em conta uma aproximação da educação e da realidade, priorizando um processo de ensino-aprendizagem que seja tão rico e complexo quanto às oportunidades e desafios com os quais nos deparamos. A tarefa dos formadores não parece ser trivial, na medida em que impõe a presença de coragem e enfrentamentos no uso da criatividade, e esses aspectos merecem atenção e reflexão.

Referências

BRUNO, A. R. Aprendizagem do adulto: contribuições para a construção de uma didática online. In: Maria Teresa de Assunção Freitas. (Org.). *Cibercultura e formação de professores*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, v. 1, p. 99-115.

FREITAS, M. T. M.; SOUZA, V. V. S.; MORAES FILHO, W. B.. *Introdução à Educação a Distância na formação do professor de matemática*. 1.ed. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 1. 129p.

FREITAS, M. T. A. A formação de professores diante dos desafios da cibercultura. In: Freitas, M. T. A. (Org.). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora (2009).

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. Signo, Sinal, Informação: as relações de construção e transferência de significados. In: *Revista Informação e Sociedade:* Estudos, v.12, n.2, 2002, p.1- 13. Disponível em: <www.informacaoesociedade.ufpb.br> Acesso em: 07 de maio 2014.